Eustáquio – XV Séculos de uma trajetória

Glaser e Cairbar Schutel
(Espírito)

Paginas em branco foram retiradas e os números de páginas não correspondem ao original.

Capa: Grupo de Estudos Cairbar Schutel

Napoleão Bonaparte, Joana D'Arc, João Calvino e Carlos Magno, algumas das personagens históricas com as quais Eustáquio conviveu em suas reencarnações.

2ª Edição

10.001 a 15.000 exemplares NOVEMBRO-1998

Composto e Impresso:
Gráfica da Casa Editora O Clarim

(Propriedade do Centro Espírita "Amantes da Pobreza").
Fone: (OXX16) 282-1066 - Fax: (OXX16) 282-1647
ÇG.Ç 52313780/0001-23 - Inscr. Est. 441002767116
Rua Rui Barbosa, 1070 - Cx. Postal, 09
CEP 15990-000 - Matão – SP

home page: http://www.oclarim.com.br
e-mail: oclarim@oclarim.com.br

FICHA CATALOGRAFICA

(ÇD.D.) CLASSIFICACAO DECIMAL DEWEY

133.91

EUSTÁQUIO - XV SÉCULOS DE UMA TRAJET6RIA

Glaser. Abel

Autor Espiritual: Cairbar Schutel

Casa Editora O Clarim

Matão - SP - Brasil

344 paginas - 15 x 22 cm

INDICES PARA CATALOGO SISTEMATICO

133.9	Espiritismo
133.901	Filosofia e Teoria
133.91	Mediunidade
133.92	fénômenos Físicos
133.93	fénômenos Psíquicos

AGRADECIMENTOS DA EDITORA

Além da dedicação de nossos funcionários, a edição desta obra foi possível graças a colaboração de:

Alberto de Souza Rocha

- revisão total

Ivan Costa

- revisão do texto

Thais Montenegro Chinellato

- revisão literária. "

Maria Jose Limberto Leite e

Aristides Juan Ramaciotti Gallego - ilustrações.

INDICE DOS TITULOS

PREFACIO
ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS
Capítulo I - A BATALHA DE DIJON
Capítulo II - EUSTÁQUIO NA ERRATICIDADE
Capítulo III - DESVENDANDO O SEU PASSADO
Capítulo IV - O CRESCIMENTO DE EUSTÁQUIO
Capítulo V - A DDESTRUIÇAO DO VILAREJO
Capítulo VI - A CISAO NAS ZONAS TREVOSAS
Capítulo VII - O RESGATE
Capítulo VIII - ALVORADA NOVA
Capítulo IX - O REINÍCIO EM COSENZA
Capítulo X - A FUGA
Capítulo XI - O REENCARNE COMO PIETRO
Capítulo XII - CONDE GISCARD D'ANTOINE
Capítulo XIII - A ABADIA DOS BENEDITINOS
Capítulo XIV - O FIM DE GISCARD
Capítulo XV - O PASSADO BENEDITTNO
Capítulo XVI - A VIDA DE GIUSEPPE
Capítulo XVII - O TERMING DA JORNADA
Capítulo XVIII - O RETORNO A ESPIRITUALIDADE
Capítulo XIX - DESVENDANDO UM CONTINENTE SELVAGEM
Capítulo XX - NA CASA DE REPOUSO
Capítulo XXI - EXPIAÇAO NA ESLOVENIA
Capítulo XXII - CALAIS
Capítulo XXIII - PATRICK NA INGLATÉRRA
Capítulo XXIV - DE VOLTA A FRANÇA
Capítulo XXV - DESENCARNE EM CALAIS
Capítulo XXVI - CHARLES DE BOGONDIER
Capítulo XXVII - REVIVENDO A GRA-BRETANHA
Capítulo XXVIII - NA CORTE DO REIFILIPE AUGUSTO
Capítulo XXIX - CRUZADA DE 1189
Capítulo XXX - DESTRUIÇAO NA TERRA SANTA
Capítulo XXXI - FINALIZANDO A JORNADA DECISIVA
Capítulo XXXII - AS CONSEQUENCIAS DO SUICIDIO
Capítulo XXXIII - REMINDO O SEU PASSADO
Capítulo XXXIV - EM TRANSIÇAO
Capítulo XXXV - REEDUCANDO-SE
Capítulo XXXVI - O DESENCARNE EM PALERMO
Capítulo XXXVII - NA CASA DA SUBLIME JUSTIÇA
Capítulo XXXVIII - EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO
Capítulo XXXIX - O ENCONTRO COM JOANA D'ARC
Capítulo XL - O JULGAMENTO DE RUAO
Capítulo XLI - A ABADIA DE FLORENCA
Capítulo XLII - A CULTURA HUMANISTA
Capítulo XLIII - OS RECONDITOS CAMINHOS DA ABADIA RUMO AO VATICANO
Capítulo XLIV - A SEMENTE PROTESTANTE GERMINA
Capítulo XLV - O ENCONTRO COM CALVINO
Capítulo XLVI - DE VOLTA A ROMA
Capítulo XLVII - A NOITE DE são BARTOLOMEU

Capítulo XLVIII - DO MUNDO DAS ARTES A ESCRAVIDAO
Capítulo XLIX - A EMOÇAO DO REGRESSO
Capítulo L - A GUERRA DQS TRINTA ANOS
Capítulo LI - A SABEDORIA DIVINA
Capítulo LII - A REVOLUCAO FRANCESA
Capítulo LIII - A VERDADEIRA RELIGIÃO
Capítulo LIV - A SAGA DE NAPOLEAO BONAPARTE
Capítulo LV - DEMOCRACIA, LIBERDADE E VIDA
Capítulo LVI - A PREPARAÇAO DECISIVA
Capítulo LVII - A ÚLTIMA JORNADA NA CROSTA
Capítulo LVIII - O REFORÇO DA FÉ CONSAGRANDO A TRAJETÓRIA

GLOSSARIO DE NOMES
RESUMO GERAL DA EVOLUÇÃO ESPIRITUAL
BIBLIOGRAFIA

PREFÁCIO

A partir de agosto de 1991, por orientação de Cairbar Schutel, teve inicio pelo Grupo de Estudos Cairbar Schutel a coleta de dados pertinentes a este livro de Alvorada Nova. O método utilizado foi o da vidência simultânea de vários médiuns, concomitante a orientação psicofônica de um mentor - confirmando, corrigindo ou complementando relatos. Tudo gravado, transcrito e sistematizado, forneceu o desenrolar das várias etapas evolutivas de Eustáquio, seguindo-se a colocação - pela via psicográfica - dos inúmeros diálogos que compõem esta obra.

* * * * *

Com vistas a situar o momento histórico e a mentalidade da época dos acontecimentos vividos por Eustáquio, algumas personagens relevantes tem os seus nomes reais mantidos (Clóvis, Carlos Magno, Joana D'Arc, Napoleão, entre outros) por constituírem personalidades de alcance público e mundial, não implicando em invasão da privacidade de nenhuma família em especial, visto que suas vidas tem ampla e extensa divulgação.

Quanta as demais individualidades, que se envolveram com Eustáquio ao longo dessas suas reencarnações, tem os seus nomes verdadeiros trocados com vistas a preservar suas identidades. Cuidou-se de não revelar detalhes muito abertos de suas existências - como datas, locais e situações -, pois que não seriam difíceis as pesquisas pertinentes e as descobertas de muitos que compartilharam desse retrato evolutivo.

Algumas localidades foram também propositalmente mudadas para evitar o reconhecimento e a identificação de pessoas, famílias e instituições.

Nada, porem, do que foi mudado prejudica o entendimento histórico e lógico da obra.

Menções a Igreja Católica, Ordem Beneditina e outras instituições não espelham, decerto, o procedimento da totalidade dos seus membros, mas sim uma evidente fase histórica por todos conhecida: como as moedas -que possuem dois lados - tem a Historia os seus bons e maus caminhos a mostrar; logo, Eustáquio teve a oportunidade de conhecer ambas as faces de muitas instituições e pessoas.

No que se refere a posições geográficas (regiões, países, cidades), para melhor entendimento do leitor, os lugares por onde Eustáquio passou tem seus nomes contemporâneos atualizados.

Considerou-se melhor, por exemplo, identificar a França do que o Reino dos Burgúndios, não obstante saber-se que este ficava ao lado do Reino dos Francos, na época inicial da trajetória da personagem central desta obra e a França, propriamente dita, então inexistia.

Da mesma forma, no tocante a aspectos mediúnicos (médium, passe, fluido, entre outros) a terminologia usada, via de regra, segue a nomenclatura atual com vistas a facilitar, com rapidez, a compreensão das experiências medianímicas vivenciadas.

* * * * *

A evolução do dos Espíritos não ocorre de forma imediata e célere. Ha uma depuração lenta, mas progressiva, dependente da reforma intima e dos atos de cada um.

Mil e quinhentos anos, portanto, seriam insuficientes para quem quer que seja tornar-se perfeito.

A primeira encarnação de Eustáquio apresentada neste trabalho não representa de forma alguma, e obvio, o inicio da sua caminhada no reino hominal: nesse contexto, quinze séculos são insuficientes para se atingir um grau de depuração que permita estágios espirituais em locais semelhantes a Alvorada Nova.

Não obstante, o período da vida de Eustáquio que este livro da a conhecer serviu como veiculo importante em sua Jornada, buscando salientar, ao longo dessa trajetória, três fases distintas: a primeira o apresenta como um ser mau e vingativo, onde predominam sentimentos menos nobres que lhe ocasionam grande endividamento; e rude, inamistoso, autoritário, absoluto, ignorante, cético, incrédulo, enfim, materialista por excelência. Essa fase especifica-se por narrar sob um ponto de vista romântico e descritivo a sua trilha. Evidencia-se a senda do descaminho, mas também a ruptura com o seu passado mais remoto e totalmente descompromissado da escalada crista. Eustáquio comete desatinos, surpreende-se com suas incursões no plano material, julga-se materialista convicto, mas fragiliza-se em determinados momentos de sua caminhada ante a força do amor e do acompanhamento de seus mentores e de sua colônia; a segunda mostra-o em reeducação, com um melhor esclarecimento: demonstra evoluir em suas posturas, livrando-se de muitos erros e desvios, mas ainda de forma vacilante, passando a obra ao entrelaçamento do romântico descritivo com o histórico fático. Inúmeras passagens e figuras da Historia marcam esses 500 anos do seu trilhar reeducativo.

Não se deve imaginar que os cinco séculos seguintes sejam plenamente regeneradores e belos, próprios de um missionário que reconheceu totalmente

seus erros e está em pleno caminhar de amor e luz, pois seria uma visão equivocada. Entretanto, vemos neles a retificação de muitas de suas atitudes. Essa terceira fase tem fortes raízes históricas, políticas e sociais de um Eustáquio conscientizado, evoluído, culto e em vias de atingir graus satisfatórios e seguros de progresso moral. O crescimento sempre continue de sua cultura e intelectualidade permite a sua participação na construção de um mundo novo.

* * *

Eustáquio consegue ter avanço relativo em sua purificação ao longo desses 1.500 anos e é justamente isso que este livro se propõe a mostrar. Não se tornou perfeito ainda, mas evoluiu. Continua a se desenvolver e a lutar par seu aperfeiçoamento. Pode hoje cometer falhas, porem jamais tão graves quanto as do seu passado, vez que não ha lugar para retrocesso na escalada evolutiva.

Observa-se, pois, nas páginas desta obra, o constante progredir do Espírito e a importância de mil e quinhentos anos na vida de um ser.

Ante a eternidade, trata-se de curto espaço de tempo. Em face da evolução, a qual se submete toda criatura, todavia, representa inesgotável fonte de oportunidade e progresso.

Representa, ainda, o exemplo de dedicação de um Espírito numa trajetória sacrificante em busca de depuração do seu íntimo: os anos passam e permitem a sua condução a um constante renovar; o seu aprendizado inclui o despertar para o amor várias vezes e de diversas formas, bem como o acumulo de conhecimentos ao longo dos vários anos e dos inúmeros locais pelos quais percorre. Nota-se, nessa caminhada, a importância fundamental da evolução conjunta do Espírito nas esferas moral e intelectual.

Eustáquio e um Espírito em evolução. For isso, sua trajetória nas suas diversas fases identifica-se com a de todos os encarnados, proporcionando esse conhecimento de suas várias encarnações, oportunidade valiosa de reflexão quanto aos próprios débitos de cada um e ao muito que se precisa trabalhar na senda do bem para reparar os erros pretéritos e atingir mais elevados estágios de progresso espiritual.

A *exemplo dos livros anteriores de Alvorada Nova, não sou o criador desta obra, ocupando apenas a posição de seu coordenador e organizador, cabendo a Cairbar Schutel o lugar de autor verdadeiro ou espiritual.*

São Paulo, 19 de setembro de 1992.

Abel Glaser

ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS

1- As personagens que aparecem neste livro uma única vez tem seus nomes apenas no *Glossário de Nomes.* Os Espíritos que tem suas existências mais de uma vez retratadas ao longo da obra constam também do *Resumo Geral da Evolução Espiritual.* Os nomes históricos estão relacionados no *Índice Remissivo.*

2- As *menções bibliográficas* dos textos clássicos foram colocadas pelo autor material, com vistas a remeter o leitor as obras citadas, mantidos os originais mediúnicos.

3- Os *rostos* que ilustram este trabalho foram recebidos em esboços mediúnicos e aprimorados tecnicamente.

4- Os *mapas* elaborados com base em pesquisas objetivam facilitar ao leitor a localização geográfica dos fatos narrados. Representam meras ilustrações não tendo a pretensão precisa de um trabalho cartográfico.



CAPITULO I **A BATALHA DE DIJON**

Violento combate separa vários soldados perfilados lado a lado com suas reluzentes armaduras. As espadas estão brandindo terríveis golpes buscando atingir o inimigo. Visigodos[1] e francos[2] enfrentam os burgúndios[3] . Nessa imensa pradaria, que antes era repleta de paz e de um verde profundo, somente ronda o ódio e a vingança, sentimentos que permitem

[1] *-Nota do autor material:* visigodo *é o nome dado aos Godos ocidentais. Entraram na Península Hispânica no ano 415. No reinado de Eurico I, possuíram a Península e grande parte da Gália, entre o Ródano e o Líger (Loire). Em 507, começou a decadência do império visigótico. Par poucos anos possuíram o território, depois chamado Portugal. A invasão árabe terminou rapidamente o domínio visigodo na Península, com exceção das montanhas setentrionais. (Dicionário Prático Ilustrado Lello, pág. 1940)*

[2] *- Nota do autor material:* francos *são os integrantes das tribos da Germânia, que conquistaram a Gália no século V; habitavam primitivamente entre o Meno, o mar do Norte, o Elster e o Elba. As principais foram as dos Brúcteros, dos Queruscos, dos Sicambros e dos Sálios. (ob.cit., pdg.1614)*

[3] *Nota do autor material: os* burgúndios são *um povo germânico, estabelecido no século IV nas margens do Reno, batido pelos hunos em 437. Aliado dos Romanos e instalado na bacia do Ródano, foi submetido pelos Francos em 534. Os Burgúndios deram o seu nome a Borgonha. (ob. cit pdg. 14 76)*

a formação de um padrão vibratório pesado e asfixiante, já não bastassem os fluidos emanados dos desencarnes maciços que ocorrem a cada minuto. Uma nuvem negra começa a tomar o azul do céu. Cavaleiros garbosos em seus intrépidos cavalos cedem às pressões desse estranho poder magnético que lhes domina as emoções. Sentem-se compelidos a lutar cada vez mais, embora saibam com uma convicção inabalável, que irão sucumbir no campo. Esse e o espectro da guerra, onde os homens conhecem os seus meios, não tem plenas condições de avaliar o seu fim e sequer estão plenamente convictos de seus ideais.

Nesse campo, a maioria esta ocasionalmente cega em suas sensações mais constantes, não conseguindo vislumbrar o amor, o companheirismo e o perdão. Logicamente, acreditam que tais sentimentos devem estar alheios as batalhas memoráveis da Historia. Crêem na construção de um mundo melhor através do derramamento de sangue e do esboço viril de uma pusilânime arrogância, numa fórmula cruel e que seria capaz, no seu parco entender, de fomentar o progresso as civilizações. Mas, esse triste desvio de finalidade, ha tantos séculos enfrentado pelo homem, acompanha o grau de evolução do planeta, ainda em estagio de expiação e provas.

Sons guturais de gritos de apelo e socorro partem de todos os cantos. Os animais, antes pacíficos habitantes desse campo verdejante, fogem espavoridos. Um estranho luar surge no céu, como se noite fosse, apesar das horas indicarem o meio do dia. Piedade e misericórdia são os constantes pedidos rechaçados de pronto por um golpe mortal de uma espada ou de uma lança. Cavalos pisoteiam, a contragosto, os corpos estendidos pelo chão, alguns ainda vivos e que terminam a sua Jornada terrena pisoteados por seres irracionais, não bastasse já o terem sido pelos racionais. Massas de Espíritos parece chocarem-se com encarnados, embora umas não toquem as outras e, por vezes, nem mesmo percebam que estão interligadas. Entidades pouco esclarecidas buscam revanche, acostumadas as idéias vingativas que trazem consigo de outras batalhas, onde sucumbiram impiedosamente. Agora, querem o mesmo fim aqueles que as destruíram, já que não contaram com um segundo de paz após o seu desencarne. Querem, ainda, egoisticamente, que companheiros seus também tombem a força das armas para que, possam reencontrá-los, pouco importando a que preço.

Um retrato cruel se faz da Humanidade numa praça de guerra. Se por um momento pudessem esses protagonistas de tão sinistro quadro abrir os seus campos de visão, certamente não teriam forças para continuar. A ruborização envergonhada de suas faces de pronto se estamparia. Cada qual seguiria um rumo distinto, buscando conforto na meditação e na reflexão de tantas atrocidades cometidas contra o semelhante.

Os gladiadores, insensíveis a qualquer percepção positiva e sufocados pela chusma de Espíritos que se aproxima, continuam a atuar no palco de suas sangrentas lutas. A essa altura, o céu já esta encoberto totalmente e o sol desaparece por complete, como se tivesse sido apagado. Faz-se noite. Tochas são acesas e os guerreiros, comandados por mãos firmes, são instruídos a não esmorecer e jamais cessar a luta até que o inimigo pereça sem deixar sobreviventes. Se um retrato dos dois planos da vida pudesse ser produzido, já não se conseguiria distinguir o gladiador encarnado do guerreiro desencarnado, tamanho e o processo obsessivo que campeia no cenário.

Os francos, entretanto, com seus aliados, mantém vantagem aparente na luta travada. Os burgúndios, em menor número, mas igualmente selvagens, resistem bravamente e, sem cessar os ataques, tombam um a um. Esse quadro de vitória faz surgir de dentro de uma clareira, antes esquecida por todos, uma imponente figura. Um cavaleiro ornamentado com portentosa armadura, que brilha invulgarmente ante o reflexo das chamas das tochas, parece ser o renascimento do sol. Adentra o campo. O seu cavalo e branco como a neve do Ártico e esta envolto em fino manto de veludo azul, que mais o atrapalha no seu galope do que enaltece suas linhas. Paramentado com incontáveis bandeirolas, cada qual representando um local de batalha anteriormente vencida pelo seu cavaleiro, marcha orgulhosamente. Na cintura, o gladiador reluzente porta imensa espada, cuja lamina e de especial férro, possuidora do brilho da prata, mas arrojada como o aço. O cabo da arma é de ouro, incrustado com pedras das mais preciosas, dando-lhe o contorno delicado da empunhadura. Acompanha esse cavaleiro um portentoso séquito de fieis e intrépidos soldados, Além de vários serviçais e cavalariços.

Logo a frente, um soldado férido com uma lança, que lhe perpassa o braço direito, aproxima-se da comitiva e brada:

- Estamos em incontestável vantagem, General! Devemos prosseguir até que morra o último dos inimigos ou podemos nos contentar com a sua rendição e fuga, tão próximas a essa altura?

Sem pestanejar e quase automaticamente o comandante reage:

- Não quero sobreviventes! As ordens que dei devem ser cumpridas a risca. O massacre total desses malditos burgúndios servirá de exemplo para todos os outros povos insubmissos e inconformados com o nosso poderio militar. Além disso - diz sem qualquer convicção - o nosso rei deseja dar prova de sua força aos seus fieis súditos... Prossiga!

Sem questionamento, o guerreiro, ferido e cambaleante, torna ao campo e transmite as ordens recebidas aos demais. Confiante e no ápice de seu orgulho e de sua vaidade, já imaginando as homenagens pomposas que iria receber; o general não se contém e ordena:

- Partamos imediatamente rumo ao centre da batalha, pois quero ver, com meus próprios olhos, a eliminação total de nossos inimigos. Toquem as trombetas e acompanhem-me - grita, já esporeando o cavalo e seguindo apressado. Uma imensa nuvem de poeira levanta-se e o campo escurece-se ainda mais, como se estivesse de luto por tantas vidas perdidas impiedosamente.

Alguns minutos depois, quando já não se ouve nenhum som de luta e somente gemidos podem ser detectados, aproxima-se do palco do conflito o comandante das tropas. Um tanto arredio e temeroso de algum levante, caminha com cautela. Intrépido em suas ordens, mas não tão seguro de suas atitudes, sente-se a vontade na tarefa de direção, mas jamais gostou de guerrear pessoalmente. Acredita que um líder não deve sujeitar-se ao combate físico e direto, atribuição -no seu entender- dos homens inferiores.

Tranquilo por ter vencido outra batalha, o comandante busca, ainda, alguma forma de instigar seus soldados ao derramamento de sangue:

- Darei uma bolsa de moedas de ouro ao cavaleiro que me trouxer um burgúndio, ainda vivo, para apreciar o meu triunfo, sucumbindo a minha frente, humilhado...

Os gladiadores não tardam ante oferta tão generosa e, minutos depois, esta diante do general um soldado ferido, cabisbaixo e sem a menor condição de reagir.

- Levanta a tua cabeça diante de mim, pois estas na presença do mais temido dos generais francos, ó criatura miserável!

O homem, cambaleante, ergue a fronte e fixa os seus olhos nos do comandante. Ante tanto ódio que lhe é transmitido nesse instante, o general treme em cima do cavalo e sente fibrilar o seu peito. Sem aguardar uma ordem sequer, seus leais seguidores tratam de esbofetear, com extrema frieza, o audacioso inimigo. O prisioneiro, covardemente golpeado, cede a pressão e baixa a cabeça, caindo de joelhos. O sangue escorre por sua face transtornada e suas mãos mal conseguem amparar a perna fraturada.

Novamente, o chefe dos francos profere:

- Qual e o teu nome, atrevido burgúndio?
- Melquiades - responde tossindo e cabisbaixo o rapaz.
- Qual é a tua idade?
- 19 anos.

Interessado em humilhar o jovem antes de exterminá-lo, torna o comandante:

- Sabes com quem tu estas falando?
- Certamente que sim! Sois o mais vil dos mortais que já pude conhecer em toda a minha existência...
- E conheces, ó pobre criatura, as minhas incontestáveis façanhas?
-Não poderia desconhecer a vossa vileza, senhor. Não vos considero um inimigo honrado. O vosso sadismo em massacrar aqueles que tombam aos seus pés não e digno de um nobre cavaleiro, mas sim atributo das aves carniceiras de rapina.
- Cala-te, insignificante e desprezível burgúndio! Quem és tu para questionar os meus métodos? Pereceras pela força da minha espada e então poderás ter a honra que jamais tiveste de morrer gloriosamente pelas mãos do maior dos lideres dos francos.

Confiante em demasia, o general aproxima-se do jovem soldado, portando em riste a sua brilhante lâmina afiada e montado em seu alvo cavalo. Pretende fazê-lo implorar por sua vida, humilhando-o e subjugando-o até o final. O prisioneiro, no entanto, permanece cabisbaixo e não se move. Inconformado, o líder vocifera:

- Levanta-te para morrer como um verdadeiro guerreiro! Nem mesmo termina a sua imponente frase e o rapaz, concentrando todas as forças que lhe restam, num ódio desmesurado, saca de um punhal, estrategicamente escondido em sua bota e o atira contra o general, gritando:

- Morrei, detestável general! A vossa covardia ha de vos custar alto preço...

Os soldados francos, inertes e colhidos de surpresa, vêem o rodopio da adaga no ar e assistem a sua trajetória certa, varando todas as resistências dos olhares incrédulos dos presentes e atingindo o coração do cavaleiro garboso, a essa altura livre que esta de sua armadura.

Tomba do cavalo o general, já inerte, tamanha a força do golpe desferido, incorporado do último grito de guerra de um valente soldado afrontado em seus brios. A despeito de todos os esforços e tentativas de reanimação, não ha outro desfecho. Acaba de desencarnar o comandante dos vitoriosos, o enviado do rei dos francos, o outrora inatingível General Eustáquio Alexandre Rouanet.

A incredulidade domina todo o exército vencedor. Após tantas guerras triunfantes, o mito dos francos nos campos de batalha vispa-se[4], inapelavelmente, diante de um ataque desferido por um frágil prisioneiro. O triunfo dos aliados - francos e visigodos - perde o seu brilho. Atormentados em especial pelas explicações que irão dar aos seus superiores na Corte, por terem permitido esse incalculado ataque, os gladiadores, confusos, choram a perda de um controvertido e idolatrado líder.

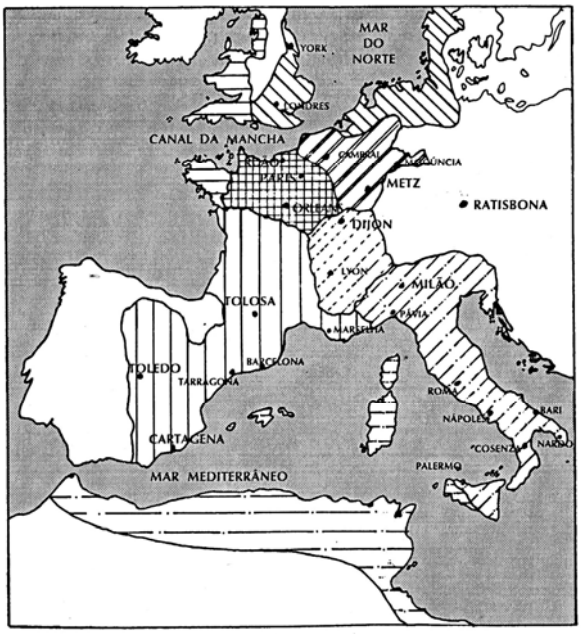
Ironicamente, o sol retorna a brilhar no céu, afastando a negritude das nuvens que acobertavam o campo. Um pássaro cinzento, voando intrépido, rasga a quietude dos enlutados guerreiros e lança um melancólico trinado, que ecoa pela pradaria e reverbera no límpido azul celeste.

[4] Nota da digitalizadora- Vispar, Verbo, Esgueirar-se, safar-se. Var: bispar

MAPA Nº 01 - EUROPA - ESTADOS BÁRBAROS NO SÉCULO V

REINO BURGÚNDIO
REINO DE ODOACRO
REINO DE SIAGRIO
REINO FRANCO
REINO VÂNDALO
REINO VISIGODO
REINOS ANGLO-SAXÕES E JUTAS
REINOS BRETÕES

MAPA Nº 01 - EUROPA - ESTADOS BÁRBAROS NO SÉCULO V



Capitulo II - EUSTÁQUIO NA ERRATICIDADE

Permanecendo impassível ao lado do corpo material inerte no chão, Eustáquio, sem qualquer consciência de seu desencarne, continua a dar ordens as suas tropas, aguardando ser atendido sem questionamentos. Materialista como sempre fora, jamais iria supor que estivesse morto para o plano físico. Gradativamente, sua ira vai crescendo, pois ninguém repara na sua presença e muito menos segue as suas determinações. Mantendo-se orgulhoso e altivo, a essa altura, entretanto, já esta desconfiado. Ha algo estranho acontecendo e que lhe foge ao entendimento.

O general dos francos, em desesperada atitude, começa a gritar, sentindo-se desprestigiado por seus comandados, uma vez que ninguém lhe cumpre as ordens. Seu exército retira-se do campo de batalha, levando o seu corpo físico para o futuro sepultamento na Corte. Permanece sozinho. Incrédulo, passa a fixar a sua visão, ainda turva, para todos os lados. Percebe a presença de muitos corpos caídos e de uma tênue nevoa cinzenta formando um escudo por cima da planície. Ouve alguns gemidos e começa a notar uma multidão de Espíritos se aproximando. Ressurge-lhe a esperança de ser atendido em seus reclames, mas surpreende-se ao constatar que a turba e toda formada de burgúndios. Outra vez a aflição toma conta de seu ser. Imagina como ira enfrentar, sozinho, o inimigo. Saca sua espada e investe contra os soldados a sua frente. Golpes e mais golpes são disparados para todo lado e somente sonoras gargalhadas ouvem-se em retorno. Todos, na imensa pradaria, estão desencarnados e o grupo de burgúndios, mortos na mesma luta armada, passa por Eustáquio, sem ao menos reparar na sua presença. O desprezo e total e a angustia provoca-lhe um choro compulsivo.

Domina-lhe a incredulidade. Já não existe o comandante dos visigodos e francos, triunfante na batalha de Dijon. Ali vagueia um Espírito perdido e tímido, amargurado e temeroso, incapaz de aceitar a sua própria morte para o mundo material como realidade inexorável.

Ao longe, já cruzando a linha do horizonte, percebe a sua antiga cavalaria afastando-se. Aproxima-se da caravana. Fixa o seu olhar num corpo imóvel que esta sendo carregado e vê descortinar a sua frente o semblante de um homem grisalho, com cerca de 50 anos, rosto transfigurado pela

dor, sangue transbordando do peito, onde ha um punhal rigidamente estocado. Revive as imagens do seu recente passado e a cena do crime desenha-se em sua mente. Esta diante de seu próprio cadáver.

Um urro imenso ecoa pela pradaria, disparando uma sensação de desequilíbrio e inquietação por todos os lados. Eustáquio cai de joelhos e agoniza.

Permanece nessa posição por um longo tempo até que resolve erguer-se e buscar uma explicação racional para as sensações que esta vivenciando. Afinal, no seu entendimento, para tudo existe uma lógica inafastável. Levanta-se. Começa a escolher a direção que deve seguir quando algumas entidades lhe surgem à frente:

- Como vai Eustáquio? Ou devo dizer General? - indaga uma figura horrenda, vestida com negra armadura, irradiando olhos de fogo e movimentando deformadas mãos ao segurar uma enorme lança prateada.

Sem que haja qualquer resposta, mas somente inquietação, a monstruosa figura prossegue:

- Sim, meu caro amigo, tu não estas mais no mundo dos vivos, numa posição que tanto admiravas... Agora, pertences a mim e ao meu grupo de seguidores. Tu te lembras dos nossos acordos do passado? Oh, certamente que sim! Desejei ter o prazer inarredável de recepcionar-te quando tornasses a pátria espiritual. Aqui estou. Não me agradeces?

Recobrando os sentidos que havia perdido por alguns segundos, tamanha fora a emoção de vislumbrar a sua frente o "cavaleiro negro", um personagem marcante em muitos de seus pesadelos e figura que tanto o inspirou na sua Jornada belicosa, profere:

- Não e possível! Tudo não passa de uma cruel brincadeira de muito mau gosto. Exijo retornar ao meu castelo! Devo apresentar-me imediatamente ao rei. Ordeno-te que cesses por complete essa tua encenação, ó vil criatura!

Eustáquio mantém-se altivo e inatingível. Sente que não deve perder o controle diante de tão bizarra situação. Entretanto, torna a ser questionado pelo Espírito a sua frente.

- Ora, Eustáquio! Deixes a tua empáfia de lado, pois já não és o general que comanda exércitos e não passas de um medíocre ser inferior que deverá, daqui por diante, agir sob meu comando. Reconheças, meu

caro, que teus dias de gloria terminaram. Não te resta outra alternativa senão obedecer-me. Caso não queiras seguir-me, farei questão de comprovar-te, da pior forma possível, que morreste para o teu mundo. O que escolhes?

Cego para a realidade, fadado a não entender o inexplicável mistério de sua própria existência e agora descontrolado, Eustáquio permanece impassível, repetindo reiteradamente o seu comando anterior. A criatura de negro, sem perder tempo, ordena a seus asseclas:

- Segurem-no e levem-no daqui! Vocês bem sabem para onde desejo que ele siga.

Longe dali, desponta um majestoso castelo, estacionado as margens de um lago de águas cristalinas e emoldurado numa vegetação abundante, cujas torres centrais parecem servir de liame entre o céu e a terra. Imensa planície contorna a sede de governo dos francos e apenas uma estrada recorta a relva mansa e rasteira que alfombra, deslumbrante, todo o cenário. Do alto de uma das torres soa uma trombeta anunciando o regresso das tropas vitoriosas. Em uma das principais salas, impaciente, esta o rei Clóvis, sequioso por informações.

- Disseram-me os infelizes mensageiros do reino que sucumbiu na batalha de Dijon o meu dileto general Eustáquio?! Impossível! Um valente e nobre cavaleiro não iria permitir-se tamanha vergonha, especialmente por ter sido alvejado pelas mãos indignas de um insolente e medíocre burgúndio. Inânias são boatadas em meus domínios. Exijo a verdade!

Um murro na mesa ecoa por toda a fortaleza e suas paredes parecem tremer ante a fúria incontida do soberano. As tochas dos corredores movimentam suas chamas no mesmo compasso da variação de humor do rei e parecem calcinar o teto do castelo tamanha é a ira do majestoso Clóvis. Inúmeros serviçais saem às pressas do palácio e vão ao encontro do exército que se aproxima em regresso. A frente dos homens de confiança do soberano esta o visconde Arquibaldo.

- Quem é o responsável pelas tropas? Eu trago ordens do Conde de Mefené, auxiliar direto de sua majestade, o rei C1óvis.

- Sou eu, senhor Visconde.

- Muito bem! Determine a todos os teus homens que a morte do general Eustáquio não deve ser divulgada como se fosse fruto de um ato de

traição de um prisioneiro inimigo. O inconformismo do rei com tal situação já chegou ao limite. Portanto, achamos correto conceder ao comandante do exército vitorioso um funeral digno de um combatente prestigiado por sua majestade. Os mensageiros que trouxeram a noticia do ataque foram imprudentes, irritando o nosso soberano. A partir de agora, para todos os efeitos, o general Eustáquio morreu em batalha, glorificando a sua nação. Está bem claro? Nem uma palavra devera ser proferida a respeito do vil ataque por ele sofrido.

- Mas isso não e verdade! O general foi assassinado em razão de sua desmedida arrogância e pelo sadismo com que buscava exterminar o inimigo. Um jovem burgúndio ferido, humilhado sob o comando de nosso comandante, acabou vingando-se e...

O líder do exército é interrompido aos berros pelo visconde:

- Cala-te, estúpida criatura! Não e isso que o nosso amado rei Clóvis deseja ouvir. Será tão difícil compreender que neste reino somente se fala aquilo que sua majestade, QUER ouvir? A *nossa* verdade, meu caro capitão, é construída sempre em cima de conveniências. Tu deves seguir as minhas ordens e vais dizer o que eu determinei. Se não o fizeres, tua vida não terá nenhum valor...

- Assim será feito, senhor visconde Arquibaldo.

- Esta muito bem! Retornemos ao castelo.

Na mesma sala, Clóvis esta aguardando. Enquanto isso, remexe sem parar nos papéis que tem a sua frente, referentes aos planos traçados para a batalha vencida em Dijon. Com uma expressão sotuma, mas firme, o rei recebe um mensageiro:

- Majestade, o comandante das tropas reais, capitão Trudeau, deseja vê-lo.

- Mande-o entrar - responde o soberano, colocando-se imediatamente em pé.

- Rendo minhas homenagens ao augusto rei dos francos, nobre dos nobres, paladino da Justiça, imagem do império...

- Cala-te! - grita o rei - Chega de homenagens inúteis! Quero notícias de Eustáquio, o meu general, pois a batalha já sei que venci.

Narrando toda a versão preparada pelos assessores do soberano, o comandante afirma que Eustáquio pereceu no campo de batalha, empu-

nhando a bandeira do reino dos francos. Trata-se, no seu entender, de um verdadeiro herói.

Pensativo, o monarca reflete por alguns instantes, mais conformado e profere:

- Quero as mais pungentes homenagens a esse cavaleiro e líder que jamais me decepcionou. Não poupem esforços para que meu desejo seja atendido. Saiam, agora, pois quero ficar sozinho!

De súbito, surpreende o rei, ao romper em prantos na sala, a entrada de uma bela jovem. Pálida, com a expressão transtornada e olhos arregalados e vermelhos, Patrícia, esposa do general Eustáquio, busca consolo com o imponente Clóvis.

- Meu rei, estamos todos inconformados com a perda de Eustáquio. Parece-me que a vida perdeu o sentido. Sua figura de esposo e pai será insubstituível. Nosso filho Guilherme esta revoltado e quer vingança...

Antes que prosseguisse, o rapaz, aparentando seus 16 anos, interrompe a mãe e profere em altos brados:

- Nada mais justo que cem cabeças de burgúndios devam rolar para aliviar a mancha que paira sobre a memória de meu pai!

- Calma! - responde mais sereno o rei. Nada mais se pode fazer, pois o general Eustáquio partiu deste mundo em um momento de absoluta gloria, dando-nos a certeza da vitoria e demonstrando ao inimigo a força, a do nosso exército. Sua memória ficará para sempre preservada em nossa historia e jamais permitirei que os insensatos boatos a seu respeito continuem proliferando. O capitão Trudeau explicou-me, ha pouco, a verdadeira faceta da morte de nosso comandante. Por tal razão, haveremos de fazer um sepultamento digno de sua posição social e do valor que tinha em sua pátria. Vingança não será necessária, especialmente agora que desejo unificar o meu reino entre vencedores e vencidos.

Enquanto Clóvis prega a conciliação e transmite serenidade, Guilherme sequer ouve o que o soberano está dizendo e começa a imaginar a sua própria ascensão nas fileiras do exército real, quem sabe ocupando o lugar do pai, na direção das tropas de sua majestade. Todos os presentes percebem o seu desinteresse e relembram a convivência tensa que o rapaz tinha com o general. O seu inconformismo com a morte do genitor é falso e longe da verdade de seu coração. Na realidade, a sua relação com Eustá-

quio sempre foi desestruturada e conflituosa, inexistindo entre ambos laços de amor.

Ambicioso e pérfido, o filho único de Eustáquio e Patrícia proporciona, com suas constantes vibrações de desprezo no tocante a figura paterna, o surgimento de uma enorme teia vibratória negativa, que se instala no recinto. Um imenso globo fluídico desponta no teto da sala, relampejando tal qual explosões meteóricas. Espíritos menos esclarecidos, em volta dessa construção magnética, gargalham sem parar e aguardam a chegada de Eustáquio que, pouco depois, adentra o recinto, conduzido pelos comparsas do "cavaleiro negro".

Patrícia, inconformada com o pouco caso do filho e conhecendo bem o seu real propósito, dirige-lhe um olhar de censura. Chamando-o a um canto, alerta:

- Nem penses em vilipendiar a memória de teu pai neste momento tão difícil para todos nós. Eu sei bem quais são as tuas verdadeiras intenções. Pouco te importas com a morte de Eustáquio, pois, na realidade, queres tomar o seu lugar no exército real. Atreva-te a tocar nesse assunto com o rei e eu, pessoalmente, cuidarei para que sejas expulso deste castelo.

O moço aquiesce prontamente e desiste de qualquer proposta prematura nesse sentido. Valores nobres e dignos, entretanto, não lhe compõem o caráter.

Presente e acompanhando a cena entre a esposa e o filho, Eustáquio vai tomando consciência de sua situação, especialmente no tocante ao desprezo que lhe é dedicado por sua enlutada família.

Quando todos deixam o recinto, Clóvis chama Patrícia de um lado e lhe diz:

- Apesar de tanto sofrimento, a vida sempre nós apresenta um lado positivo para tudo, não é querida Patrícia? Podemos agora nos encontrar com mais brevidade e sem tanto receio.

A jovem, consternada, apesar de ser amante do rei, tem fundados motivos para não continuar com seu relacionamento adulterino.

- Não, meu caro soberano! Agora que Eustáquio se foi, ao menos a sua memória eu desejo preservar. Além do mais, essa situação nunca me foi das mais aceitáveis e vossa majestade ainda e casado.

O rei esboça uma reação, mas a moça, contundente, prossegue.

- Nada do que me digas, meu senhor, ira convencer-me do contrário. Aguardava um acontecimento qualquer para colocar um ponto final ao nosso relacionamento. Não tenho muitas esperanças na vida e sei que agi erroneamente ao trair Eustáquio, mas pretendo morrer em paz com minha consciência, a partir de agora.

Sem dar qualquer chance de resposta, Patrícia retira-se apressada da sala.

Eustáquio está profundamente abatido e sofre com a revelação do adultério de sua estimada esposa. A fidelidade ao rei e as glórias do seu título de nada lhe serviram para sustentar a dignidade de seu casamento. Apesar de também ter sido adúltero durante a sua vida conjugal, não admitia que pudesse, em igual proporção, ser traído por Patrícia. A contragosto, termina acreditando que está, de fato, desencarnado. O "cavaleiro negro" aproxima-se.

- Sei que agora estás convencido! Fico satisfeito! Afinal, temos contas a acertar e trabalhos a desenvolver juntos. Passei muitos anos dando-te inspirações. O teu sucesso no mundo material é fruto do meu trabalho. Portanto, reduzido que estás a tua insignificância, devemos retornar ao nosso covil.

Cedendo as pressões que recebe das entidades que o acompanham, Eustáquio faz um último pedido:

- Está bem, eu irei, ó criatura desprezível! Mas antes, ouso suplicar-te, desejo dar uma volta pelo castelo e despedir-me dos seres que ainda prezo.

- Muito bem! Seja assim! Irás sofrer ainda mais, mas não me importo nem um pouco. Deixem que ele vasculhe as masmorras de sua própria consciência. Soltem-no!

Nem bem termina a sua frase, o "cavaleiro negro" retira-se e seus aliados permitem a Eustáquio que caminhe livremente pela fortaleza, embora sempre ligados por laços densos de um cordão preto.

Ficção e realidade misturam-se em sua mente. Confuso, sente o amargor do seu coração apertar-lhe os passos e seu único grito de desespero - amaldiçoando o seu presente - segue o rumo dos seus mais ardentes sentimentos.

CAPITULO III - DESVENDANDO O SEU PASSADO

O orgulho e a vaidade, associados ao materialismo, são as bases do sofrimento de muitos Espíritos, tão logo deixam eles o corpo físico. Não se sentem desencarnados e integrantes de uma nova vida. Por tais razões, o Plano Espiritual Superior permite que eles sejam abordados por entidades menos esclarecidas, por vezes até companheiros de tempos passados, mas que visam sobretudo humilhar e dominar seus antigos aliados.

Em alguns outros casos, trata-se de dívidas a serem resgatadas e os recém desencarnados são aprisionados por Espíritos que desejam compensações por seus erros de outras existências. As ligações que o encarnado mantém durante o seu estágio no plano físico, sua maneira de pensar e agir e, especialmente, as vibrações que nutre e a sintonia que vivencia são os aspectos mais comuns de desenlaces traumáticos do corpo, com um passamento agitado e difícil para o mundo espiritual.

Eustáquio, durante sua existência, somente cultivou sentimentos menos dignos, que enaltecia o orgulho e a vaidade, paixões mundanas dos homens despreparados. Teve uma trajetória de glórias terrenas, repleta de crimes e ataques aos seus semelhantes, colhendo, agora, os frutos de sua completa invigilância. Escravizado por seus algozes, na verdade companheiros de outrora, vivencia um momento árduo em seu desenlace com a vida material.

Além disso, recebeu maus conselhos ao longo de sua existência, provenientes das mesmas entidades que hoje o dominam. A sua invigilância, no entanto, permitiu esse assédio e não o torna um mártir ou uma vítima, mas um co-autor das barbaridades que lhe eram sugeridas por Espíritos obsessões. No plano imaterial, antes de reencarnar como Eustáquio Alexandre Rouanet, celebrou pactos sinistros e incentivou alianças voltadas a interesses obscuros e distanciados da prática cristã. Assim, ao longo de sua vida material, sentiu o acompanhamento dos mesmos asseclas com quem, um dia, desvirtuou-se na senda do mal.

Fruto da lei de ação e reação, coloca-se Eustáquio, agora, em posição subjugada, a fim de colher, na exata proporção que merece, os males que semeou no seu passado.

As portas do castelo não lhe são obstáculos. Penetra o general em todos os cômodos e visita as inúmeras salas luxuosamente decoradas do palácio. Sente-se, pela primeira vez, em posição vantajosa, pois nada o consegue deter. Seu contentamento tem ínfima duração, pois a realidade o chama a razão.

Numa das salas que percorre, observa a existência de vários quadros, ricamente ornamentados com molduras enaltecidas pelo brilho invulgar do ouro, cada um deles retratando uma batalha memorável de Clóvis. Orgulha-se de seus próprios feitos militares, pois ajudara a construir o reino dos francos.

Momentaneamente liberto, o general tenta escapar das muralhas palacianas, mas sente-se preso. Ha um fio negro que o liga ao outro extremo do salão. Algozes que o mantém prisioneiro divertem-se com sua vã tentativa de fuga. Resta-lhe lamentar a sua humilhante situação e continuar o seu percurso pelo castelo.

Ingressa em sala contigua e percebe junto à janela um vulto feminino, é sua esposa Patrícia. Aproxima-se dela e abraça-a com ardor. A moça sente calafrios na espinha e começa a transpirar. O remorso lhe aflora a mente e o amargor da traição penetra-lhe o âmago.

Do outro lado do palácio, as mesmas sensações são vividas pelo rei. Cabisbaixo, sentado em sua cadeira predileta, reflete sobre o relacionamento que manteve com a jovem Patrícia, a despeito de seu casamento com Clotilde e de sua amizade com Eustáquio.

Ironicamente, esses duplos sentimentos de remorso chegam rapidamente á percepção do general e, ao invés de confortá-lo, agem bombasticamente sobre o seu sentimento. Revela-se o adultério entre o monarca e sua esposa. Sua ira expande-se e ele vocifera com toda a força de seu peito:

- Miseráveis! Fui traído por aquele a quem devotei a minha vida e pela mulher que tinha a honra de ser a minha consorte. Esse arrependimento tardio de ambos, agora que estou morto, não me é reparador. Vingança será o meu ideal daqui por diante!

Sufocado em sua própria cólera, volta-se para um outro canto da mesma sala onde está Patrícia e vê seu filho, Guilherme, compenetrado no estudo de manuscritos. Acalma-se.

- Filho! Ouça-me se puderes! Alguém há de recompor a minha honra ferida... Conto com o teu empenho em auxiliar o teu pai nessa trajetória regeneradora.

O rapaz certamente não ouve o clamor do Espírito que está ao seu lado, mas sente-se incomodado de algum modo. Ignorando as súplicas paternas, no entanto, começa a maquinar os seus planos de futuro.

- Excelente! Livrei-me em boa hora do meu tirânico pai, que, a essa altura, deve estar queimando no fogo do inferno. Posso perfeitamente ocupar-lhe o lugar no comando das tropas. Preciso, entretanto, convencer o rei...

O golpe é pesado para Eustáquio. Mais uma vez, o seu descontrole emocional é evidente e o seu pranto torna-se a única saída. Minutos depois recupera-se e, vendo-se totalmente abandonado e traído, sem receber uma só vibração de apoio, aceita a idéia de associar-se aquele desprezível ser, o "cavaleiro negro", que o abordou em seu primeiro momento de retorno a vida espiritual. Deseja partir dali, imediatamente.

Um violento golpe de ar abre a janela. Papéis voam para todos os lados e as velas dos candelabros se apagam. O clima fica tenso e Patrícia sente a presença espiritual de Eustáquio. Apesar de descrente e materialista, fica abalada. De súbito, relembra o dia de seu casamento. Tinha quatorze anos quando foi cortejada pelo imponente general, já em torno dos trinta e cinco. Apaixonou-se, é verdade. Seduzida por um experiente homem e incentivada por seus pais, entregou-se a um matrimônio que somente lhe trouxe um único ano de felicidade. Após, percebendo a vida totalmente desregrada de Eustáquio, que se envolvia com várias mulheres da Corte - entre nobres e serviçais - caiu em desgraça e amaldiçoou o dia em que conheceu o marido. Sentindo-se cruelmente abandonada, ainda muito jovem, acabou consolada por Clóvis, com quem manteve relação adulterina e de quem, na realidade, engravidou. Nem o monarca, nem Eustáquio sabiam da origem de Guilherme.

Sente-se sozinha e infeliz. Percebeu não terem sido gratificantes os seus relacionamentos amorosos, seja com o marido ou mesmo com o amante.

Eustáquio compreende, nesse instante, que nem mesmo filho, de fato, ele teve. O rapaz o desprezava e os laços de sangue inexistiam entre am-

bos. O seu casamento fora um total fracasso. Faz um sinal com a cabeça, espelhando integral aceitação com a sua nova condição, subordinando-se as regras que lhe foram impostas pelos seus verdugos. Os Espíritos que o aprisionavam surgem por todos os lados e, numa fração de segundos, o general parte dali, sem levar consigo qualquer imagem positiva.

******

O sepultamento realiza-se com todas as pompas possíveis e toda a Corte está presente. Patrícia e Guilherme representam bem os papéis de viúva e filho desolado, ambos inconformados pela perda do patriarca. Uma imensa igreja, ricamente adornada, serve de palco para o evento. Somente alguns candelabros estão acesos, tornando o ambiente obscuro. Envolvo num manto cinzento, que o cobre dos pés a cabeça, acompanha Eustáquio, de longe, esses últimos instantes de sua ligação com o invólucro material. Duas entidades o acompanham, ainda em vigilância.

Próximo ao altar, repousa tranquilo o corpo de Eustáquio. Pessoas circulam ao redor. Palavras de pêsame são dirigidas a esposa e ao filho enlutados, mas também vibrações de desdouro e desprezo são, tacitamente, emitidas pelos visitantes. Raras eram as figuras da Corte que tinham deixado para trás tantos inimigos como é o caso de Eustáquio.

No tenso e pesado ambiente do velório, parece inexistir uma só mensagem de amor ou mesmo de piedade. Todas as conversas giram em torno de temas materialistas, tratando de heranças, títulos e riquezas de toda ordem. Do lado externo da igreja, alguns serviçais oram pela alma do general. Acreditando na possibilidade de existência de um passamento tranquilo para o outro lado da vida, desejam-lhe, através de preces, o melhor de seus sentimentos.

Além dos encarnados, vários Espíritos fazem parte da aglomeração em torno do sepultamento. De sua parte, nenhuma vibração de amor também esta presente.

O cortejo caminha em direção ao mausoléu da família Rouanet. Enterra-se o corpo de Eustáquio e com ele todas as esperanças de um general que foi a própria história do seu povo e o orgulho de sua nação.

CAPÍTULO IV - O CRESCIMENTO DE EUSTÁQUIO

Eustáquio teve uma infância feliz. Seus pais, Filipe e Claudine Rouanet, nobres e ricos, proporcionaram-lhe todo o conforto possível a um rapaz bem nascido. Educação primorosa, muito carinho e atenção dos genitores não lhe faltaram. Ao longo de seu crescimento, ele mantinha, no entanto, estranhas sensações e vibrações negativas, que pareciam afastá-lo daquele ambiente de amor existente em seu lar.

Em tenra idade, Eustáquio revelou-se um menino mimado e sem escrúpulos, mas que sempre era desculpado pelos bondosos pais e perdoado, também, pelos fieis empregados de sua casa. Almejava-se, para ele, uma formação invejável e que o preparasse a assumir os negócios do pai e ainda importantes postos na Corte. O jovem, entretanto, não se interessava por nada positivo e nutria especial satisfação quando conseguia prejudicar os interesses alheios.

O destino reservou-lhe uma oportunidade de reformar-se intimamente quando foi acometido de tuberculose aos 15 anos. Desenganado pelos mais famosos médicos do reino e por especialistas de toda Europa, o garoto termina sendo levado a um pequeno vilarejo, nas cercanias de sua cidade, por sua serviçal Gertrudes, que era dama de companhia de sua mãe Claudine. A bondosa empregada dos Rouanet não se conformava com a doença do jovem herdeiro, que representava a alegria de sua família e a quem dedicava uma especial devoção. Sua formação crista indicava-lhe que nada no mundo acontecia por acaso e que o amor de Jesus poderia transformar os caminhos dos homens, bastando que, para tanto, um pedido sincero chegasse aos seus Emissários. Assim, convencendo Claudine a permitir a viagem, resolveu levar o rapaz a presença de seu amigo de longos anos, Genevaldo, que dirigia um trabalho de amparo espiritual.

Em uma tarde nebulosa e fria, típica do inverno europeu, chegaram a aldeia Eustáquio e Gertrudes. Foram recebidos em uma casa simples, cuja chaminé exalava uma fumaça cinzenta, cruzando o céu ríspido e chuvoso como se fosse um escrito de sinalização. No seu interior, encontrava-se um grupo de pessoas em oração. Desenhava-se ao redor da choupana uma luz dourada brilhante, que emoldurava o cenário e tornava-a aconchegante.

Ali funcionava um centro de orações e Genevaldo, o seu dirigente, não se surpreendeu com a chegada do jovem visitante. Eustáquio, por sua vez, com um olhar de menosprezo, encarou por alguns minutos o gentil homem de 76 anos, cabelos brancos como a neve, bigodes escassos, que mantinha um inseparável cachecol de lã xadrez envolto no pescoço.

- Sejais bem-vindos, queridos irmãos! Senti-vos em casa. A ti, meu prezado jovem, transmito os meus sinceros votos de que possas te recuperar da doença que, impiedosamente, toma conta do teu corpo. Acredito que poderemos ajudar-te... Teus pais são pessoas queridas de todos nós, que sempre demonstraram preocupação com nossas obras sociais e caritativas. Jamais poderíamos deixar de atender a um pedido de tua família.

Enquanto o ancião desdobrava-se em gentilezas, buscando tranquilizar o rapaz, Eustáquio sentia-se constrangido e inquieto ante a simplicidade do local. Mantendo a cabeça erguida e olhando a todos os presentes com ar de superioridade, ele sussurrou a Gertrudes:

- Era mesmo necessário vir até este lugar miserável? Nunca em minha vida pisei em solo tão desprezível. Olhe para essas pessoas sotumas... Mais parecem mendigos imundos que homens de bem...

Interrompido em suas levianas afirmações, a serviçal retrucou com docilidade:

- Meu jovem senhor! Nada ha de mais bonito no mundo do que o amor sincero e esse sentimento é possível de aqui ser encontrado e vivenciado. Se todos os cantos do mundo pudessem contar com a vibração positiva que nesta casa sempre esta presente, os males certamente não teriam vez entre os homens. Não te preocupes com as aparências, pois as pessoas te querem bem. Ademais, estás em delírio e já não sei se estás vendo homens ou Espíritos.

- Deixa de falar asneiras, Gertrudes! Todos sabem que Espíritos não existem. Já não cansastes de ouvir os sermões dominicais a esse respeito. Velha teimosa!

Sem insistir na sua crença, a boa mulher aproximou-se de Genevaldo e disse:

- O rapaz não quis ofender, esta apenas fatigado e doente. Não leves em conta essas atitudes, meu querido irmão.

Instantaneamente, o dirigente do local respondeu:

- Ora, querida Irmã, então não sabes que nossos Amigos Espirituais já tiveram a oportunidade de nos avisar quanto a vossa vinda a esta casa? Sabemos tudo a respeito do jovem Eustáquio, ao menos no tocante as revelações que temos a permissão de conhecer. Vamos ajudá-lo com todas as nossas forças. Traga o moço até nossa mesa e faça-o sentar-se a cabeceira. Vamos orar!

Descortinando-se o mundo espiritual, tão logo o grupo iniciou as atividades podia-se acompanhar o incansável trabalho dos Mentores para higienizar o ambiente, afastando as entidades menos esclarecidas que estavam acompanhando Eustáquio. For outro lado, a luz dourada da proteção de Alvorada Nova se fazia ativa e presente. Nada poderia abalar aquele recinto de amor e fé em Jesus.

Acostumados aos aspectos negativos da obsessão, os cristãos ali reunidos logo perceberam o motivo da visita de Eustáquio a sua morada. Ele estava seriamente envolvido com Espíritos do mais vulgar patamar evolutivo. A sua doença era fruto da própria invigilância e, apesar do ambiente positivo que sempre fora proporcionado pelos pais, o perispírito do rapaz não conseguia resistir aos intermitentes ataques sofridos, impregnando-se de cargas magnéticas negativas. O resultado espelhou-se em uma tuberculose que a medicina não conseguia curar.

Uma a uma, foram atendidas as entidades que assediavam continuamente Eustáquio. Incrédulo e perturbado, o jovem tentava reagir, mas era acalmado por um passe de apoio dado por sua própria benfeitora Gertrudes. Acabou adormecendo e, mesmo assim, as tarefas do grupo de orações prosseguiram. Após duas horas sem qualquer interrupção, tudo estava resolvido e os integrantes da sessão ficaram exaustos. Provisoriamente livre daquele processo obsessivo, que lhe acarretou perigosa enfermidade, Eustáquio adormeceu profundamente. Genevaldo, então, proferiu prece de agradecimento:

- Senhor, louvamos o Vosso nome e agradecemos a assistência permanente que nos e dada em nossa morada humilde e cristã. Sabemos do risco inerente a missão do jovem Eustáquio e nos dispomos a com ele colaborar sempre. Nada mais justo que possamos resgatar nossas dívidas do passado em gratificante atividade de amor. Nossos Mentores amigos, invariavelmente justos, nos colocaram frente a frente com esse rapaz. Tu-

do fizemos e haveremos de fazer por nosso irmão. Possa Jesus abençoar o nosso trabalho. Graças a Deus!

Sua simplicidade natural não lhe permitia orações prolongadas e permeadas de pomposo estilo linguístico, mas de seu coração partia uma luz forte e brilhante, com tonalidade primordialmente prateada, que a todos atingia e acalentava. Nada mais belo poderia acontecer para trabalhadores sintonizados com o Alto.

Instantes depois, quando as velas da cabana foram acesas e a luminosidade material fez-se presente outra vez no ambiente, Eustáquio despertou.

- O que aconteceu? Sinto-me fraco! Acho que vou desmaiar.

- Não temas, meu rapaz, tudo esta bem agora - transmite-lhe, com segurança, Genevaldo. Tragam-lhe uma sopa, pois deve estar faminto.

Realmente, Eustáquio alimentou-se bem e, logo após, sem nem mesmo agradecer, pediu um leito para dormir. Todos compreendiam a sua situação e, sem hesitar, prepararam-lhe um local para o merecido descanso.

Durante aquela noite, pela primeira vez, Eustáquio dormiu sem qualquer abalo e esboçando em sua face um ar angelical. Na manhã seguinte, antes da partida, Genevaldo chamou o jovem Rouanet para uma conversa.

- Meu caro rapaz, é preciso que eu te dê alguns esclarecimentos a ti encaminhados pelo teu Mentor. São revelações básicas quanto ao teu futuro, de modo a preparar-te melhor a resistência que deves ter no tocante as investidas do mal.

Apesar de recalcitrante, convencido por Gertrudes, Eustáquio acabou ouvindo o que o dirigente tinha a dizer.

- O orgulho e a vaidade serão os teus maiores obstáculos na busca de progresso espiritual. Procures manter acesa em tua mente a chama do bom exemplo dado por teus pais. Não queiras jamais seguir a carreira militar, pois aí estará a tua desgraça. Tens débitos com muitos inimigos do passado, portanto, não granjeies outros tantos aplicando-se a guerra de conquista e a vida desregrada e materialista. Somente a força do teu mais puro amor e da prática missão de caridade poderá fazer-te encontrar alguma paz de espírito. Risca de teu dicionário a palavra *petulância* e afasta os amigos pródigos em maus exemplos. Quem te diz isso e o teu amigo

mais próximo, aquele Espírito-mentor que zela pela tua sorte. Não desprezes esses conselhos, pois o sucesso de tua Jornada futura deles depende. A carreira militar não te será gratificante, ao contrário do que imaginas, servindo apenas para te proporcionar falsa ascensão social, enquanto destruirá a tua possibilidade de fragilizar o teu coração. Por tudo isso, estejas alerta, meu caro amigo. Aqui estaremos sempre a tua disposição.

Terminada a breve exposição de Genevaldo, Eustáquio quis partir imediatamente e sem ao menos dirigir uma só palavra de ternura ou de agradecimento aos presentes, saiu apressado da casa, feliz por não tocar mais naquelas paredes e móveis simplórios. Colocou-se indiferente aos conselhos dados pelo dirigente da sessão que o curou da tuberculose e sequer percebeu que já não tossia mais e que a sua febre havia cedido por completo. Seu coração permanecia endurecido como uma rocha. Imaginava, no íntimo, ter sido vítima de atos de bruxaria, com os quais não concordava, afinal sentia-se membro ativo da Igreja Católica de Roma, que abominava tais práticas.

No percurso de volta a casa, atribuiu a mudança de ares e de clima a sua súbita melhora, embora continuasse desejoso de realizar consultas com médicos da Corte. Em verdade, queria buscar uma explicação racional para o seu pronto restabelecimento.

Gertrudes, por sua vez, retornou conformada e agradecida, Além de confiante por ter cumprido o seu dever. Não esperava, de fato, uma regeneração súbita de Eustáquio, nem acreditava que ele iria mudar o seu modo de encarar com rancor a vida. Sua arraigada petulância não seria tão facilmente derrotada. Tinha fé, contudo, que os conselhos de Genevaldo iriam penetrar no coração do rapaz.

*****

Os anos foram passando e o jovem Rouanet deu inicio a carreira militar. Sentia-se realizado cada vez que tinha algum contato com tropas do exército e nem por um segundo lembrava-se das orientações que recebera do bondoso Genevaldo. Esqueceu-se que, um dia, teve tuberculose e foi curado. A sua ânsia pelo poder foi crescendo a medida em que ele atingia a maturidade e, graças ao bom nome de sua família na Corte, logo despontou entre os mais promissores oficiais do reino, recebendo as mais importantes posições de comando.

Exultante com suas façanhas, começou a celebrar pactos com a Igreja, a fim de, juntos, dominarem cada vez maiores porções de terras. A pretexto de unificar o reino, a mando do soberano dos francos, Eustáquio promovia violentas investidas militares, agravadas pelos saques as regiões que sucumbiam ao seu poderio bélico. Parte dessa arrecadação era destinada, *"caridosamente"*, a Igreja, cumprindo o seu papel de bom cristão aos olhos da sociedade. O restante era dividido entre o reino e suas posses particulares. Dia após dia, a sua fortuna crescia e a sua fama de militar intransigente, arrogante e déspota era sentida por todos.

No leito de morte de sua mãe, Eustáquio chegou a receber importantes conselhos, que outra vez desprezou.

- Meu único filho! Chamei-te a minha presença nesses instantes derradeiros que tenho de vida para clamar-te a um retorno a razão. A vida que estas levando é um desatino ao teu próprio sossego. Sinto que não colhes verdadeiramente amor nessa tua trajetória e sei que somente os sentimentos nobres e positivos, como teu pai e eu procuramos ensinar-te ao longo dos anos, podem construir um mundo melhor. Confies em tua moribunda mãe e não creias que são advertências infundadas... Sinto que terás um destino negro caso persistas nesse teu caminho. As pessoas te odeiam e fizeste muitos inimigos. Teu pai, que deste mundo já partiu, sempre desejou que te tornasses um cavalheiro digno e honrado, admirado em toda a Corte e não temido por todos como agora o és. Que mais posso dizer-te, meu filho, se não consigo sentir qualquer brandura em teu coração?

- Não digas nada, minha mãe! Os meus triunfos militares são decorrência dos desejos divinos. Assim dizem os sacerdotes do reino... Não há melhor cristão que eu nas fileiras do exército.

- Ora, Eustáquio, não profiras blasfêmias. Essas pessoas a quem chamas de sacerdotes não passam de impostores que deturpam a mensagem verdadeira deixada por Jesus Cristo. São eles tão gananciosos como tu... Servem-se de tuas conquistas para enriquecerem também.

A exaltação da Condessa Rouanet fez piorar o seu já delicado estado de saúde e os médicos desejavam interromper aquele encontro tão desgastante.

- Deixem-me a sós com meu filho. Sei que não terminarei o dia de hoje e terei deixado este corpo cansado. Os médicos já não tem nada a fazer neste recinto. Quero fechar os meus olhos com tranquilidade e a última imagem que desejo ver é a de meu querido Eustáquio.

A fim de não contrariá-la, os médicos e serviçais saíram dos aposentos de Claudine.

- Mas, mamãe, já não percebes o teu próprio delírio... Não podemos dispensar o valoroso auxílio médico.

- Meu filho, dispensei os médicos, assim como os sacerdotes. Para morrer em paz, quero apenas ver-te melhor e, para isso, não preciso da ajuda de ninguém. Tu é que deves auxiliar a tua mãe...

- E como posso fazer isso?

- Prometendo-me mudar o teu comportamento. Quero ver-te longe da guerra de conquista e da indignidade de muitos falsos religiosos. Não compreendo inteiramente a 1ógica da vida e nunca consegui entender porque alguns tem muitas riquezas e outros sofrem a mais vil das misérias. Entretanto, confio em Deus e sei que fora da caridade não ha salvação. Essa e a verdadeira lição de vida e não aquela que estas aprendendo em bancos de igreja e que te conduzem a enriquecer cada vez mais, com flagrante prejuízo de muitos semelhantes miseráveis. Chega meu filho. Teu pai e eu jamais usufruímos levianamente de nossas posses e nunca retiramos um valor sequer de terceiros. É hora, Eustáquio, de aprenderes os valores corretos do Cristianismo.

Tocado pela elevação de caráter de sua mãe, ele quis furtar-se a outro sermão.

- Eu digo, mamãe, que deliras... Somente falas bobagens.

- Infelizmente, tens o coração endurecido, tal como me disse Gertrudes. Um dia, meu filho, foste curado pela boa ação de um grupo de pessoas que te eram desconhecidas e nem mesmo uma palavra de agradecimento chegaste a proferir. Somente a vida poderá ensinar-te a perder a tua arrogância e, talvez, somente o justo julgamento Divino conseguirá, no futuro, dar-te o retorno que mereces. Eu estou cansada e vejo que não cedes...

Fragilizado ante o estado terminal de sua genitora, Eustáquio buscou reconfortá-la.

- Esta bem! Eu prometo que vou repensar a minha vida e mudarei os meus objetivos, como a senhora esta pedindo.

- Concordas comigo, filho querido, para contentar-me nesse momento derradeiro. Se, de fato, assim agires, eu estarei feliz e, de onde eu estiver, agradecerei a Deus por tanta graça.

Uma suave luz azulada penetrou no quarto e tornou-o claro como o céu. Vibrando por seu filho, sem se preocupar consigo, a Condessa Rouanet fechou os olhos, segurou fortemente a mão de Eustáquio e deixou o corpo material, amparada por seu Mentor Espiritual. Na sala, por alguns segundos, brilhou a luz do portal da verdadeira vida. O silêncio era quase total, somente perturbado pelo tremular das cortinas que dançavam ao sabor do vento. Tudo era paz. Claudine havia partido.

Aos 35 anos, Eustáquio Alexandre Rouanet já tinha atingido o mais alto posto nas fileiras do exército real. Nas comemorações de seu último triunfo, em grande festa realizada na Corte, conheceu a jovem Patrícia. Moça rica, educada nos mais tradicionais conventos europeus, de fino berço e dotada de beleza impar, com tragos suaves, olhos verdes e cabelos dourados, a todos encantava. O general Rouanet apaixonou-se no primeiro instante que a viu e desejou tê-la para si. Incentivada pelos pais, que se orgulhavam dos feitos do bravo militar, a moça cedeu aos encantos de Eustáquio e, seis meses depois, estavam casados, com a bênção do papa, a aquiescência do rei e sob entusiasmo geral na Corte.

A jovem esposa iniciou sua vida matrimonial feliz e confiante, pois acreditava que iria formar uma verdadeira família ao lado de seu marido, um homem já maduro, no patamar de quatro décadas, com todas as condições financeiras para tanto.

Sua primeira decepção deu-se no dia em que Eustáquio comunicou-lhe que não desejava ter filhos. Sentindo-se desprezada e humilhada, ciente dos casos que seu esposo passou a ter com damas da Corte, ela terminou vivenciando uma vida infeliz e angustiante ao final do primeiro ano de casamento.

Em pouco tempo, Patrícia despertou o assédio de vários pretendentes na sociedade e terminou cedendo aos insistentes pedidos de companhia por parte do rei Clóvis. Eustáquio, nessa época, viajava muito, em expe-

dições militares e ficou tranquilo ao saber que sua esposa estava abrigada no castelo real. Ficava longe do reino por muitos meses.

Ao longo desse tenso relacionamento dúplice que passou a manter, a jovem engravidou e somente ela sabia que o filho pertencia a C1óvis e não a Eustáquio, com quem não se relacionava ha muito tempo. Cego de orgulho e vaidade, entretanto, o general sequer cogitou a hipótese de ter sido traído e recebeu como seu o descendente que iria prolongar a tradicional linhagem dos Rouanet.

O determinismo do Alto, inúmeras vezes, age com rigor para traçar o campo de atuação dos personagens da vida, propiciando a cada encarnado as chances e oportunidades de progresso e elevação espiritual compatíveis com suas reais necessidades. Naquele caso, Eustáquio prosseguiu sua Jornada terrena sem desvendar o relacionamento amoroso extraconjugal de sua esposa, talvez até por ser ele também adúltero. Fadado a amar um filho que não era seu, somente ao desencarnar pode tomar real conhecimento da trajetória errante que viveu, bem como do cenário cruel que construiu para si mesmo.

CAPITULO V - A DESTRUIÇÃO DO VILAREJO

Era uma tarde chuvosa. O castelo do rei encontrava-se exposto a fúria dos raios e trovões que o cercavam insistentes. Iluminava-se a cada relampejar e assustava-se com os ventos irados que percorriam os corredores palacianos imitando ousados clangores. Trincolejavam os lustres de cristal e as velas cediam, inertes, ao clamor da ventania. Dentro das muralhas, a vida permanecia quase inalterada não fosse o temor da cólera dos céus que tantos nobres e cavaleiros escondiam sob o manto de sua venerada valentia.

Impaciente, o rei Clóvis andava de um lado para o outro em seu gabinete de trabalho. Quando pretendia tocar o sino, chamando seu serviçal mais próximo, adentrou a sala, abruptamente, o adido do visconde Arquibaldo, Menelau, trazendo-lhe notícias.

- Majestade, o general Rouanet está a caminho! Provavelmente o mau tempo o atrasou. Dentro de alguns minutos estará em vossa augusta presença.

- Melhor assim. Tenho importante missão a lhe passar que não pode esperar.

Tal como profetizado pelo criado, minutos depois Eustáquio era anunciado.

- Meu bom amigo! Necessito de teus préstimos. Ha uma revolta surda em meus domínios. Os burgúndios não querem a unificação de meu reino. O momento exige uma intervenção armada e quero que cuides disso.

- Certamente, majestade! Estou ao vosso dispor! Tendes em mim o mais fiel soldado do reino. Partirei de imediato, necessitando apenas organizar a expedição.

- Não poupes esforços e gastes o quanto precisares. Os cofres reais te estão franqueados.

Dias depois, partiu Eustáquio em missão oficial de alta importância para o rei. Deveria romper com pontos de resistência existentes em determinadas vilas ao sul da França de modo a preparar o terreno para a batalha final, onde já teriam os francos o apoio dos visigodos, conforme negociações que estavam em andamento. O impetuoso general Rouanet, entretanto, ambicioso e calculista, promoveu imenso saque nas riquezas do reino, a pretexto de bem aparelhar a sua caravana militar. Em verdade, desviou verbas para seu próprio enriquecimento e pretendia recompor o rei, saqueando as vilas que encontrasse pelo caminho, outra de suas atitudes menos dignas no alto comando que lhe fora destinado.

- General! - interrompeu as reflexões de Eustáquio o conde Bergerau. Haveremos de repor tudo aquilo que desviamos do castelo mas, sinceramente, não sei como faremos.

- Ora, Bergerau, não ha nada mais simples do que realizar saques vultosos nos locais pelos quais passarmos.

- Mas, general, trata-se de roubo contra nossos próprios concidadãos.

- Bobagem! Imaginemos que será apenas um empréstimo compulsório a engrandecer a campanha militar de sua Majestade pela unificação do reino.

Calado e insatisfeito com a explicação, o conde prosseguiu na viagem, respeitando as ordens despóticas do seu comandante.

Algumas horas depois, avistaram um imenso e verdejante vale, cujas montanhas tinham aos pés a mais promissora vila da região.

- Parada total! - anuncia Eustáquio. Descarreguem as armas e montem as barracas. Vamos fixar nosso acampamento nesta clareira.

Sem questionamentos, os cavaleiros desmontaram de seus animais e cumpriram as ordens recebidas. Minutos após, o general reuniu-se com seu conselho na tenda principal.

- Eis o plano de ataque - simples e objetivo: ha quatro entradas principais e duas secundárias para esse vilarejo, como podeis observar no mapa. Quero homens espalhados por todas elas, bloqueando a entrada ou a saída de qualquer pessoa. Outras equipes seguirão comigo ao centro comercial. O conde Bergerau chefiará a expedição de busca. Burgúndios devem ser prontamente eliminados. feitos os saques e controlada a situação, os últimos a entrar na vila serão os cavaleiros com as tochas. Incendeiem todas as casas, sem exceção. Não gostaria de ver sobreviventes. Alguma pergunta?

Abalados, os lideres dos grupos de ataque se entreolharam e somente o visconde de Altay interveio.

- General, não entendo a razão de exterminarmos inocentes, tais como mulheres, crianças e idosos... Somos cavaleiros do rei e não mercenários.

- Não sejas estúpido! Desejas testemunhas vivas de nossos saques? Minhas ordens devem ser obedecidas a risca, afinal todos os senhores serão beneficiários, igualmente, das riquezas que arrecadarmos.

- Mas, comandante, acredito ser um pouco desumano...

- Cala-te. Tu não deves achar nada. Apenas cumpra as minhas determinações.

Todos bem conheciam o temperamento explosivo e colérico de Eustáquio e jamais iriam ter a ousadia de contestá-lo. Mórbido silêncio fez-se na tenda e cada um dos oficiais seguiu cabisbaixo para sua barraca.

Seguro, o general tinha completo domínio da situação. Meses antes, envolvera-se amorosa e propositalmente com Rita, a filha de Paul, o comerciante mais rico da região. Por seu intermédio, a custa de favores se-

xuais, conseguiu o mapa da vila, bem como minucioso relato dos hábitos e costumes dos seus habitantes. Sabia onde estavam guardados os valores do comércio e nenhum palmo do vilarejo lhe escapava do controle.

Sem qualquer oposição de seus subordinados, o plano foi executado a risca. Na manhã seguinte, soldados camuflados, escondendo as bandeiras e os símbolos reais, invadiram a pequena cidade e, aos gritos frenéticos, iniciaram a chacina.

Nesse percurso de terror, Eustáquio recordou-se do local. Era a mesma vila, onde vários anos antes estivera em companhia de Gertrudes para ser curado da fatal tuberculose. Lembrava-se vagamente do velho Genevaldo e de seus conselhos. Altivo, ignorou a coincidência e, a frente de seus homens, fazia questão de, pessoalmente, subtrair os bens dos comerciantes, mortos cruel e covardemente pelos soldados.

A vila já se encontrava em chamas quando uma voz quebrou o silêncio sepulcral que se instalara por toda a região. Muito idoso, imóvel em seu leito, Genevaldo ainda orava, murmurando pequenas frases. Uma brilhante luz dourada cortou a negritude da fumaça já que subia aos céus e iluminou por alguns minutos a choupana do ancião. Ingressou, materializando-se no ambiente, o Mentor Papisco.

- Meu caro amigo Genevaldo! Sabe que é chegada a sua hora e de seus companheiros. Não se preocupe! Em breve, estaremos juntos outra vez. Você já tinha conhecimento do desencarne coletivo que ha muito tempo pairava soturno sobre os destinos desta vila. Aqui concentravam-se inúmeros romanos que, no passado, queimaram vivos os cristãos na arena para deleite de expectadores cruéis. Estava dentre eles e cumpre, agora, o seu trajeto regenerador. Desencarnara pelo mesmo modo que, no pretérito, fez irmãos seus deixarem o plano material.

Genevaldo, que pouco ouvia os sons da chacina, despertou imediatamente quando percebeu as temas palavras de seu condutor espiritual.

- Ah, meu querido companheiro! Cumpro resignadamente o meu destino. Louvo a Deus pela oportunidade de resgate que me é concedida. Sinto que, infelizmente, este desencarne maciço de tantos semelhantes tenha sido provocado pelas mãos do menino Eustáquio.

- Ele já não e um menino. Hoje, general, contrariando os conselhos que recebeu na sua adolescência, esta investindo contra muitos inocentes, somente para saciar a sua ganância.

- Poderei auxiliá-lo no futuro, meu amigo?

- Não pense nisso agora! Procure fechar os seus olhos para o fardo da matéria e abra o seu coração para a luz da verdadeira vida. Aqui estou para ajudá-lo. Que Deus nos ilumine!

Enquanto Genevaldo despedia-se de suas vestes carnais, muitas entidades inferiores rondavam o local a fim de resgatá-lo no momento em que ele passasse ao plano espiritual. Apoiado, no entanto, por Mentor de Luz, o brilho de sua partida cegou a todos os seres que estavam por perto e retirou-lhes qualquer tentativa de interferir no processo de desencarne.

Confusas, as entidades voltaram-se contra os próprios soldados, envolvendo-os em processo obsessivo. Muitos, abalados e rechaçando inconscientemente a investida, subitamente perdiam o sentido e desmaiavam ainda em cima de seus cavalos. Outros, cedendo aos impulsos massacrantes desses Espíritos do mal, tornavam-se ainda mais furiosos e continuavam procurando por vítimas sem cessar.

Eustáquio passeava pela vila envolta em chamas, contando os mortos e calculando o que lhe rendera o saque. Indiferente aos gritos de dor e as súplicas de socorro, pisoteava com seu animal os corpos que estavam a sua frente.

Subitamente, uma dor no peito consumiu-lhe as forças e o seu corpo cambaleou na sela do cavalo. A cabeça turvou envolta em tonturas e já não conseguia raciocinar. Parecia ouvir, de algum lugar, a voz de sua mãe Claudine, suplicando-lhe por compaixão. Dominado por uma emoção inexplicável, deixou de divertir-se as custas da agonia alheia e, açoitando o equino, saiu inquieto do vilarejo. A despeito de tantos avisos que recebeu, Eustáquio permaneceu irredutível, jungido ao materialismo e possuidor de um espírito cada vez mais endurecido. Nada parecia sacudir a sua intima convicção. Cedendo aos mais selvagens instintos, atraiu para si inúmeros seres degradados que habitavam as mais escuras zonas umbralinas. Subjugado por forças do mal, permanecia ensandecido na sua guerra de conquista.

*****

Quando deixa o plano físico, ante tantas atrocidades que cometeu ao longo de sua existência, outra não pode ser a companhia que aguardava Eustáquio senão a dos seus obsessores, aliados de sua insânia e cúmplices de seus crimes. Apesar de valente, destemido e orgulhoso quando encarnado, ao deixar a proteção proporcionada pelo corpo físico, o seu espírito e alvo fácil para os grilhões das entidades umbralinas. Aprisionado, humilhado, sem forças para reagir e sem qualquer apoio de Mentores de Luz - em razão de sua própria postura materialista - termina reduzido a condição de instrumento daqueles que, ao longo de anos, assistiram - maquiavélicos - o transcorrer da sua desgraça. Recupera a sua consciência, após a morte, testemunhando a traição da esposa com seu venerável rei e o ódio do filho a figura do pai. Os mesmos Espíritos que, anteriormente, o aconselhavam a prática do mal, hoje zombam de seu infortúnio e gargalham as suas custas.

Parte para zonas trevosas e abandona, atrás de si, a trajetória gloriosa de um dos mais temidos generais que já horrorizaram o reino dos francos.

CAPÍTULO VI - A CISÃO NAS ZONAS TREVOSAS

Eustáquio delira e sente-se agonizando. Um turbilhão de imagens compõem os quadros que lhe desenham, passo a passo, a sua penosa rememorização do passado. Enquanto isso, conduzido por entidades monstruosas de faces rostriformes, garras afiadas e agressividade natural, imagina-se aprisionado num clássico conto de horror. Trilhas escuras e tortuosas conduzem-no a um castelo soturno que se ergue as margens de um pântano. O calor e imenso, proporcionando-lhe desagradável sensação. Praticamente sem nada enxergar, ante a funesta escuridão, não consegue vislumbrar um fim para os momentos de tortura que está vivenciando.

Lentamente, luzes sem qualquer brilho podem ser avistadas e Eustáquio começa a ouvir urros estrondosos por todos os lados. O seu pesadelo apenas tem início.

A caravana diminui o passo e detém-se diante de uma porta estreita, que se abre, na lateral de uma muralha, para receber os recém-chegados. Ingressam na fortaleza, erguida nos mesmos moldes daquelas que existem no plano material.

Sem qualquer noção do tempo, instantes depois de chegarem ao seu destino, ele é aprisionado em uma masmorra. Perde a consciência e assim passa dias seguidos.

Quando desperta, percebe estar numa cela mal iluminada e fétida, repleta de incomoda umidade e forrada de escombros. Prepara-se para gritar desesperadamente quando uma criatura disforme abre a porta e profere um grunhido, fazendo gestos para que o acompanhe. Apesar de temeroso, sente que sair desse local e prioritário e não opõe qualquer objeção.

Percorrem estreitíssimos corredores, todos parcamente iluminados e param diante de uma sala, cujo portal já se encontra aberto. Segundos depois, Eustáquio é recebido por um Espírito vestido de negro da cabeça aos pés, possuindo um capuz tal qual um monge e carregando no peito um grande crucifixo oxidado.

- Sejas bem-vindo, meu caro amigo! Espero que depois de tanto tempo possamos reatar os nossos laços de união e solidariedade.

Imagina, por instantes, que tudo não passara de um sonho e agora estaria acordando para a realidade.

- Quem és tu, padre?

- Chamo-me Gedião. Gosto de trajar-me como monge para enaltecer o meu passado. Lembra-se de mim, Eustáquio?

- Certamente que não! Acho que estive sonhando até este momento. Gostaria de ser encaminhado ao castelo do rei. Seria possível?

- Lamento decepcioná-lo, meu caro, mas você está morto para o mundo que almeja alcançar. Retornou ao seu lugar de origem e, como todos nós, é uma criatura das trevas, que se arrasta pelos umbrais desgraçados.

Sua última expectativa de acordar de um pesadelo cessa e o general tomba, desmaiando. Recobra-se logo após e diante dele surge a figura de um militar, trajando armadura surrada e cinzenta, bem distante do brilho das vestes do exército franco.

- É um prazer tê-lo de volta, meu amigo! Iniciarei, desde logo, os esclarecimentos que anseia receber. Sempre fomos aliados. Criávamos uma nova ordem espiritual poderosa e imbatível. Nossos companheiros, sob nosso comando, iriam conquistar um espaço jamais atingido em todo globo terrestre, dominando nações, fomentando a guerra e destruindo aqueles que se opusessem as nossas determinações. Tudo corria muito bem e já

havíamos conseguido influenciar grandes governantes na Crosta, até que construímos esta fortaleza para servir-nos de abrigo. Quando estávamos em vias de alcançar os nossos objetivos, alguns seres invasores, donos de uma luz de brilho odioso, invadiram nosso templo, escravizaram nosso povo e levaram nosso grande líder, [5]. Você, Eustáquio!

Estupefato, ele segue atento a narrativa que lhe descortina o passado.

- Estávamos quase sem esperanças de reencontrá-lo e certamente não conseguiríamos fazê-lo, não fossem vibrações que nos enviou de onde estava reencarnado na Terra. Foi um dia glorioso para todos nós. Fomos de imediato ao seu encontro e, para nossa imensa satisfação, terminamos por encontrá-lo numa das batalhas que você enfrentou. Estava massacrando os seus inimigos, sem dó nem piedade, atitude digna de um líder e de um exemplo para nossa causa. Emocionados, jamais o abandonamos desde então e, quando você" desencarnou, fomos recepcioná-lo.

Ainda confuso, Eustáquio argumenta:

- Não me recordo de ter chamado ninguém...

- Não era preciso chamar-nos explicitamente. Nós o encontramos quando você passou a ter os mesmos pensamentos que nos uniam neste plano imaterial. A sua vibração era inconfundível.

- Não consigo compreender...

- Foi muito simples, meu amigo! Quando você estava conosco, no plano espiritual, pensava em conquistar maiores domínios e, para tanto, utilizava qualquer instrumento. Reencarnado, você usou os mesmos métodos e, portanto, em face da sangrenta guerra de conquista que você idealizou e executou pudemos novamente nos unir aos seus pensamentos e acompanhá-lo. Foi Óbvio que uma mudança em seu comportamento, abandonando os seus anteriores princípios poderia nos ter afastado. felizmente isso não ocorreu e, agora, juntos estamos outra vez!

Após longas horas de conversa e de troca de informações, Eustáquio termina aquiescendo a essas explanações e reintegra-se ao seu antigo esti-

---

[5] *Nota do autor material: Processos de resgate como esse sofrido por Eustáquio ocorrem com o apoio de sessões de desobsessão do plano material e são realizados pelos Mensageiros do Alto, os quais invadem regiões do mal para compelir seus ocupantes a um estágio em câmaras de retificação ou a reencarnes compulsórios de acordo com a programação da Superioridade Divina. Ver no livro "Conversando sobre Mediunidade - Retratos de Alvorada Nova", no capitulo II, os itens "Desobsessão e encaminhamento" e "Equipe Científica Externa de Alvorada Nova", para maiores esclarecimentos.*

lo de vida, associando-se, novamente, aos seres inferiores que acompanharam seus passos por tantos anos.

- Lembro-me agora... Tu és o meu fiel aliado, Capitão Tergot?!
- As suas ordens, meu comandante.

No ano de 529, um monge chamado Bento, impulsionado, por boas intenções, criou a Ordem dos Beneditinos. Esse seu trabalho, aos poucos, deteriorou-se, especialmente com o surgimento da ordem dos monastérios, encabeçada por monges que desejavam viver em clausura, deturpando, pois, os princípios básicos da organização criada. Para tanto, foram erguidas abadias, locais utilizados para o isolamento desses monges, repletas de cômodos e cortadas por inúmeros labirintos, de onde os internos só poderiam sair com o auxílio daqueles que conheciam toda a estrutura interna das muralhas. Levando vidas reclusas, sem convívio externo e sem a prática da caridade, os religiosos dessa ordem acabaram gerando a saga das abadias, locais muitas vezes utilizados para práticas desviadas dos ensinamentos cristãos e que serviram de base a atividade de muitos Espíritos obsessores ao longo de séculos.

Trinta e quatro anos após o seu desencarne, Eustáquio e reconhecidamente um líder nas zonas espirituais trevosas. De seu posto, comanda a atividade de muitas equipes de seres inferiores que buscam encontrar, na materialidade, encarnados para obsedar, subjugar e conduzir os passos. A filosofia que impulsiona essas entidades tem por fim estabelecer o maior número possível de adeptos de suas práticas anticristãs, como se pudessem, algum dia, derrogar a mensagem virtuosa, única e verdadeira de Jesus. Vivem na ilusão de que são poderosos e tentam manter, no plano espiritual inferior, a mesma vida que levavam quando encarnados, repleta de desvios de conduta e vícios de toda ordem. São Espíritos doentes, cujo tratamento e a regeneração é a reforma íntima. Somente a reencarnação, após resgate nas zonas trevosas, poderá reconduzi-los a caminhos menos tortuosos.

Nessa esteira, Eustáquio organiza uma assembléia visando a formação de um novo organismo que iria atuar no plano material. Convida todas as lideranças de seu conhecimento para o evento.

Numa imensa arena, cercada por todos os lados de Espíritos errantes, gritando impropérios e incitando brigas de uns contra os outros, adentra o

condutor do conclave, vestido com um manto sacerdotal negro e roto, portando na cabeça imenso capuz, puído nas extremidades. Soturno e determinado, caminha até o centro do anfiteatro. Urros de saudação ecoam por todos os cantos. Subitamente, quando a mão do líder se levanta, inicia-se um mórbido silêncio.

- Meus companheiros! Convoquei-os à minha presença neste dia histórico para dar-lhes os parâmetros de uma nova ordem que pretendo formar. Abandonaremos os tradicionais métodos de influenciação aos encarnados e adotaremos outros, infalíveis e inteligentes, que nos trarão um aumento considerável de adeptos por todo o mundo. Nossa atuação concentrar-se-á na organização religiosa dos monges beneditinos. Muitos desses sacerdotes vivem em constante desvio de conduta, facilitando-nos, portanto, o assédio e a dominação. Estabelecidos os laços de subjugação, conseguiremos trazer outros seres para o nosso antro, através do convencimento e da ardilosa promessa de salvação de suas almas. Deixaremos de lado as guerras de conquista e não necessitaremos investir em batalhas sangrentas para conseguirmos atingir patamares dignos da desgraça da Humanidade.

Os presentes entreolham-se com curiosidade.

- Esta e a nova ordem, meus irmãos! Na aparência da simplicidade, na ausência das armas e sob o manto sacerdotal estará uma organização poderosa, capaz de dominar reis e governantes, influenciar nobres e membros do clero, enfim, deter o poderio econômico e religioso do planeta. Assediar militares, cultivando as guerras, já se tornou cansativo e não tão eficiente. A conquista de novos espaços reclama uma ordem mais eficaz e menos trabalhosa. Onde estiver o fingimento, a perfídia, o orgulho, a riqueza, a traição, a ambição sem limites, lá estaremos erguendo nossas bases. Descobri, agora, uma abadia dos beneditinos, onde poderemos iniciar nossas atividades. Nesse local, alguns de seus integrantes praticam a "magia negra", chamando-nos das zonas trevosas para dar-lhes assistência. Não nos furtaremos a ajudá-los. Estabelecendo fiéis discípulos no plano material, ampliaremos rapidamente a nossa influência por outras abadias e, quem sabe, por outros centros religiosos e políticos.

Ignorantes e pervertidas, as entidades presentes, incapazes de raciocinar sobre o assunto que lhes fala Eustáquio, limitam-se a aplaudi-lo, urrando sem cessar.

Instala-se a balburdia e, subitamente, uma voz se faz escutar na assembléia.

- Calem-se todos e ouçam o que eu tenho a dizer! Não me oponho a criação de uma nova ordem, mas não vejo com simpatia a extinção dos métodos militares de conquista. Sem armas e sem guerras, não haverá sangue suficiente a jorrar da corja dos encarnados que relutarem contra nossos comandos. Exijo que se formem ordens religiosas militares.

O inconformismo parte do capitão Tergot e surpreende Eustáquio.

- Ora, Tergot, não é este o momento de dividirmos as nossas forças. Além do mais, não admito ser questionado em minhas ordens. Entendo não ser esta a ocasiao para discutirmos a sua proposição.

- Não fui consultado previamente a respeito de sua brilhante ideia, meu caro general. Nego-me, portanto, ao silêncio e insisto na minha inicial colocação. Ou continuamos envolvidos com as ordens militares, mesmo que sejam elas também religiosas, ou não poderemos permanecer unidos. Ha interesses do grupo que represento em jogo nesta decisão!

- Assim seja, capitão. Vamos à votação. Que vença o melhor. A maioria absoluta das entidades, seguindo o comando de Eustáquio, aceita suas idéias de renovação e vota a seu favor. Liderada pelo capitão Tergot, a minoria vencida não se dobra ao pleito realizado e retira-se, rompida, da assembléia. Em poucos minutos, desfaz-se uma união secular entre dois Espíritos que formavam uma só organização.

A partir dessa ruptura, o grupo de Eustáquio passa a assediar a Ordem dos Beneditinos, em especial nas abadias onde encontra receptividade as suas nefastas intenções. Os aliados de Tergot influenciam outros encarnados que, futuramente, formarão a Ordem dos Templários na crosta terrestre.

Além da divergência de organizações, o primeiro grupo fixa seu centro de atividades na França e o segundo na Alemanha. Não por acaso, a disputa da Alsacia-Lorena contou com o envolvimento direito de dois

cruéis inimigos do plano espiritual, fomentando divergências e incentivando por anos a fio a beligerância nessa região.[6]

CAPITULO VII O RESGATE

Após a tumultuada assembléia que se realizara, Eustáquio, sentindo-se vitorioso, revive em seu âmago a cruel alegria proporcionada pelo orgulho e pela vaidade, relembrando os seus momentos de glória no plano material. Ao seu lado, seus fiéis seguidores, Gedião e Razuk.

- Mais uma vez esmagamos o inimigo. E incontestável a sua liderança, meu amigo.

- Não diga isso, Gedião! Não considerava um adversário o meu amigo Tergot. Sentirei a sua falta ao meu lado e não nos esqueçamos, jamais, que ele e pérfido e perigoso... Agora, por sermos inimigos declarados, ele tudo fará para nos atacar das formas mais terríveis que encontrar.

---

[6] *Nota do autor material: a questão da disputa da região da Alsacia-Lorena é antiga entre franceses e germânicos. Os conflitos entre a Alemanha e a França relativas* às *provincias fronteiricas conhecidas como Alsácia e Lorena tem a sua origem no século IX. Habitada por povos germânicos, essa região pertencia ao império de Carlos Magno, rei dos francos (768 a 814) e imperador do Ocidente (800 a 814). Após a sua morte, o Império Carolingio foi dividido por seu filho Luis I, o Piedoso, imperador do Ocidente, imperador da Alemanha e rei de França (814 a 840) entre os filhos deste. A Lotário I (795-855), o primogênito, imperador do Ocidente, coube a Itália setentrional e uma faixa de terras que abrangia dos Alpes aos países baixos, compreendendo a Alta e a Baixa Lorena; a Luis II, o Germânico, o segundo filho, rei dos francos orientais (817 a 843) e da Germânia (843 a 876), couberam as regiões a leste do rio Reno e a Carlos II, o Calvo, o caçula, rei de França (840 a 877), as terras do centro e do oeste da França (vide mapa n^{e} 3) - Tratado de Verdun, 843. Com a morte de Lotário I (855, seus irmãos passaram a disputar o sen quinhão. Carlos II, o Calvo, tomou a Lorena de Luis II, o Germãnico, seu irmão, em 858. Luis III, o Saxão, rei da Alemanha (876-882), filho de Luis II, o Germânico, finalmente venceu a disputa e o território em questdo foi incorporado ao seu patrimonio. Tomou a Baviera a seu irmão Carlomano, rei da Baviera e da Itália (828 a 880) e a Lorena ocidental (880) de seu primo Luis III, rei de França (879 a 882), filho de Luis II, o Gago, rei de França (877 a 879) e neto de Carlos II, o Calvo (vide mapa n^{e} 8). Assim permaneceram tedescas essas plagas ate o século XVII, quando Luis XIV, rei de França, tomou-as do Império Alemão devido a derrota Alemã na Guerra dos Trinta Anos e a imposição, pelos vitoriosos, do Tratado de Westfália (vide mapa n^{e} 11). Ao término da Guerra Franco-Prussiana em 1871, o vitorioso Otto von Bismarh, chanceler da Prussia e artifice da unificação Alemã, recupera de Luis Napoledo, segundo imperador francês e sobrinho do famoso general corso, as terras da Alsácia e da Lorena, através do Tratado de Frankfurt (vide mapa n^{e} 13). A situação permanece estável ate 1919, quando, ao final da Primeira Grande Guerra Mundial, a Entente vitoriosa, composta dos Estados-Unidos, Grã-Bretanha e França, por uma das cláusulas do Tratado de Versailles, arrebatam-nas novamente do Império Alemão (vide mapa n^{e} 14). Em 1940, durante a Segunda Grande Guerra Mundial, a derrotada República Francesa e o Terceiro Reich assinam, na mesma floresta de Compiegne, onde vinte e dois anos antes havia sido firmado o armistício que resultou posteriormente no referido Tratado de Versailles, a rendição daquela que, entre outras, devolvia os domínios disputados a nação germânica. Esse status manteve-se até o ano de 1944, quando americanos e ingleses, após desembarque maciço de tropas nas costas da Normandia, arrebatam as mencionadas provincias (Alsácia-Lorena) para a França, situação que permanece até os dias de hoje.*

- Particularmente, Eustáquio, eu acredito nos métodos militaristas expostos pelo capitão...

- Cale-se, estúpida criatura! Como se atreve a contestar o nosso líder?

O ríspido diálogo entre Razuk e Gedião logo é interrompido por Eustáquio.

- Gedião, não fale assim com seu companheiro. Razuk tem o direito de expor sua opinião a respeito dos acontecimentos que nos colheram de surpresa. Lembremos que a nossa união jamais deve ser afetada.

Buscando contemporizar, Razuk arremata a conversa:

- Certamente, general, continuarei ao seu lado, em que pese a minha simpatia a idéia de Tergot.

Os Espíritos que habitam as regiões umbralinas, por serem ignorantes, levianos e desviados da prática cristã tendem a imitar a vida que levavam quando estavam encarnados, desde as habitações até o seu modo de pensar. Arrastam-se anos a fio pela escuridão do ambiente em que vivem, mas também enfrentam o breu no campo das idéias. Permanecem jungidos ao atraso e somente encontram algum alento quando são resgatados por Entidades Superiores, provenientes das colônias espirituais que volteiam o planeta, para serem encaminhados a um estágio regenerativo ou a uma reencarnação compulsória.

Em determinado momento, Eustáquio começa a folhear um imenso livro de capa preta, exibindo-o aos seus companheiros.

-Aqui estão, meus amigos, os nossos registros! Este livro assinala todas as nossas atividades nos últimos tempos. Vocês poderão acompanhar a nossa trajetória gloriosa e todas as nossas conquistas. Temos, ainda, uma relação de todos os encarnados que conosco colaboram na crosta terrestre.

Ambos concordam, exultantes.

- Permita-me uma indagação, general. Por que existem folhas soltas e que possuem a borda queimada?

- Trata-se de um dilema secular que temos enfrentado. Quando alguns daqueles "invasores de luz" adentraram o nosso castelo da última vez, levaram consigo varias folhas deste livro e conseguiram destacá-las com a força de suas armas. Não pudemos opor qualquer resistência e, com isso, perdemos importantes registros de nossas atividades e, sobretu-

do, alguns arquivos de colaboradores nossos[7]. Agora, como pode ver, há muitas folhas soltas e com as bordas queimadas por aquela luz...

- Existe alguma forma de impedirmos tais "invasões"?

- Não há nada que possamos fazer, Razuk! Já tentamos todas as possibilidades e somos presas fáceis à essas equipes. Não sabemos de onde elas vem e para onde seguem, levando consigo companheiros nossos. [8]

Razuk resolve nada mais perguntar para não aumentar a ira de seu chefe e Gedião solidariza-se com Eustáquio ante sua impotência para rechaçar esses ataques.

- Não tratemos mais deste aborrecido assunto! Vamos analisar os mapas que vocês trouxeram.

Estudam o mapa da Europa, em especial o da França, para bem conhecer o território onde pretendiam atuar. Eustáquio lembra-se bem dessa região, pois promoveu inúmeras guerras de conquista quando era o general dos francos.

Após muitas horas de reunião, os companheiros despedem-se e somente Eustáquio permanece na sala, meditando. Recorda-se, por alguns instantes, de sua feliz infância ao lado de seus pais Claudine e Filipe. Começam a surgir-lhe indagações a mente. Em algum lugar do universo, existiria *a felicidade plena*, como sua mãe afirmava? Estaria correto o seu caminho, permanecendo na liderança de um grupo de degenerados ignóbeis e leigos? O que lhe teria acontecido se tivesse recusado aquela proposta do capitão Tergot de reintegrar-se ao bando? Por que as equipes de resgate de criaturas tem tanto brilho e tanta força? Nesse processo de autocrítica e de íntima reflexão, adormece, entorpecido. Mantém-se ligado, no entanto, a imagem de sua bondosa mãe e recorda-se dos seus últimos instantes a beira do leito de morte de Claudine. Produz as primeiras boas

---

[7] *Nota do autor matérial: quando um Espírito do mal é resgatado pelo Alto (ver nota de rodape n^e 5), seus vinculos com o mundo das trevas e cortado para que tenha um seguimento normal em sua vida sem o assédio de entidades ignorantes. Por tal razão, ao ser levado para Alvorada Nova - ou um de seus Postos de Socorro - junto com ele vão esses arquivos dos quais Eustáquio fala com orgulho.*

[8] *Nota do autor matérial: Eustáquio e seus aliados, por serem muito ignorantes nessa ocasião, não sabiam quem eram os tais "invasores" e nem para onde eles iam. Outros Espíritos que habitam o Umbral, contudo, por serem muito inteligentes - e alguns esclarecidos -, sabem quem são os membros dessas equipes e conhecem suas cidades espirituais. Tanto assim que os integrantes da equipe de resgate tem equipamento para a sua proteção e Colônias e Postos já sofreram ataques de entidades inferiores em zonas umbralinas.*

vibrações em seu coração ao longo de anos no ostracismo do ódio e do rancor.

Longe dali, em avançado centro de comunicação da colônia espiritual Alvorada Nova, localizado no Posto de Socorro n$^{o.}$ 5, uma equipe plantonista recebe um alerta.[9]

- Irmão Vinícius, o meu painel esta acusando o código 500-EAR. Devemos enviar um grupo de resgate imediatamente.

Em poucos minutos, partem para o castelo de Eustáquio vários mensageiros do Posto de Socorro, prontos a recolher o filho pródigo.[10]

Enquanto isso, Amâncio - assessor direto da Coordenadoria Geral na cidade espiritual - informa-se dessa missão, determinando que o *Arquivo Geral*[11] inicie o seu trabalho de verificação.

Flechas magnéticas de alto brilho, multicoloridas, invadem as zonas escurecidas. As entidades inferiores escondem-se, assustadas.

A luz poderosa da equipe de resgate do Posto de Socorro invade a sala de reuniões, onde Eustáquio está adormecido. Soa o alarme em todo o castelo com a aproximação da intensa luminosidade do grupo de busca. Gedião e Razuk, temerosos, dirigem-se ao seu líder. Impossibilitados de ingressar no recinto, cegos pela intensidade da luz, são obrigados a aguardar a sequência dos acontecimentos.

Subitamente, uma voz suave quebra o silêncio que acabara de instalar-se.

- Eustáquio, meu filho! Sou eu, Claudine[12]. Atendi ao seu chamado e aqui estou para levá-lo comigo.

Inebriado pelas exortações de amor que lhe penetram o ser, Eustáquio fragiliza-se e torna-se receptivo ao resgate que se encaminha.

---

[9] *Nota do autor matérial: ver no livro "Alvorada Nova" o capítulo "A descrição de nossa árvore -I - Casa de Repouso", atualmente também conhecida com o nome de "Hospital de Scheilla".*

[10] *Nota do autor material: toda vez que um Espírito, acompanhado por determinada colônia, sensibiliza-se em sua peregrinação pelas zonas trevosas - tal como ocorreu com Andre Luiz, após muitos anos no Umbral - Equipes Superiores recebem autorizacdo para resgatá-lo. Esse foi o processo com Eustáquio e usado, naquela ocasião, em Alvorada Nova. O codigo recebido - "500-EAR" - significa: 500 (ano do desencarne) + EAR (Eustáquio Alexandre Rouanet).*

[11] *Nota do autor matérial: ver no livro "Alvorada Nova" o capítulo "A descrição de nossa árvore - II - O Predio Central".*

[12] *Nota do autor material: Claudine, em Alvorada Nova (na Espiritualidade), tem o nome de Nívea.*

- Filho, a hora da regeneração aproxima-se quando há preparo do espírito para recebê-la. O amor triunfa sempre que o livre-arbítrio o incentiva a fazê-lo. A desesperança cede terreno a palavra do Senhor. É chegado o seu momento e, por isso, vim para buscá-lo. Vamos orar a Jesus, rogando-lhe complacência com o seu estado de miserabilidade espiritual.

Os irreplicáveis argumentos de Claudine acalentam o espírito de Eustáquio, que, apesar da fidelidade aos amigos, concorda em partir para uma nova vida, seja ela onde for.

Um dos componentes da equipe de resgate injeta-lhe uma dose de medicamento para evitar um choque magnético entre aquele ambiente que o envolveu durante muitos anos e o purificado cenário que iria encontrar no Posto de Socorro. Ele adormece, desta vez profundamente.

Inconformados e inertes, Razuk e Gedião lançam-se contra aquele redemoinho de luz sem nem mesmo saber o que lhes poderia acontecer, tamanho era o seu desespero pela captura do líder.

Em alguns minutos, são também recolhidos e partem com Eustáquio para o Posto onde irão recomeçar suas vidas e reencontrar a paz e o sossego de seus sofridos espíritos.

CAPITULO VIII - ALVORADA NOVA

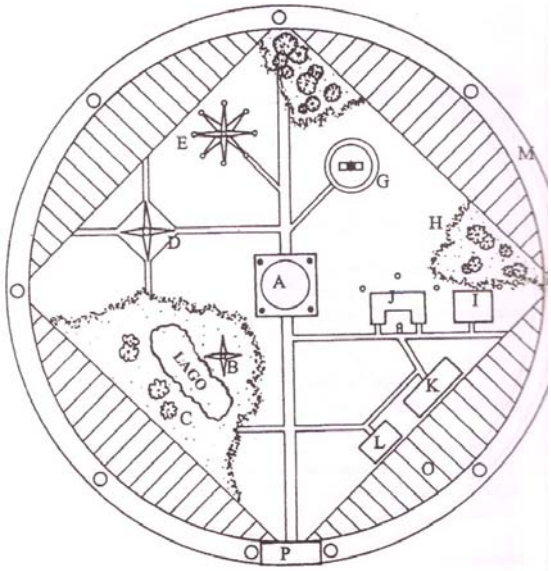
Um painel luminoso acende-se na entrada principal da *Unidade Avançada Hospitalar*, demonstrando a chegada de novos pacientes. As enfermeiras apressam-se em providenciar todos os detalhes faltantes para receber com muito amor mais alguns companheiros de vidas passadas que retornam a sua Casa, adormecidos por sono reparador provocado pelo resgate que acabam de vivenciar. O ambiente espelha paz e tranquilidade e há uma luz prateada com tons azulados por todos os cômodos. Pouco depois, macas se aproximam dentro de um veículo que estaciona a porta da Unidade.

- Enfermeira Rosana, para onde devemos encaminhar os irmãos que acabam de chegar?

- De acordo com a orientação das fichas que acabo de receber neste momento, provenientes do *Arquivo Geral e* da *Assessoria*, Eustáquio deve seguir para o *Pavilhão "S"* e seus dois amigos, Razuk e Gedião, para

o *Pavilhão "T"*, todos do *Prédio III*. As equipes desses locais irão recepcioná-los.

A digitalizadora atreve-se a incluir aqui o mapa da Colônia – Alvorada Nova.



DESENHO Nº 2: VISÃO GERAL DE ALVORADA NOVA

Minutos depois, ingressam na *Unidade de Retificação* do *Prédio III*, os três pacientes adormecidos. Ali deverão passar boa parte de seu futuro, refletindo sobre seus atos da vida passada, bem como a respeito de seus erros e desvios, sem que recebam, por ora, qualquer tipo de orientação. Farão um completo retrospecto dos seus últimos 500 anos de existência, enquanto permanecem em câmaras de sono profundo.

Cinco anos decorrem. Em uma manhã ensolarada, Dr.Euclides - médico responsável pelo setor de *Câmaras de Sono Profundo* da *Unidade de Retificação* - solicita audiência com o dirigente da colônia. Imediatamen-

te, e recebido por Agamenon Duarte, a época Coordenador Geral de Alvorada Nova.

- Entre, meu jovem! Tenho acompanhado a sua imensa dedicação com os nossos pacientes Eustáquio, Razuk e Gedião. Até poderia imaginar uma ligação forte proveniente de outras épocas entre vocês, não conhecesse eu, com muita satisfação, a sua pessoal dedicação por cada um de seus doentes. Diga o que deseja e verei o que posso fazer.

- Meu bom Agamenon! Fico sempre feliz em poder auxiliar um irmão enfermo. Entretanto, noto que, salvo melhor juízo de nossos Dirigentes Maiores, já é hora de retirarmos nossos amigos das câmaras de sono profundo passando-os para as câmaras de retificação do primeiro estágio.

- Faremos uma consulta a *Unidade da Divina Elevação*[13] e aguardaremos a resposta. Por mim, você tem autorização para proceder como achar melhor ao caso concreto.

- Perdoe-me certa ansiedade, mas creio ser o momento ideal para despertarmos esses pacientes. Sinto uma considerável recuperação após esses anos de sono profundo.

No mesmo dia, Agamenon faz a consulta pleiteada e recebe autorização para dar prosseguimento ao tratamento de Eustáquio e seus dois companheiros, da forma requerida pelo médico.

Transmitida a mensagem ao Dr. Euclides, de pronto e ativado o processo de retirada dos três pacientes de suas câmaras de sono profundo, passando-os para câmaras de retificação de primeiro estágio, onde devem estagiar mais algum tempo. Nessas câmaras cessa o processo de recordação de seus erros e desvios e eles passam a relembrar as mensagens positivas que receberam ao longo de suas últimas existências materiais. Trata-se de um período onde somente orientações positivas e Cristãs invadelhes o âmago. Decorridos três anos nesse processo, os amigos são conduzidos a presença de Euclides.

- Espero, sinceramente, meus caros, que todo esse auxílio que pudemos passar-lhes tenha servido para sintonizá-los com o ambiente elevado

[13] *Nota do autor matérial: ver no livro "Alvorada Nova" o capítulo "A descrição de nossa arvore - V - Unidade da Divina Elevação".*

deste posto, totalmente diverso daquele que vivenciavam em zonas umbralinas.

- Sinto que estamos em um hospital. Encontramo-nos doentes?

- De certa forma sim, Gedião. Vocês estão perturbados ainda, em razão de tantos desatinos cometidos ao longo de uma existência passada voltada ao desregramento e ao crime. Estiveram em tratamento, embora ainda necessitem de cuidados. Vamos encaminhá-los para a *Casa de Repouso.* Que Jesus os ilumine!

Partem todos para o *Hospital de Alvorada Nova,* deixando o *Posto de Socorro* no. 5. No interior do veículo que os transporta, acompanhados por enfermeiros, o silêncio é total. Apesar de tantos anos isolados, nenhum dos três atreve-se a iniciar uma conversa, tamanha é a confusão mental de todos.

Ingressam na *Unidade de Recepção* e são imediatamente encaminhados ao *Centro de Triagem.* Seguem, depois, aos seus quartos. Durante vários dias, recebem a visita de médicos e enfermeiros que buscam proporcionar a melhor desimantação possível dos fluídos negativos que ainda os acompanham. Apesar de todos os esforços realizados pela equipe médica, somente a verdadeira reforma intima será capaz de impulsioná-los a uma melhora efetiva.

Lúcido e consciente, Eustáquio é levado à presença de Agamenon.

- Meu caro Eustáquio ! Paz em Jesus. Sentimo-nos felizes em recebê-lo de volta a nossa cidade espiritual. Estamos acompanhando o seu progresso, em especial pela interferência de sua mãe Claudine - a nossa querida Nívea. A esta altura, você já sabe que a sua última vivência na Crosta trouxe-lhe profundos débitos, que precisam ser reparados. Você acredita, meu filho, estar preparado a um novo estágio no plano material?

- Confesso-lhe, senhor, que não me encontro em condições de responder-lhe, com segurança, a questão que me é colocada. Apesar desses anos de reflexão *compulsória* a que fui submetido, não acredito ter-me tornado capaz de tomar uma decisão como essa. Não me sinto apto a fazer nada. Gostaria de encontrar-me com minha mãe, se for possível. Talvez, ela possa ajudar-me...

-No tempo certo, providenciaremos esse encontro. Agora, precisamos saber se, por livre-arbítrio seu, você esta preparado a reconhecer os seus

graves erros do passado e entender que o melhor caminho para resgatá-los e o imediato retorno a Crosta.

- E se eu aceitar, em que condições voltarei?

- Enfrentara uma vida simples, com alguma privação material para que possa redimir-se de tantos desvios praticados na sua anterior opulência.

- Como? Então eu haverei de retornar pobre e miserável?

- Não há motivo para tanto asco, meu filho! A pobreza material muitas vezes significa a chave para a riqueza do espírito. Lembre-se que a maioria de seus erros provêm da sua privilegiada casta social, quando esteve reencarnado em França. Se você voltasse na mesma condição, a trajetória estaria prematuramente perdida. O seu programa indica que uma alteração no local de seu nascimento e na sua situação financeira será providencial.

- Não posso concordar, lamento! Creio que ainda não estou preparado a aceitar as suas condições. Eu tenho alguma outra opção?

- Por ora, não! No futuro, quem sabe...

- E se eu me recusar a aceitar a sua sugestão?

- Lamentaríamos muito o seu posicionamento. Entretanto, antes que decida, vou atender ao seu reclame. Poderá ver a sua mãe.

Entra na sala a doce Nívea, toda vestida de branco, com um belo laço azul nos cabelos e tendo nas mãos um quadro com a sua própria imagem segurando nos braços o pequeno Eustáquio, simbolizando o melhor período que vivenciaram juntos.

- Filho, aqui estou novamente a falar-lhe! Não tenho outro objetivo imediato senão ajudá-lo. E a força de nosso amor que deverá sempre prevalecer. Não coloque em risco a sua felicidade futura e aceite o convite que lhe é formulado por Agamenon. Se com naturalidade você aceitar essa oportunidade de renascimento, eu estarei ao seu lado para auxiliá-lo sempre que precisar.

- Mas, minha mãe, como poderei suportar a pobreza? Jamais conseguiria viver um só dia na miséria.

- Eustáquio, lembre-se que as posses materiais de um encarnado nada significam neste mundo que agora lhe serve de morada. Não percebeu ainda, meu filho, que neste plano da verdadeira vida prescindimos de ouro

e joias, títulos e propriedades? Não somos gananciosos, nem arrogantes, porque somos absolutamente iguais dentro das Leis Divinas e do amor cristão. Inexiste entre nós qualquer forma de ambição, a não ser aquela que nos impulsiona a valorização do caráter e dos postulados morais. Almejamos progredir espiritualmente e sabemos que a passagem pela crosta terrestre e efêmera e transitória. Para que riqueza material, Eustáquio, se ela sempre representou-lhe desgraça e sofrimento? Confie em mim! Aceite essa proposta.

- Como posso negar-lhe algo, mamãe? Apenas não compreendo porque devo retornar...

- A idéia de seu retorno ao plano material não é nossa, meu filho! Faz parte das Leis de Deus e consagra a universal lei de *ação e reação*. Você deve retornar a fim de reparar tantos erros que anteriormente cometeu.

- Não posso ficar um pouco mais? Quem sabe, então, se eu fosse para a França outra vez?

- Realmente, você necessita voltar a Dijon e aquela região, mas não agora. Fortaleça-se primeiro e depois terá a oportunidade de reparar suas dívidas nesse local. Você deve aprender a viver de modo simples e humilde bem longe do lugar onde desfrutou de toda a glória permitida a um ser humano. Conto com seu progresso!

- Mas, querida Claudine, como irei resistir a qualquer tentação longe de seus sábios conselhos?

- Seguindo as orientações de sua mãe. Por tal razão, estarei de volta a carne para acompanhá-lo de perto. Novamente renasceremos mãe e filho e, juntos, haveremos de progredir. Você me acompanha?

- Sim, eu irei. Gostaria, se possível, de saber qual o destino de meus amigos Razuk e Gedião...

- Por ora, Eustáquio, preocupe-se com a sua trajetória. Eles estarão bem e terão a mesma oportunidade de retorno que você.

Um abraço emocionado aproxima Nívea de Eustáquio, enquanto Agamenon fornece as últimas orientações.

- Lembre-se, Eustáquio, que sua mãe somente está voltando a Crosta para apoiá-lo em sua Jornada, pois ela não necessitaria mais retornar a materialidade. Espero que você reconheça esse gesto nobre, deixando-se levar pelos prudentes conselhos de sua futura genitora Giovanna, na dis-

tante Cosenza do sul da Itália. Ela partirá imediatamente e você aguardará o momento propício. Deus os ilumine. Assim seja.

CAPITULO IX - O REINÍCIO EM COSENZA

Uma esquálida vegetação entreza-se com uma minúscula estrada de terra que volteia a miserável região da periferia de Cosenza, na Itália do início do século VII[14]. Ao lado dessa vereda da desesperança erguem-se choupanas humildes, onde famílias numerosas dividem a entrita (*s.f.: papas feitas de migas de pão; entrida.F.lat.*Intrita.)que lhes aplaca a fome e a angústia da pobreza.

Dos escombros de um celeiro, surge a figura escrófula de um jovem carregando nas mãos um pequeno monte de palha para dar início a fogueira que pretende afugentar o frio intenso das noites gélidas do inverno europeu. O mirrado Carlo da Vila di Rondi, quase arqueando em suas magérrimas pernas, entra em casa espelhando contentamento no rosto pela missão cumprida.

- Já de volta, meu filho? Está muito frio hoje? Não consegui, ainda, levantar desta cama...

- Acalme-se, mamãe! A vida neste inferno não mudou desde ontem. Portanto, a senhora não perdeu nada.

- Não fale assim, Carlo! Deus castiga!

- Deus? Que Deus é esse que nos coloca neste estado de miserabilidade? Ora, minha mãe, não me fale mais de religião que só serve para encher o bucho daquele padre madrileno. Já não bastasse a desgraça da Itália e eles ainda importaram um sacerdote de fora...

- Chega! Não quero ouvir nenhuma outra palavra sua por hoje! Estou decepcionada! Faço tudo o que posso para ajudar no seu aprimoramento e nenhum gesto de gratidão recebo de volta.

Eustáquio havia reencarnado em Cosenza no ano de 600, num pequeno vilarejo rural, praticamente abandonado e esquecido no tempo. Sua mãe, Giovanna, ainda é jovem, mas esta doente ante a debilidade física, fruto de parca alimentação. Foi abandonada pelo esposo logo após o nas-

[14] *Nota do autor material: na época, Ducado de Benevento*

cimento do pequeno Carlo. Luta com imensa dificuldade para, sozinha, cuidar do sustento e da sobrevivência de ambos.

Carlo torna-se um adolescente rebelde e magano, extremamente revoltado com sua situação social. Debalde sua mãe procura bem orientá-lo, fornecendo-lhe um exemplo de resignação e fé. Todos os dias ele jura para si mesmo que irá progredir a qualquer custo, deixando para trás toda aquela desgraceira.

Em pouco tempo, o rapaz torna-se conhecido na sua região por ser um contumaz gatuno. A mãe, a essa altura da vida, atinge o ápice do seu suplício.

- Ó, meu Deus, sei que não é a toa que falo com Carlo todas as manhãs, mas ele parece surdo aos meus reclamos. Sinto-me desesperada. Que mais posso fazer?

Sem qualquer perspectiva de progresso honesto, Carlo casa-se com Ana, uma camponesa pobre como ele, porém mais rude e bastante agressiva. Dona de uma beleza sedutora, facilmente conquistou o coração do marido e passou a atormentá-lo sem cessar, exigindo melhoria em sua vida a qualquer preço.

Adúltera desde o inicio do matrimônio, Ana recebe com extrema amabilidade os viajantes que passam por suas terras esquecidas num dos cantos da Itália sulista. Em uma dessas ocasiões, surge-lhe a frente Filipo, um rapaz alto e forte, dorso nu e bronzeado, olhos claros e penetrantes que sensibilizam o fundo de sua alma. A paixão os une abruptamente e o viajante instala-se na cabana de Carlo, que, farto da mulher, finge não perceber o seu mais recente relacionamento extraconjugal.

Aos poucos, porém, Filipo conquista a amizade de seu anfitrião e passa a servi-lo em suas negociatas desonestas pelo interior da província. A mulher, exultante, continua fomentando a ira do esposo, exigindo-lhe enriquecimento rápido, ao mesmo tempo em que se sacia sexualmente com o amante.

Suas jogadas de larápio levam-no a dever vultosa quantia a um poderoso fazendeiro da região - Don Antonio do Monte Nebrini.

Nada conseguindo com a produção de sua tacanha lavoura, Carlo é obrigado a trabalhar para o seu credor, sob pena de sofrer drásticas consequências. Enredado nas malhas de sua própria perfídia, ele praticamente é

escravizado pelo sagaz fidalgo calabrês. Cega e imobilizada no leito, Giovanna continua isolada e abandonada, definhando dia Após dia. Uma vez ou outra, recebe, feliz, a visita de seu filho único e jamais esquece de dar-lhe bons conselhos.

Pressionado pelo patrão e pela infiel esposa, inconformado com sua miséria e sentindo o desencarne de sua genitora, Carlo entrega-se ao vício da bebida e passa seus dias alcoolizado, caindo pelos barrancos enlamaçados da vila. Calaceiro por natureza, nada parece servir-lhe de incentivo ao trabalho.

Em determinada ocasião, embriagado, ouve proposta arguta de Filipo, solicitando-lhe os préstimos para ganhar muito dinheiro sem qualquer esforço. Ainda que confuso pelo alto teor alcoólico que gira em suas veias, desperta para o conchavo. O plano envolve a eliminação de Don Antonio, mediante o pagamento de polpuda recompensa. Sem pestanejar, mormente porque odeia o patrão, Carlo aquiesce e propõe-se a cuidar do assunto.

Os planos são traçados em algumas horas e tudo deveria ser executado dentro de dois dias. Exultante, volta para casa intencionando deslumbrar a ambiciosa mulher com seu mais recente negócio, mas sequer a encontra na cabana.

Do outro lado da vila, Ana conversa com Filipo.

- Por que você envolveu Carlo em nosso plano? Teremos que dividir com ele o que conseguirmos tomar do velho rico?

- Não, jamais! Ele nos será útil apenas como instrumento para o nosso roubo. Enquanto estiverem acusando Carlo de ter eliminado Don Antonio, nós estaremos em Roma para desfrutarmos de todo ouro que pudermos levar.

- E como isso acontecerá?

- Carlo ficou encarregado de cuidar de Don Antonio, enquanto nos subtraímos o que encontrarmos. Entretanto, quando o patético do seu marido assassinar o velho, ao invés de protegê-lo, nós o denunciaremos as autoridades. Ficaremos com a riqueza e, ao mesmo tempo, estaremos livres de um peso em nossas vidas.

- Ele não ira desconfiar?

- Ora, Carlo é ganancioso o suficiente para não questionar o plano que lhe propus. Não se preocupe, pois em dois dias estaremos ricos!

Anteriormente a concretização do ajuste, os mercenários de Don Antonio descobrem o que Filipo havia idealizado e o conduzem a presença do fidalgo. Traidor e covarde, antes mesmo de ser pressionado a contar o que sabia, ele narra todo o plano, naturalmente responsabilizando na íntegra Carlo.

Expulso da propriedade de Don Antonio, Filipo é obrigado a desaparecer de Rondi, levando consigo Ana, a fim de escapar da fúria do comerciante. Ao invés de dar igual destino ao seu empregado, chama-o a sua casa e revela-se inconformado com suas atitudes aviltantes.

Ignorando o real intento de Don Antonio, Carlo prontifica-se a reparar o seu erro e coloca-se à disposição do patrão para o que for necessário. Contando justamente com essa postura, o fidalgo faz uma proposta nefasta de pagar-lhe elevada quantia em dinheiro para que Carlo elimine sua esposa. Sem saída, ele concorda e promete retornar mais tarde, durante a noite, para cumprir o acordo.

No mesmo dia, após o jantar, o mercenário volta a morada do patrão e, invadindo o quarto de sua vítima, mancha suas mãos vis de sangue, selando a sua sorte e descolmando suas chances de progresso moral. Quando prepara-se para a fuga, vê-se abordado por Don Antonio e seus capangas.

- Então, pobre lacaio, pensa que vai conseguir fugir após assassinar cruelmente minha idolatrada esposa? Prendam esse homem!

Sente-se frontalmente atraiçoado pelo mandante de seu crime e não consegue pensar senão em fugir dali, pois se for detido será morto sem qualquer piedade. Acelera o passo e, desviando-se dos serviçais de Don Antonio, adentra o matagal na noite escura, impossibilitando qualquer tentativa de perseguição. Sentindo-se um autêntico descerebrado, jura a si mesmo jamais retornar a Cosenza até o final de sua existência. O uivo solitário dos cães selvagens que habitam o Monte Nebrini são os únicos que se atrevem a acompanhá-lo em sua desesperada fuga até perdê-lo totalmente de vista.

CAPITULO X - A FUGA

Atraiçoado pela esposa infiel e pelo amigo mais próximo, vítima da aleivosia de seu patrão e agente de bárbaro crime, Carlo empreende fuga sem destino pelo sul da Itália.

Rancoroso e vingativo, odiando a humilhante perseguição a qual foi exposto e desejoso de construir uma nova vida longe do local de suas desgraças, ele encontra paradeiro numa estalagem modesta e instala-se para passar a noite.

Falseando a sua real identidade, Carlo busca passar despercebido pela hospedaria, embora os viajantes já tenham notado o seu nervosismo aparente e a sua ansiedade invulgar. Atendido por Mirtes, e levado aos seus aposentos, Após fartar-se em uma refeição preparada em poucos minutos.

Algumas horas haviam passado quando alguém bate a porta de seu quarto.

- Que deseja, moça?
- Gostaria de conversar... É possível?
- O que você quer?
- Já fomos apresentados. Sou Mirtes, a filha do taberneiro e não desejo incomodá-lo muito. Por isso, vou direto ao assunto. Sei que você é fugitivo de Cosenza. Há poucos minutos, mercenários estiveram aqui a sua procura.
- A senhorita deve estar enganada...
- Não, tenho certeza do que estou falando. Poderia entregá-lo imediatamente aos capangas de Don Antonio, mas talvez possamos entrar num acordo.

Sem possibilidade de negar a obviedade da revelação, Carlo prontifica-se a negociar.

- Qual a sua proposta?
- Quero dinheiro... muito dinheiro! Podemos conversar?

A ambição da jovem cega o seu discernimento e coloca-a, exposta e indefesa, frente ao assassino mais procurado da região.

Carlo, por sua vez, sabe que não pode arcar com uma chantagem, pois nada recebera pelo serviço sujo que havia praticado. Irado e dominado pela cólera, agarra violentamente a moça, colocando ambas as mãos em

torno de seu pescoço, sem possibilitar-lhe a emissão de um só gemido. Em poucos segundos, ante a fúria do agressor, cai inerte a viperina Mirtes. Antes que descobrissem outro de seus crimes, ele parte em fuga novamente, desaparecendo com o corpo da jovem.

Rumando para Bari, Carlo reinicia os seus pequenos furtos, subtraindo pertences de pessoas desatentas que circulam pelas feiras locais. Acostumado a essa desregrada vida, certa vez, depara-se com um larápio surripiando a bolsa de moedas de um comerciante. Perseguido por uma pequena multidão, o gatuno esconde-se num beco. Dirigindo-se para lá, apresenta-se ao rapaz, intencionando com ele dividir o produto do roubo.

- Posso auxiliar a sua fuga, pois estou vendo que e novo por aqui. Em troca, naturalmente, exijo saber o seu nome e receber parte do produto de seu arrojado furto.

- Chamo-me Pirnílio e não sou ladrão como afirma. Apenas estava cobrando uma dívida em atraso... Por isso, não vou dividir nada consigo.

- Posso entregá-lo a qualquer momento e acredito que a sua vítima não pensa como você. Vamos negociar ou não?

- Não tenho outra opção... Como é o seu nome, sócio?

- Carlo, da Vila di Rondi, em Cosenza.

Saqueando lojas, furtando em feiras, promovendo desordens em tabernas e vivendo na marginalidade, os dois amigos travam íntimo contato e, em pouco tempo, fortalecem-se os laços de amizade. Ciente de toda a trajetória de fuga empreendida por Carlo, Pirnílio sugere um retorno a Cosenza para vingar-se daqueles que buscaram destruí-lo. Incentivado pelo comparsa, resolvem ambos regressar a Vila di Rondi.

No percurso de volta, Carlo não poupa esforços para evidenciar ao amigo a sorte de tê-lo encontrado. Sente que já o conhece há muito tempo.

Ao longo da viagem, são abordados por assaltantes mascarados. - Passem-nos todos os seus pertences. Sem reação... Estou avisando! Um dos ladrões logo é identificado por Carlo.

- Um cigano que se preza não é covarde. Está disposto a lutar para conseguir o que quer?

Provocado, o líder do grupo responde:

- Sem dúvida! Não fujo a um confronto.

Ambos com punhais, cercados pela turma de mercenários e sob o atento olhar de Pirnílio, atracam-se furiosamente.

- Lutas bem para um andarilho vagabundo.

- O mesmo posso dizer de um ladrão vulgar que peleja como uma dama e bravateia como um fidalgo.

A contenda prossegue equilibrada, até que, exaustos, ambos caem inertes um para cada lado.

- Chega - grita o cigano. Estou satisfeito! Você merece ficar com teus bens, pois é valente e destemido. Amigos?

A mão estendida logo é aceita por Carlo e ambos trocam cumprimentos.

- Apresento-me! Sou Neil, chefe deste bando de estólidos. Ha tempos procuro alguém com a sua coragem. Poderíamos nos associar e formaríamos um grupo intrépido.

- Carlo da Vila di Rondi ao seu dispor. Esse e o meu amigo Pirnílio.

- Sejam bem-vindos! Esta noite ambos são meus convidados para o banquete dos ciganos. Vamos ao acampamento.

Um histórico reencontro marca a celebração da noite. Eustáquio associa-se outra vez a Razuk - o cigano Neil - e Gedião - o larápio Pirnílio. Os três animadamente conversam como se fossem velhos conhecidos e contam suas façanhas pessoais na trilha dos delitos que praticaram desde a infância.

*****

Partem juntos para Cosenza. A cidade havia crescido e tornara-se centro de comércio da região. Dois forasteiros acompanhados de um grupo de ciganos logo são percebidos em todos os locais por onde passam. Buscando reencontrar a esposa Ana, Carlo avizinha-se de Rondi. Antes mesmo que pudessem aproximar-se do vilarejo, são abordados por Don António e seus mercenários.

- Seja bem-vindo, Carlo! O bom filho sempre volta ao lar.

- Don Antonio?! Como o senhor me encontrou?

- Engano seu, meu caro! Você retornou, sozinho, para cá. Eu apenas estava aguardando o momento em que isso iria acontecer. Seres broncos da sua laia sempre cometem erros graves e o seu foi retornar para esta vila. Daqui, tenha certeza, não sairá jamais!

Aos gritos, Carlo e seus amigos são levados as masmorras da cidade, onde são encarcerados separadamente. Sem julgamento, Don Antonio determina que o prisioneiro termine seus dias na pior cela que pudesse ser encontrada. Ele jamais torna a ver a luz do dia e passa o tempo envolto em reflexões a respeito do seu passado e da desesperança que cerca o seu futuro.

Nunca mais revê seus amigos. Continua mantendo em seu coração um desejo surdo de vingança e um ódio latente que lhe consome as forças. Uma lepra oportunista domina-lhe o corpo físico, tornando-o uma figura burlesca e digna de pena. Definhando a cada dia, Carlo jamais consegue entender, de fato, que esta colhendo os frutos da arvore maligna que plantou com suas próprias mãos.

Desencarna em 635, cercado de sofrimentos atrozes e de um inconformismo sem igual. Acompanha, irresignado, a decomposição de seu corpo físico, jogado numa vala comum de indigentes. Enquanto enzimas microbianas saciam-se com os restos de Carlo, Eustáquio derruba lágrimas amargas e desesperadas.

Desprende-se com dificuldade de sua putrefata carne e arrasta-se pela crosta terrestre como um zumbi, até que e encontrado por entidades inferiores que se aproximam.

- Vejam, e aquele miserável general!

- É verdade! Acho que podemos abordá-lo, levando-o conosco aprisionado.

Criaturas monstruosas cercam Eustáquio e ele passa a agonizar ante tantas e terríveis vibrações que lhe são dirigidas. O seu sofrimento dura dias seguidos e ele perde a consciência de seus atos, permanecendo em poder das entidades inferiores.

Desligado da realidade por longo período, acaba recolhido por uma equipe de resgate de Alvorada Nova.

Após estágio compulsório em câmaras de retificação e submetido a processos de rememorização do seu passado, Eustáquio recebe instruções do Departamento de Reencarnação da colônia espiritual no sentido de que devera retornar à materialidade, desta vez por determinismo, a fim de expiar seus graves erros pretéritos e regenerar-se espiritualmente. O seu livre-arbítrio não conseguiu evitar o imenso fracasso de sua última Jorna-

da na Crosta, conduzindo-o, portanto, a refazer os seus passos na mesma região onde carreou suas maiores dívidas. Cosenza, mais uma vez, deverá recebê-lo como filho.

CAPÍTULO XI - O REENCARNE COMO PIETRO

Pietro é um rapaz esperto, inteligente e fabulador. Imagina viver em um palácio, cercado de serviçais, assessorado por belas moças e recheado de doces e quitutes dos mais finos. Consegue passar horas a fio nesses pensamentos que divagam entre historietas de ficção, até mesmo alegóricas, e a crueldade de sua realidade miserável. Vez ou outra é despertado por Adélia, sua mãe adotiva.

- Pietro, seu imprestável, venha imediatamente aqui... Seus afazeres do dia estão atrasados e vou arrancar-lhe o couro!

- Já vou, mamãe, já estou indo!

- E não me chame de *mamãe,* pois eu apenas cuido de sua sobrevivência depois que o vagabundo do seu pai desapareceu...

Sentido pelas observações agressivas de Adélia, Pietro invariavelmente dedica parte de seu dia a lacrimejar pelos cantos da humilde cabana que abriga sua família adotiva.

O garoto, não obstante a carência afetiva, vive doente, Além de possuir uma bronquite crônica. Sempre maltratado e menosprezado pelos familiares que o destino lhe apontou, aos oito anos, quando recebe violenta surra de Adélia, foge de casa e parte para a vida mendicante no centro de Cosenza. Ninguém se atreve a procurá-lo, pois a sua ausência espontânea do lar desobriga a família postiça a dar-lhe abrigo.

Errante e indefeso, passa a dormir embaixo de pontes, atrás de barracas de feiras e exerce a única atividade que já sabia fazer: esmolar. Torna-se um adolescente fraco e mirrado, já que nunca se alimentou bem. Apesar da inteligência demonstrada na infância, a desnutrição provoca-lhe um retardamento mental, que o incapacita a raciocínios complexos.

Em suas reflexões isoladas, busca sentir a razão de sua existência e a justiça de ter sido, desde cedo, colocado na rua, privado de cuidados básicos e do carinho materno ou paterno. Sem resposta, termina esquecendo o assunto e peregrina, servilmente, entre as feiras e comércios.

Quando atinge os doze anos, farto de dormir ao relento, encontra um pequeno e abandonado cubículo, esquecido nos fundos sujos de uma taberna e ali estabelece o seu ponto de referência. Da rua e da caridade alheia continua extraindo o seu sustento.

Certa vez, ao final de um trabalho, acompanha entusiasmado as histórias contadas pelo feirante mais velho do local, um brodista calabrês que encanta a todos com suas façanhas bizarras. Gargalhando de uma forma que a vida nunca lhe proporcionou, ele chama a atenção de uma menina simpática, que se aproxima para conversar.

- Ei, rapaz! Qual e o seu nome? Você vem sempre aqui?

- Chamo-me Pietro, tenho dezesseis anos e moro na taberna do Culichio.

- Prazer em conhecê-lo! Eu sou Mirian e tenho oito anos. As suas gargalhadas deram-me vontade de rir também... Você é sempre tão feliz assim?

A pergunta surpreende Pietro, pois, na realidade, a amargura e a introspecção jamais o abandonam no seu cotidiano.

- E apenas uma alegria casual, são essas pândegas histórias... Na verdade, eu não teria motivo algum para sorrir.

- Por que não? Todos sorriem e expressam a sua alegria quando bem querem. Seria diferente no seu caso?

- Eu sou pobre, menina, você não entende mesmo...

- E por ser pobre não pode sorrir? Quem disse isso? É alguma lei?

- Para uma garota de oito anos você e bem intrometida e informada... Quem lhe ensina essas coisas?

- Meu tio Plínio. A propósito, posso visitá-lo? Eu nunca conheci a casa de alguém pobre como você.

Cativante e vivaz, Mirian impõe-se perante Pietro e ele não consegue negar-lhe o pedido.

- Quando você quiser.

No dia seguinte, a menina está na porta dos fundos da taberna, esperando Pietro acordar.

- Você não me convida a entrar?

- Eu achei que você não viria...

- Uma dama jamais aguarda do lado de fora da casa...

- Esta certo. Você venceu. Esta convidada a entrar, mas lembre-se, somente hoje!

Após alguns meses de relacionamento amistoso, a amizade entre os dois cresce, a tal ponto que Pietro descobre não poder fazer nada em sua vida sem antes consultar Mirian. Sentimentalmente, sente-se ligado a menina, pois recebe dela carinho e atenção. Entretanto, trata-se de um sentimento familiar que os envolve e Pietro, respeitoso, jamais abusa da confiança que a ela lhe confere. Em algumas oportunidades, ela exige-lhe mudança de comportamento.

- Ora, Pietro, então você acha que só a riqueza material poderá trazer-lhe a felicidade? Besteira! Minha família não tem muito dinheiro, mas vivemos confortavelmente e satisfeitos com o que meu pai ganha. Tio Plínio nos diz que não devemos almejar aquilo que não podemos ter, mesmo porque a felicidade não e deste mundo.

- E se não é daqui, de onde é?

- Isso eu não sei direito... Mas o meu tio diz que seremos eternamente felizes, um dia, se soubermos agora viver resignados em não ter tudo aquilo de que gostaríamos.

- Belas palavras para quem nunca passou fome e frio como eu. Você acha que a vida é fácil para mim, especialmente tendo que esmolar algum prato de comida ou alguns trocados?

- Por que você não trabalha?

- Eu não arranjo emprego...

- Mentira! Você se acostumou com a vida fácil de mendigar restos de comida e viver preguiçosamente.

- Cale-se! O que você entende da vida?

Os dois amigos brigam incessantemente, mas com isso Pietro vai enriquecendo os seus conhecimentos e tudo aquilo que Mirian aprende em sua casa corre a contar-lhe, entusiasmada.

- Você é a única pessoa do mundo que me compreende um pouco. Se não fosse tão teimosa e insistente seria uma amiga perfeita. As vezes eu fico pensando... Por que eu fui abandonado pelos meus pais? Por que não tenho família, como você? Que mal eu fiz a Deus?

Mirian, já com dez anos, bem formada em sua educação, consegue facilmente responder a essas indagações.

- Pietro, você tem que compreender... Tudo isso faz parte da vontade de Deus. Nós temos que aceitar se somos ricos ou pobres. Se formos resignados, no futuro, iremos para o céu e seremos muito felizes.

- Bobagem! O céu não existe e eu jamais conseguirei ser feliz.

- Ora, então eu não consigo dar-lhe alguma alegria?

- Não me refiro a você. Quero dizer que nunca conseguiria ser feliz como as outras pessoas, que tem casa e família.

- Você é impaciente e inconformado. Desse jeito, de fato, nunca vai ter nada...

Quando atinge os vinte anos de idade, Pietro, amargurado e desiludido, tenta o suicídio. Encontrado quase inconsciente por Mirian após ter ingerido veneno, e socorrido e medicado. Sua vida atinge o ápice de suas mazelas espirituais e ele, mendaz e vadio, resolve comercializar pelo bairro alguns remédios fortes que usou quando estava convalescendo

Certa noite, Mirian resolve visitá-lo. Consegue sair de sua casa, a pretexto de levar solidariedade a uma tia doente. Seus pais, que desconheciam sua ligação com Pietro, conferem autorização, pois ela já tem quinze anos de idade e conhece todos os vizinhos do seu bairro. Chegando de surpresa na casa do amigo, acompanha, perplexa, a venda daquelas drogas a moradores do lugar.

Descoberto, Pietro silencia ante o olhar censório de Mirian. Inicia-se um ríspido diálogo entre ambos.

- É assim que você está vivendo hoje? Se você não e médico, não pode vender remédios. Por que isso, Pietro?

- Você não é minha mãe, nem tem autoridade para exigir explicações. Eu faço o que bem quero de minha vida. Entendeu?

- É verdade! Eu devo estar há anos perdendo o meu tempo. Você é incorrigível. A sua pobreza não é só material, mas também moral. Pietro, você é vagabundo porque gosta e reclama da vida porque quer. Portanto, eu já estou farta. De hoje em diante não voltarei a vê-lo!

A advertência da moça soa-lhe como um forte golpe no fundo da alma e ele principia um choro compulsivo.

- Por favor, não me abandone! Eu agi errado e você tem razão quando diz que eu sou vadio. Não posso ficar sozinho outra vez. O que farei da vida sem os seus conselhos?

- Chega de desculpas! Você não ouve o que eu digo. Para que precisa de mim então?

- Esta certo! Não pretendo que me desculpe. Apenas não me deixe, pois eu morreria de desgosto. Dê-me uma outra chance...

- Muito bem, Pietro, você tem direito a uma última oportunidade. Mas se não arranjar um trabalho honesto dentro de uma semana, eu jamais voltarei aqui.

- Esta prometido! Uma semana!

Empregado como carregador em uma das feiras centrais da cidade, ele conhece, pela primeira vez, a satisfação de ganhar a vida honestamente. Mirian, orgulhosa, vai visitá-lo sempre que pode e aprecia elogiá-lo ao seu patrão enquanto faz as suas compras.

Um ano transcorre pacifico desde a última briga que os amigos tiveram. Pietro parece estar transformado e jamais voltou a reclamar de sua vida. Entusiasmado, ele sonha em abrir o seu próprio negócio, aconselhando-se com o patrão a esse respeito.

Tudo parece estar bem até que os pais de Mirian decidem mudar de cidade, partindo para Roma. A decisão e irrevogável e a partida acontece em poucos dias. Quase desesperado, Pietro, colhido de surpresa, vê partir sua única família, a menina que desde os oito anos vem encantando os seus dias.

Fraquejando, novamente, entrega-se ao vício da bebida e abandona o emprego. Perambula errante pela cidade, revoltado e pessimista ao longo de muitos anos. Embriagado durante a maior parte do tempo, passa a ter muitas alucinações e sente-se perseguido implacavelmente por inimigos do Além. Pragueja a cada minuto de sua existência reclamando de sua pobreza e, inconformado, isola-se de qualquer bom pensamento. Volta a mendigar e sobreviver da caridade alheia.

Desgastado, desencarna no ano de 750 e, imediatamente resgatado por mensageiros de Alvorada Nova, por interferência de Nívea, e levado a colônia espiritual para um tratamento de emergência, a fim de reencarnar, novamente, por determinismo. Incompleta sua trajetória de expiação e provas, ele deve retornar a carne para dar sequência a sua trilha regenerativa. O seu sofrimento em Cosenza, ao longo de 58 anos, serviu para auxi-

liar na relativa purificação do seu espírito tão ligado ao materialismo, mas obviamente não acarretou progressos determinantes em sua jornada.

Estagia na colônia por um algum tempo, criando condições emocionais e equilíbrio espiritual mínimos para reviver a saga da França e das dívidas que lá deixou.

Em 770, retorna ao plano físico, assumindo a identidade do conde Giscard D'Antoine.

CAPITULO XII - CONDE GISCARD D'ANTOINE

Opulência, uma personagem marcante do século VIII, presente em todos os garbosos encontros sociais organizados pela Corte francesa, gira pelos salões com esplendor inigualável, corrompendo corações, fomentando o ócio e buscando o insaciável prazer do deguste fútil da pompa e do brilho da vida em sociedade, para deleite Felício dos nobres da época. No seio dessa maravilhosa cortesã, cresce o pequeno Giscard, filho mais velho do duque D'Antoine, palaciano de primeira linha e integrante do íntimo círculo de relacionamento de sua majestade o rei de França.

Ao redor de farta mesa, em ampla sala iluminada por candelabros de prata e enaltecida por quadros de arte, que adornam paredes emolduradas em afrescos antigos, retratando toda a tradição da nobreza áulica, reúne-se a família do velho fidalgo e patriarca dos Antoine.

Giscard, ferino e arguto, compromete a tranquilidade da refeição desferindo a todo instante piadas infames e agressivas, que provocam desconforto e repulsa nos familiares, mas não abalando o duque, sempre disposto a apoiar o primogênito em qualquer circunstância. Enquanto o jovem cresce sem a imposição de qualquer limite, prepara-se para assumir os negócios do pai, já enfermo.

O duque morre, deixando vasto patrimônio à família e a administração de todos os bens nas mãos de Giscard. Recebendo o título de conde, pois proclamava em toda Corte que *duque* só poderia haver um, que era o seu adorado pai, o rapaz conquista a simpatia dos fidalgos e torna-se bem visto na sociedade.

Sob o reinado de Carlos Magno, o conde D'Antoine faz crescer consideravelmente o seu patrimônio pessoal ao unir-se em matrimônio com Constance, moça rica e filha única do duque de Soissons.


CONSTANCE

Em uma tarde ensolarada, ao som da celebre música florentina, os Antoine recebem convidados nos jardins de seu castelo. Belas jovens dedilham suaves notas musicais nas harpas, enquanto violinos encantam a todos os fidalgos presentes a comemoração do aniversário do conde.

Divinos figurinos, compostos de finos e delicados tecidos, desfilam pelos salões soberbos do palácio residencial de Giscard, ricamente decorado e preparado para o grande acontecimento. Pavões e outras aves raras compõem o cenário bucólico dos jardins e tornam-se a alegria das crianças presentes. O sol ilumina a pérgula principal, quando surge, imponente, o mordomo Gorot anunciando a entrada triunfal do aniversariante. Enquanto isso, o barão Villembert prepara-se para homenagear o anfitrião.

Reunidos os convidados no salão principal, faz-se presente o silêncio quase total, somente quebrado por risos anônimos trocados em pequenas rodas das damas da sociedade e dirigidos a condessa que todos sabiam ser sistematicamente traída pelo marido. Impassível, Constance mantém-se altiva e equilibrada, embora consciente de ser o alvo das chacotas.

- Meus amigos, tenho a imensa honra de saudar o homenageado deste evento, conde Giscard D'Antoine, a quem peço dediquemos uma vibrante salva de palmas.

Entre a obrigatória ovação e os olhares pusilânimes dos invejosos, ingressa no recinto o ilustre anfitrião, acompanhado de sua esposa e de sua filha única, Caroline, que se encontra no auge de sua juventude, dona de belas tranças douradas que a todos encantam.

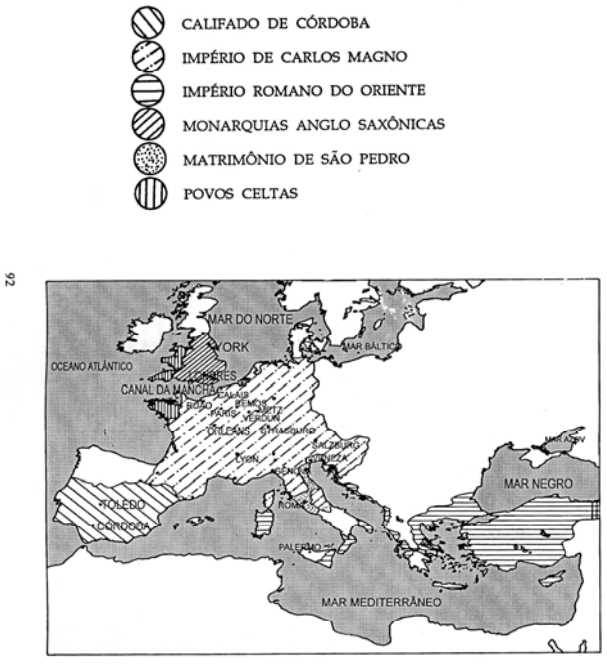
Minutos depois, quando o barão principia seu discurso, gritos são ouvidos no hall principal do castelo.

- Larguem-me! Soltem-me imediatamente! Minha espada não descansará enquanto não se manchar com o sangue da justiça.

Os guardas correm por todos os lados, enquanto um rapaz, aparentando vinte e poucos anos, pele alva e olhos azuis profundos, trajando vestes militares, que clama por vingança, escapa e esconde-se no meio dos convidados. O mordomo intervém.

- Senhores, não vos preocupeis! A situação está sob absoluto controle. Trata-se de um pequeno incidente que não se repetirá. Tenham a bondade de prosseguir na homenagem.

MAPA Nº 2 - EUROPA - O IMPÉRIO DE CARLOS MAGNO



Enaltecido novamente com uma salva de palmas, o conde D'Antoine, orgulhosamente, curva-se para agradecer, quando sente uma lâmina aguda penetrando em suas costas. Como se surgisse do nada, o punhal e arremessado a distância pelo golpe preciso do jovem intruso. Sente sua visão

turvar e seu corpo estremecer. Incapaz de gritar de dor, tamanho e o ódio que sente, cai prostrado ao solo. O silêncio sepulcral invade o ambiente. Dominado, finalmente, pelos guardas, o atacante identifica-se:

- Sou o capitão Ricardo Igor von Bilher, herdeiro do duque de Strasbourg. Vingo-me, agora, do senhor conde Giscard D'Antoine, inescrupuloso sedutor de minha esposa Gabrielle e fidalgo que desonrou o nome de minha família, quando esteve em visita as nossas terras. Atendido com hospitalidade, traiu-nos a confiança. Desprezível ser! Espero que morras agonizando em tua perfídia.

- Segurem-no e façam-no calar-se! - grita Gorot.

Em segundos, após a ordem do mordomo, os soldados do castelo desaparecem com o rapaz das vistas de todos os presentes. Enquanto os familiares do conde providenciam-lhe socorro, os convidados deixam o palácio um a um. Embora chocados com a agressão sofrida pelo anfitrião, a unanimidade das opiniões acata as razões do atacante e compreende o seu orgulho ferido, mormente porque o nobre Giscard é reconhecidamente um conquistador.

O capitão Ricardo, filho de nobres Alemães da região de Strasbourg, casou-se com a herdeira de uma das mais ricas casas francesas da região da Lorena. Durante as celebrações do matrimonio, o conde D'Antoine esteve hospedado no castelo da família Von Bilher e, sem qualquer escrúpulo, seduziu a inexperiente Gabrielle, a época com quinze anos, com quem manteve relacionamento sexual, abandonando-a em seguida. Ao tomar conhecimento do fato, em sua noite de núpcias, o rapaz quase enlouqueceu e jurou vingança ao pérfido conde.

Giscard, apesar de atendido pelos melhores médicos da Corte, piora o seu estado de saúde a cada minuto, razão pela qual, sobrepondo-se a própria condessa, o mordomo Gorot determina a remoção do patrão a Abadia dos Beneditinos, onde julga ter melhores condições de curá-lo. Ao mesmo local, é arrastado, prisioneiro, o jovem Ricardo.

Abalada, mas mantendo a compostura, Constance busca acalmar sua filha.

- Caroline, minha querida, não te entregues dessa maneira ao sofrimento. Tu bem sabes que o ataque ao teu pai pode ser fruto da insanidade de algum invejoso. Não creias em tudo o que ouves.

- Mas, minha mãe, então não queres ver a realidade? Papai é mesmo capaz de agir da forma como disse o capitão e se o fez merece o final que está tendo. Traiu-nos a confiança e não é digno de pena.

- Não digas isso! são infundadas mentiras lançadas levianamente por um desconhecido rapaz. Temos que ouvir a versão de teu pai antes de julgá-lo.

- Espero que sim! Quando papai melhorar iremos indagar-lhe a respeito, embora eu, pessoalmente, não tenha duvidas de sua perfídia.

A condessa, preocupada, resolve conversar com o capitão Von Bilher, mas não o encontra no castelo. Indagando a Gorot a respeito de seu paradeiro, obtém vaga explicação de que ele foi encaminhado, para detalhada confissão, aos monges beneditinos.

Incrédula, outra vez Constance percebe que jamais é ouvida dentro de sua própria casa para qualquer decisão importante que deva ser tomada. As ordens de um mordomo tem mais força que as suas. Revoltada, retorna ao quarto de sua filha.

- Caroline, acho que tens razão! Minha vida tem sido uma desgraça ao lado de teu pai. Ele não me respeita e nunca o fez. Gorot, dentro desta casa, tem mais autoridade que eu. Tudo isso acontece sob o beneplácito de Giscard. Além de ser agredida moralmente, sou vítima de risos e chacotas de toda Corte. Estou farta!

- Deixemos o castelo, minha mãe. Vamos para a Itália, onde podemos procurar por teus parentes. Abandonemos o passado!

- Teu pai jamais nos perdoará! Teremos que viver escondidas para o resto de nossas vidas. Temo pela ira do conde ao descobrir que partimos sem ao menos avisá-lo antecipadamente.

- A mim, pouco importa! Busquemos uma vida honrada, longe do desrespeito e do desprezo de papai.

Ambas, cúmplices em suas decisões, deixam a residência dos Antoine na mesma noite. Rumando para a Itália, acompanhadas apenas de fieis serviçais, Constance e Caroline despedem-se para sempre do solo francês.

Longe dali, escondida entre penhascos e fortemente sacudida por furiosos ventos montanhosos, ergue-se a abadia dos beneditinos.

- Mais compressa e um pouco daquele medicamento azul, que esta na segunda prateleira a direita. Rápido!

- Imediatamente, monge Eugenius.

- Enquanto termino este curativo no conde, verifica se o nosso prisioneiro está bem guardado.

Descendo escadarias imensas, volteando-se em seu próprio eixo tal qual um volumoso caracol, o monge Gutus percorre as trilhas sombrias da abadia, dirigindo-se a *"Sola dos Pecados"*, local assim batizado, ironicamente, pelos próprios monges em face das torturas ali praticadas.

- Como passa o jovem capitão? - indaga a um dos guardas.

- Diverte-se, agora, na *"roda dos prazeres"*[15], até que penitencie-se do mal que praticou.

Após dois dias na abadia, o prior recebe o convalescente conde D'Antoine.

- Fiquei profundamente consternado pelo episódio! Vendo-vos reabilitado renovo minha fé em Deus, acreditando que justiça será feita. Não vos preocupeis, senhor conde, pois o vosso agressor está purificando a sua alma e arrepender-se-á, por certo, do mal que vos fez.

- Agradeço-vos a preocupação, meu caro prior Meliandes. Recupero-me lentamente e gostaria de voltar para casa. Sei que o capitão terá o fim que merece. Minha esposa e filha devem estar preocupadas com minha ausência.

- Então não sabeis, ainda?

- Saber o que?

- Vossas esposa e filha abandonaram o castelo e partiram para rumo ignorado.

Irado e transfigurando a placidez de seu semblante, o conde controla-se e pede para ser levado imediatamente a presença de Ricardo.

---

[15] *Nota do autor espiritual: a "roda dos prazeres" e uma máquina destinada a prisioneiros que são esticados lentamente, amarrados pelos membros superiores e inferiores, até que tenham morte agonizante pelo rompimento de seus músculos e vertebras.*

- És um atrevido pestilento! Ousaste vir aos meus domínios afrontar-me a integridade em minha própria casa. Jamais sairás com vida de França. Amargarás o dia em que atravessaste o meu caminho.

Bastante fraco e abatido, o jovem responde, entre palavras e pigarros de sangue:

- Acredito, senhor conde, que mereço de fato morrer... Não pelo mal que vos fiz, mas justamente porque não consegui matá-lo, como merecíeis. Falais em atrevimento? Vossa deslealdade jamais será esquecida por minha família. Se eu não cumpri a minha jura de vingança certamente outro Von Bilher o fará.

- Continuas insolente, rapaz! A traição da qual falas inexistiu, pois a leviana de tua jovem esposa caiu em meus braços espontaneamente. Acredito até que tenha sido por ela seduzido...

- Ela tinha somente quinze anos... Como podeis desse modo grotesco a ela referir-vos?

- Não tens experiência de vida, jovem! No futuro, poderias compreender melhor a minha posição. O relacionamento sexual não quer dizer nada. Nem mesmo me recordo da moça... Nome de família, honra e tradição são apenas conceitos. Será válido morrer por eles?

- Não sois um verdadeiro fidalgo e não compreendeis as virtudes de uma família digna. Morreria mil vezes se fosse possível para sustentar esses valores.

- Pois estás em condições de morrer, ao menos uma vez... Adeus, bravo capitão! Ver-nos-emos, um dia, quem sabe, no inferno... (gargalhadas)

Ao retirar-se da masmorra, voltando aos seus aposentos, encontra-se com seu fiel mordomo, que o espera ansioso.

- Que queres, Gorot? Não vês que ainda estou enfermo?

- Senhor conde, a condessa Constance e vossa filha...-.

- Já sei! Fugiram. Não te preocupes! O destino lhes reservara uma boa vindita.

- Que pretendeis fazer agora, meu amo? Toda a Corte esta rindo de vossa desgraça.

- Não tenho outra opção, Gorot! Devo radicar-me aqui na abadia, já que fui desonrado e abandonado pela família. Um gesto de desprendimento, adotando a vida sacerdotal, poderá reabilitar-me aos olhos da soci-

edade. Continuarei comandando os meus negócios normalmente e tu serás o meu procurador. Além disso, a família do capitão von Bilher fatalmente enviará outro mensageiro da morte, trazendo consigo a bandeira da vingança. Devo proteger-me e não há melhor local que as muralhas beneditinas. Conversei com o prudente abade Meliandes. Sua boa vontade em receber-me e seu encanto em ter-me como monge fizeram-me conceder a ordem vultosa doação.

Convicto do plano traçado por Giscard, o mordomo deixa satisfeito a abadia, retornando ao castelo e aos negócios do conde.

Após a solenidade de sagração do nobre Antoine como monge beneditino, o prior Meliandes recebe o novo integrante da ordem para um acerto de contas.

- Estou ciente de tuas intenções, monge Victorius![16] . De onde tiras-te a idéia de que devo passar-te o meu cargo?

- Ora, meu caro Meliandes, a fortuna que destinei aos beneditinos justificam, por si só, essa pacífica transição. Com meu prestigio e minhas posses, bem como com tua colaboração conquistaremos novas fronteiras e aumentaremos consideravelmente o nosso tesouro, agora comum. Obviamente, podes não concordar com o meu plano e, se assim for, darei outro destino ao meu ouro...

- Não, não! Jamais permitirei que isso aconteça. Temos todo o interesse em comungar do mesmo ideal. Necessito apenas de algum tempo para tratar da transferência do posto.

- Pois bem, meu caro abade, não tenho tanta pressa. Continuarás no cargo até o fim de teus dias, embora acatando as minhas determinações desde logo. Depois, tornar-me-ei o prior.

- Certamente, caríssimo conde. Assim será feito!

Selado o acordo que iria modificar inteiramente o rumo da vida de Giscard e da abadia dos beneditinos, inicia-se a saga da ascensão de Victorius, permeada de uma série incalculável de crimes e desvios de toda ordem. Sua vida, dali em diante, rege-se em função de tramas e artimanhas, buscando aumentar a sua riqueza material, tal como fora idealizado por Eustáquio, ainda no plano espiritual. Sua ligação com o passado des-

[16] *Nota do autor material: nome utilizado por Giscard após tornar-se monge beneditino.*

trutivo renova-se e, sob sua integral responsabilidade, constrói-se, a partir de então, todo o seu futuro.

CAPÍTULO XIII - A ABADIA DOS BENEDITINOS

Após semanas de intenso sofrimento, provocado por contínuas sessões de tortura, desencarna o jovem aristocrata Ricardo Igor von Bilher. Imediatamente recepcionado por Mensageiros do Alto, afasta-se da fúria de entidades inferiores - aliadas de Giscard do outro plano da vida - que insistiam em obsediá-lo. Suas dívidas serão resgatadas em outra oportunidade, a critério da Sabedoria Divina, embora tenha sido, desde logo, liberto da obcecada sede de vingança de seus algozes do plano imaterial.

Realizado ao saber da notícia da morte de seu declarado inimigo, o monge Victorius celebra a data histórica.

***

Na região de Strasbourg, nasce Klaus Augusto von Bilher, filho de Ricardo e Gabrielle, cercado pelo carinho e pela atenção de seus avós paternos. Apesar de receber o nome da família von Bilher, o menino, na realidade, e filho de Giscard e vítima da traição que desonrou o casamento de seus pais.

Indignado com a covarde morte imposta ao seu filho primogênito, nos domínios beneditinos, o duque von Bilher, fidalgo germânico, retira dos cuidados maternos, ainda em tenra idade, seu neto Klaus, visando educá-lo e criá-lo sob sua direta orientação. Apesar de sofrer enorme desgosto, Gabrielle, consciente dos erros que cometeu, não opõe nenhum obstáculo as pretensões do avô.

Decorre tranquilo o período da infância de Klaus, embora sempre *educado* a odiar os franceses e, em especial, os beneditinos que tiraram brutal e covardemente a vida de seu pai. Cruelmente conduzido pelas rígidas mãos do duque, o menino forma-se militar e, desde cedo, frequenta as fileiras do exército germânico.


VICTORIUS

O avô planeja, detalhadamente, a vingança que irá impor a Giscard, no futuro, através da espada bem treinada de seu neto Klaus, que atinge a maioridade enrijecido espiritualmente e sem qualquer ternura em seu coração. O único objetivo de sua vida e satisfazer a ânsia de desforra do duque von Bilher. Recebe do avô, um dos nobres mais ricos da região, o título tão aguardado de comandante das tropas do ducado do Ruhr. Ao seu lado, encontra apoio do jovem oficial Günther, que lhe tributa servil dedicação e exemplar admiração, em uma relação por demais íntima, que, por vezes, chega a consternar a sociedade da época.

Informado pelo avô do destino de Giscard, agora prior dos beneditinos, sediado em Lyon, o rapaz da início ao plano traçado há muitos anos e começa a investir contra as abadias francesas que fazem fronteira com suas terras, de modo a enfraquecer a ordem e, aos poucos, causar temor no seu inimigo figadal. Saqueando e queimando as fortalezas beneditinas, Klaus começa a entresilhar a poderosa malha de influências criada por Victorius em toda a França a fim de sustentar a sua ilimitada ambição. Entronizado em seu posto, o conde D'Antoine ignora por completo os primeiros ataques contra sua organização.

Recuperando o seu prestigio, Giscard, no ano de 816, após tantas vidas destruídas e glórias conquistadas ao sabor de torpes manipulações políticas, torna-se bispo de Lyon, ampliando consideravelmente seu poder de mando e deixando em seu lugar, na liderança dos beneditinos, o fiel servidor Gorot, que adota o nome de Paulus.

****

Em um magnífico templo, cujas paredes são adornadas com ricas obras de arte e seus móveis ostentam finas e valiosas peças de ouro e prata, incrustadas com reluzentes pedras preciosas, encontra-se a sede do bispado da cidade de Lyon, residência oficial de Victorius. Seus aposentos privativos situam-se entre os mais luxuosos de toda a aristocracia francesa, pois unem a arte sacra ao refinado gosto pessoal de Giscard.

Do alto de um tablado, cuidadosamente disposto para abrigar a mesa suntuosa do bispo, está Victorius, impassível e mecânico ao despachar suas ordens para todos os serviçais.

- Encontro-me hoje particularmente feliz, meu caro Sinvral.

- E poderíamos saber o motivo de tão singular e augusto momento de descontração de vossa Reverência?

- Chegam-me notícias da Itália! Soube que minha vingança saciou-se. Duas traidoras do passado terminaram suas existências e devem ser acolhidas pela misericórdia divina. Morreram, Sinvral, Caroline e Constance. A primeira, pobrezinha, vítima de tuberculose. A outra, vítima de sua própria incúria! (risos)

Estático e apenas apreciando o regozijo do bispo, o serviçal abaixa a cabeça condescendente.

Subitamente mudando de assunto, Victorius exige que lhe sejam trazidas as contas do bispado. Enquanto faz a habitual conferência de seus ganhos, recebe a visita de um dos guardas, que lhe anuncia a presença de uma senhora idosa, dizendo-se ser sua mãe, madame Debussons. Intranquilo, Victorius manda-a entrar.

- O que quereis aqui, senhora? Já não vos alertei que não desejo contato algum e que não sois bem-vinda neste bispado?

- Continuas cruel, Giscard. Apesar de não suportares a idéia continue sendo tua verdadeira mãe. Já esqueceste que foste adotado quando pequeno pelo duque d'Antoine? Não és um autêntico nobre, do mesmo modo que finges ser sacerdote.

- Viestes aqui para humilhar-me? Se e isso que desejais, eu vos expulsarei daqui sem pestanejar.

- És mesmo capaz de fazê-lo! O meu erro do passado, vendendo-te ao duque d'Antoine, cuja esposa parecia não poder ter filhos, será por mim suportado pelo resto de meus dias. Entretanto, venho à tua presença para exigir-te que cesses a contenda com teu irmão, o bispo de Orleans. Não posso vê-los disputando o amor de uma mundana e que os levará a morte.

- Esse meu embusteiro irmão nada significa para mim. Considero-me filho legítimo do duque d'Antoine. Pouco me importa o que achais a nosso respeito. O bispo de Orleans é vosso filho, madame Debussons, portanto, vossa responsabilidade. Enquanto ele atravessar o meu caminho, esta-

rei disposto a destruí-lo. Nada será capaz de impedir-me, nem mesmo os vossos pedidos. Sugiro-vos que saias e não mais torneis a minha frente. Não vos considero minha mãe, nem nunca o farei.



BISPO DE ORLEANS

Desconsolada, ela deixa o bispado e, por alguns momentos, relembra o seu passado comprometedor. Madame Debussons teve dois filhos, Giscard e Marcel. O primogênito, ainda em tenra idade, foi vendido ao duque d'Antoine, que perdera o seu primeiro filho logo após o parto da esposa. Advertido pelos médicos a respeito do risco de outra gravidez da duquesa, resolveu substituir a criança pelo pequeno Giscard. A ambiciosa senhora Debussons, governanta da casa dos Antoine, concordou em vender por vultosa quantia o seu primeiro filho, também recém-nascido e cujo pai era ignorado. Após a transação, a mulher desapareceu, conforme havia combinado, nunca mais surgindo na vida do poderoso duque.



Em Orleans, para onde dirigiu-se, teve outro filho, Marcel, que jamais se conformou, quando soube do que acontecera no passado. Não admitia ser pobre e plebeu, enquanto seu irmão Giscard deleitava-se sob a proteção do duque.

Os irmãos Debussons cresceram separados e, com a morte do duque d'Antoine, lendo uma carta por ele deixada, Giscard tomou conhecimento de sua real condição. Sem abalar-se pela revelação, continuou cuidando com mãos de feriu dos negócios da família e herdou, como o duque desejou, a maior parte da fortuna dos Antoine.

Em Orleans, sentindo-se desprezado pelo irmão rico e poderoso, Marcel jurou-lhe vingança e ascendeu na carreira eclesiástica, única possível a sua miserável condição social. Após muitos anos de disputa, enquanto Marcel tornava-se bispo de Orleans, Giscard ocupava o bispado de Lyon. Iniciava-se uma guerra surda entre ambos, mormente porque interessa-

ram-se pela mesma ferina mulher, Franchise, filha do duque de Orleans. A mãe, senhora Debussons, inconformada com a disputa entre ambos, sentindo-se culpada, vez ou outra procurava os filhos pedindo-lhes uma trégua.

Não lhes facilita a vida o ambicioso e obstinado Duprat, que permitia o contato de sua filha Francoise com os dois prelados, visto que polpudas quantias conseguia com isso amealhar.

Fomentando dia após dia as forças do ódio que movem a guerra sentimental travada entre os dois adversários, enriquece-se ainda mais o degenerado duque de Orleans. Sua filha, não menos leviana, diverte-se e divide-se entre os irmãos Giscard e Marcel, cultivando intrigas e aumentando a disputa entre os bispados.

Almejando o cardinalato em Roma, Giscard exige uma definição de Francoise.

- Não ha mais possibilidade de jogo duplo, minha querida. Até hoje suportei a tua inconstância, mas acredito ser hora de decidires de qual lado pretendes ficar. Mesmo que eu sofra com a nossa separação, não pretendo mais admitir a tua divisão... Deverás escolher entre mim e o bispo de Orleans.

- Oh, amado Giscard! Eu não poderia fazer essa escolha. Amo-vos com igual intensidade. Sabes que para mim seria a morte separar-me de qualquer um...

- Chega desse palavreado inútil! Tens uma semana para fazer a tua escolha.

Não só o bispo de Lyon demanda uma solução ao conflito amoroso, pois Marcel esta igualmente interessado em tornar-se cardeal. Ambos sabem que, nesse delicado momento de ascensão, qualquer deslize poderá ser fatal. Nenhuma pendência poderá permanecer entre os bispados, nem mesmo Franchise.

Pressionada a uma decisão, a moça, indecisa, consulta o pai. O duque de Orleans, sabendo da investida de Klaus von Bilher contra as abadias controladas por Giscard, opta pelo bispo de Orleans, acreditando que, em breve, o bispo de Lyon estará derrotado.

Instalado o pacto em Orleans entre o bispo e o duque, o golpe e duramente sentido por Giscard. A moça afasta-se de Lyon e consigo leva im-

portantes documentos do bispado, entre eles mapas e roteiros de acesso a muitas abadias controladas por Antoine. Inconformado e pretendendo uma revanche imediata, o prelado determina que Francoise seja assassinada.

Suas ordens são seguidas a risca e dois dias depois o corpo da jovem e encontrado boiando as margens do Sena, próximo a Paris. Seu pai ensandece e uma tríplice aliança forma-se contra Giscard. Klaus investe pelo leste e Orleans pressiona Lyon pelo oeste.

Insistente, madame Debussons procura, agora, seu filho Marcel.

- Meu filho, pretendes com essa guerra contra o teu irmão conduzir-me ao desespero?

- Sabeis, minha mãe, que ele não é digno de pena. Traiu-nos a confiança quando poderia nos ter ajudado. Experimentei a miséria e o sofrimento por conta do seu egoísmo obstinado.

- Bem sabes que ele não teve escolha. Foi minha própria ganância que o levou aquela situação. Não é preciso que eu te relembre o passado, Marcel... Sabes que fui eu a causadora da nossa separação.

- Não me importam vossas explicações! Ele soube que éramos irmãos e jamais estendeu-me a mão... Nunca o fez! A vida toda invejei-lhe a sorte. Queria eu ter sido o vendido ao duque...

- Que bobagem proferes agora! Tu não és o majestoso bispo de Orleans? Não conseguiste tudo o que querias? Por que sustentar agora uma contenda contra teu irmão?

- Lamento, minha mãe, que meu ódio por Giscard tenha um fundo mais complexo e arraigado do que uma simples disputa por postos na Igreja. Levarei até o fim minha ânsia de destruí-lo, mesmo que, para tanto, tenha que aborrecer-vos.

- Desprezas o que tua mãe diz! Ambos são idênticos no pensar e no agir. Frios e calculistas, ambiciosos e cruéis. Amargarei todos os dias de minha vida por ter criado dois verdadeiros demônios, hoje travestidos em sacerdotes. A partir de hoje, não tenho mais filhos, nem sou mais a vossa mãe.

- Como quereis, madame...

Encerrada abruptamente a conversa, a senhora Debussons parte a Paris e, inconformada, chama a si toda a responsabilidade da situação criada

entre seus filhos. Enclausurada no remorso, a mulher desaparece por completo da vida dos prelados de Lyon e Orleans e não acompanha o final mórbido daquela contenda.

Na Itália, algum tempo antes...

Uma grande festa realiza-se no pátio interno de um convento da cidade de Veneza. As freiras agitam-se de um lado para o outro para bem recepcionar os membros da sociedade local que destinam polpudas contribuições para as obras da Igreja.

Durante a realização do evento, animado por um conjunto florentino de música sacra, uma noviça passeia calmamente dentre a multidão, enquanto aprecia os cânticos e reflete sobre sua própria existência. Constance, aquela altura conhecida somente por irmã Melina, mistura-se cada vez mais entre os presentes, quase deixando de lado a seriedade do hábito.

O passeio é descompromissado e até certo ponto descuidado, pois não percebe estar sendo seguida pelo monge Peter, enviado de Lyon para tirar-lhe a vida. Tão logo descobriu o paradeiro da ex-esposa, Giscard mandou um assecla cumprir a sua promessa de muitos anos antes. Em fatal proximidade, subitamente um punhal ergue-se no ar e, brandindo o ódio mandatário de seu senhor, fecha para sempre os olhos da bela Constance.

A notícia corre a Europa e, em poucas horas, chega ao conhecimento do bispo de Lyon que, feliz, celebra a ocasião com seu auxiliar Sinvral.

CAPÍTULO XIV - O FIM DE GISCARD

Caminha por extensa pradaria, escoimada pelo gélido vento do rigoroso inverno europeu, o general Klaus Augusto von Bilher, acompanhado de perto por seu amigo inseparável, barão Günther von Bavanhaun. Conversam a respeito da investida final contra o bispo de Lyon e traçam juntos o plano de ataque que pretendem desferir contra Giscard.

De outra parte, recebem instruções para agir o bispo de Orleans e o duque Duprat, ambos associados a Klaus.

- Estou enviando as cartas a sua Santidade o Papa e também a Sua Majestade o rei, narrando todas as atrocidades cometidas pelo bispado de Lyon e pela famigerada abadia dos beneditinos que lhe dá suporte.

- Sem dúvida, meu caro bispo, é o fim de Giscard! Nada poderá nos tornar mais realizados do que soterrar definitivamente a empáfia do conde - confirma o duque.

Ferozes cavaleiros muito bem armados invadem densa floresta, na região de Lyon, procurando a abadia. A frente, comandando a expedição, encontra-se o general von Bilher. Céleres como um raio mortal, o grupo não se deixa notar e mesmo o forte e compassado trote dos cavalos passa despercebido aos sentinelas das muralhas beneditinas.

Quando o ataque tem início, os monges, incrédulos, correm por todos os lados no subterrâneo da abadia e enviam de imediato mensageiro ao bispado de Lyon.


KLAUS

Em poucos minutos, no entanto, os soldados destroem e incendeiam o local, procurando não deixar sobreviventes. Dominada a situação, ingressa no recinto monástico o general Klaus, fortemente escoltado.

Percorrendo o interior da fortaleza, ele detém a frente de uma gigantesca porta, sentindo algo despertar em seu âmago. Determina o arrombamento da imensa guarnição de feriu que o separa do cômodo visado. Cerca de vinte homens, com uma estaca de carvalho, colocam-na abaixo.

Corpos espalhados por toda a câmara de tortura, a *"Sala dos Pecados"*, são encontrados. O cheiro pútrido do local faz o general tontear por alguns instantes. Persistente, ele caminha alguns passos para dentro do recinto. A repulsa torna-se geral quando cadáveres em decomposição são avistados, ainda presos a grilhões e Ferraz pontiagudos.

Uma minúscula saleta, acomodada num dos cantos daquela câmara, desperta a atenção de Klaus, que se aproxima cauteloso.

Ingressando no abafado ambiente, outra vez cambaleia ante o fétido cheiro que emana das paredes. Pressentindo o perigo, roedores de toda espécie fogem desesperados, enquanto soldados agitam suas tochas tentando abrir o caminho para o general. Subitamente, Klaus percebe a exis-

tência de uma redoma de vidro, colocada em cima de um amontoado de ossos humanos. Aproxima-se e percebendo brilhar no chão um pequeno, mas bem torneado, anel de ouro abaixa-se e toma nas mãos a joia. Silentes, os guardas observam as atitudes do comandante.

Trêmulo, o general volta-se para os soldados e pede que aproximem as tochas. Iluminado, o anel imediatamente faz ressurgir após tantos anos o símbolo da família von Bilher que estava enterrado nos fundos mais escuros da abadia dos beneditinos. Reconhecendo a joia que pertenceu a seu pai, Klaus emociona-se e pede para ficar alguns minutos sozinho.

- Meu pai, não tive a honra de conhecer-te, pois foste assassinado covardemente por sinistras forças. Hoje, entretanto, cumpro o desejo de meu avô, teu querido pai, retornando a este cruento local para resgatar tua memória. O bispo de Lyon, responsável por tua morte, não verá nascer o sol mais uma vez... Juro-te!

Com lágrimas nos olhos e peito ardendo em brasa, parte Klaus rumo a Lyon, intencionando colocar um fim a sua sede de vingança, por tantos anos sufocada.

***

Nos aposentos de Giscard, reina, nessa noite, uma vibração diferente e angustiante. Inquieto, o conde chama o seu chefe da guarda e determina-lhe redobrada atenção. Espíritos inferiores já rondam o local e transmitem intuitivamente ao bispo o perigo iminente que cerca o seu palácio.

Gualberto, o camareiro, previamente instruído por Marcel, coloca sonífero no cálice de vinho que e entregue a Giscard. Adormecido e cansado, o bispo deita-se.

Traiçoeiramente, a guarda é trocada e os soldados fiéis ao prelado de Lyon são dominados e amordaçados. O caminho está preparado e Klaus adentra o quarto de seu inimigo mortal. Somente o ruflar de alguns morcegos abala o silêncio noturno.

- Encontrâmo-nos, finalmente, senhor conde Giscard D'Antoine, assassino de meu pai! Levanta-te, pois temos contas a acertar! -brada energicamente o general, já com a espada em punho.

Levado ao despertamento por um encanto maligno, o bispo abre os olhos e fita, detidamente, o altivo Klaus. Aceitando o desafio e extraindo forças do fundo de sua alma, parte para o duelo fatal.

O tilintar das espadas são os únicos sons ouvidos no palácio episcopal, enquanto os combatentes, sem proferir uma palavra, concentram-se no confronto que levara um deles a morte.

Em verdade, pai e filho disputam nesse momento o direito a vida, em nome de uma vingança que os levará a acumular muitos débitos no seu percurso regenerativo. Entidades inferiores acompanham o desfecho do embate e despejam no ambiente uma densa vibração negativa.

Exímio no manejo com a afiada espada, o bispo não torna fácil para Klaus o duelo e, num descuido do general, chega a rasgar-lhe o braço esquerdo na altura do ombro. Cego de ira e dor, o jovem germânico redobra suas forças e investe furiosamente contra Giscard, a essa altura cansado e abatido pela força do sedativo que lhe fora ministrado. Em uma fração de segundo, um violento golpe de espada crava no coração do conde a última esperança de sobreviver ao desafio. Ele sente o golpe, arregala os olhos e estremece. Klaus retira bruscamente a espada do corpo do bispo, que cai inerte no chão.

Giscard desencarna e, entorpecido, é imediatamente levado pelos Espíritos malignos que aguardavam ansiosos o desfecho da luta.

Klaus senta numa das poltronas do quarto episcopal e chora convulsivamente. Consuma-se sua vingança e o vazio preenche-lhe o coração.

Após cumprir a promessa que fez ao avô de exterminar o bispo de Lyon, Klaus von Bilher perde a razão de sua vida e angustia-se profundamente. Percebe, naturalmente, que a revanche não lhe traz a aguardada paz de espírito e, ao contrário, torna-o um ser amargo e soturno. O ódio tem o condão de esvaziar todo o conteúdo positivo do coração de um homem.

Sem rumo definido, ele enclausura-se nas memórias do seu desastrado passado e termina os seus dias na mais completa solidão.

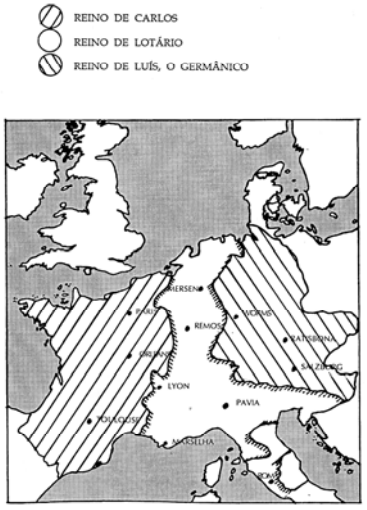
O sabor da desforra não aplaca também o conturbado espírito do bispo de Orleans. Acreditando fazer um bem à Igreja, envia um dossiê contra o bispo de Lyon ao papa e aguarda, esperançoso, um chamamento do Sumo Pontífice para tornar-se cardeal em Roma. Ao invés disso, apura-se no Vaticano a sua participação na morte de Giscard e Marcel recebe como castigo a determinação papal de isolar-se em uma abadia de Ruão para

expiar seus erros e confessar sua culpa. Nesse local, confinado em remorso, desencarna arrematado pela insatisfação.

Nem sempre o castigo pelas más atitudes vem com tanta celeridade como aconteceu com o duque de Orleans. Após a morte de Giscard, Duprat enriquece ainda mais, pois saqueia todo o ouro que encontra no bispado de Lyon, tão logo o prelado é assassinado. Seu contentamento dura pouco tempo, pois uma inoportuna tuberculose o faz definhar gradativa e lentamente rumo ao desenlace com a vida material.

A lei de *ação e reação* é imutável é impossível de ser evitada. Pode fazer-se sentir no plano material ou no mundo dos Espíritos. Em verdade, porém, todos aqueles que praticam atos negativos receberão, um dia, igual proporção do mal que causaram. Com isso, terão oportunidade de aprender com seus erros e garantir a evolução de seus espíritos. Giscard e seus inimigos serviram-se dela ainda no plano físico, embora muito tenham a resgatar na Jornada espiritual que os aguarda.

MAPA Nº 03 - EUROPA - DIVISÃO DO IMPÉRIO DE CARLOS MAGNO



112

CAPITULO XV - O PASSADO BENEDITINO

Perece, recôndito, o conde Giscard D'Antoine, que ascendeu social, política e economicamente a custa de poderosa malha de corrupção e interesses mesquinhos de toda ordem.

Como bispo de Lyon, dominava militares ligados ao rei, nobres e ricos comerciantes, garantindo-lhe o controle de várias rotas mercantis que rendiam muito ouro aos cofres beneditinos.

Em sua escalada criminosa, foi auxiliado por um fidalgo falido nas mesas de jogo, Charles Bidet, ambicioso e sem escrúpulos, que lhe fornecia dados sigilosos a respeito das fontes de renda do bispado de Orleans - seu arqui-inimigo.

Outro ponto de apoio para suas negociatas estava na abadia dos beneditinos da região de Lyon, dirigida pelo prior Paulus, de integral confiança de Giscard. Internamente, no entanto, a ordem religiosa vivia uma metamorfose em sua estrutura, ante a presença de um jovem noviço que revolucionava o modo de pensar e agir dos monges.

- Giuseppe! Giuseppe! Onde está esse pobre infeliz? - bradava o abade com toda a força de seus pulmões.

- Não o encontro em nenhum lugar, senhor. Que devemos fazer? - retornava Eugenius, um dos monges de sua assessoria.

- Um momento... Sei onde ele está! Mande Gutus procurá-lo as margens do lago interno. Deve estar, novamente, pregando aos seus companheiros de noviciado.

Instantes depois, concretizada sua previsão, Giuseppe estava na presença do prior.

- Meu jovem, não podes permanecer alheio aos hábitos desta Casa. Lembra-te de cumprir as regras da abadia e que Deus deseja a união de seus cordeiros para que o rebanho todo prospere em conjunto. Não foi assim que aprendeste nos teus cursos com o monge Verbasiano?

- De fato, bondoso líder, atrevo-me a pregar aos meus companheiros alguns ensinamentos do Cristo. Mas jamais pensei em perturbar a rotina da ordem...

- Ora, Giuseppe, deixes a pregação para o momento próprio, que são as aulas em grupo. Não tires o lugar do esforçado Verbasiano.

- Oh, não! Nunca tive a intenção de prejudicá-lo! Apenas achei que os ensinamentos de Jesus não estão sendo abordados nas aulas...

- Não e possível! Verbasiano esta esquecendo?! - profere, irônico, o prior. Vou adverti-lo para ser mais atencioso. Enquanto isso, deixes de lado a tua pregação pessoal, esta bem?

Há algum tempo, vinha o rapaz incomodando a direção da abadia através de suas mensagens de desprendimento dos bens materiais e do seu apego a doutrina do Cristo, em verdade pouco utilizada pelos monges beneditinos aquela época.

O noviço atendeu ao pedido de Paulus e durante algum tempo silenciou em suas palestras, porem sem convencer-se do acerto de sua atitude. Afinal, percebia com o passar dos dias que nada se alterava no cotidiano dos monges, ou seja, nenhum gesto de caridade ostensiva era colocado em prática, enquanto os cofres da abadia continuavam sendo abarrotados de riquezas de toda ordem.

Durante o período em que esteve resguardado, Giuseppe foi observado cautelosamente pelo prior e também pelo bispo de Lyon. Ambos conheciam a força do jovem idealista, convicto e cristão, que buscava transformar o modo de pensar e agir de seus companheiros de noviciado.

CAPÍTULO XVI - A VIDA DE GIUSEPPE


GIUSEPPE

Don Genaro, rico e próspero comerciante de Veneza, dos seus onze filhos dedicava especial atenção ao mais novo de todos, Giuseppe. Sempre prestativo aos reclames da igreja local, costumava fazer abonadas doações ao sacerdote, em especial porque seu caçula tornou-se coroinha. Orgulho da família e mimado pela bondosa mãe, Bernarda, o rapaz crescia manifestando a intenção de seguir carreira eclesiástica.

Conhecedor do anelo dos monges beneditinos, em especial de sua fascinação por ouro e outros metais preciosos, o comerciante ofereceu-lhes vultosa quantia para receberem, como aprendiz, seu filho Giu-

seppe. Aceita a oferta, a condição imposta pela ordem era mandar o moço a Lyon, pois os templos Italianos não tinham interesse em recebê-lo. Não por acaso, ali começaram os difíceis passes do dedicado iniciante para afirmar-se no cristianismo, consolidando a sua fé.

Ainda na adolescência, Giuseppe costumava, espontaneamente, dedicar-se a caridade e gostava de auxiliar os pobres e visitar os enfermos. Mantinha um namoro com Lítia, uma moça de boa família, com quem Don Genaro mantinha excelente relacionamento. Apaixonado, o casal trocava juras de amor e promessas de futuro casamento.

Partiu para Lyon, na companhia do genitor, tão logo alcançou os 17 anos e ingressou no mosteiro da ordem beneditina, como havia sido planejado. Deixou para trás, desconsolada, a namorada que não aceitava o determinismo de Giuseppe em abraçar a carreira clerical.

O tempo passou e o rapaz, a cada ano, tornava-se mais arguto e erudito, estudando várias horas de seu dia e começando a questionar os valores espirituais que lhe eram apresentados pelos monges instrutores. Interpretava diferentemente a mensagem de Jesus e acreditava que o cristianismo estava sendo manipulado por alguns setores da Igreja para o fim de enriquecimento ilícito através da caridade e da boa fé alheias. Inconformado, começou a pregar aos seus companheiros de noviciado as suas idéias a esse respeito, despertando a ira dos dirigentes beneditinos. Organizou, por sua conta, grupos de estudo e reunia-se com os outros noviços as margens do lago interno que banhava a abadia, para expor os valores desprendidos das mensagens cristãs.

Giuseppe, no entanto, seguia solitário o seu caminho idealista, pois muitos iniciantes, temendo represálias por parte da direção da abadia, abandonavam os grupos antes de concluírem suas lições. Destemido, o rapaz persistia na sua atividade paralela de discussão do Evangelho, deixando de comparecer as aulas ministradas pelo monge Verbasiano, condutor doutrinário dos noviços.

Cautelosamente, o prior tentava dissuadir o rapaz de sua postura obstinada e buscava evidenciar-lhe as vantagens da riqueza material. Utilizando a seu modo várias passagens bíblicas, tinha por fim convencer Giuseppe de que Cristo não pregou o voto de pobreza e que jamais condenou os ricos. Apesar de entender que a riqueza por si só não era um mal, o

noviço contra-argumentava no sentido de que o ócio provocado por ela jamais poderia ser aceito. Paulus sempre terminava essas conversas perdendo a paciência e acreditando que o moço era um caso perdido. Deveria ser expulso da ordem, antes que causasse estragos significativos entre os outros monges. Entretanto, Giscard, bispo de Lyon, desejava manter o rapaz no aprendizado, pois isso rendia muito ouro aos seus cofres, largados anualmente por Don Genaro para custear os estudos do filho.

Visando desestimulá-lo, a direção da abadia transmitia a Giuseppe tarefas cada vez mais árduas e passou a proibir o seu ingresso na biblioteca. Resignado, o noviço não esmorecia e continuava sua peregrinação de fé.

Agressões de toda ordem passaram também a persegui-lo constantemente, mas ele as suportava com paciência inabalável. Pouco a pouco, sentia aflorar a sua mediunidade, que lhe permitia uma comunicação constante com seus Mentores Espirituais. Fortalecido, Giuseppe obtinha ensinamentos por via intuitiva ou através de inspiração, continuando, pois, a progredir em suas palestras.

Após longo percurso, alguns noviços passaram a adotar na íntegra os novos ensinamentos que lhes eram transmitidos e começaram a recusar qualquer meio de ostentação, inclusive refutando fartas refeições que eram servidas aos monges.

O desespero tomou conta dos mais velhos e transferiu ao prior a responsabilidade de deter aquele foco de revolta e indisciplina.

- Não é possível! Eu já conversei com esse insubmisso, narrei-lhe os interesses que estão em jogo com seu pai, invoquei todas os mandamentos bíblicos, pedi auxílio aos nossos mais preparados alquimistas, determinei o seu claustro, proibi suas pregações, dissipei seus seguidores, acabei com seu grupo de estudos, ameacei-o várias vezes, submeti o rapaz a todas as privações possíveis e o que consegui? NADA, absolutamente nada! Mal posso acreditar em sua persistência!

Observador, o bispo de Lyon adverte:

- Calma, Paulus! O moço é mesmo determinado, porém já lidamos com alguns casos semelhantes e não fomos derrotados. Um pouco de malícia e tato com Giuseppe e poderemos silenciá-lo definitivamente.

- Mas, Reverência, os outros monges estão rebeldes e exigem providências imediatas...

- Cuidarei pessoalmente do caso. Por ora, é minha última palavra. Enquanto a direção da abadia movimentava-se para calar o novel, os amigos de Giuseppe preocupavam-se com sua segurança e alertavam-no para deixar o mosteiro. Orando em meditação, o rapaz apenas discordava dos companheiros balançando a cabeça e, vez ou outra, proferia algumas palavras demonstrando ter fé e dizendo que nada de mal iria lhe acontecer.

Em Veneza, preocupado com a quietude do filho, Don Genaro resolveu partir para Lyon a fim de saber notícias do caçula.

Na abadia, recebido pelo prior, ele foi levado a uma entrevista com o noviço e buscam convencê-lo a voltar para casa, pois há muitos anos estava enclausurado e até aquela data ainda não se sagrara monge. Negando com veemência a proposta paterna, Giuseppe argumentou ter uma missão a cumprir naquele local e jamais o deixaria antes de cumpri-la. Continuaria sua trajetória de pregação até que a filosofia do mosteiro fosse alterada. Revoltado, Don Genaro cobrou do abade a imediata sagração de seu filho, pois do contrário deixaria de enviar contribuições para custear sua educação. Pressionado, o prior levou ao conhecimento de Giscard, no bispado, a posição veemente do pai de Giuseppe.

Algum tempo depois, em uma noite escura, sem estrelas a iluminar o céu, somente a lareira do salão principal da abadia crepitava isolada. Nenhum som além desse era ouvido no interior do mosteiro. No subterrâneo, porem, os monges organizavam-se para a sua festa mensal. Pelas estradas tortuosas que conduziam as muralhas beneditinas notava-se o tráfego de algumas mulas, trazendo visitantes ao local. Os monges mais novos e os novéis foram trancados em seus aposentos.

Após a meia-noite iniciou-se o evento e os beneditinos entregaram-se aos prazeres da bebida farta e das orgias sexuais com prostitutas trazidas das vilas próximas.

Enquanto isso, no quarto de Giuseppe, um grupo de noviços orava ardentemente. Subitamente, uma luz dourada pairou acima de suas cabeças e, fortalecendo-se cada vez mais, começou a invadir os corredores da abadia até chegar ao subterrâneo.

Atravessando paredes e cegando aqueles que a encaravam diretamente a poderosa luz invadiu todos os ambientes beneditinos e assustou as convidadas dos monges. Cessando a festa, cada um buscava uma explicação

lógica para o surgimento daquele brilhante foco luminoso. Em poucos minutos, entretanto, todas as desconfianças voltaram-se a Giuseppe. O jovem, no entender dos mais velhos, tinha ligações demoníacas e, usando dos livros de magia negra, havia estragado o encontro mensal que alegrava as noites solitárias do mosteiro. Reclamações contundentes foram dirigidas ao priorato. Pressionado ainda mais, o bispo de Lyon autorizou o extermínio do noviço que estava causando tanto dissabor dentro da abadia.

CAPÍTULO XVII - O TÉRMINO DA JORNADA

Antes de eliminar Giuseppe, o prior enviou o rapaz a Lyon para que o bispo pudesse conhecê-lo melhor, sanando, portanto, a sua curiosidade a respeito de personalidade tão marcante na vida beneditina. Durante sua passagem pelo bispado, o noviço também desejou aproximar-se de Antoine para entender qual era a razão de seu comportamento autoritário e materialista. Tinha, ainda, a esperança de implantar no endurecido coração do prelado alguma mensagem de amor cristão.

Ambos médiuns e com personalidade forte vivenciaram inúmeros confrontos e cada um deles buscava penetrar no âmago do antagonista a fim de convencê-lo do acerto de suas posições pessoais. Sem efeito. O bispo permaneceu jungido a seus desmandos e Giuseppe inabalável em sua trilha redentora.

Cético, Giscard aceitou a volta do moço a abadia, mas determinou que Gerard - seu auxiliar direto - o acompanhasse. Na mesma noite do regresso, o assessor do bispo ingressou no quarto do novel e envenenou-lhe a água. Escondeu-se, depois, atrás da porta para ter certeza de sua morte. Enquanto aguardava, viu surgir a sua frente uma figura brilhante, que tomou a forma de um homem. Percebendo tratar-se de um Espírito, Gerard estremeceu e tentou gritar, mas suas cordas vocais estavam petrificadas de medo. Quis lançar-se contra aquele ser sobrenatural que poderia estragar seus planos, mas a única coisa que fez foi quebrar a jarra onde havia colocado o veneno. O barulho provocado despertou Giuseppe.

- Quem esta aí? Ah, és tu Gerard! O que queres em meus aposentos a esta hora?

Lívido e transtornado pela aparição daquele Espírito, o assessor do bispo mal conseguiu articular as palavras.

- NNNada, nnão quero nada! - balbuciou. Deixa-me em paz, seu bruxo desgraçado!

Fugindo desesperado, deixou confuso o próprio Giuseppe que não soube, afinal, o que havia acontecido.

Aquela materialização de seu protetor, por alguns segundos, no entanto, conseguiu evitar o cruel fim do novel. No dia seguinte, alertado por seus companheiros, o rapaz descobriu as reais intenções do bispo, que eram eliminá-lo. Cedendo as pressões dos amigos, ele deixou a abadia e buscou esconder-se por algum tempo.

Furiosamente perseguido por mercenários contratados pelo bispado durante vários dias, o jovem terminou aprisionado e novamente retornou ao antro beneditino. Conduzido a *"Sola dos Pecados"* foi torturado sem cessar até a morte. Corajosamente, resistiu até o último segundo e jamais confessou estar errado em suas posições francamente idealistas e próximos dos verdadeiros ensinamentos do Cristo.

Entristecidos pela morte de Giuseppe, os monges faziam uma de suas refeições do dia em completo silêncio quando a presença espiritual do rapaz foi percebida na sala. Um misto de medo e alegria dominou os presentes. Lentamente, o perfil do moço desenhou-se num dos cantos do refeitório. Uma suave luz dourada compunha-lhe o perfil e o verde brilhante servia-lhe de vestimenta. Materializado, ele agradeceu a todos a confiança que lhe foi depositada ao longo de tantos anos e não culpou nenhum dos monges pelo seu prematuro desenlace da vida física. Enalteceu a figura de Jesus e reafirmou a sua confiança na construção de um mundo melhor, dizendo aos beneditinos que isso dependeria do esforço de cada um. Conclamou-os, portanto, a união e a luta, abandonando posturas inflexíveis e materialistas. Perdoou aqueles que o prejudicaram e desapareceu completamente, deixando na sala um suave perfume de rosas.

Alguns dias depois da morte de Giuseppe, a abadia foi invadida por Klaus Augusto Von Bilher, o general germânico que impôs ao bispo de Lyon a fragorosa derrota, custando-lhe a própria vida.

Os monges ligados ao jovem novel salvaram os bons escritos da biblioteca beneditina e deixaram o restante dos pérfidos instrumentos lá exis-

tentes queimar até as cinzas. A tragédia imposta a abadia pela ânsia vingativa de Klaus fez renascer em Lyon, meses depois, um novo mosteiro conduzido pelos herdeiros das idéias de Giuseppe. Integrados a prática da caridade e seguindo fielmente os ensinamentos cristãos, uma nova ordem instalou-se no coração de França e contou, naturalmente, com a proteção espiritual do seu mentor, o corajoso e idealista novel.

CAPITULO XVIII O RETORNO A ESPIRITUALIDADE

- Está preparado para começarmos a regressão, Eustáquio? -indaga Hilário, dirigente da *Coordenadoria de Triagem*[17] de Alvorada Nova.

- Sim, na verdade estou ansioso! Podemos iniciar - responde o paciente, após ter estagiado por vinte anos no *Posto de Socorro* ligado a Cidade Espiritual. Recuperou-se, nesse período, em câmaras de sono profundo e utilizou-se depois de todos os tratamentos disponíveis na *Casa de Repouso.*

Um imenso painel a sua frente acende-se e da início ao processo de rememorização. Vários quadros são refletidos com luminosidade intensa, mas Eustáquio consegue absorvê-los um a um. Lenta, mas progressivamente, a memória do paciente restaura-se quase de modo integral. Revê todo o seu último percurso na crosta terrestre, desde os seus mínimos acertos até a maioria dos seus graves erros.

A sessão é suspensa para um descanso, enquanto Eustáquio segue para o *Departamento de Reencarnação.* Recebido por Josemar - encarregado da seleção de fichas - ele toma conhecimento de alguns dados complementares referentes a sua reencarnação como conde D'Antoine a fim de integrar a sua rememorização. Normalmente, a atividade de retomada da memória é estafante e alguns detalhes perdidos na observação das imagens são complementados pela leitura de alguns dados arquivados no computador da unidade competente.

---

[17] *Nota do autor material: ver no livro "Alvorada Nova" o capítulo "A descrição de nossa arvore - IV - Coordenadorias Especializadas" e no livro "Conversando sobre Mediunidade - Retratos de Alvorada Nova" no seu capítulo II, "Recepção do Espírito em Alvorada Nova".*

Retornando ao salão principal da *Coordenadoria de Triagem,* os trabalhos são reiniciados. Ao longo do processo, verte amargas lágrimas quando revê o momento do seu assassinato no duelo com Klaus.

- Acalme-se, Eustáquio! são apenas recordações. O seu momento presente é outro, lembre-se disso - adverte Hilário.

- Esta bem, tentarei ficar tranquilo daqui em diante. Podemos continuar...

Finalizada a sessão, o orientador dos trabalhos propõe uma avaliação conjunta daquilo que foi visto.

- O que posso dizer-lhe senão que me encontro confuso? Já não tenho a clara noção do certo e do errado. Não creio que serei capaz de retornar ao plano material. Cometerei muitos outros erros. Gostaria de ficar aqui.

- Você sabe que isso e impossível, Eustáquio. A reencarnação é meio indispensável de reparação de suas dívidas. Muitos foram prejudicados pelos seus atos e aguardam ansiosamente uma oportunidade para reencontrá-lo. A Justiça Divina torna isso viável. Deverá retornar a Crosta, mas antes de voltar a França fará um estágio em outros locais bem distantes do palco de seus maiores e mais graves desvios.

- Não, recuso-me a aceitar a idéia de um dia tornar a França, mesmo que seja no futuro distante...

- Eustáquio, você acaba de incidir num de seus maiores desvios: a prepotência. Neste momento, você não está em posição de escolher os caminhos que deseja seguir. Seria melhor que concordasse conosco, acatando a trajetória que lhe foi traçada pela *Unidade da Divina Elevação.*

- Mas para onde devo seguir? Em que circunstâncias vou reencarnar? Eu preciso saber...

- Você deverá partir para um longínquo continente, bem afastado da Europa e ingressará em uma vida rude e selvagem. Viverá sem qualquer conforto material, mas terá oportunidade ímpar de compreender o valor da verdadeira simplicidade, reencontrando-se com a Natureza. Será um local livre do acesso de seus maiores inimigos, especialmente aqueles que estão no plano espiritual. Você concorda?

- Lamento, Hilário, são poucas informações. Não posso confiar-lhes assim o meu destino. Prefiro aqui permanecer.

Uma luz suave e brilhante emana do centro da tela a sua frente, atingindo-lhe o coração. Um poderoso calmante lhe é ministrado e faz cessar suas angustias e ansiedades. Eustáquio adormece para somente despertar no Brasil[18], no ano de 900, na figura de um índio. A Natureza lhe será testemunha.

CAPÍTULO XIX - DESVENDANDO UM CONTINENTE SELVAGEM

Criaturas aladas cortam o céu azul e límpido para pousar, logo após, em uma imensa e frondosa arvore, de galhos extensos e caídos, que cedem ao peso de seus muitos anos de existência. Uma chuva abundante convive amistosamente com o esplendor do sol. Os animais esbaldam-se nas poças d'água, lavando-se no seu banho diário, enquanto as calmas águas de um largo rio espelham a tranquilidade maçante da região.

Em uma clareira inóspita, ergue-se uma taba com modestas tendas. Do alto de uma íngreme rocha, um velho índio, todo ornamentado de penduricalhos, discursa entusiasmado a uma platéia de cinquenta espectadores. Pregando a necessidade de mudar a liderança da tribo, o pajé Tatuí-Piaba conclama os índios a uma revolta contra o velho cacique Petinguara.

Ao longe, dois observadores espirituais de Alvorada Nova acompanham a cena e fazem comentários entre si.

- Ah, Eustáquio! Os anos passam e ele persevera em sua sede de conquista do poder onde quer que esteja. É impressionante como desvios arraigados no âmago do ser demoram a ser corrigidos.

- É verdade! Não é a toa que Agamenon preocupou-se em nos designar observadores de sua trajetória. Devemos apenas interferir caso haja o concurso indevido de entidades inferiores provenientes de zonas umbralinas.

- Se Eustáquio continuar nessa trilha, poderá atrair antigos adversários que o perderam de vista ha algum tempo. Sua vibração servirá de isca a aproximação desses espíritos.

---

[18] *- Nota do autor espiritual: o Brasil, como se sabe, nessa ocasião, não tinha esse nome e era apenas um continente selvagem, habitado por indios.*

- Para isso estamos aqui! Alvorada Nova busca garantir-lhe um território neutro para seus acertos ou insucessos.

Sua capacidade de comover multidões com palavras bem escolhidas e inteligentemente colocadas e inegável. Em poucos dias, Petinguara e obrigado pelo conselho da tribo a ceder o seu lugar a um cacique mais jovem, indicado pela *sabedoria* do pajé. Assume o posto o índio Arari-Tutoia.

Enquanto o novo dirigente dos silvícolas cede aos caprichos e ordens do pajé Tatuí-Piaba, na realidade Eustáquio reencarnado e repetindo os seus erros do passado, a paz reina tranquila na aldeia. A partir do instante em que o jovem cacique contesta o líder espiritual começam as disputas e as mortes. Assassinatos e violentos confrontos tem início entre ambas as facções.

A par de sua ambição incontrolada, o pajé orienta com bondade os índios que o procuram buscando conforto espiritual. Preparando remédios extraídos de plantas e raízes, ele consegue salvar muitas vidas e, de alguma forma, praticar a caridade.

Envelhecendo no combate surdo com Arari-Tutóia, termina vencido pelo cacique, muito mais jovem e poderoso. Condenado ao ostracismo, Tatuí-Piaba e substituído por outro índio na pajelança e, desgostoso, morre esquecido em total solidão.

Em posição de vítima, Eustáquio deixa o plano material e é resgatado por Emissários da colônia espiritual à qual está ligado, reiniciando, de imediato, um processo lento, mas necessário, de planejamento para sua próxima reencarnação, que será *preparatória.* Computados seus acertos e desvios, resta ainda imenso saldo a ser resgatado no futuro.

CAPÍTULO XX - "NA CASA DE REPOUSO"

Com o auxílio de Nívea, Eustáquio e conduzido novamente a Alvorada Nova, onde passa a estagiar na Casa de Repouso e, mediante tratamento, transforma o seu perispírito, inicialmente na forma de índio até retornar a sua anterior aparência.

A reencarnação, por ser lei universal de progresso dos seres, possibilita que os Espíritos evoluam gradativamente através de inúmeras passa-

gens pelo plano físico. Ora por determinismo do Plano Superior, ora por livre-arbítrio, o processo de retorno a matéria nunca se detém e jamais a depuração alcançada pela entidade retrocede, involuindo. No máximo, pode ocorrer a estagnação, o que não deixa de constituir-se um prejuízo ao Espírito.

Após um extenso percurso pelas instâncias da colônia, estudando, aprimorando-se e aprendendo, Eustáquio está preparado a retornar a carne, reiniciando sua trajetória em outro local distante de França, cenário de seus maiores débitos.

Há três formas básicas de progressão espiritual no tocante as reencarnações pelas quais passa o Espírito.

Reencarnação-chave: destina-se aos maiores e mais importantes resgates que se tenha a enfrentar. As grandes dívidas acumuladas pelo Espírito geralmente concentram-se numa determinada região do globo terrestre e relacionam-se com personalidades específicas. O reencarnante, no palco de seus mais graves desmandos, sofre uma trajetória de provas e expiações. Triunfando no percurso, conseguirá elevada depuração espiritual. Fracassando, continuará no mesmo estágio evolutivo e deverá prosseguir, no futuro, na trilha expiatória e regenerativa. Para que essa viagem de retorno tenha um mínimo de probabilidades de sucesso, o Espírito devera passar, antes, por reencarnações *alternativas e preparatórias.*

Reencarnação-altemativa: constitui um apoio ao Espírito para que ele desvincule-se de sua anterior passagem pela materialidade. Uma reencarnação-chave que não trouxe progresso a criatura não será facilmente esquecida. Assim, a *reencarnação-altemativa,* em local distante do palco de seus arraigados desvios e com outros seres, possibilita a entidade em progresso desligar-se dos seus laços do passado, abrindo o seu campo de atuação para o futuro. Foi o caso de Eustáquio ao reencarnar no Brasil.

Nem sempre uma única *reencarnação-altemativa e* suficiente para deixar preparado um Espírito a voltar a Crosta, em *reencarnação-chave.* Dependendo, pois, do livre-arbítrio de cada um e de sua força de vontade em ultrapassar obstáculos resignadamente, poderá ou não haver varias reencarnações-altemativas.

Reencarnação-preparatória (ou estratégica): realizado o estagio da criatura em uma ou mais *reencarnações-altemativas,* o retorno a crosta

terrestre que devera preceder a uma *reencarnação-chave* denomina-se *preparatório.* Logicamente, o Espírito, mal utilizando o seu livre-arbítrio poderá acumular tantos débitos em uma *reencarnação-preparatória,* que não poderá voltar, logo após, em *reencarnação-chave.* Entretanto, de regra, quando a entidade atinge a *reencarnação-preparatória* significa ter alcançado um patamar razoável de evolui, ao que o credencia a um retorno decisivo.

Não existe, portanto, uma regra absoluta nesse encadeamento, pois a designação de cada *reencarnação* do Espírito depende da concentração de determinados tipos de provas e expiações que serão enfrentados na materialidade. *Reencarnações-chave* tem elevado numero de provas e menor numero de expiações. Nas *reencarnações-altemativas* dá-se o inverso (maior numero de expiações e menor numero de provas). As *reencarnações-preparatórias* são equilibradas com semelhante numero de provas e expiações, embora com predominância dessas últimas.

Eustáquio recebe do *Departamento de Reencarnação* a sua próxima programação e, resignado, mas ainda não convencido, retorna a carne para cumprir, na identidade de Samuel, uma *reencarnação-preparatória.*

CAPITULO XXI - EXPIAÇÃO NA ESLOVENIA

Assumindo o corpo de Samuel, Eustáquio nasce em família pobre na Eslovênia do ano de 970. Seus pais são judeus itinerantes, David e Rachel, muito apegados aos filhos e ao trabalho no campo, mas que não conseguem fixar residência e passam a vida viajando pelo mundo. Nessa ocasião, estabelecidos em região fronteiriça entre o Ducado de Carintia e o Reino da Croácia, passam por dificuldades materiais de toda ordem.

Samuel tem deficiência física e retardamento mental, o que não lhe impede o raciocínio, mas torna-o mais lento. Amparado pela irmã mais velha, Sara, o menino cresce sem maiores problemas, embora sempre entristecido e carregando no peito um coração irresignado.

Somente quando está em desprendimento do corpo físico, ante a Jornada proporcionada pelo sono, ele alegra-se em contato com entidades espirituais que o cercam, sejam elas boas ou mas. Sente-se liberto de seu limitado invólucro carnal e, inúmeras vezes, deseja não retornar ao seu

estagio na Crosta, pretendendo jamais despertar do sono que o envolve. Suas melhores sensações, no entanto, são vividas quando, em desprendimento, encontra-se com sua amada Nívea. Nessas oportunidades, relembram juntos alguns aspectos do seu passado em Dijon, ressalvando-se a necessidade de seu retorno a França para resgatar suas dívidas.

Longos anos de reflexão e sofrimento causados pela clausura de seu débil corpo material, repletos de amor familiar, credenciam-no a pleitear uma *reencarnação-chave,* buscando a tão esperada evolução espiritual.

Desencarna aos 60 anos de idade e cruza os portais dourados de Alvorada Nova, aguardando o seu mais ambicioso projeto: reviver a França e reconstruir o seu passado através de uma conduta verdadeiramente cristã.

FIM DA PRIMEIRA FASE

MAPA Nº 04 - EUROPA - ESLOVÊNIA

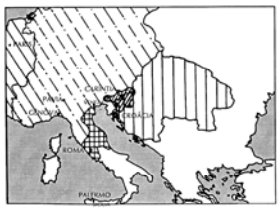
ESLOVÊNIA

ESTADOS PONTIFICIAS

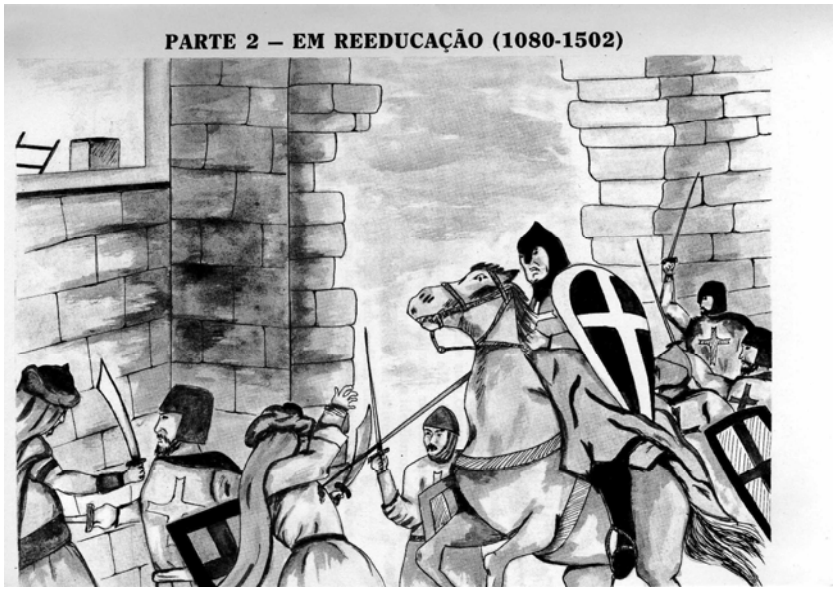
REINO DA HUNGRIA

REINO DA FRANÇA

SACRO IMPÉRIO ROMANO-GERMÂNICO



132



CAPITULO XXII - CALAIS

- Ah, o mar... Respires fundo, Melânio, e sintas a força que emana de suas águas fogosas a combater com ferocidade a inércia das rochas. Vês o que te digo?

Indiferente a esse surdo monologo, coloca-se fiel ao lado de seu dono Patrick o *retriever* Melânio, um formoso cão de origem britânica.

A tarde e sombria e nebulosa. Calais e suas cercanias debruçam-se sobre o mar e sua comunidade vive sob influência direta dos costumes ingleses, apesar de sua localização no continente.

Patrick, jovem cavalariço, com vinte anos de idealismos e sonhos, admira o mar e seus mistérios como se ali estivesse projetado o seu próprio passado escondido sob a fúria das águas.

- Sabes, Mel[19] (18), se me fosse possível, iria viver em Londres. Não suporto mais esta vida miserável que levo. Tu irias comigo?

Latidos estridentes ecoam pelo penhasco concordando com o dono.

O jovem cavalariço da região de Flandres trabalha para o duque de Talantois e participa de inúmeros torneios conduzindo os belos cavalos do fidalgo. A epilepsia - mal que o acomete - torna seus dias mais amargos e derruba suas esperanças de progresso e ascensão social.

Em um dos certames organizados pelo ducado de Talantois, contando com a participação de inúmeros nobres da região, Patrick conhece Clemence, dama de companhia da Condessa du Carmier e por ela apaixona-se perdidamente. Apesar de franzino, o rapaz possui nos olhos um brilho cativante, esboçando ares ingênuos e frágeis, mas escandescidos. A moça sente-se profundamente ligada a esse homem que acaba de conhecer e horas depois ambos trocam as mais solidas juras de amor.

Algumas semanas depois, unem-se em matrimônio e passam a viver nas cercanias do castelo de Talantois. Durante dois anos, parecem viver na mais absoluta felicidade, embora Patrick sempre manifeste o seu inconformismo com sua precária situação social. Clemence recebe, então, a luz Patrice, uma menina de olhos verdes como aquelas águas do mar que acompanhava os sonhos e as reflexões de seu pai.

---

[19] *Nota do autor espiritual: apelido carinhoso de Melânio.*


DUQUE DE TALANTOIS

Certa vez, surge em Calais, Merkon, barão de York e amigo pessoal do duque, para uma visita. Irônico e mordaz, o nobre inglês logo implica com o jovem pajem.

- Meu caro duque, observo que continuas a dar abrigo a esse rapazote... Como e mesmo o seu nome?

- Patrick...

- Pois bem... Soube que ele e um elogiado palafreneiro! O duque aquiesce, balançando a cabeça.

- Difícil acreditar nisso! O rapazinho é franzino e tem um ar um tanto boçal. Não te pareces?

- Não digas isso, Merkon! O rapaz está por perto. Presunçoso, mas sagaz, o nobre inglês tem um plano ao provocar dessa maneira o despreparado Patrick e também o ingênuo duque.

- Pobrezinho, ele e tão doente...

A fagulha final e lançada e Patrick, sem nada desconfiar, sente-se ferido em seus brios e invade a conversa.

- Perdão, senhores! Não deveria eu, um simples pajem, que cuida dos cavalos, interferir em vossa conversa. Entretanto, fui agredido em minha honra pelo senhor barão de York. Quero dizer-vos que, apesar de minha doença, posso perfeitamente cuidar de meu serviço...

O rapaz conta com a bondade e paciência infinitas do duque ao permitir que um serviçal dirija-se a fidalgos, mormente visitantes, dessa forma.

- Ninguém questiona o teu valor, Patrick - diz o patrão.

- Sim, eu questiono! Desafio-te a provar-me o que falas com tanta arrogância neste momento - devolve o nobre inglês.

- Assim farei, senhor barão, desde que meu amo o permita.

- O que pretendes com isso, Merkon? - indaga o duque.

- levá-lo comigo para a Inglaterra e fazer com que ele treine os meus animais para o próximo torneio de York.



BARÃO DE YORK

Atônito, o duque de Talantois consulta o jovem cavalariço.

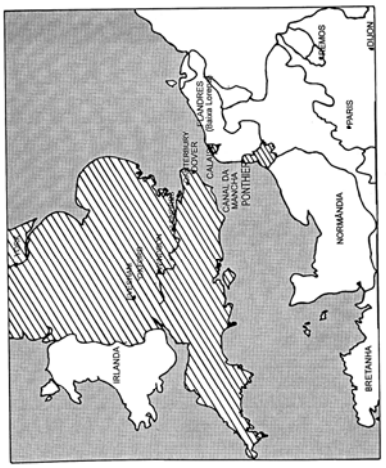
- Aceitas ir para as terras do barão, Patrick?

- Sem dúvida, senhor!

Lança-se a sua sorte e o fidalgo visitante consegue o seu intento, ferindo o orgulho do rapaz, consegue retirá-lo de Talantois a fim de levá-lo aos seus domínios para treinar animals de puro sangue. Clemence, inconformada, chora a partida do marido, mas aceita as linhas que o destino acabara de trazer.

MAPA Nº 05 - EUROPA - REGIÕES PRÓXIMAS AO CANAL DA MANCHA

DOMÍNIOS BRITÂNICOS



140

CAPÍTULO XXIII - PATRICK NA INGLATERRA

A noite anda lenta e ao longo de horas sofre violenta tempestade, enquanto um barco cruza, sôfrego, o canal da Mancha. A tripulação esboça enorme fadiga, enquanto o capitão da nau busca encontrar soluções para as avarias de monta sofridas. Um imenso *fog* ergue-se a frente do navio simbolizando a chegada a Inglaterra. Sensações de angustia e arrependimento começam a brotar, cedo, no espírito de Patrick.

- Nada poderá derrotar-me - pensa conformado.

Irado, o barão determina que todos os serviçais preparem-se para desembarcar. Horas após, a expedição segue em direção ao castelo de York.

A lua esconde-se atrás das nuvens, deixando os viajantes tensos e receosos ante a escuridão profunda da noite. Empantanados, eles acendem varias tochas a fim de encontrar o caminho. Minutos tornam-se horas e estas parecem estender-se como se dias fossem.

Adentram a uma floresta densa e úmida, onde pequeninas criaturas notumas rondam os peregrinos insistentemente. De súbito, uma vertigem descontrola Patrick, que cai prostrado ao solo. O barão, não admitindo atrasos, começa a gritar:

- Estúpida criatura! Levanta-te imediatamente!

As rudes palavras de Merkon calam fundo no âmago de Patrick e ele retorna, por alguns minutos, ao passado longínquo, identificando o mesmo tom de voz que um dia já ouvira de Don Antonio, em Cosenza. Sem dúvida, descortina-se em seu inconsciente o nexo existente entre ambas as figuras, pois o barão é, de fato, reencarnação do pérfido Don Antonio do Monte Nebrini.

Delirando, o rapaz começa a gritar:

- Não, pelo amor de Deus, poupa-me Don Antonio! Tendes piedade...

Confuso e sem entender o que se passa, o fidalgo inglês determina aos lacaios que carreguem nas costas o cavalariço.

- Eu disse ao duque que esse moço e imprestável...- resmunga Merkon.

As ordens são cumpridas a risca e o grupo prossegue a viagem rumo ao castelo de York, levando inerte o corpo do pajem.

Na manhã seguinte, Patrick abre os olhos e a sua frente depara-se com uma mulher gorda e feiosa, com as mãos amparadas nos quadris, que o encara fixamente.

- Quem és tu? Onde estou, senhora?

- Vejam só! Um autentico boçal com refinados hábitos... (risos). Estamos nas terras de York e tu estás confinado aos teus aposentos: o estábulo. Sou Crisméia, a governanta! Aconselho-te a logo despertar e imediatamente começar o teu trabalho ou do contrario ficarás sem comer.

Antes que Patrick possa esboçar qualquer reação, a mulher vira-lhe as costas e sai. Angustiado, volta seus pensamentos para o ducado de Talantois e relembra-se da doce imagem de Clemence. Ao seu lado, acalmando-lhe o espírito, encontra-se Nívea, sua mentora.

Após um mês de estafantes atividades, o rapaz percebe que o barão não tem intenção alguma de devolvê-lo a Flandres. Seu isolamento e quase completo. Nenhuma carta recebe da esposa ou do amo. Desespera-se.

Indagando a Crisméia, toma conhecimento dos atos de Merkon. Ele havia escrito ao ducado, dizendo que Patrick recusava-se a voltar e que iria fixar definitivamente sua residência na Inglaterra. Sentindo-se prisioneiro, sabe que sua família iria acreditar nessa versão, pois ele sempre teve o desejo de residir em terras britânicas. Revoltado, resolve vingar-se daqueles que o mantém praticamente encarcerado em York. Inteligente, aproveita-se da ignorância de Crisméia e de outros serviçais, passando a intrigá-los uns contra os outros.

Em pouco tempo, a governanta indispôs-se com a cozinheira Margot e com o condutor da carruagem, Malcom. Estes, por sua vez, acreditando na cilada preparada pelo cavalariço, começam, também, a brigar entre si.

Malicioso e utilizando toda a sua argúcia, Patrick percebe que Crisméia nutre um amor platônico pelo barão. Aproveitando-se disso, chama-a para uma conversa ferina.

- (...) Soubeste do comentário que corre o palácio?

- Que comentário?

- Oh, lamento! Pensei que tiveste tornado ciência das interludes do barão... Sinto ser eu o autor dessa noticia terrível.

- De que falas, Patrick? Deixas-me nervosa desse jeito.

- A baronesa esta impondo a tua substituição... Acho que descobriu a traição.

- Como? Traição? Que absurdo!

- Todos sabem que és apaixonada pelo amo, não negues... Patrick apenas joga a isca, sem ter certeza do que fala, mas Crisméia engole o chamariz e entra em pânico. Sem terminar a conversa, a governanta principia um choro convulsivo e enclausura-se em seus aposentos.

O sol caminha trôpego para seu recanto, Após longo e cansativo dia, acobertando-se atrás da lua que surge altaneira no céu da Inglaterra, quando um grito gutural ecoa pela pradaria. Assustados, os serviçais do castelo constatam vir da biblioteca o berro de pavor. Entrando na sala, encontram, dentre finas porcelanas inglesas estilhaçadas ao chão, o corpo inerte de Crisméia. Na sua mão ainda esta o cabo de uma adaga, cuja afiada lamina encontra-se cravada no seu próprio coração. A governanta suicidara-se e, a sua frente, o barão permanece lívido e estático.

- Esta mulher enlouqueceu! Entrou na biblioteca aos prantos e, dizendo que se mataria se eu não a perdoasse, tentou agarrar-me a força... Empurrei-a, com vigor, naturalmente. Sem que pudesse evitar, ela sacou de um punhal e violentamente enterrou-o no próprio peito. Jamais vi uma cena como essa em toda minha vida!

Incrédulo com os fatos que presenciou, o barão explica-se aos serviçais. O sentimento de culpa expande-se entre todos os presentes, cada qual achando ter, a sua forma, contribuído para esse resultado fatal. Tantas foram as intrigas cultivadas no castelo nos últimos dias que outra não poderia ser a consequência.

Após uma semana da morte de Crisméia, vários empregados demitem-se e deixam as terras de York. Patrick, regozijando-se, sente dominar a situação. Em breve, é chamado a presença de Merkon.

- Não sei que desgraça abateu meu baronato... De repente, varios empregados que há anos prestavam-me serviços largaram seus postos e desapareceram. Pareço viver algum tipo de maldição. Necessito que tu assumas a direção do palácio, contratando novos serviçais.

- Senhor barão, sinto-me honrado com vossa confiança, porém...

- O que queres dizer? Estas reticente?

- Devo retornar a Calais a fim de rever minha família. Poderia, com a devida licença e submetendo-me a vossa esclarecida compreensão, propor-vos um trato...

- Um trato? Queres chantagear-me quando estou precisando de teus préstimos!?

- Em absoluto! Gostaria apenas de voltar a casa e poderia, de bom grado, auxiliar-vos neste difícil momento, contando com vossa colaboração para depois...

- Está muito bem! Reconheço quando não tenho opção. Tu poderás partir tão logo a situação esteja normalizada neste castelo. Agora, saia! Não quero ver-te mais a minha frente.

Patrick trabalha arduamente ao longo de um mês e consegue repor no baronato todos os empregados que largaram seus postos. Reorganizada a vida no palácio, retorna a presença do barão.

- Senhor, humildemente, solicito-vos permissão para deixar York, retornando a Flandres.

- Permissão negada! Continuaras dando-me assistência até os futuros jogos de Evesham.

- Houve um trato, senhor! Insisto, com o devido respeito, que seja cumprido.

- Eu fixo as regras em minhas terras, meu jovem. Conforma-te com isso ou serás detido outra vez no estábulo, por tempo indeterminado.

Irado e sentindo-se traído de modo vil, o cavalariço saca de um punhal e, sem vacilar, arremessa-o contra o barão, que se desvia instintivamente. A arma branca termina atingindo Sofia, baronesa de York, que acaba de entrar, casualmente, na biblioteca. Mortalmente ferida, a esposa de Merkon sucumbe diante de dois atônitos expectadores.

Não por acaso, repete-se idêntica situação do passado distante. Carlo matara a esposa de Don Antonio. Agora, outra vez, assassina-lhe a consorte. Colocados em uma situação de risco, ao invés de resgatarem débitos mútuos do pretérito, acabam aumentando suas dívidas e, segundo a lei de *ação e reação,* haverão de reparar o mal que erguem em seu caminho.

CAPITULO XXIV - DE VOLTA A FRANÇA

Após percorrer, em fuga, os sinuosos e estreitos caminhos da imensa floresta que cerca o castelo de York, Patrick tem em seu encalço cães bravios, seguidos por bravos mercenários contratados pelo barão para exterminá-lo. Consegue, entretanto, chegar a Oxford e daí, associando-se a um bando de contrabandistas de produtos orientais, atravessa o canal da Mancha, atingindo Calais.

Finalmente, ingressa no ducado de Talantois e não tarda a reencontrar-se com a esposa e a filha. Recebido ternamente por Clemence, Patrick desdobra-se em explicações a todos, inclusive ao próprio duque. Perdoado por todos, logo reintegra-se ao seu antigo trabalho.

O amargor acumulado nos domínios de York, no entanto, faz nascer no rapaz sentimentos desequilibrados, ora de vingança, ora de maledicência. Após tantas intrigas que promoveu, não consegue mais viver sem interferir na vida alheia, causando profundo desgosto em sua paciente esposa.

Em pouco tempo, desestrutura-se em sua relação conjugal e entrega-se as farras e a embriaguez habitual. Envolve-se amorosamente com várias mundanas das estalagens de Calais e nem mesmo os alertas do duque de Talantois ele digna-se ouvir.

O seu desregrado percurso condena-o ao ostracismo, abandonado pelos amigos, condenado pelos vizinhos e repreendido pelo patrão. A família continua a ampará-lo, jamais deixando-o sentir-se preterido. Embora obtenha no lar o amor que tanto necessita, Patrick deixa-se levar pelo desequilibrado modo de vida que adota.

Ao atingir trinta e cinco anos, acomete-se de aziago remorso, embora não sinta ter forças para alterar o quadro de flagelo emocional em que se envolveu. A partir dai, sem esperança de renovação interior, até o final de sua trajetória, não consegue desenlaçar-se do triste meandro que tragou para sua própria existência.

Desencarna em 1137, nos domínios de Talantois, em Calais, retornando a Espiritualidade com muito trabalho a cumprir.

CAPITULO XXV - DESENCARNE EM CALAIS

A mesma nevoa densa da floresta de York, sotuma, fria e impassível, recepciona Patrick no mundo espiritual. Cego e confuso, permanece algumas horas em estado de inconsciência. O medo domina-lhe o ser. Após semanas nesse estado letárgico, uma voz metálica provoca-lhe a atenção.

- Patrick! Assassino! Que te fiz para merecer tanto ódio? Que males te posso retribuir para compensar meu sofrimento?

- Quem es tu que não reconheço? Onde estou?

- Sou Minerva! [20] Aquela que ao longo de séculos vem sendo atormentada e agredida por ti, levianamente. Duas vezes, Patrick, tiraste-me a vida material. Agora, sou obrigada a vagar por esses pântanos sufocantes unicamente por tua causa.

- Trata-se de um engano, senhora, eu nunca a vi antes...

- Talvez não tenha visto da forma como hoje me apresento! Mas já fui bela e rica. Sim, poderosa e idolatrada! Lembras certamente da baronesa de York que assassinaste sem qualquer razão? Lembras, ainda, de Cosenza, quando outra vez tiraste-me a vida no Monte Nebrini?

- Não é possível! Sinto revolver minhas lembranças...

- No tempo certo você devera recordar-se. Até lá, seguira comigo. Será meu prisioneiro e farei com que se arrependa dos bárbaros atos que praticou.

Voltando-se aos seus aliados, Minerva determina que *correntes*[21] sejam colocadas no pescoço de Patrick, incapaz de apresentar qualquer reação. A Sabedoria Divina permite tais expiações, já que algozes e prisioneiros são vítimas de suas próprias ações passadas. Enquanto apresentam densificados perispíritos não tem condições de habitar mundo superiores. Arrastam-se por zonas umbralinas, entrechocando-se entre si, até estarem aptos a um resgate por mensageiros de alguma colônia espiritual.

---

[20] *Nota do autor material: e comum Espíritos mudarem de nome na Espiritualidade, como já, se viu no caso de Claudine/Giovanna, cujo na me no mundo espiritual e Nívea. Minerva foi a esposa de Don Antonio e Sofia, a baronesa de York, duos vezes portanto assassinada por Eustáquio. Dai a origem de seu ódio por Patrick.*

[21] *- Nota do autor material: não trata-se de correntes materiais, mas sim de formas-pensamento as quais são construções mentais, ideoplásticas.*

Anos de assédio contínuo esgotam a ânsia vingativa de Minerva, que afrouxa os seus laços obsessivos, libertando Patrick.

Resgatado, então, por Alvorada Nova, retorna a tratamento.

- E bom tê-lo novamente aqui, Eustáquio. Lembra-se de tudo o que vivenciou? - pergunta-lhe Hilário, encarregado de sua orientação na colônia.

- Certamente! Começo a perceber a gravidade de meus erros. Quanto tempo ainda sofrerei dessa forma?

- Não posso responder-lhe essa indagação, pois tudo depende exclusivamente de seu livre-arbítrio. Você deve promover uma verdadeira reforma íntima para sentir-se renovado espiritualmente.

- E terei outra oportunidade para isso?

- Sempre, meu amigo! A lei da reencarnação nos permite retornar a carne, para expiar erros do passado e submeter-nos a novas provas, inúmeras vezes.

- Deverei encontrar-me com Minerva?

- Sim. Ha dívidas entre ambos que merecem reparo. Não foi por acaso que você a agrediu duas vezes no passado. Anteriormente, já tinha sido por ela atacado. Ao invés de perdoá-la, mesmo inconscientemente, você terminou vingando-se. Em Cosenza, matou-a porque quis. Em York, por acidente, mas assumindo o risco[22] de ferir seu semelhante, terminou assassinando-a uma vez mais. Uma regressão mais ampla do passado permitira rever o que lhe digo.

- Ela sofrerá o mesmo processo?

- Quando for possível, irá relembrar também os seus atos pretéritos. Lembre-se que o melhor para ambos e o perdão mútuo.

Acatando as palavras de Hilário e dirigindo-se à sessão de rememorização, Eustáquio absorve, inequivocamente, a lição que acaba de ouvir.

Durante quatro anos, Eustáquio estagia num Posto de Socorro de Alvorada Nova, trabalhando arduamente e preparando-se a novo retorno a Crosta.

Próximo ao momento do reencarne, e advertido por Hilário.

---

[22] *Nota do autor material: maiores detalhes podem ser encontrados no livro "Conversando sobre Mediunidade - Retratos de Alvorada Nova", capitulo XIV (Teoria do Risco).*

- Você sabe que vivera uma *reencarnação-chave*. Aproveite essa oportunidade ímpar de resgatar seus erros. Uma vez mais, a sua programação será um berço nobre e confortável, mas seus inimigos do passado lá estarão para cobrar-lhe dívidas. Saiba ter a lucidez para perdoar e não se deixar levar por influências negativas. Eventual fracasso poderá causar-lhe imenso atraso em sua trajetória evolutiva.

- Ouvindo-o, agora, tudo me parece claro e inquestionável. Quando reencarnado, entretanto, sempre deixei-me levar por interesses materialistas. Acabo transformando a minha vida num desatino total. Como poderei evitar esse desequilíbrio?

- Com muito esforço e fé, Eustáquio! O progresso espiritual é conquistado gradualmente e por ação de seu próprio livre-arbítrio. Sustente-se no amor e na caridade e conseguirá obter sucesso.

A despedida carinhosa de Hilário dá-lhe forças renovadas e, no ano de 1147, em Dijon, nasce o menino Charles, filho do respeitado e temido duque de Bogondier, iniciando nova trajetória pelos percalços da vida terrena.

CAPITULO XXVI - CHARLES DE BOGONDIER

Imponentes torres do majestoso castelo do ducado de Bogondier rasgam a limpidez do céu azul e deslumbram os viajantes que por ali passam. Dijon não seria a mesma não fossem os domínios do duque, que marcam sobremaneira a vida dos habitantes da região.

Em uma das salas do palácio, varios nobres convidados divertem-se, escarnecendo o pequeno Charles, um garoto mimado com sete anos de idade. O austero duque, ao invés de apoiá-lo, participa do menosprezo coletivo contra seu filho.

- Não sejas fraco, Charles! Deves responder as provocações como um homem!

- Mas, meu pai, eu sou pequeno. Eles são mais fortes... não há como afrontá-los.

- Que bobagem! Já tens sete anos. Nessa idade, eu acompanhava meu pai em duelos e dava-lhe total apoio. Não posso permitir que sejas considerado um maricas.

Incapaz de responder a altivez do pai, o menino investe contra os presentes, num gesto desesperador. Dominado, acaba ferido e parte, choroso e humilhado, para o seu quarto.

Não há carinho no lar, nem mesmo atenção por parte dos pais e Charles cresce infeliz e consolado apenas pela imensa riqueza material de sua família.

Educado no próprio ducado pelo professor parisiense Paul de Sarcotian, o garoto demonstra, precocemente, inteligência invulgar e extrema dedicação aos estudos. Elege o seu mestre como uma figura exemplar, a quem tributa as qualidades de educador e pai. Dedica-se as artes e a literatura erudita tão logo chega a adolescência.

Indiferente ao progresso educacional do filho, o duque, sofrendo pressões da fidalguia, resolve interromper as aulas e mandar o rapaz a Paris para que assuma carreira militar.

Charles recusa terminantemente a determinação paterna e o afronta pela primeira vez ao longo de sua vida. O duque surpreende-se com a contundente posição do jovem. Em pouco tempo, rumores na Corte contestam a virilidade do filho único do nobre mais rico de Dijon. Consola-o seu professor.

- Não desanimes, Charles! Teus pais preocupam-se com teu futuro e o duque não quer o teu mal.

- Não sinto dessa forma, meu caro Paul. Trocaria toda a fortuna que tenho para receber um pouco de atenção de meus pais.

- Tens razão relativa. O amor é essencial a vida dos seres, porém e importante que te lembres de nossa Jornada efêmera pela materialidade. O momento da libertação chegará para ti e para todos nós, quando então poderemos buscar, na sua inteireza, o verdadeiro sentimento, que é o espiritual. O corpo que possuímos, nesta vida, obstaculiza nossas sensações reais e, por vezes, nos falta espaço para agir como gostaríamos. Uma vez libertos da matéria, no entanto, viveremos amplamente o amor.

- Que meu pai não te ouça jamais com essas idéias sobrenaturais! Tu sabes que bruxaria é punida com a morte?

- Não se trata de bruxaria. Tenho fé e acredito nesses postulados. Por enquanto, os cientistas da Corte não podem comprovar a existência da vida após a morte, mas Jesus nos ensinou que o seu Reino não e deste

mundo. Confio, portanto, que um dia a Humanidade terá essa prova. Até lá, mantenho minha íntima convicção.

- Lamento, professor. Aprecio tuas aulas e louvo teus conhecimentos, mas não creio em vida após a morte e pouco ligo para religião. Acho que as guerras, especialmente as Cruzadas, são fruto do fanatismo cristão.

- Não, absolutamente! Não confundas o verdadeiro cristianismo com aqueles que desprezam as palavras de Cristo e fomentam a guerra. Não acredito, também, na necessidade de existir qualquer tipo de *"guerra religiosa"*. Um ato de morte, violência e sofrimento não pode ser imputado a Deus.

- Pode ser, Paul, mas continue desacreditando nesse belo mundo de que tanto falas após a morte.

- Não te preocupes com isso! Mantenhas, isso sim, os elevados valores morais e uma vida honrada. Nesses postulados ainda crês?

- Certamente! Jamais os esquecerei.

Ao atingir os dezesseis anos, Charles torna-se vítima das maledicências perjurosas dos pérfidos amigos de seu pai, que lhe lançam acusações levianas, questionando o seu íntimo relacionamento com o professor Sarcotian. Por ter recusado a carreira militar, o rapaz e desconsiderado pelos fidalgos e vilipendiado em sua honra e sexualidade. Ante vários e insistentes rumores o duque fica transtornado, determinando o imediato afastamento de Paul dos seus domínios.

Inconformado com a brusca ruptura de sua amizade com o mestre Sarcotian, Charles sucumbe a uma depressão profunda, que o remete enfermo ao leito. Ninguém consegue ter acesso ao rapaz, trancado em seu quarto por dias e noites seguidos, sem alimentar-se e revoltado, tornado de incontrolável ira. Fragilizado, começa a ser assediado por inúmeras entidades inferiores que tentam obsedá-lo, transformando-o em um marionete de suas sensações animalescas. Sem fé e desacreditado dos valores cristãos que aprendera ao longo de seu processo educacional com Paul, torna-se presa fácil de sentimentos malignos e envereda pelo caminho tortuoso da cólera e da rebeldia.

Não satisfeito com a simples expulsão do professor Sarcotian de suas terras, o duque resolve exterminá-lo, acreditando ser a única forma de conter os rumores maldosos da fidalguia imprudente. Envia seu filho a

Londres, retirando-o as pressas de Dijon e determina a seus empregados que encontrem e aprisionem o antigo educador de Charles.

Capturado, Paul é apresentado ao duque.

- Sois vós o professor que desviou meu filho da carreira militar, granjeando-lhe maldosos comentários na Corte! Sois vós o causador da atual enfermidade de Charles, quase irrecuperável Após ter-se desligado de vossas garras! Que fim mereceis, senhor, senão a morte?

- Senhor duque, rogo-vos! Não acrediteis nas maledicências alheias. Vosso filho é inteligente e sensato e jamais quis afrontar-vos ao recusar a vida militar. Tinha o intuito de estudar em Paris, aprimorando-se na cultura dos livros, em que pese respeitar profundamente as vossas convicções e o vosso desejo. Dei-lhe o melhor de meus valores ao longo de nosso convívio e jamais iria supor que tantas mentiras a nosso respeito pudessem ser levantadas.

- Sois covarde em não admitir os vossos erros. Achais que escaparíeis da vossa pena com tais justificativas?

- Sei qual será o meu destino, não importa o que eu diga. Nada peço para mim, senhor duque. Rogo-vos pelo rapaz! Ele não tem culpa e jamais pretendeu ofender-vos. Deixai-o seguir o seu caminho e, posso assegurar-vos, não vos arrependereis.

- Além de tudo, sois prepotente! Quereis, senhor professor, ensinar-me a cuidar dos interesses de Charles? A mim, o duque de Bogondier?

- Longe de mim afrontar-vos. Clamo pelo vosso bom senso e por vosso amor a Deus. Perdoai se falhei em alguma oportunidade. Minhas intenções foram as melhores possíveis. Sempre considerei Charles como se meu filho fosse.

- Chega! Não quero mais ouvir-vos. Levem-no daqui! Retirado do castelo, o professor é levado pelos guardas a uma floresta vizinha, onde rigorosamente é cumprida a pena imposta pelo duque. Horas mais tarde torna a pátria espiritual o mentor Genevaldo, que deixa o seu invólucro carnal de Paul de Sarcotian, recepcionado com alegria por seus companheiros de Alvorada Nova e lembrando-se de sua missão secular na orientação e amparo ao pertinaz Eustáquio.

CAPITULO XXVII - REVIVENDO A GRÃ-BRETANHA

Desponta altanado no horizonte da vida o ano de 1171, fazendo vicejar os céus ingleses e fomentando a braveza dos cavaleiros e nobres da região de Canterbury. Soturnas previsões incomodam Charles, herdeiro único do duque de Bogondier, ao aproximar-se a data de seu retorno a França.

Vivendo no próspero condado de seu tio Heber Roithman, recupera-se plenamente de seus traumas do passado. Homem feito, destemido cavaleiro treinado pela combatividade dos torneios britânicos, sente-se incomodado pela necessidade de deixar a Inglaterra, voltando a Dijon. O velho duque, já no leito de morte, chama o filho para assumir seus negócios.

- Teu pai convoca o futuro duque a assumir o posto. Estás disposto a fazê-lo, Charles?

- Certamente, meu tio! Sinto apenas deixar-te sozinho após todos esses anos de convivência e de amizade.

Sentados ao redor de farta mesa, talhada com madeira das mais nobres, servidos por polida criadagem, continuam conversando os dois amigos.

- A propósito, o rei Henrique está insatisfeito com a posição da Igreja na Inglaterra ao opor-se a nova Constituição. Que achas de fixarmos posição ao lado de sua majestade?

- Como poderemos ficar contra a Santa Igreja? Falas serio?

- Trata-se apenas de um recuo estratégico. O rei esta sensível às mudanças. Poderemos ficar ao seu lado agora e depois voltaremos a cortejar o bispo. Conseguiremos duplicidade de apoio.

- O que nos traria de positivo e de rentável uma arriscada postura como esta?

- O domínio da Irlanda! A Inglaterra expande suas fronteiras. Poderás, meu tio, ser beneficiado com a aquisição de novas terras.

- És um brilhante articulador! Teu pai ficaria orgulhoso de teus feitos.

- Não me fales do duque. Bem sabes que não o considero como pai.

- Esquece o passado, Charles! Tenho certeza de que ele queria o melhor para ti.

- Prefiro mudar de assunto. Como ficarás com a minha partida?

- Muito sentido. Apeguei-me a tua companhia e entristeço-me, embora continue defendendo que assumas o teu posto em Dijon.

Emocionado, o conde Heber abraça fortemente o sobrinho, que não deixa de corresponder ao carinho recebido e, um mês depois, o último abraço e trocado entre ambos já com a partida de Charles.

Durante sete anos eles sentiram-se felizes e trocaram novas experiências. Enquanto o rapaz conhecia, pela primeira vez, um familiar que o respeitava e demonstrava-lhe amor, o solitário conde encontrou no jovem o filho que nunca teve e quem lhe dava esperanças para continuar vivo, nomeando-o seu herdeiro único.

A experiência vivida por Charles no condado de Canterbury serve-lhe de amparo sentimental, fragilizando um pouco o seu endurecido espírito, embora o tenha desvirtuado do caminho das artes e do aprimoramento intelectual, impulsionando-o de volta as armas e aos torneios, o que, certamente, torna mais obscuro o seu caminho.

CAPITULO XXVIII - NA CORTE DO REI FILIPE AUGUSTO

Portentoso séquito acompanha o duque de Bogondier e sua família rumo ao palácio real. Nadine, uma jovem de pele alva, rosto traspassado pelo sofrimento e olhos fundos, entristecidos, vislumbra a paisagem calma e inerte das pradarias. Um ar pesado asfixia o interior da carruagem e Charles sente-se cada vez mais impulsionado a terminar o casamento interesseiro que o uniu a essa moça, filha primogênita do rico conde de Blois. Os filhos, Charles II e Rubião, conservam-se cabisbaixos durante toda a viagem, certos de que o pai não toleraria uma só brincadeira sob sua vista.

Subitamente, trombetas soam altaneiras nos portais do castelo, anunciando a chegada gloriosa do duque, esposa e filhos e preparando o espírito do rei que iria receber um dos mais ricos fidalgos de todo o reino.

No gabinete real, Filipe Augusto convoca o amigo Charles a integrar a próxima *Cruzada* que partiria ao Oriente para converter infiéis.

- Saudações, meu caro amigo! Chegastes a tempo de compartilhar comigo a nossa futura conquista de Constantinopla. Estais pronto a partir?

- A vosso inteiro dispor, Majestade! Estou envaidecido pelo vosso convite a bem de França e dos cristãos do Ocidente.

O rei organiza outra aventura militar, a época denominada *Cruzada*, rumo a Terra Santa. Enquanto aguarda a partida, Charles desfruta das benesses oferecidas pela Corte francesa.

Indiferente a família - esquecendo-se do sofrimento que vivenciou ante o desprezo de seu próprio pai - impõe aos filhos o mesmo tratamento distante que tanto o abalou na infância e adolescência. Segue o caminho amargo do desamor. Seu casamento foi fruto exclusivo da ganância - representando a união de duas fortunas de família - e a esposa Nadine vive distante e solitária.

Entrega-se a momentos de prazer e comete excessos de toda ordem, sem observar qualquer respeito à sua posição social ou as advertências de seus assessores. Deixa-se influenciar pelo assédio constante de criaturas desencarnadas que desejam subjugá-lo. Perde-se em si mesmo.

Cansada de sofrer o desprezo do marido e sentindo-se publicamente traída, Nadine resolve colocar um fim à sua situação conjugal.

- Senhor duque, acredito que necessitamos conversar.

- A vosso dispor, senhora!

- Ha anos arrastamos um casamento falido na sua essência e cujo início foi um lamentável equivoco de nossa parte. O senhor vai partir na próxima *Cruzada* do reino e, quando isso acontecer, retornarei, com nossos filhos, ao condado de meu pai.

- O senhor conde de Blois esta ciente e de acordo com vossa decisão?

- Não o consultei ainda, mas minha decisão é imutável. Basta de sofrimento e de humilhações! Vosso comportamento ofende a nossa honra e mancha o bom nome de meus filhos.

- Que amargor mefítico sinto em vossas palavras! Não estais sendo um pouco radical, senhora?

- Sinto apenas não me ter separado antes. Teria evitado muita dor a todos nós, especialmente o vexame ao qual fomos expostos na Corte.

- São apenas falsos rumores... Entretanto, não colocarei obstáculo algum as vossas pretensões. Quando retornar da viagem, acertaremos e formalizaremos o ato de separação.

- De algum modo sinto-me ligada ao senhor... Noto em vossos olhos um brilho secular que me encantou no passado, como se já tivéssemos vivido idênticas situações... Não importam minhas impressões! Espero,

sinceramente, que sejais feliz, senhor duque de Bogondier. Quanto a nós, peço-vos, esquecei-nos!

Nadine reascendia em seu coração uma impressão verdadeira. De fato, na distante França do Século VIII, como Caroline, esteve bem próxima a Charles, naquela ocasião seu pai, o conde Giscard D'Antoine. As linhas do destino sobrepõem-se umas as outras para que haja a oportunidade de reparo entre seres endividados. Nem sempre, porém, são aproveitadas as chances de regeneração.

Encerrando a desagradável conversa, o duque conclui altivo:

- Seja do vosso gosto, senhora duquesa!

Nunca mais voltaram a reencontrar-se nessa existência e postergaram ao futuro a recuperação dos desvios do passado.

CAPITULO XXIX - A CRUZADA DE 1189

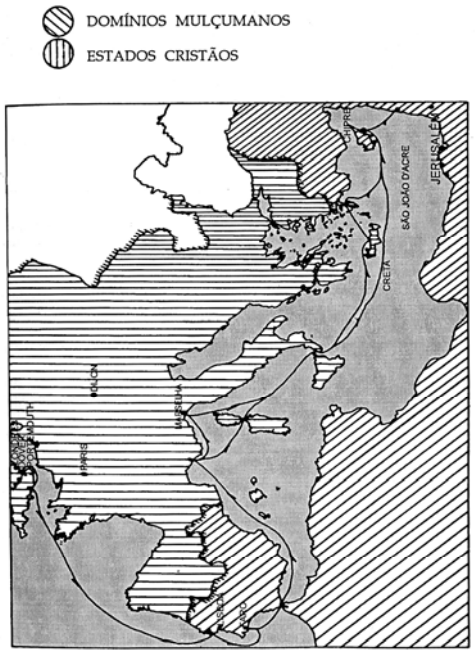
Constelados em imensa planície verdejante, sob um sol orgulhoso cujo douramento reluz em cada uma das milhares de armaduras perfiladas lado a lado, estão os cavaleiros franceses que partem para os memoráveis confrontos proporcionados pelos embates religiosos, travados na Cruzada de 1189. Galardões perfulgentes fixam suas presenças nos peitos de seus gloriosos fidalgos a espera da confirmação do triunfo a ser alcançado em *Jerusalém e São João D'Acre.*

Inicia-se a marcha dos vigorosos cavalos, cujas patas esmiúçam cada palmo do terreno e fornecem trajeto seguro aos cruzados, briosos que estão pelos aplausos recebidos dos concidadãos que ficam. O destino começa a traçar uma página negra da historia da Humanidade, pois os violentos combates travados entre cristãos e povos do Oriente jamais podem ser considerados *"guerras santas".* A Justiça Divina não aprova qualquer tipo de luta armada entre nações e as *Cruzadas* são fruto da ignorância dos homens dessa época, que tentam impor pela força das armas uma religião.

Atingindo *Genova,* após exaustiva viagem, os cavaleiros acampam aos pés de serpiginosa montanha. Refazem as forças e renovam suas energias. Enquanto isso, Charles e alguns companheiros visitam a cidade. Subitamente, percebem a presença de um menino franzino correndo atrás dos cavalos.

- Que queres, garoto maltrapilho? - indaga o duque de Bogondier.
- Senhor, trago-vos um aviso!
- Então me conheces?!
- Sigo-vos há algum tempo. Prometi ao meu avô que iria encontrar-vos.
- Que queres, afinal?
- Vais dar atenção a um desconhecido, Charles?

MAPA Nº 06 - EUROPA - ROTA DA TERCEIRA CRUZADA



161

- Quero saber o que esse menino tem a dizer, Alan. Como é o teu nome, garoto?

- Chamo-me Max. Sou de Dijon. Gostaria de transmitir-vos um alerta para que não continueis viagem ao Oriente, senhor duque. Deveis retornar a França e abandonar a carreira militar, a qual nunca apreciastes.

- Como sabes disso? És, por acaso, um pequeno vidente? Inconformado com a atenção dispensada ao menino, o duque de Valmon e Chapelle interfere novamente:

- Pelo amor de Deus, Charles! Não vês que estas sendo objeto de gracejos de algum plebeu? Afasta-te daqui, menino atrevido ou mando cortar-te o pescoço!

Os demais fidalgos apóiam a decisão de Alan e retiram Charles do local, deixando sozinho o rapazote.

De volta ao acampamento, o duque de Bogondier percebe que Alan, o duque de Valmon e Chapelle, não os acompanhou no regresso.

- Onde esta Alan? Não o vejo nas redondezas...

- Ora, Charles, então não sabes que ele não deixa tarefas inacabadas para trás? - conclui um dos fidalgos, gargalhando.

- O que queres dizer com isso?

- Alan deve ter cuidado do garoto como julgou cabível ao seu atrevimento.

Desesperado, Charles parte em desabalada carreira ao centro de Geneva, onde havia deixado o menino. Chegando ao local, indaga aos habitantes a respeito de Max.

- Estais a procurar o garoto que há pouco falava com cavaleiros da Cruzada? - pergunta uma genovesa observadora.

- Sim, sim! Sabeis onde posso encontrá-lo?

- Certamente! O rapaz foi levado para aquela casa, a direita do poço existente na praça.

Sem nem mesmo agradecer, o duque dirige-se ao casebre indicado e ingressa no recinto. Depara-se com o menino estendido em uma cama, delirando e ferido mortalmente.

- O que aconteceu? O que fizeram com esse garoto?

- Ele foi alvejado pela espada assassina de um cavaleiro estrangeiro... - explica o dono da casa.

- Alan... - pensa Charles. Aproximando-se do rapaz, indaga-lhe:

- Quem es afinal? Por que me seguias?

- Senhor duque, é bom ver-vos de novo. Como já disse, meu nome e Max. Max de Sarcotian.

O duque estremece ao ouvir o conhecido nome de família do menino.

- Tenho muito a (tosse) contar-vos. Meu avo era grande admirador de vossa coragem, inteligência e sensibilidade. Orientou-vos no passado e sentia-se responsável pelo vosso sofrimento. Sempre desejou explicar-se e não teve tempo. Foi assassinado. Minha mãe jurou que, um dia, iríamos, em seu nome, dar-vos essas explicações.

- Qual o nome de teu avô?

- Paul de Sarcotian...

- O velho mestre Paul!?

- Ele sempre vos apoiou em vossa decisão contra o ingresso na carreira militar. Minha mãe dizia que ele gostaria de ver-vos abraçando as artes e a literatura. A guerra somente vos traria sofrimento e amargor.

- É verdade! Ele sempre falou nisso.

- Meu avo (tosse) vos considerava um filho e ficou infeliz quando foi separado bruscamente de vossa orientação.

- Ele tinha idéias estranhas...

- Vós vos referis a vida após a morte?

- Exatamente! Então já sabes disso também?

- E acredito fielmente nas palavras de vovô...

- Não é possível, essas lendas e crendices passam por gerações... Eu pensei que somente Paul acreditasse verdadeiramente naquelas asneiras...

- Senhor duque, cumpri a minha tarefa. Estou satisfeito! Posso partir tranquilo.

- Não, ficarás bem! Mandarei chamar um bom médico.

- Sinto não ser mais possível continuar... Mas não guardo rancor algum, pois sabia que estaria sujeito a qualquer agressão desse tipo ao abordar-vos.

- Mas eu não determinei que isso ocorresse.

- Não importa o responsável. Não há magoa, logo, não deve haver culpado.

Em respeito a imagem de seu antigo mestre Paul de Sarcotian, Charles permanece a beira do leito de Max, acompanhando-lhe as derradeiras palavras. Orando, o garoto cerra os olhos pela última vez. Suas forças esgotam-se e ele desprende-se definitivamente do corpo material. Patrícia - a esposa do general Eustáquio Alexandre Rouanet no passado - retorna a pátria espiritual, recebida fraternalmente pelo mentor Genevaldo.

- Seja bem-vinda, querida Patrícia! Não tema! Aqui estou para ampará-la nesse momento de reintegração ao seu meio.

- Genevaldo, meu bom amigo! Em meus sonhos estávamos sempre juntos e, agora, posso vê-lo melhor. Graças a Deus! Sinto-me aliviada.

- Você necessita descansar. Voltemos a Alvorada Nova. A sua missão foi cumprida.

A dívida que Patrícia assumiu no pretérito, em face de sua traição conjugal, termina reparada pela força do amor e da perseverança.

Um clarão azulado acompanha a partida dos dois rumo a Colônia Espiritual, deixando para trás, confuso e reticente, Charles de Bogondier, ainda envolto na senda do erro, porém regenerando aos poucos os seus sentimentos.

CAPITULO XXX - DESTRUIÇÃO NA TERRA SANTA

Nobre e galardão, Eustáquio deixa-se conduzir pelos braços do materialismo em sua passagem pela crosta terrestre no século XII. Dijon é o seu berço e o ducado de Bogondier o seu fardo. Tem uma criação refinada e revestida de todos os cuidados possíveis para a perfeita formação intelectual de um fidalgo francos, embora dissociado da ética e dos valores morais. Apesar disso, evolui gradativamente, mas ainda aprisionado pelos sentimentos menos dignos.

Sangrentos embates estilhaçam aldeias de são João D' Acre, enquanto pérfidos soldados acoimam impiedosamente os seres semi-vivos estendidos sob as patas lanceoladas de seus imponentes cavalos, tal qual fossem sátiros bebericando a essência de suas vidas. Tropéis agitam as fileiras do sultanato, expondo as mazelas de um povo deseducado ainda nos preceitos cristãos, mas não menos digno e respeitável do que os inóspitos inva-

sores, dominando e vergando o inimigo pela força da espada, enquanto proferem acintosamente justificativas divinas para tais nefandos atos. A guerra religiosa compõe um cenário grotesco, alheio a qualquer ensinamento de Cristo, jamais aceito pela Superioridade Divina e entregue a resgates seculares, levando inúmeras criaturas a peregrinações que montam a gerações.

Os nobres de França, associados aos bravateiros ingleses, impõem fragorosa derrota ao sultão Saladino, que assina um armistício colocando fim a batalha. Charles, um dos vitoriosos, comanda parte do exército de Filipe Augusto.

Silenciosos e envilecidos, eis que os anilados céus da Terra Santa não aplaudem o massacre.

Aproveitando-se da vitória, o duque de Bogondier resolve, por conta própria, associando-se a mercenários locais, atacar e roubar o templo de São João D'Acre.

Mirna - nefasta reencarnação de Ana da distante Cosenza do ano de 600 - auxilia Charles em seu ato criminoso. Para tanto, a serva do templo contrata o vil Rocco, outro peregrino que cruza novamente os caminhos do duque.

Os três larápios, comandando um grupo de homens bem armados, invadem o templo e promovem o aguardado saque.

A ânsia pela riqueza fácil coloca em risco a evolução de milhares de encarnados todos os dias no orbe terrestre. Do ouro parece emanar um clarão tenebroso e hipnótico que aos incautos cega e aos ambiciosos cala. Em busca do metal precioso e das pedras cintilantes do poder e da gloria, os homens matam-se uns aos outros, profanam templos, saqueiam cidades, humilham nações e desferem profundo golpe nas suas próprias trajetórias de progresso.

- Homens! Atenção! Conforme o plano traçado, cada um deverá preocupar-se com sua seção e após a realização do serviço, o ponto de encontro será o salão principal das pedras da coroa.

Ninguém contesta a autoritária Mirna e até mesmo o duque cala-se diante de figura tão prepotente.

Os ladrões recolhem o que encontram pela frente e o encontro no salão acontece minutos após. Rocco, chefiando uma parte do grupo, chega

em primeiro lugar, secundado de Charles e, finalmente, adentra no recinto Mirna, sozinha e coberta de joias.

- Pensas que és a rainha do Nilo, Mirna? - indaga, irônico, o ferino Rocco.

- Cala-te! Ficarei com estas joias para mim, pois o plano não teria êxito sem a minha participação.

- Não foi essa a combinação! Não admitirei uma divisão desigual. Charles observa apreensivo a discussão entre os dois e o brilho de uma estrela do alto do céu alcança uma minúscula janela, na parte superior da parede principal da sala onde estavam, penetrando no recinto e iluminando-lhes as faces. Subitamente, como que hipnotizado, vê ressurgir a sua frente a imagem de Ana e Filipo, os dois amantes que o traíram no passado. Assustado, o duque esfrega os olhos e torna a encará-los. A mesma imagem lhe é mostrada.

Chocado, o nobre Francês resolve partir imediatamente, largando tudo o que amealhara para trás. Inconformados, os mercenários passam a brigar entre si pelas riquezas, atraindo a atenção de guardas do templo que invadem o local.

Algumas joias são levadas na fuga precipitada dos desastrados ladrões, embora a maioria dos bens permaneçam no seu lugar.

Ao deixar o local do crime, uma seta perdida atinge pelas costas o duque de Bogondier, que termina banhado em sangue e queda, inconsciente, no deserto.

A sabedoria árabe ensina que mesmo no mais solitário oasis, confiando em Ala, pode surgir a Mão Salvadora para curar as feridas e saciar a sede dos moribundos. Socorrido por Shalek-Al-Mair, um comerciante das redondezas, conduzido a uma tenda, Charles recebe tratamento e cuidados para recuperar-se.

A família que o recebe faz orações ao seu Deus almejando o pronto restabelecimento do paciente que Ala confiou-lhes. Os Emissários Espirituais de Alvorada Nova, servindo-se das vibrações positivas encaminhadas pelos corações sensíveis dos árabes que velam o duque, conseguem reanimá-lo e ele recobra a consciência.

- Quero agradecer-vos pelos cuidados que tiveram comigo e desejo gratificar-vos com a quantia que quiserem.

Shalek, sorridente, nega a oferta e justifica o atendimento.

- Os povos cristãos do Ocidente invadem nossas terras para nos converter ao vosso Deus e a vossa religião, embora muitos dos vossos soldados não tenham a fé que o povo árabe possui. Recusamos vossa recompensa porque tratamos de qualquer ferido que surja em nosso caminho por um dever de solidariedade e fraternidade que os povos do deserto aprendem, desde cedo, a cultivar. Sois um nobre e rico invasor e não deveríeis receber qualquer consideração de nossa parte. Entretanto, sois também um ser humano e mereceis, por isso, o nosso auxílio.

- Sois bom e inteligente! Como posso chamar-vos?

- Sou Shalek, o comerciante.

- Então não conseguistes ainda vislumbrar o bem que a Santa Igreja procura fazer ao vosso povo?

- Estais cego, cavaleiro! Não haá bem algum em destruir vilas inteiras e matar nosso povo. Não há religião no mundo que mereça sustentar-se em tantas e inúteis mortes. Somente a paz universal entre os povos poderá tornar o mundo em que vivemos mais fraternal. Essa é a vontade de Ala e, creio eu, do vosso Deus também.

Calado, Charles ouve as lições de Shalek, torneadas na sabedoria das nações árabes peregrinas que habitam o deserto de São João D'Acre.

- Sou agradecido aos vossos préstimos e devo partir. Mantenho minhas posições, mas irei refletir a respeito do que me foi dito. Talvez tenhais alguma razão!

- Estrangeiro, não deveis aguardar o momento de vossa morte para descobrirdes a verdade do que vos falo. Tornai o vosso coração mais complacente e sede solidário ao vosso semelhante, antes que seja tarde demais para vosso cansado espírito.

Shalek fala com a autoridade de quem conhece Eustáquio há muitos anos, embora não seja menos verdade que em seu caminho acabara de cruzar um dos mensageiros de Alvorada Nova, que esta reencarnado em missão de amor nas desertas terras orientais. Certamente inspirado por Mentores presentes, o árabe transmite a Charles exatamente a mensagem que a sua Colônia Espiritual deseja fazê-lo ouvir e compreender.

Um afetuoso abraço marca a despedida dos dois e o duque jamais esquece o amigo que lhe salvou a vida na distante São João D'Acre.

No seu percurso de volta à França, medita a respeito das palavras fraternas que ouviu de Shalek e passa a refletir a respeito de sua própria existência, tão vazia e por vezes mesquinha e superficial.

CAPITULO XXXI - FINALIZANDO A JORNADA DECISIVA

A resplandecência de um gigantesco lustre de cristal preenche toda a imponente sala principal do castelo ducal de Bogondier. Finos veludos bretãos, na tonalidade do vinho de Bordeaux, cobrem a rica mobília, talhada em madeira nobre e tratada por respeitados artesãos. Cada peça decorativa do castelo representa uma parcela da historia da França e possui valor histórico incalculável. Reina, absoluto, entre a riqueza do ambiente um leopardo de granito, símbolo de valentia e poder da família e sustentáculo do brasão platinado do clã secular do ducado incrustado em seu peito e içado por correntes de prata. Ao seu lado, duas lanças com as pontas de ouro seguram uma flâmula dúplice representativa dos títulos do Condado de Canterbury, herança do velho tio Heber Roithman.

No centro dessas relíquias tão valiosas, encontra-se, pensativo, absorvido pelas reminiscências, o duque de Bogondier. Isolado do mundo, há semanas está prostrado em uma das poltronas em frente a lareira, sem qualquer contato com o mundo exterior. Há alguns anos não mais participa da vida leviana da Corte, nem tampouco envolve nas questões políticas do reino.

O vento agita as bandeiras aniladas e frondosas que pairam no ambiente, simbolizando as glórias de uma carreira construída ao sabor de interesses materialistas. Tantos combates e vidas solapadas, tanta dor e a angustia do fracasso espiritual causam-lhe o temor inconsciente de enfrentar o Julgamento Divino a respeito de sua existência patética. A depressão invade o seu âmago e recrudesce a inquietação de sua consciência. Ha dez anos havia abandonado as armas.

Charles vive de recordações, lembrando-se de sua participação ativa em uma das mais importantes *Cruzadas* enviadas pelo Ocidente à Terra Santa. Participara da conquista de São João D'Acre e granjeou respeito e admiração entre os soldados. Retornou ao seu país para receber os louros

de sua fama. Invejado, descuidou-se de seus inimigos e, em pouco tempo, começa o seu declínio.

Na época em que os reis Filipe Augusto da França e João da Inglaterra disputavam terras e questões de fronteira, no século XIII, o duque de Bogondier, que também recebera em herança o condado de Canterbury, na Grã-Bretanha, resolveu apoiar as duas partes na disputa. Delatores na Corte francesa cuidaram de intrigá-lo junto a Filipe Augusto e a amizade de muitos anos arruinou-se.

Em 1214, vencido na Batalha de Bouvines, o rei inglês perdeu o Condado de Poitou e o Ducado da Guiena, enfrentando sérios problemas internos em seu país, que o levou a capitular ante a Carta Magna, imposta pelos barões em 1215. Nessa ocasião, cego de fúria, o barão de Windsor expulsou todos os serviçais do castelo de Charles, no condado de Canterbury, terminando por usurpar-lhe os domínios. De nada adiantou o seu acordo com o enfraquecido rei João e nem mesmo a força do soberano Frances lhe serviu, eis que revoltado com a sua postura dupla durante a disputa.

O ostracismo bate-lhe as portas e seus amigos mais próximos não mais o procuram. Seu nome foi esquecido pelo rei e o seu castelo em Bogondier constitui-se o único refúgio.

Aos poucos, Charles deixa-se obsedar por criaturas das trevas e termina dominado por seus algozes do passado. Fala sozinho e passa horas vagando pela casa sem noção do tempo. Esquece-se dos filhos e de que, um dia, teve uma vida gloriosa.

Atinge as raias da subjugação e lenta, mas gradativamente, vai cedendo aos intentos das entidades obsessoras que planejam levá-lo ao suicídio. Colocando fim à própria vida seria arrastado as mais profundas zonas de escuridão e estaria a mercê de Espíritos cruéis, longe do amparo e da proteção de Mentores de Alvorada Nova.

Em 1216, desercarna com o estômago queimando em brasa, pela força devastadora de poderoso veneno, Eustáquio Alexandre Rouanet, desnudando-se de seus títulos e riquezas para abraçar roupagem insólita e decrépita, própria dos desavisados do destino e errantes da senda do bem.

CAPITULO XXXII - AS CONSEQUÊNCIAS DO SUICÍDIO

No abismo trevoso dos suicídas, uivos guturais e soturnos são ouvidos a todo instante, enquanto a variação entre calor e frio, angustiando os habitantes da região, são frequentes. As entidades não conseguem enxergar absolutamente nenhuma luz e vivenciam uma sensação de queda constante no tempo e no espaço. O ar parece viciado e pútrido. Figuras horrendas e deformadas vagam pela escuridão, sem rumo e sem esperança. Subitamente, flamejam as mais grotescas chamas de fogo que transformam o covil em uma enorme fornalha, quase sem condições de suportabilidade. Ainda assim, permanecem as trevas e o sofrimento é inevitável. Pouco depois, um frio congelante invade o ambiente, sem proporcionar um minuto de sossego aos seres que se acomodam em cavernas para tentar um repouso, praticamente impossível nessa região.

Infelizes criaturas esgargalham-se da própria desgraça encenando um quadro pessimista e lúgubre. Eis a representação mais próxima do *choro e do ranger dos dentes.*

Nesse ambiente inamistoso encontra-se Eustáquio, dentre suicidas e dementados, vagando sem rumo pelos cantões fétidos da escuridão impiedosa das fossas umbralinas. Regenera-se no convívio obrigatório com seres do mesmo estágio vibratório. Sofre como nunca havia experimentado antes, porém depura pouco a pouco o seu adoentado perispírito. Dia após dia, *durante 70 longos anos,* o suicida que já fora nobre e famoso expia erros graves de seu soturno passado.

Após extenso estágio nas escrobiculadas zonas abissais, Eustáquio passa a viver em um vale assemelhado a cratera de um vulcão inativo, cercado por montanhas rochosas e sem qualquer vegetação. Alguma luz já é possível de ser visualizada para alento de alguns e temor de outros que se acostumaram com a cegueira. O ambiente é árido e o clima mantém-se mais constante e quente, imperando o ar rarefeito mas estável, embora desagradável. Permanece a falta de noção a respeito do tempo e do espaço. Os Espíritos vagam num latente estado de torpor e sonolência, culminando em um mal-estar generalizado e perene. Os suicidas aglomeram-se nessas montanhas, sem qualquer organização ou liderança. Não há cons-

truções ou projeções mentais que simulem cidades. Em agonia profunda, caminham na espelunca a que foram lançados pelo mau uso de seu livre-arbítrio, levado as últimas consequências. Possuem sensações de fome e sede, tal como se estivessem encarnados, o que lhes agrava o estado de ansiedade e insatisfação.

Fisionomia doente, um pouco mais consciente, embora revoltado, Eustáquio inicia uma retrospectiva de seu passado. Ao seu lado, passeiam, despreocupados, suicidas que se deixaram aprisionar em um invólucro perispiritual deformado e monstruoso, formando um universo dantesco. Seu choro e sua tristeza, nessa região, constituem parte do cenário, de modo que seus lamentos não são ouvidos por nenhuma criatura.

Decorrem anos nesse processo, quando lhe surge na consciência a veia ativa do remorso, iluminando-lhe algumas idéias e fragilizando o seu coração. Continua, no entanto, sentindo-se injustiçado.

Fatigado de remordimento, ainda nutrindo mórbidos pensamentos, sente-se incapaz de alterar a sua precária situação.

Avançando em suas reflexões, percebe que já viveu iguais sensações terríveis em seu passado e conclui estar sendo castigado por atos precipitados que tenha praticado. Começa a regenerar-se.

Eustáquio, decorridas sete décadas, afadigado de seus sofrimentos, refeito de parte de seus inconformismos, eleva por alguns minutos o seu pensamento aquele que, um dia, serviu-lhe de exemplo e amparo, na sua infância e adolescência em Dijon e lembra-se da figura tema e amorosa de Jesus, retratado fielmente pelos ensinamentos proveitosos de seu mestre Paul. A prece e simples, mas sincera. Consegue estabelecer comunicação com o mundo exterior.

Auxiliado por um grupo de orações da cidade de Lyon, que costuma reunir-se em uma velha igreja para discutir as belas lições do Evangelho, Eustáquio consegue desprender-se dos grilhões escuros do umbral. Um caminho de luz invade as trevas do seu coração, enquanto os encarnados oram a Jesus pelas almas errantes e pelos irmãos sofredores. Mentores de

sua Cidade Espiritual obtém autorização para resgatar Eustáquio. Ele parte, feliz, para o Posto de Socorro de Alvorada Nova.[23]

Num iriado ambiente, ele desperta de sono profundo e recebe, de pronto, a agradável visita de uma enfermeira.

- Eustáquio, meu bom amigo, como se sente hoje?

- Rosana?! Há quanto tempo não a vejo? Parecem-me somente algumas horas...

- Podemos dizer, sem chance de errar, que alguns séculos se passaram desde nosso último encontro. Você foi resgatado em 1286. Pela sua ficha, o caso foi grave e seu sofrimento bastante intenso. For isso, já esta aqui conosco há *cinco anos.* Somente agora houve autorização para retira-lo da câmara. Observe que seu preparo melhorou e sua capacidade de rememorização e entendimento esta mais aguçada.

- Fico feliz por estar de volta.

Ingressa no quarto o Dr. Andre, médico do Posto de Socorro n.5.

- Eustáquio! Percebo que a presença de Rosana lhe serve de balsamo... Vamos caminhar um pouco juntos? Precisamos conversar.

Instalado em uma cadeira magnética flutuante, pairando a cerca de vinte centímetros do chão, Eustáquio é conduzido a uma sala e colocado de frente a imensa janela de onde pode vislumbrar todo o belo jardim do Posto.

- Há tantos anos não vejo uma obra tão magnífica da Natureza. As flores coloridas e o verde das folhas são deslumbrantes! Pena não darmos valor a eles quando os temos em nossas mãos.

- Lembre-se que estamos, ainda, em zona umbralina densa, embora em Posto avançado de nossa colônia. Em Alvorada Nova, as cores são mais vivas e brilhantes e respira-se um ar mais puro e revigorante.

- É verdade! Quando poderei seguir viagem até a cidade?

- Não há possibilidade de retorno a Colônia, Eustáquio. Você deverá reencarnar imediatamente, partindo daqui em busca de uma nova vida, a

---

[23] *Nota do autor material: a par dos* resgates diretos *que se fazem atualmente nas reuniões espíritas em todo o Globo - de forma ostensiva e por intermedia do mecanismo da incorporação - existem os* resgates indiretos *que ocorrem, por vezes, com o apoio das preces e vibrações sinceras que se possa dirigir ao Alto,* em qualquer culto, *e que representam um dos importantes aspectos de interação entre os dois planos da vida.*

fim de regenerar-se. Lembre-se que seus erros foram muito graves na última existência.

- Não me sinto preparado a voltar, Dr. André. Acredito que será desnecessário. Eu não tenho mesmo jeito.

- Não fale assim, Eustáquio! Nenhuma criatura de Deus é irremediavelmente errada. Todos tem possibilidade de recuperação, bastando aproveitar a oportunidade que a reencarnação proporciona.

- Mas eu não consigo mudar meu comportamento. Quando volto ao plano material sinto-me atrelado aos meus vícios de sempre.

- Calma, meu amigo! A Sabedoria Divina nos prepara muitas vezes um cenário apropriado aos nossos reclames e auxilia-nos a errar menos.

- Como assim?

- Você voltara a carne, Eustáquio, embora desta vez longe da riqueza e do poder, suas fontes de maiores desvios. Terá menos chance de erros e poderá exercitar melhor o seu livre-arbítrio.

*****

Alguns meses antes do reencarne, Eustáquio assiste a palestras no auditório do Posto de Socorro, tendo ao seu lado Rosana e Anita, duas enfermeiras que lhe acompanham o tratamento. O tema do encontro e o suicídio. Os Espíritos presentes ouvem atentos as informações que são passadas pelos orientadores. Ao final, cada um dos participantes - todos deixaram os laços da carne colocando fim a própria vida - recebe uma minúscula caixinha de cristal, onde consta, no seu interior, a anotação do tempo que faltava na Crosta para o desencarne natural que foi frustrado pelo suicídio. Atônito, Eustáquio constata que, em seu caso, *faltavam-lhe oito meses para deixar o plano material.* Chora e é amparado por Anita, deixando o auditório. Recorda-se do imenso sofrimento que viveu no umbral e promete a si mesmo jamais retornar aquela situação angustiante em zonas trevosas.

Sente-se cada vez mais preparado a deixar o plano espiritual, abraçando a trajetória que o aguarda.

Em 1291, revigorado espiritualmente, reencarna cônscio da responsabilidade de estar iniciando uma *reencarnação-altemativa.*

CAPITULO XXXIII - REDIMINDO O SEU PASSADO

Uma jovem franzina com quatorze anos de idade, corpo esquálido e pernas delgadas, rosto moreno e abatido pelos intensos raios do sol de São João D'Acre, trajando roupas esfarrapadas e sujas, ajeita seus cabelos ralos e negros, enquanto caminha pelas margens de um riacho, soltando suspiros e lacrimejando vez ou outra ao constatar tanta miséria e sofrimento. Seguindo o curso das águas, aproxima-se da cidade onde deveria encontrar-se com seu pai, um vendedor ambulante, ladrão e mau caráter, que tem o hábito perverso de tentar seduzir a própria filha.

Eustáquio, agora vivendo no corpo material da menina Adila, vive uma peregrinação de resgates, que vai de encontro aos males causados no pretérito contra muitos habitantes da cidade de São João D'Acre. Sente-se injustiçada pelo destino; aliás, um sentimento comum a maioria dos encarnados que não estão ainda aptos a suportar, com resignação, a trajetória que lhes foi traçada com sabedoria pelo Plano Superior.

Em busca do pai, atravessa os corredores estreitos do centro urbano e percebe, atrás de si, um tropel de cavalos despontando no horizonte. Inicia-se uma gritaria desesperada e as famílias recolhem seus filhos, pois os mercenários do deserto avançam pela cidade. Aterrorizada, Adila busca esconder-se dentro de enormes vasos de uma barraca do mercado, mas já fora vista por um dos cavaleiros. O turco, arremessando a espada contra o seu esconderijo, espatifa o vaso e leva consigo a menina, debruçada na garupa do cavalo. Abandonam rapidamente a urbe saqueada e rumam ao deserto para contar as riquezas que conseguiram roubar.

A noite, em volta de uma fogueira, os ladrões reúnem-se, apresentando ao patriarca e líder do grupo, Khalik, os valores amealhados. Em especial, os três irmãos, Nabul, Abdul e Chakar dividem o espólio do saque e disputam a garota Adila, agora transformada em escrava. O vencedor passaria com ela a noite.

- Eu fui o melhor saqueador da cidade! Cabe a mim o direito de escolha.

- Cala-te, Abdul. Nosso pai, o sábio Khalik, saberá enxergar nas riquezas e nas joias que eu trouxe o melhor triunfo da missão. A mim, cabe ficar com a menina.

- Nem Nabul, nem Abdul! Eu trouxe a maior parte dos alimentos e das peças que guarnecem a vossa riqueza, meu pai.

Enquanto o velho turco observa a disputa dos três filhos, a menina Adila, apavorada, conta os minutos em que será entregue a um dos mercenários.

Abdul vence a contenda e segue com a moça para sua tenda. Estuprada pelo raptor, Adila nem mesmo consegue gritar, tamanho e o ódio que penetra em seu coração. Estirada no leito, perde os sentidos.

Horas mais tarde, serve-se dela o segundo dos irmãos, Nabul. A violência dos sedutores provoca-lhe ferimentos em todo o corpo. Desmaiada, quase ao amanhecer, e recolhida nos braços por Chakar, que decide não violentá-la. Penalizado ante a brutalidade dos irmãos, o mais jovem dos turcos leva de volta a garota à cidade, abandonando-a numa viela do centro.

Meses mais tarde, ela percebe ter engravidado, vítima do estupro que sofreu. Enlouquecida, busca apoio familiar, mas somente encontra desprezo e agressões por parte do genitor viúvo e rancoroso. Os irmãos a castigam, isolando-a, pois não acreditam na versão do rapto. Assim decorre a gestação.

Sozinha, nas margens de um dos mais belos rios da região, enquanto cuida de seus afazeres domésticos, sente contrações violentas e desmaia. Torna a si momentos depois e percebe já estar em processo de parto. Atônita e aflita, coloca-se de cócoras e pressiona o ventre com suas mãos. Recebendo o auxílio da Natureza Divina, minutos depois coloca-se a seus pés um menino choroso com olhos esgazeados, que necessita dos cuidados matemos. Tomando-o aos braços, Adila sente-se, pela primeira vez em sua vida, feliz.

Em sua casa, no entanto, todos a repudiam e maltratam seu filho, quase levando-a a loucura. Agredida e ofendida, a menina não resiste e termina doando a criança a um comerciante de São João D'Acre.

Sufocada dentro do lar, Adila é assediada sexualmente pelo próprio pai aos dezoito anos. Refutando-o, desperta a ira no genitor, que termina vendendo-a a mercadores de escravos. Aprisionada e metida em grilhões, a moça vaga, por vários anos, sem rumo definido.

Passando por inúmeros proprietários, acaba na residência de um casal de tecelãos, cuja mulher, Mariala, tem um grande carinho pela recém-adquirida escrava. Seus anos começam a melhorar.

- Não deves guardar tanto rancor em teu coração, Adila. Ao teu lado está o Espírito do Bem, que cuidara de proteger-te os passos. É melhor perdoar aqueles que te fizeram algum mal do que por eles sentir ódio. A raiva angustia e sufoca o coração.

- Senhora, sois boa para mim. Entretanto, pouco me resta nesta vida a não ser o ódio que meu coração guarda, perene e imortal. Sinto-me protegida unicamente por meu rancor. Não consigo ter outra idéia para o meu destinoe.

- Estás errada, minha filha! Amar os nossos semelhantes é a melhor lição que podemos auferir dos livros sagrados do Islão. Meu espírito está sempre preparado à sofrer injustiças porque acredito que esta vida é passageira. Um dia, haveremos de nos libertar.

- Falais como se fosseis escrava como eu. Nada é pior que uma vida reclusa e humilhante como a minha.

- Já cuidei disso, Adila. Meu marido a libertará dentro de pouco tempo. Poderás seguir o rumo que quiseres.

- Sois muito bondosa comigo, senhora. Jamais poderei agradecer-vos.

Cumprida a promessa, a moça percebe que, mesmo sem as correntes da escravidão, o melhor para sua vida e permanecer ao lado da patroa Mariala. Somente quando sua ama morre, deixando-a sem o carinhoso amparo de fraternas palavras, ela resolve partir de São João D'Acre e vai fixar residência em Jerusalém.

Íngreme promontório serve de paisagem permanente a uma vila nos arredores da cidade. Repleta de culpas a expiar e feridas a cicatrizar, Adila acomoda-se em uma pequena choupana, construindo ali uma vida solitária e amarga e ajudando as famílias da região nas pequenas tarefas do lar. Os tapetes que aprendeu a fazer com Mariala constituem a renda que lhe permite sobreviver. Com vinte e nove anos, marcada pelo ódio, ela rejeita qualquer tipo de relacionamento amoroso.

Arrastam-se os anos lenta e vagarosamente como se a vida fosse intemporal. O coração lhe determina uma reação cotidiana contra a languidez dos seus sentimentos, embora sua força de vontade esteja praticamen-

te reduzida a zero. Percebe a cada alvorecer a falta que seu filho lhe faz e arrepende-se de tê-lo entregue, ainda bebê, a estranhos. O único consolo de seu espírito é relembrar os bons momentos com a ama Mariala, que lhe passou boas e otimistas mensagens a respeito da vida.

Maturada, passa a preencher seu tempo com pequenos auxílios aos vizinhos, cuidando de seus filhos quando saem para viagens ou a trabalho. Amalgamada com a dor, no entanto, não se torna boa companhia as crianças, apesar de tentar ser agradável e dedicada.

Aos quarenta e dois anos, enferma e permanentemente solitária, ela parte de Jerusalém para o mundo espiritual, deixando atrás de si uma vida inteira de expiações.

CAPITULO XXXIV - EM TRANSIÇÃO

Descansa Eustáquio, ainda na forma perispiritual de Adila, em câmaras de retificação do *Posto de Socorro nº- 5.* Ante seu estado de revolta e inconsciência, alcançados ao longo de sua derradeira existência material, sente-se melhor em manter esse corpo, usando a força de sua mente para moldar o perispírito.

Vivencia um estágio determinado pela *Coordenadoria Geral* e a nova programação de reencarne começa a ser tragada independentemente de sua vontade.

Interferindo por ele, ingressa no *Prédio Central* seu mentor Genevaldo.

- Agamenon, nosso querido líder! Venho à sua presença a fim de conseguir autorização para encaminhar o caso de Eustáquio à *Unidade da Divina Elevação.* Conversei com os nossos companheiros do *Departamento de Reencarnação* e eles também opinaram pela consulta. Afinal, sua última passagem pela Crosta, apesar de tantas expiações, teve poucos êxitos no seu progresso espiritual.

- Você tem razão, Genevaldo. Como encarregado que é do acompanhamento do irmão Eustáquio, deve buscar todo o auxílio possível para bem orientá-lo nessa Jornada tão importante para sua evolução. Além do mais, nós iríamos, de fato, consultar a Unidade e, em face de seu pedido, abreviaremos esse tempo.

Cada programação de reencarne recebe a orientação final da *Unidade da Divina Elevação* e Alvorada Nova, através do seu *Departamento de Reencarnação,* segue sempre os Desígnios Superiores.

Quando o Espírito esta preparado a escolher o caminho que pretende trilhar, participa desse processo seletivo e, exercitando o seu livre-arbítrio, adota um trajeto que irá desenvolver na crosta terrestre. Nem sempre poderá fazê-lo e, como acontece agora com Eustáquio, recebe uma programação *determinada* pelo Alto, retornando a carne para cumprí-la.

A consulta realizada aos Emissários do Plano Maior, através da *Unidade da Divina Elevação* indica uma *reencarnação-preparatória,* pois Eustáquio já teria condições de, em futuro não distante, voltar a vivenciar uma *reencarnação-chave.*

- Agamenon, estou de volta! Houve resposta ao nosso questionamento. Eustáquio retornará ainda em corpo feminino e novamente em precária situação financeira. Constituirá família no Sul da Itália e deverá receber como filhos os seus algozes do passado. Estaremos a postos para amparálo naquilo que ele necessitar.

- Que o desejo do Alto seja cumprido a risca! Cuidaremos de tudo. Solicite ao Dr. Euclides que prepare a desincompatibilização de Eustáquio das câmaras de sono profundo. Iniciemos o processo de reencarnação.

CAPÍTULO XXXV - REEDUCANDO-SE

Em 1339, Eustáquio retorna ao plano material. A menina Mirandela nasce em conturbado lar, na cidade de Palermo, na Sicilia, sul da Itália. É a sétima dos filhos de um casal grosseiro e materialista, embora miserável.

Ríspidos no tratamento mútuo, seus pais Francesco e Carmen não se entendem e descarregam nas crianças a ira e a cólera que um possui contra o outro. Ainda em fase de amamentação, Mirandela já vivencia as brigas entre os dois, assistindo a tudo silente, no colo de sua mãe.

O carinho e o amor são sentimentos raros na família e somente Eunice, a irmã mais velha, consegue a todos distribuir um sorriso permanente, acalentando o coração dos pequenos irmãos.

Os anos transcorrem corrediços e Mirandela logo se transforma em uma adolescente sagaz e dona de uma beleza crisálida, que ainda esta por desabrochar. Escravizada pelo autoritarismo dos pais, ela trabalha incessantemente na lavoura, mas conforma-se tendo por exemplo a dedicada Eunice que ainda encontra tempo de vivenciar uma religião e agradar os genitores.

- Papai e mamãe ficarão contentes hoje. Consigamos colher tudo o que prometemos. Estou muito feliz, pois ainda terei tempo de ir a missa. Vais comigo, Mirandela?

- Ora, Eunice, és mesmo uma santa! Depois de tanto trabalho eu quero ir mesmo e para a cama. Para que rezar? O padre Antônio não conseguira aplacar-lhe o cansaço.

- Só estou fisicamente exausta, minha Irma! Espiritualmente, enfrento qualquer trabalho.

- E existe alguma diferença?

- É claro, Mirandela! O corpo independe da alma. Quando morremos, o nosso espírito liberta-se e jamais se cansa. Esta altivo e belo, pronto a ir ao Reino de Deus.

- Tu és boa, Eunice! Acreditas mesmo nos sermões do padre. Melhor assim... Não sofres com a nossa miséria e com o nosso sofrimento.

- Sofrimento não deveria existir. Nossa vida aqui é passageira. Estamos apenas construindo o nosso futuro. Eu me sinto muito feliz em tê-la como irmã e não sinto raiva de nossos pais. Eles fazem o que podem por nós.

- Bobagem! Eles são preguiçosos e tiveram filhos somente para nos escravizar.

- Não digas isso! Deus castiga! Devemos respeitar e honrar os nosso genitores. Mas, Mirandela, peço-te outra vez, vamos a missa?

- Não posso mesmo negar-te nada. Esta bem! Eu vou.

O seu aprendizado com a irmã mais velha e experiente guarda momentos de profundo respeito e desprendimento. Ambas convivem juntas muito tempo e cuidam dos outros cinco varões da família desagregada. Cada vez mais ligada a Igreja local, Eunice dedica-se também a caridade com os habitantes da região, deixando sua família nos momentos em que esta descansa.

- Eunice, pelo amor de Deus, deixa de lado as tarefas que andas abraçando! Estas definhando a olhos vistos! Além de cuidares de nossa casa, agora resolveste investir na caridade a estranhos. Tua saúde esta precária.

- Ora, Delinha[24], deixa disso! Estou acostumada. Deus nos manda praticar a caridade e eu me sinto muito bem cumprindo-Lhe os desígnios. Nada de mal sucedera, podes acreditar!

Em meados de 1357, em sufocante tarde de verão, quando o sol brilha escorchante nos límpidos céus de Palermo, um aviso chega a família de Mirandela, reunida em torno da mesa do almoço.

- Padre Antônio, que surpresa agradável! Viestes para uma visita?

- Lamento, Mirandela, mas venho por causa de Eunice. Ela desmaiou na paróquia hoje cedo e esta enferma sob nossos cuidados. Enquanto delira, pede para ver-te.

Os pais, bastante doentes, permanecem em casa e os irmãos partem a igreja para verem Eunice.

- Minha querida irmã, sou eu, Mirandela...(choro). Eu sabia que isso iria acontecer. Há meses estas adoentada e não te cuidas.

Ouvindo a suave voz da irmã caçula, Eunice abre os olhos.

- Que bom ver-vos unidos a minha volta, meus irmãos. Estou um pouco fraca, mas vou melhorar. Gostaria de pedir-vos que cuidem bem de nossos pais, caso me aconteça alguma coisa.

- Não fales assim! Vais melhorar e logo estarás em casa conosco.

- Talvez! Entretanto, se não conseguir vencer mais este obstáculo, quero que cuides, pessoalmente, de todos em nossa família. Prometes, Delinha?

- Sim, é lógico que prometo! Mas descanses agora. Em breve estaremos juntos outra vez.

Sob o emocionado pranto da família, entregue a Divina Providencia, Eunice deixa o corpo físico para uma viagem, sem retorno, a pátria espiritual.

Os anos são severos com Mirandela e seus pais envelhecem dia a dia com a lentidão inversa a sua ânsia de libertação. Por vezes, ela acredita que suas forças vão terminar e a promessa feita a Eunice, no leito de mor-

[24] *Nota do autor espiritual: apelido carinhoso de Mirandela*

te, será esquecida. Num arroubo de pensamentos elevados, resigna-se e torna a razão, cuidando com dedicação de seu ebrifestivo pai e de sua magriça e enferma mãe, já corroída pela peste, mas ainda afeita as maledicências do cotidiano, mantendo-se sempre apegada a matéria.

Aos trinta e um anos desliga-se da família, pois enterra seus genitores, última das cruzes que julgava carregar, deixando encaminhados os irmãos já casados e com ofícios próprios.

Julga acalmar-se em sua intranquila trajetória, quando conhece Malamud, um caixeiro-viajante, proveniente do distante Oriente, cativante e galanteador, que conquista o combalido coração da ingênua Italiana. Casam-se e a felicidade parece ter chegado a sua vida finalmente. Nasce-lhe o primeiro filho, que recebe o nome de Eugênio. Seguem-se os meses e Mirandela, feliz, continua frequentando a missa do padre Antonio, como costumava fazer com Eunice.

Em pouco tempo, preenchem-lhe o lar os filhos gêmeos Enrico e Giacomo. A sua alegria poderia ser completa não fossem os problemas que começam a provar-lhe a capacidade de resistência.

Descobre a vida dupla de Malamud, que possui outra mulher e filhos, além de um número considerável de amantes. Os meninos são rebeldes e agressivos, mas a razão do destino é invariável. Reencarnaram sob o manto protetor de Mirandela os seus três perversos algozes do passado, Chakar - o filho mais velho Eugenio -, Abdul e Nabul - os gêmeos Enrico e Giacomo.

Agredida pelo marido e pelos filhos, Mirandela é obrigada a relembrar as sábias lições de Eunice e termina socorrendo-se das boas orientações do velho pároco Antonio, ainda em atividade na igreja. Percebe, então, como fora feliz com seus pais e irmãos e sente que jamais deveria ter criticado o seu lar e a sua família. Resignada, cede aos apelos que o combalido coração lhe faz e distribui amor aos seus, ultrapassando a sua limitação racional e buscando forças nos bons fluidos que recebe de Alvorada Nova.

CAPÍTULO XXXVI - O DESENCARNE EM PALERMO

A vida decorre pesarosa em Palermo, especialmente depois que Malamud abandonou o lar. Mirandela desdobra-se em cuidados, mas nunca consegue agradar aos filhos. O mais velho, Eugenio, é mais atencioso com a genitora, enquanto os gêmeos aterrorizam-lhe os dias, enchendo-os de preocupação.

As dificuldades tem seus pontos positivos e acaba unindo a família em torno da luta pela sobrevivência. Remindo profundas magoas do passado, Mirandela aprende a amar seus filhos e, com isso, perdoa os atos cruéis que a vitimaram na última existência.

No dia do décimo aniversario de Eugenio, Malamud volta ao lar. Recebido com alegria pelos gêmeos e com frieza pela mãe e pelo filho mais velho, ele resolve instalar-se novamente em Palermo.

Retomando o controle da casa, alcoolizando-se com frequência, o turco começa uma Jornada cotidiana de agressões físicas e morais contra Mirandela e os filhos. O inconformismo torna-se generalizado e os meninos começam a questionar as razões que levaram a mãe a aceitar Malamud de volta. Sem poder agir contra o marido, já que vive em arraigada sociedade patriarcal Italiana, conforma-se e continua enredando-se nas orações para sustentar a sua tristeza.

Em seus momentos de profunda reflexão, sente a mão suave e amiga de seu mentor Genevaldo pousar-lhe no ombro. Atribuindo a sensação de bem-estar a presença espiritual de sua Irma Eunice, deixa-se envolver pelos reconfortantes passes que recebe.

Aos quarenta e cinco anos, forçada pelo marido, engravida outra vez. Sente o peso de uma gestação de elevado risco, mormente pelo estado intranquilo e conturbado de sua vida. Rogando a Deus proteção para os meses em que carrega em seu ventre um ser divino - como sua irmã Eunice denominava as crianças em formação no útero materno - e acompanhada por Righetto, um médico de Alvorada Nova, destacado para atendê-la.

O carinho que a envolve é vital para o desenvolvimento de sua filha caçula que, em verdade, representa a volta daquele menino que Adila abandonou em São João D'Acre logo após o nascimento. Terá a oportuni-

dade de refazer os seus laços familiares, destruídos pela irresponsabilidade pretérita.

Assessorada no momento do parto, recebe a luz Saphira, uma bela e saudável menina.

Decorridos cinco anos, a família começa a perceber na adorável garotinha uma inteligência incomum, bem como uma alegria que a todos encanta. Sempre com bons exemplos a transmitir, torna-se querida e admirada pelos irmãos mais velhos.

Saphira cresce rapidamente e aprecia ajudar a família no árduo dia-a-dia, especialmente a mãe, já cansada e doente. E a última da casa a fazer as refeições e somente esta feliz quando percebe que não há ninguém insatisfeito dentro do lar.

Aos oito anos, convence a mãe a adotar algumas crianças do povoado, totalmente abandonadas pelos pais e que não apresentam qualquer esperança de sobrevivência se sozinhas permanecerem. Dentre elas, encontra-se um inválido, totalmente rejeitado por todos no vilarejo e que desperta um precoce sentimento maternal na menina.

O pai novamente abandona a família e jamais retorna, desencarnando na distante ilha de Chipre, para onde foi em busca de aventuras. Mirandela, ao completar cinquenta e três anos de idade, cega de uma das vistas e bastante cansada, sentindo vergar sobre seus ombros o peso do sofrimento continuo ao qual sempre esteve exposta, encontra na filha caçula a única alegria para continuar viva. Os descendentes varões melhoram o seu modo de encarar a vida, em face dos exemplos dados pela irmã menor, mas não a ponto de mudarem o comportamento. Eugenio deixa o lar e casa-se, abandonando a mãe e os irmãos a própria sorte. Giacomo parte para Roma em busca de riqueza e fama, mas não consegue outro fim que não o esquecimento. Enrico despede-se de todos partindo para Cosenza e, por ser o mais rebelde dos filhos, parecia não retornar jamais. Entretanto, galgou-lhe no coração o desabrochar de sentimentos nobres ao longo da infância e adolescência. Termina voltando a família para acompanhar - com os irmãos adotivos e com Saphira - o desencarne da genitora.

A mesma peste que lhe retirou os pais abate-se sobre Mirandela. Sempre sob os cuidados de sua filha mais nova, volteada pelo amor sincero das crianças que adotou, ela consegue definhar feliz ao lado de seus familiares. Grande alegria bate-lhe no peito com a volta de Enrico, pronto a auxiliar Saphira no comando da casa. Ora a Deus em agradecimento pela linda família que Dele recebeu um dia para criar e educar. Nenhum sofrimento e capaz de retirar-lhe, agora, a fé e a resignação. Ao seu lado, como uma sentinela, Genevaldo ora e vibra esperançoso.

- Senhor, confiante na Vossa força e misericórdia infinitas, rogo-Vos que ilumineis a querida Mirandela nesses últimos momentos de sua existência material. Mantenho-me inabalável ao seu lado e agradeço a Vos esta oportunidade maravilhosa de ter estado por tantos anos acompanhando Eustáquio nessa peregrinação de amor. Seja feita a Vossa vontade, Senhor. Assim seja.

Tênue luz prateada, brilhante e solitária em escura noite de inverno, surge a frente de Mirandela para levá-la ao mundo espiritual. Sentindo a aproximação do final de sua trajetória, tranquiliza-se e profere em silêncio uma prece. Ouve, ao longe, o cântico maravilhoso de um coral de vozes límpidas e suaves, tendo a frente o timbre de Eunice, feliz, Mirandela adormece para sempre e Eustáquio renasce, outra vez, para o plano da verdadeira vida. Cessa-lhe a Jornada em 1393.

CAPITULO XXXVII - NA CASA DA SUBLIME JUSTIÇA

Terminada uma etapa determinante na sua recuperação, Após sucessivos tratamentos na Casa de Repouso, Mirandela recupera a consciência e reverte seu perispírito para a forma de Eustáquio, que lhe marca o percurso de regeneração.

- É bom vê-lo reabilitado, Eustáquio. Está preparado para apresentar-se a Agamenon? O coordenador deseja vê-lo.

- Certamente, Anita! Quando iremos?

- Imediatamente! Estou aguardando a liberação de um veículo para nos levar ao Prédio Central.

Minutos após, ambos partem no *flap* 54, um dos veículos pequenos de Alvorada Nova, destinado a pequenos deslocamentos. Possui quatro luga-

res, e totalmente aberto e desliza sobre um colchão de ar que se forma sob ondas magnéticas[25].

Maravilhado com a condução, Eustáquio questiona a enfermeira Anita a esse respeito. Ela explica que muitos dos equipamentos utilizados em Alvorada Nova ainda serão, um dia, "inventados" pelos encarnados. O avanço da tecnologia no mundo material acontece por orientação e apoio das diversas colônias espirituais que volteiam o Globo.

- Permita fazer-lhe outra pergunta, Anita... Você voltara algum dia ao plano físico?

- Por que essa indagação, Eustáquio?

- Em face de tantos conhecimentos que tem a respeito do funcionamento desta cidade, parece-me que já está evoluída o suficiente para não retornar mais à Crosta como eu.

- Não é verdade! Eu apenas passei mais tempo que você aqui na Colônia e aprendi a utilizar seus recursos. Isso não significa que não retornarei a materialidade. Ao contrário, devo partir em breve, pois necessito continuar minha jornada evolutiva como você.

- Mas você é enfermeira aqui?!

- Não fazemos nenhuma distinção entre as atividades que exercemos neste plano da vida, meu amigo. Escolhi essa função porque gosto de tratar com enfermos e sinto-me bem na *Casa de Repouso.* Poderia estar em qualquer outra atividade e o resultado seria o mesmo.

Ingressam na *Coordenadoria Geral* os dois companheiros. Bem humorado, Eustáquio e levado a presença do líder da Cidade Espiritual.

- Paz em Jesus, Eustáquio! Seja bem-vindo! Acompanho o seu progresso, meu filho. Sei que já se encontra preparado a voltar a Crosta. Desta vez, você sabe que pode ter pela frente uma *reencarnação-chave*, determinante em sua trajetória evolutiva... Esta consciente dos riscos envolvidos?

- Estou, Agamenon! Pode confiar que farei todo o esforço possível para evitar desgastes serios em minha caminhada. Acredito que todo o sofrimento obtido na Itália por muitos anos fizeram-me ver um lado positivo

[25]*Nota do autor material: para maiores informações sobre os veículos utilizados por Alvorada Nova, ver no livro do mesmo nome o capitulo "A descri$ao de nossa arvore - III" - "Núcleos de Desenvolvimento" (Núcleo de Desenvolvimento dos Serviços Gerais).*

na pobreza material. Não desejo, pois, tornar em berço nobiliárquico. E possível tal escolha?

- Sim. Consultamos a *Unidade da Divina Elevação e* você poderá participar da escolha de sua futura programação. Antes, porém, deverá passar por uma avaliação na *Casa da Sublime Justiça*[26].

Eustáquio possui mérito suficiente para submeter-se a essa análise. Somente os Espíritos preparados a compreender o trabalho de amor que se realiza nessa Casa para aí são encaminhados. Os reticentes e os recalcitrantes, de regra, recebem programações compulsórias a seguir. A autoanalise, em conjunto com os juízes dessa Unidade de Alvorada Nova, faz crescer na criatura um sentimento de justiça e de autocrítica bastante positivo.

Um imenso salão, envolto em suave luz azulada e contornado por matizes prateados e brancos, serve de cenário para o encontro de Eustáquio com os juízes da *Casa da Sublime Justiça.* Todos trajando túnicas alvas, cercados pelos eflúvios positivos do Plano Superior, conversam fraternalmente sobre o destino de mais um irmão em vias de reencarnar.

- Meus queridos amigos! Após tocante vibração de abertura de nossos trabalhos, conduzida pelo coração sensível de nosso irmão Humberto, estamos prontos a ouvir as palavras de nosso expositor, Matéus.

- Confrades, paz em Jesus! Que Deus ilumine nosso trabalho de hoje! Recebi instruções da *Coordenadoria Geral* para fazer a análise dos passos de nosso irmão Eustáquio nas suas últimas reencarnações no plano material. Após consulta a *Coordenadoria de Avaliação* e a *Coordenadoria de Programas,* verifiquei as fichas do *Departamento de Reencarnação* e do *Arquivo Geral,* apresentando-lhes agora o meu relatório. Em que pesem os erros e desvios cometidos por Adila e Mirandela, parece-me que os acertos superaram as expectativas, mormente a resignada postura de Adila, após a violência sexual que sofreu, sem clamar por vingança ou executar tal intento. Foi verdade que o ódio guarneceu seu coração até o desencarne, porém em face de seu estágio evolutivo outra não poderia ser sua atitude. Note-se que ela recebeu como filhos, na reencarnação seguinte, os

[26] *Nota do autor material: ver no livro "Alvorada Nova" o capitulo "A descrição de nossa arvore - XII" e no livro "Conversando sobre Mediunidade - Retratos de Alvorada Nova" o capitulo XIII ("A Justiça na Espiritualidade").*

três causadores de sua mais profunda dor. Soube desempenhar bem o seu papel de mãe, aproximando-se dos mandamentos do Evangelho, atendendo aos conselhos de Espíritos mais preparados.

- Permita-me irmão Matéus, uma pergunta...

- Sim, confrade Antonino.

- Verifico pelo seu relatório que Adila deu o filho tão logo ocorreu o seu nascimento. Qual a consequência advinda desse ato?

- Ante sua programação conturbada, esse desvio não foi dos mais relevantes, mesmo porque ela teve oportunidade de reparar o seu débito, recebendo na reencarnação seguinte, como filho, o mesmo Espírito que antes abandonara. Antes rejeitado pela mãe, ele terminou conquistando, no futuro, o seu coração. Além disso, esse seu ato impensado soou-lhe como retrocesso e o arrependimento custou-lhe momentos de profunda tristeza já no final de seus dias como Adila.

- Houve outras falhas adiante?

- Sim, Antonino! Nenhuma mãe poderia dispor de seu filho dessa maneira e mesmo com o perdão obtido do Espírito que foi abandonado, ela arcou na reencarnação seguinte com a sua própria rejeição pelos seus filhos Eugenio, Enrico e Giacomo. Não houve uma reparação completa e há outras dívidas ainda pendentes. Justamente por isso, acredito que Eustáquio está em condições de selecionar o melhor percurso a seguir.

- Que tem a dizer o nosso debatedor, irmão Paulo?

- Meus confrades! Saliento que Eustáquio, após minuciosa verificação de seu mérito, desligou-se de seus antigos aliados, ainda persistentes na senda do mal. Apesar de não ligado definitivamente no caminho de Luz, livrou-se de muitos assédios de entidades inferiores quando esteve em Palermo no invólucro carnal de Mirandela. Ademais, outro aspecto relevante foi a sua distribuição de amor a crianças carentes, que acabou adotando. Os sentimentos positivos predominaram sobre os negativos na exteriorização de suas vontades, embora no âmago ainda tenham permanecido os menos dignos, embasando-lhe a crença e a mentalização. Sou favorável à ampla liberdade de escolha, nos moldes propostos pelo confrade Matéus.

Enquanto o expositor salienta os aspectos positivos e negativos da trajetória, com algumas nuances pessoais, em confronto com a programação

espiritual idealizada pelo Plano Superior, o debatedor avalia unicamente as vibrações e os sentimentos que acompanharam o Espírito nas reencarnações em análise, traçando um quadro relativo a sua depuração e ao seu mérito pessoal sobretudo. Ambos emitem suas opiniões a respeito do caso em estudo. Essas avaliações podem ou não coincidir, ou seja, expositor e debatedor podem ter a mesma analise sobre o fato ou não. Transmitem suas impressões, que adquiriram com o estudo do caso, aguardando o pronunciamento dos julgadores.

- Irmão Matéus, concorda com a avaliação do debatedor Paulo?

- Sim, confrade Caspar! Acompanho integralmente sua analise.

- Pois bem, meus amados companheiros, todos possuem cópias dos trabalhos do expositor e do debatedor. Ouviremos agora Eustáquio, antes de decidirmos, sob Inspiração Superior, a programação a ser traçada. Aqui estamos para ouvi-lo, meu querido irmão!

- Queridos confrades da *Casa da Sublime Justiça,* agradeço esta oportunidade de estar presente para expor o meu desejo a respeito da Jornada que devo seguir. Tenho muita dificuldade ainda para expressar-me dentro das Leis Divinas. Minha fé na força do Senhor ainda é trêmula e vacilante. Apesar de muitos anos vividos, com alguns avanços e inúmeras estagnações, observe que tenho muitos males a reparar na crosta terrestre. Meu senso de direção e meu discernimento abalam-se demais sempre que visto o envoltório carnal. Entretanto, ante minha programação para retornar em breve tempo, gostaria de solicitar-lhes um outro estágio na mais completa pobreza material, pois tenho verdadeiro pavor de enfrentar a opulência e a abundancia de riquezas materiais. Estou confuso no tocante ao meu destino. Tenho amigos queridos neste plano, mas os tenho também no plano inferior. Não sei se é errado, mas acabo nutrindo sentimentos fortes por companheiros que deixei nas trevas. For outro lado, amigos, por não ter ainda uma fé solida em meu coração, acabo cedendo aos fáceis apelos da vingança e do ódio quando provocado durante o estágio no plano, físico. Meu desejo, então, é caminhar enfrentando a prova da pobreza que, certamente, cerceando os meus passos nessa direção e eu poderei progredir, quem sabe, como almejado.

- Admiramos sua sinceridade, Eustáquio. A luz azul se fez mais forte no ambiente demonstrando a sua franqueza e a sua confiança em nosso

amor e amizade. Faremos o possível para traçar o melhor programa possível para sua próxima reencarnação.

- Grato, irmão Caspar, por suas palavras comoventes e amistosas. Estarei aguardando confiante!

Enquanto espera a decisão no tocante ao seu futuro rumo a materialidade, Eustáquio vivencia aprazíveis dias na Colônia. No *Recanto da Paz*[27], incentivado por Anita e Rosana, ingressa no estudo e na meditação a respeito de relevantes temas do Evangelho, participando ativamente dos grupos da casa. Sente ainda brotar amargura em seu peito quando reconhece os seus erros pretéritos, por vezes, sente-se incapaz de vencer as barreiras de seus mais graves desvios. Serenado por suas pacientes acompanhantes, conscientiza-se da relevância de sua Jornada na Crosta e volta a manter acesas suas esperanças.

Quando ingressa em processo de profunda depressão, volta a *Casa de Repouso* para um tratamento emergencial. Nessas ocasiões, submete-se a uma rápida rememorização do seu passado e também, através de viagens imaginárias no tempo, consegue voltar a época de Cristo, acompanhando a vida e obra do Missionário Maior, acalmando-se e adquirindo esperanças para prosseguir.[28]

Recuperado de suas crises, frequenta o *Centra de Aprendizado da Luz Divina*[29], onde assiste a palestras de mentores, que comentam, através de casos concretos, a Justiça de Deus nas reencarnações. Angustiado e ansioso pelo seu percurso do futuro, jamais esteve tão lúcido para avaliar seus erros e seus débitos. Sente-se fortalecido para enfrentar a decisão sobre seu reencarne. Nesse estágio de esclarecimento, torna a Casa de Sublime Justiça.

- Querido irmão Eustáquio, nós chegamos a uma conclusão a respeito de seu programa. Aprovado pela Superioridade Divina, Após consulta que realizamos, acreditamos que parte de sua reivindicação pode ser atendida. Você partira de imediato, mas não viverá uma situação de pobreza mate-

---

[27] *Nota do autor material: ver no livro "Alvorada Nova" o capitulo "A descrição de nossa arvore - Parte X".*

[28] *Nota do autor material: ver no livro "Alvorada Nova" o capitulo "A descrição de nossa arvore - I" ("Sola de Recuperação Mental", localizada no último andar da Casa de Repouso), pag. 98.*

[29] *Nota do autor material: ver no livro "Alvorada Nova" o capitulo "A descrição de nossa arvore - XII" e no livro "Conversando sobre Mediunidade - Retratos de Alvorada Nova" o capitulo II, item "Estudo".*

rial absoluta como desejava. Uma trajetória equilibrada, em família de posses medianas, será o mais adequado. Utilize a sua grande capacidade de liderança para construir um positivo projeto de vida. Durante o seu percurso, está programada a sua convivência com um Espírito de Luz, que estará em missão na Crosta. Aproveite bem essa oportunidade, para extrair um bom aprendizado através dos exemplos que ira presenciar. Outros detalhes você poderá obter junto ao *Departamento de Reencarnação*, que cuidara do seu regresso. Deus o ilumine, meu irmão. Assim seja!

Aceitando, conformado, a decisão dos seus mais experientes companheiros, Eustáquio prepara-se para a viagem de volta.

Antes, porém, acompanhado de Anita, trilha seus últimos contatos com Alvorada Nova. Caminha pela *Praça Central*[30], sente os eflúvios elevados do *Bosque da Natureza Divina*[31]e sensibiliza-se com a exuberância da bela cachoeira que espraia águas cristalinas e prateadas, agradecendo ao Criador esse contato revigorante.

Anita e Rosana fornecem-lhe as últimas orientações e ele se interessa em saber qual a razão de não se lembrar, quando encarnado, de seu estagio na Colônia. Elas, fraternalmente, explicam que a perda da memória e apenas temporária, enquanto perdurar o estagio no plano físico, Além de ser necessária para preservar a liberdade de ação e os encontros e reencontros com antigos inimigos do passado. For vezes, o mais ferrenho adversário reencarna na mesma família - como pai, filho ou irmão - exigindo uma trajetória neutra e isenta. Dessa forma, os Espíritos, ao retornarem a Crosta, perdem a consciência dos seus atos pretéritos e de sua verdadeira identidade.

Terminam os dias tranquilos em Alvorada Nova e, antes da partida, Eustáquio ainda tem a oportunidade de visitar e conhecer as *Moradas do Sol* e da *Estrela*[32]. Rejuvenescido espiritualmente, retorna a crosta terrestre, embalado na esperança de seus amigos que o aguardam no plano da verdadeira vida.

---

[30] *Nota do autor material: ver no livro "Alvorada Nova" o capitulo "A descrição de nossa arvore - III".*

[31] *Nota do autor material: idem, capitulo "A descri$do de nossa arvore - IX".*

[32] *Nota do autor material: idem, capítulos "A descri$ao de nossa arvore - IX e X", páginas 158 e 164.*

CAPÍTULO XXXVIII - EM BU CA DO TEMPO PERDIDO

Lufam os ventos ribeirinhos, envolvendo atraente riacho que corta sinuoso uma pradaria vistosa nas cercanias de Orleans. Um menino de seus oito anos, franzino e irrequieto, caminha pelas margens com uma vara de pesca, imprecando a todo instante ante a falta de sorte e desejoso de colocar suas mãos no primeiro peixe sonolento e atarantado que emergisse das profundezas. Seu lúdico divertimento consiste no vagar pelos campos a espera do anoitecer. Lucilante, o sol finalmente esconde-se no horizonte, obrigando Jean Paul a voltar para casa. O garoto põe-se a correr prestemente sonhando em saciar a fome com o apetitoso caldo de ervas que sua mãe prepara.

- Finalmente chegaste, Jean! Estava preocupada. Depois que teu pai nos abandonou eu vivo atemorizada que algum filho meu irá deixar-me.

- Jamais isso acontecera, mamãe! Não vamos repetir o erro de papai.

- Deus te ouça, meu pequeno! Chama teus irmãos, pois eu estou servindo o jantar.

A pacata Adele começou a cuidar sozinha do lar, tão logo seu esposo - o capitão Millier -, a pretexto de viajar em missão militar, deixou a família e passou a viver em Paris. Boemio e largado, jamais retornou para saber notícias de casa.

A vida tornou-se áspera para os três filhos do casal, que deixaram de contar com a proteção e o apoio material paternos, obrigando-os a reduzir os gastos e controlar as despesas. O mais velho, Jean Paul, nunca aceitou o fato de estar preso em Orleans e gostaria de morar com o pai em Paris, não o fazendo para não ferir a bondosa genitora.

Arnaud e Claude, os mais jovens, acompanham as opiniões de Jean e também desejam, um dia, ausentar-se definitivamente da cidade, o que provoca pavor em Adele, prevendo para si uma vida isolada e solitária.

Após o jantar, quando a mãe vai deitar, os três conversam animadamente sobre o futuro.

- Façamos um pacto, meus irmãos - incita o mais velho.

- Que tipo de pacto?

- Muito simples, Arnaud! Quando tivermos condições, iremos para Paris a fim de encontrar papai. Lá ficaremos muito ricos e voltaremos para buscar nossa mãe. Que tal?

- E como ficaremos ricos? - indaga o pequeno Claude.

- Ora, basta que encontremos algum comécio ou, quem sabe, papai poderá ajudar-nos a ingressar no exército.

- E quem te disse que o exército dádinheiro, Jean?

- Ninguém me disse, eu apenas sei.

- Se isso fosse verdade, nosso pai não nos deixaria na miséria e partiria para outra cidade - contra-argumenta o caçula.

Enquanto discutem, Arnaud está pensando.

- Para ganhar dinheiro, basta darmos um *golpe*

- O que é *golpe*

- Ora, Claude, todos nós sabemos o que é! Trata-se de uma forma rápida de ganhar dinheiro sem muito esforço. Papai sempre disse que se não fosse militar, daria um *golpe,* ficaria rico e nos levaria com ele para Paris.

- Eu não gostaria de enriquecer roubando... - interfere Jean.

- E quem falou em roubar? Eu disse *golpe*... Escutaste bem?

- Mas, Arnaud, ficar rico sem esforço implica em roubar de alguém e isso não e certo.

- Bobagem! Eu farei qualquer coisa para melhorar de vida. Tu me acompanhas, Claude?

- Sem dúvida!

- Então deixaremos Jean Paul com seu orgulho e partiremos para Paris sozinhos.

A singela conversa entre os três já espelha a mudança de comportamento de Jean, que se inconforma por ter sido de algum modo convidado a prática de um ato não cristão.

O pacto de Arnaud e Claude mais tarde concretiza-se e ambos abandonam, logo na adolescência, a casa materna, partindo para Paris em busca do pai. Jean, entristecido, permanece um pouco mais, embora acabe ingressando nas fileiras do exército e seja obrigado a deixar Orleans. A previsão de Adele termina consumando-se e ela finda a trajetória solitária e infeliz.

Quando viaja pela França acompanhando as tropas, Jean Paul torna-se o alvo predileto do regimento, por ser tímido e fechado. Os soldados passam o tempo a atormentá-lo e costumam fazer apostas para ver quem conseguira extrair do jovem alguma reação - seja positiva ou negativa. Ele parece sempre estar inerte e não ter emoções.

Transcorrem céleres os meses, atropelando os anos e Jean percebe que a sua desagregação familiar é a maior fonte de desgosto em sua vida. Mal conheceu o pai, deixou a mãe sozinha e jamais tornou a ver os irmãos. O seu âmago, porém, anuncia-lhe a chegada de uma personagem em sua existência, que poderá alterar os rumos de seu caminho. Resta-lhe confiar em Deus.

CAPITULO XXXIX - O ENCONTRO COM JOANA D'ARC

Um orgulhoso destacamento do exército francês marcha em direção a Orleans para libertar a cidade do jugo inglês, comandado pela jovem e bela guerreira, Joana D'Arc. A tropa foi enviada pelo rei Carlos VII numa tentativa de reverter o quadro da *Guerra dos Cem Anos*[33] em favor de França.

Quando se aproximam da urbe sitiada, são recebidos por uma enorme saraivada de flamejantes flechas disparadas pelo inimigo, que faz tombar vários homens. Destemida, Joana da ordens para um recuo estratégico a fim de traçar o seu plano de invasão.

---

33 *- Nota do autor material: a Guerra dos Cem Anos, entre a França e a Inglaterra, de 1337 a 1453, começou pela rivalidade entre Filipe de Valois, proclamado rei da França depois da morte de Carlos IV, último Capeto direto, e Eduardo III, da Inglaterra, que pretendia ter direito a coroa por sua mãe. Prolongou-se até o reinado de Carlos VII. Os ingleses foram vencedores em Crecy (1346) e em Poitiers (1356). No reinado de Carlos V, gramas a Du Guesclin, a fortuna das armas favoreceu a França, mas, no reinado de Carlos VI, a batalha de Azincourt (1415) e uma nova vitoria inglesa. Quando Carlos VII sobe ao trono, os ingleses ocupam quase toda a França. Surge, porem, Joana D'Arc, que desperta o patriotismo Frances, faz levantar o cerco a Orleans e sagrar o rei em Remos. Cai, no entanto, prisioneira em Compienha e é queimada em Rudo (1431). O impulso, todavia, está dado; os ingleses, batidos em Formigny (1450) e em Castillon (1453) são expulsos da França, exceto de Calais, que só lhes e arrebatada em 1558. (Dicionário Prático Ilustrado Lello - pdg. 1508/1509).*

Refeitos, os franceses investem novamente contra o cerco inglês e inicia-se o ferrenho combate. Mortalmente feridos, muitos soldados caem e jamais retornam ao palco das lutas.

Após exaustivos três dias de confronto, Joana lidera o ataque final.

Novos embates travam-se e horas depois a vitória francesa estampa-se na fisionomia de cada um dos lutadores. Explode a alegria em Orleans e a comandante da missão é enaltecida pelos brados agradecidos dos habitantes.

- *Vive Jeanne! Vive la France!*[34]

Aprisionado durante o combate, o general britânico Talbot é apresentado a Joana D'Arc

- Não admitirei jamais ter sido vencido por um exército comandado por uma mulher.

- Vossa prepotência, general, não vos poupou da derrota e quero dizer-vos que ainda sereis julgado pelos vossos atos de guerra. Estamos conscientes do nosso papel de libertação de nosso povo do jugo estrangeiro. Ingleses devem viver na Inglaterra. A França e para os franceses.

- Sois, de fato, corajosa! A batalha que vencestes não faz findar a guerra.

- Veremos, general! Enquanto isso, vamos comemorar a nossa liberdade.

Os soldados desejam eliminar o general aprisionado e são vigorosamente obstados por Joana, que preserva a dignidade do confronto, respeitando a integridade física dos vencidos.

A superioridade moral da Virgem de Domremy aquieta os militares e seus belos exemplos continuam fascinando os franceses. Jean Paul, encarregado de cuidar da segurança da comandante, inicia a sua convivência com essa missionária que somente lhe transmite uma autentica lição de vida.

Assistido de perto por sua mentora Nívea, a trajetória de Jean torna-se promissora, especialmente porque ele sente crescer a admiração por Joana D'Arc

---

[34] *Nota do autor espiritual: "Viva Joana! Viva a França!"*

O exército deixa Orleans e segue para Troyes. Acampado as margens de um largo rio, próximo a um desfiladeiro, Jean começa a notar uma inquietação crescente entre os soldados, famintos e com muito frio. Aproxima-se de Joana, pressentindo que algum mal possa lhe acontecer. Disputa, a essa altura, com o oficial Gualberto, a primazia dos cuidados com a líder. Ambos não se entendem e parecem ter uma antipatia natural.

Durante uma das noites que passam no acampamento, um dos soldados tenta agredir a comandante, assediando-a sexualmente. Prontamente atendida por Jean, o insubmisso militar é aprisionado e nenhum mal consegue fazer. Agradecida, a Virgem de Domremy encontra em seu protetor um amigo sincero e soldado dedicado.

Desesperado e enciumado, Gualberto rompe relações com Jean Paul e durante suas noites de sono tende a delirar e relembrar o passado:

- Covarde, miserável, Franchise é minha! Nada me afastara de minha amada. Afasta-te Giscard, pois nos domínios de Orleans eu sou a voz da Igreja. Deixa em paz a minha Franchise...

Várias vezes é acordado com um balde d'água, pois os outros soldados não suportam suas manifestações durante a noite. Em verdade, seus delírios tem razão de ser, pois reencarnado ao lado de Eustáquio - no mesmo batalhão - encontra-se Marcel, o bispo de Orleans.

Buscando pacificar os dois adversários, inconscientemente, porém inspirada, Joana empreende todos os esforços para que ambos sejam amigos e caminhem juntos ao seu lado, fiéis e devotados.

A partir da interferência pessoal da líder das tropas, Gualberto e Jean Paul forçam uma convivência harmônica. Cessa a hostilidade gratuita existente entre os dois.

Enquanto a França tudo exige dos seus soldados, inimigos do passado unem-se no presente para o inicio de uma reconciliação regeneradora.

CAPÍTULO XL - O JULGAMENTO DE RUÃO

Capitaneando o seu exército, Joana D'Arc desperta o sentimento patriótico dos franceses e por onde passa atrai a atenção de todos, provocando arraigada ira nos inimigos ingleses. Ao seu lado, inabalável, renovando o seu espírito, encontra-se Jean Paul.

Ao longo de seu percurso, a fervorosa Pucela comete deslizes e termina aprisionada pelos britânicos. Conduzida a um julgamento parcial, na cidade de Ruão, deixa perplexos os seus seguidores e incondicionais admiradores. Nessa ocasião, nenhum compatriota consegue defender em público aquela que liderou grande parte da unificação do reino de França.

Incrédulo, Jean acompanha o farsesco cenário montado para decidir o destino de Joana, onde os protagonistas sequer atingem um arremedo de justiça.

Indefesa a frente de sessenta algozes, intitulados juízes e tendo por acusador o temerário e altivo João d'Estivet, ouve silente a peça acusatória. Acompanhando a distância o julgamento, irmanados no mesmo sofrimento, Gualberto e Jean permanecem servis a grande líder.

O temível tribunal da Inquisição composto pelos doutores em teologia é pago pelos ingleses para condenar uma valorosa defensora da unidade da França, dos ideais de um povo e da lealdade a Deus. Nenhum dos presentes a esse ato sórdido levanta-se em favor de Joana e nem mesmo Jean demonstra coragem para fazê-lo.

Submetida a interrogatórios intermináveis em busca de uma capitulação humilhante frente a Igreja, entregue a torturas venais até que perdesse as forças, Joana D'Arc enfrenta o seu mefistofélico processo de condenação pré-ordenada. O bispo de Beauvais, inconformado, pressiona sem trégua a jovem prisioneira para que ela confesse sua traição. Inútil. Permanece integra a Virgem de Domremy. Sua sentença vem a seguir, impondo-lhe a morte pelo fogo.

Em 30 de maio de 1431 desencarna Joana D'Arc e com ela seguem as esperanças de seus leais soldados, tendo por solaz as promessas feitas por Jean Paul, que deseja cumprir o juramento feito a Pucela de levar adiante, ao lado dos franceses, até o último de seus homens, a *Guerra dos Cem Anos.*

A fífia dos pássaros mais atrevidos termina por molestar a meditação penhorada de Jean Paul as margens serenas de um lago de águas azuis e cristalinas, que, feliz, envolve toda a beleza da planície de Orleans. A perpetuidade de sua placidez enobrece os pensamentos daqueles que ali dedicam-se a reflexões, sob o calor ameno do sol do inverno.

Plangendo silente, Jean rememora os seus momentos cruciais ao lado da família, relembrando, ainda, os seus melhores anseios, acompanhados, por vezes, de insensatos desmandos. Revê a ambição dos irmãos que abandonaram a genitora, alardeando apoio ao irresponsável pai e sente-se culpado por não ter dado suporte a Adele até o seu último dia de vida. As belas lições de Joana enchem sua memória de alegria e todo caminho percorrido volta-lhe a mente. Observa o seu passado espelhar-se na superfície do lago.

- Vejo nessas límpidas águas o reflexo de minha vida. Revejo meus sucessos e meus deslizes durante os quarenta e cinco anos de minha existência e talvez conclua pelo meu fracasso. Termino a Jornada solitário e já não sinto forças para suportar o dia seguinte. Estou enfermo e não acredito que verei novamente o verão em minha querida Orleans. Ah, Deus! Perdoa-me tanta magoa e pouca esperança. Agradeço-Te a oportunidade que tive de conviver com Joana, aprendendo tão belos exemplos. Como havia prometido, acompanhei o deslinde da guerra e, hoje, pacificadas as nações, resta-me um conflito interior a resolver...

Jean Paul atinge o ápice de sua Jornada e pressente que o fim está próximo. Avaliando os passos pretéritos e acostumado a ser rigoroso em suas conclusões, extrai precipitados fechos amargos para sua vida.

- Deus, ó Deus! Ao Vosso lado esteve minha santa mãe e também a doce e meiga Joana. Busco encontrar-Te também, mas não consigo. Não posso prescindir do Vosso apoio e da Vossa misericórdia. Ouça-me, Senhor!

Adormece na relva macia e deixa-se envolver pelo cair da tarde. A noite chega trazendo consigo uma enfurecida tempestade de neve, representando o símbolo da chegada do inverno europeu que escolhe momento especial para fazer-se notar em França. Os flocos brancos e amistosos, mas frios por natureza, ensarilham Jean Paul que, no berço da pradaria de Orleans, jamais torna a acordar.

Os cristais de gelo enamoram-se daquelas águas belas e azuis do garboso lago e congelam sua superfície. Terminam os colóquios e as meditações de Jean com suas águas, mas tal como o inverno representa uma nova veste para Orleans, trazendo-lhe a neve e o frio, Após alguns meses voltara a brilhar no céu o sol do verão que transformara a paisagem e a-

quecera a vegetação. Do mesmo modo acontece com o mecanismo da reencarnação. O Espírito passa por varias etapas e conhece inúmeras sensações, depurando-se rumo a perfeição.

MAPA Nº 07 - FRANÇA E INGLATERRA - SÉCULO X A XIV

DOMÍNIOS BRITÂNICOS

DOMÍNIOS FRANCESES

MARCHA DE EDUARDO III (1.346 - GUERRA DOS CEM ANOS)

MARCHA DE HENRIQUE V (1.415 - GUERRA DOS CEM ANOS)

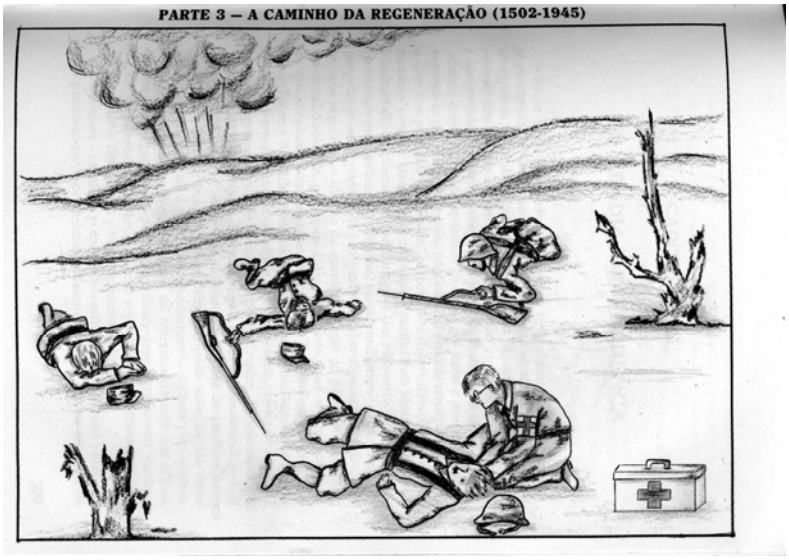
MARCHA DO PRÍNCIPE NEGRO (1.356 - GUERRA DOS CEM ANOS)



204

Eustáquio renasce esperançoso e, despedindo-se das vestes de Jean Paul, acompanhado por Genevaldo e Nívea, parte rumo aos portais dourados de Alvorada Nova.

FIM DA SEGUNDA FASE



CAPÍTULO XLI - A ABADIA DE FLORENÇA

- Meus queridos irmãos! *Os homens trilham muitas vezes caminhos já percorridos. E um homem que se considere prudente deve ter a cautela de seguir os passos dados pelos grandes homens, imitando-os. Não lhe sendo possível fazê-lo, deve ao menos imitá-los em suas virtudes, pois muita coisa é aproveitada. Se querem atingir um ponto distante que o façam como os seteiros, conhecedores da capacidade do área e que fazem a pontaria em local superior ao que realmente visam. Mediante tal artifício conseguem alcançar o alvo com precisão.* Confrades, percebam a desvitrificação de nossos rumos e estudos através das criativas e perfectíveis idéias de Niccoló Machiavelli... (aplausos entusiasmados) Um momento, um momento, permitam-me continuar! Muitos seres medíocres e desprezíveis perpetuam-se no poder, não por qualidades invulgares e próprias, mas porque seguiram o ideário de grandes líderes do passado ou

mesmo da atualidade. Ha príncipes[35], entretanto, que o são por seus próprios valores, sem que tivessem fortuna. Permito-me citar Moises, Giro, Teseu e Rômulo. Note-se, como bem ressaltou Machiavelli, que *Moisés foi mero executor das ordens de Deus, entretanto, merece ser admirado porque tornou-se digno de conversar com o Criador. E, valendo-se da escravidão do oprimido povo de Israel no Egito, logrou que houvesse disposição em segui-lo.* Destarte, caros irmãos, buscar a virtude de um líder deve ser a meta desta ordem; tornar-se príncipe, quem sabe, de um vasto reino de consciências e aplicar os mandamentos divinos para nortear a esses povos o seu rumo na senda do rejuvenescimento das idéias. Nossa congregação não pode forquilhar; deve permanecer unida e firme no propósito de partilhar com o príncipe a oportunidade rara de unificar e dirigir um povo. (aplausos delirantes).

- Senhores - continua o monge beneditino Maximiliano - fraldoso não pretendo ser, porém faz-se mistér colecionar outros aspectos de nosso ideário. Notem, que *aprender a ser mau é um dos objetivos de qualquer príncipe a fim de se conservar no poder. Alguns são muito liberais, outros miseráveis - abstendo-se de usar suas posses -, outros ainda são pródigos, ou rapaces, ou cruéis, ou piedosos. Alguns outros são perjuros ou leais, podem ser efeminados e até pusilânimes; truculentos ou animosos; humanitários ou soberbos. Há os que sejam casos ou lascivos; estúpidos*

35 *Nota do autor espiritual: a referenda aos príncipes e o modo utilizado par Maximiliano para fazer chegar aos beneditinos as idéias de Machiavelli, a fim de justificar e demonstrar que o poder, por si só, não e um, mal e pode ser bem exercido, inclusive sob o ponto de vista religioso. Naquela época, em que a unificação Italiana estava iniciando contornos mais vigorosos, era importante a ordem beneditina participar do processo político que se desenhava, sem perder o seu espaço político e social até ali conquistado e adequando-se a nova ordem em vias de se instalar. A proximidade com o Vaticano obrigava-os a uma reciclagem constante de rumos e ideais, a fim de jamais entrar em conflito com o Papa e visando atenuar eventuais crises de consciência que alguns religiosos tinham ante tanta disparidade dos ensinamentos cristãos mais puros com a realidade por eles vivenciada. O príncipe era o símbolo do poder na ocasião e Maximiliano, estudioso do assunto, utilizava-se dessa imagem para retratar aos beneditinos a simbologia de dominação e articulações que a Igreja de um modo geral detinha em suas mãos. Assim, fazia comparações entre o príncipe e o Papa, bem como entre aquele e a sua ordem religiosa. Quando ele menciona afigura do "príncipe" em suas palestras tem em vista retratar ora o Papa, ora a ordem dos beneditinos, ora o próprio Príncipe. Machiavelli foi Secretário da Chancelaria em Florença e dedicou sua obra-prima ao Magnífico Lorenzo, filho de Piero de Medici. Maximiliano teve acesso a obra, ainda não oficialmente publicada e divulgada, através dos inúmeros contatos que a ordem possuía na sociedade e na classe dirigente florentina. O próprio Lorenzo deixou o mundo material sem ao menos conhecer, em profundidade, a obra-prima que Lhe foi dedicada.*

ou astuciosos; tíbios ou mesmo enérgicos; graves ou levianos; religiosos ou ateus. A princípio deveria o príncipe ter somente as boas qualidades, mas a natureza humana e tal que não lhe permite a completa posse delas. O mais importante e saber ser prudente para evitar os defeitos que lhe poderiam tirar o governo. Defeitos e virtudes precisam ser manipulados com arguta perspicácia para servir ao poder e podem até mesmo trazer bem-estar e tranquilidade ao príncipe.[36] - [37] Enfim, estimados confrades, quem não tem defeitos? Vícios? Todos os temos! Dentro das fronteiras de nossa ordem podemos admití-los, mas nunca essa confissão dolorosa devera atingir o mundo exterior. Ordenemos nossas idéias de acordo com a realidade, pois que a ficção serve apenas para instruir os incautos. Podemos ser considerados, *interna corporis*, por vezes cruéis, truculentos, soberbos, astuciosos, enérgicos e até lascivos. Aos fiéis, no entanto, seremos sempre castos, religiosos, liberais, piedosos, leais e, porventura, pródigos. Somos os amigos do povo! Somos seus irmãos! Os verdadeiros mandatários de Deus! Conforme a necessidade do momento, podemos até assumir alguns de nossos defeitos até colocá-los em prática. Mas uma imagem de integridade deve ser a base de nossa ordem religiosa, como uma autêntica liderança entre os florentinos.

Antes que terminasse seu discurso, em face da relevância do tema apresentado, Maximiliano é interrompido pelo prior.

- E qual seria o momento apropriado para admitirmos os nossos... erros?

---

[36] *Nota do autor espiritual: pode-se bem notar, ante o discurso exposto por Machiavelli em 1513, com sua obra "O Príncipe", de onde surgiram os termos "maquiavélico" e "maquiavelismo", relativos a má-fé, perfídia, bem como ao principio político de que as finalidades e os objetivos devem sempre justificar os meios empregados para atingi-los. Nessa ocasião, estudioso de obras políticas de um modo geral, Eustáquio adquire maior consciência dos valores do espírito, em contraste com a filosofia dos homens. Aprende a discernir com maior acuidade entre o bem e o mal Equilibra-se em tênue e sutil linha divisória dos lados antagônicos que se circunscreviam a sua frente: a prática dos ensinamentos cristãos na sua essência ou o exercício maquiavélico desses ensinamentos. Ainda com 23 anos, jovem, inexperiente, apresenta tendência a seguir com as idéias do seu então ídolo Niccolo Machiavelli. Evidencia-se, a partir dessa reencarnação na crosta terrestre, uma continua evolução de seus conhecimentos. Cresce-lhe a cultura e o desenvolvimento intelectual, acompanhando-o, ainda tímido, mas seguro, o progresso no campo moral.*

[37] *Os trechos do livro "O Príncipe" ("De Principatibus") de Nicolau Maquiavel constantes nesta obra podem ser localizados pelo leitor nos seus capítulos VI ("Dos Principados Novos que são conquistados pelas Armas e com Nobreza") e XV ("Das Razões pelas quais os homens, e sobretudo os príncipes, são louvados e vituperados").*

- Sempre que o interesse o determinar. Explico melhor. Quando houver necessidade de *ser mau* - lembremos de Machiavelli e seus sábios ensinamentos - haveremos de sê-lo. Os defeitos, preclaro irmão, trazem-nos muitos resultados satisfatórios e positivos. Não se pode agir somente dentro da virtude, pois perderíamos parcela considerável de poder. Poderia ser a ruína de nossos domínios. *Ser mau,* entretanto, exige cautela. Nós saberemos, em última instância, quando assim estivermos agindo e qual ganho estaremos obtendo. Outros, alheios a nossa congregação, certamente não tem essa noção prática de lucrar com os próprios desmandos. Partilhemos dos nossos próprios defeitos! Se os temos, devemos bem utilizá-los, afinal, não somos todo virtude. Logo, necessitamos construir nosso ideário dentro dos padrões reais. Conhecer os escritos de Machiavelli nos será extremamente positivo. Precisamos saber lidar com nossos defeitos, camuflá-los até - se essencial -, prosseguindo com nossos ideais cristãos de modo virtuoso e por uma boa finalidade, que e atingir a perfeição do espírito e conquistar um lugar ao lado do Criador. Que importam os meios a serem utilizados se os fins -certamente nobres - os justificarão? Alguns desvios, frutos da realidade do homem, vivenciados até mesmo pelo príncipe, são inerentes aos nossos espíritos. Compreendendo essa verdade e manipulando-a em prol do bem comum, ofertaremos tranquilidade e quietez aos nossos fieis.

Novamente entrecortado, Maximiliano enfrenta questionamento de Vidal, um dos monges presentes.

- Não me parece uma postura correta! Estaríamos enfatizando e incentivando os nossos defeitos em nome de um ideal questionável como esse apresentado pelo confrade em sua palestra...

Antes que continuasse, o prior interfere e dita:

- Em verdade, estimado companheiro Vidal, não há nenhum contraste entre as idéias expostas por nosso estudioso Maximiliano e os postulados desta ordem, unificados por são Bento há tantos anos. Devemos entender que o estudo do ideário de Niccold Machiavelli representa um descortinar aos nossos surrados e arcaicos métodos de penetração na comunidade e na organização política. Hoje, certamente, esse manuscrito do diplomata não tem a repercussão merecida. Mas a Igreja necessita - veja o exemplo do Sumo Pontífice - penetrar os corações de todos os seus fiéis,

conquistando espaços e impondo-se a príncipes e reis, antes que outros aventureiros o façam. Estes sim, podem fazê-lo sem a aquiescência divina, o que não e o nosso caso. Parece-me interessante a tese exposta pelo nosso palestrante: os *fins justificam os meios*... Continue, Maximiliano!

- Pois certo, meus estimados companheiros, o sofrimento do povo, por vezes, faz parte da sua futura redenção. Lembremos do exemplo de Moisés e os escravos no Egito. Uma liderança se constrói num momento de agrura para determinado povo e consolida-se mais tarde, quando ocorre a fase de renascimento das esperanças. Da mesma forma que o príncipe deve buscar ser querido por sua gente, a nossa ordem necessita, a qualquer custo, manter a sua posição de prestígio na sociedade florentina. Continuemos unidos, conscientes dos nossos passos e acatemos as nossas fraquezas quando for conveniente - mas jamais expondo-as ao mundo. Acertemos o nosso trilhar rumo a consolidação de nossa força política e fixemos as bases para o futuro, associados aos grandes lideres e buscando a unificação do Estado Florentino[38]. Encabecemos a aspiração do príncipe: *quod nihil illi deerat ad regnandum praeter regnum.*[39] A conquista, irmãos!

Vibrante ovação coroa de êxito o discurso de Maxilimiliano, um dos mais jovens e estudiosos monges da abadia, que se encanta com a obra-prima de Machiavel.

O prior admira o seu trabalho e decide enviá-lo a Roma para continuar o aprendizado e transmitir os seus conhecimentos a respeito de política e filosofia. A sombra do seu longínquo passado, quando esteve a frente de uma abadia do século VIII, desenha-se em seu perfil ambicioso e sectário.

---

[38] *- Nota do autor espiritual: Era essencial, naquela época, defender um Estado cujo centra seria Florença, em face da acirrada disputa existente entre as cidades Italianas, como Milão, Nápoles, Veneza e Roma.*

[39] *Nota do autor espiritual: "Não lhe faltava para ser rei sendo um reino".*

MAPA Nº 08 - EUROPA - REFORMA PROTESTANTE

DOMÍNIOS ANGLICANOS

DOMÍNIOS CALVINISTAS

DOMÍNIOS LUTERANOS

DOMÍNIOS PRESBITERIANOS

DOMÍNIOS CATÓLICOS

DOMÍNIOS RECUPERADOS PELOS CATÓLICOS

FOCOS CALVINISTAS



215

CAPÍTULO XLII - A CULTURA HUMANISTA

Retorna-se a Florença de 1502. Eustáquio reencarnou sob o manto protetor de uma família modesta e simples, recebendo o nome de Maximiliano.

Desenvolve-se cercado de amor e cheio de compreensão e apoio. O núcleo familiar, apesar da singeleza de vida, permite-lhe um crescimento saudável, com possibilidades de estudo. Desde cedo, Maximiliano acompanha seu genitor nas atividades do campo, colhendo e plantando, cíclica e rotineiramente, perquirindo em seu íntimo quando lhe surgiria uma oportunidade de progresso social e econômico.

Buscando atingir o seu objetivo de melhorar o nível de vida, todos os dias frequenta o pequeno comercio de "mestre" Jacob, como carinhosamente chama o ancião que vende livros e quinquilharias de um modo geral no centro da cidade. O rabino o auxilia no seu aprendizado, fornecendo-lhe todo o material necessário a compor o amplo conhecimento exigido pela intelectualizada sociedade da época, imersa no Humanismo[40] e no Renascimento[41].

Apaixonado pela agudeza de espírito e inteligência invulgar do rapaz, Jacob, solteiro e solitário, dedica-se a ele como se fosse um filho, exigindo-lhe postura e dedicação. Não decepcionando o velho livreiro, Maximiliano alça dia após dia aos degraus da intelectualidade e ambos tornam-se cada vez mais amigos.

Grande centro do Humanismo, Florença proporciona ao jovem uma fonte inesgotável de obras literárias de alto nível, permitindo a *mestre* Jacob selecionar os melhores textos para suas aulas. O ancião - sacerdote do judaísmo - desenvolvera sua infância em constantes estudos, na propriedade ripícola que o pai possuía na região francesa de Troyers, de onde emigrou.

---

[40] *Nota do autor material: O Humanismo era a doutrina e movimento dos humanistas da Renascença que ressuscitaram o culto das línguas e literaturas greco-latinas (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).*

[41] *Nota do autor material: dá-se o nome de Renascenqa a renovação literária, artística e cientifica, que se operou na Europa nos séculos XV e XVI, especialmente sob a influência da cultura antiga, então em voga (Dicionário Prático Ilustrado Lello, pdg.1844).*

Unidos por um ideal comum, abeberam-se das grandes obras do seu tempo, dedicando-se a discussões profundas e estafantes sobre a obra de Francesco Petrarca, com especial relevo para o *Canzoniere* e, por particular sugestão de Maximiliano, os poemas *I trionfi.* Não lhes passam despercebidas as obras de Boccaccio - *Decameron* e a biografia comentada de Dante Alighieri.

Impossível conter o debate acirrado entre ambos, quando comentam, entusiasmados e inebriados a obra *Comédia*[42]de Dante. Desperta curioso interesse em Maximiliano o trecho descrito pelo autor florentino - nos cantos que cuidam do *Paraíso* - que trata do desabafo de São Bento questionando os desvios enfrentados pela Ordem que idealizou - os beneditinos[43].

Logicamente, ante os contrastes teológicos existentes entre o mestre e o aprendiz, ambos afinam-se mais na discussão dos cantos relativos ao *Inferno* e ao *Purgatório,* mas divergem no tocante ao *Paraíso.* A parte relativa aos beneditinos suscita curiosidade excessiva por parte de Maximiliano que, a partir dessa ocasião, demonstra interesse peculiar por essa ordem religiosa, vislumbrando integrá-la no futuro.

Seu orientador nos estudos passa a verificar que o rapaz, ao cientificar-se de qualquer assunto, em pouco tempo domina a linguagem do autor e desvenda a sua intenção ao escrever a obra, demonstrando ágil acesso a interpretação do texto. Aprecia, ainda, as pinturas e a arte do desenho de um modo geral, aperfeiçoando sua sensibilidade no campo cultural e artístico.

---

42 - *Nota do autor espiritual: Inicialmente a obra-prima de Dante Alighieri chamou-se Comedia. Somente após 1560 passou a ser conhecida como "Divina Comédia*".

43 *Nota do autor espiritual: Dante Alighieri retrata em um dos cantos de sua obra máxima um encontro que teria enfrentado com são Bento, no Paraíso, ocasião em que ouviu lamentações do fundador da Ordem beneditina a respeito dos rumos trilhados por seus adeptos, diferentes daqueles por ele preconizados. Há passagens, atribuídas a manifestação de são Bento nesse trabalho literário, mencionando que as abadias ter-se-iam transformado em "espeluncas" e o capuz monástico estaria fazendo sacos para "farinha ruim". Combate, ainda, o amor desmedido as riquezas que "ensandeceu o* coração dos *monges". Estaria, nessa ocasião, havendo por parte do fundador da Ordem uma critica ao materialismo que dominava muitas abadias beneditinas daquela época. Decerto, trata-se de uma ficção criada por Dante, embora o seu sentimento pessoal esteja esboçado no livro, confirmando a imagem que muitos florentinos faziam dos beneditinos.*
Nota do autor material: O trecho acima mencionado pode ser encontrado na obra "A Divina Comedia", de Dante Alighieri, Canto XXII, item 61.

Em determinada oportunidade, quando comenta, em latim clássico, um dos poemas que acabara de ler, tem por ouvinte um atento monge beneditino, frequentador da loja do *mestre* Jacob, que se interessa pela capacidade intelectual do jovem e busca conhecê-lo melhor.

Aos dezesseis anos, prodigioso e culto, tece importantes considerações quanto as obras góticas que passa a conhecer e dedica-se ao estudo do desenho geométrico, utilizando cálculos matemáticos como apoio.

Certa vez, elabora um quadro desenhando um local que nunca tinha visto antes. Trata-se, em verdade, de uma abadia da ordem beneditina fielmente retratada. Possivelmente inspirado por ligações do pretérito na construção da imagem, termina obtendo permissão para transferir-se para o mosteiro dos beneditinos, situado em Florença, a fim de concluir e aperfeiçoar os seus estudos. Seu coração enche-se de encanto pelo convite formulado pessoalmente pelo prior a seus pais e, crédulo num futuro promissor, desenlaça-se da família e do professor, partindo rumo ao seu novo horizonte.

Despede-se do mestre querido vertendo lagrimas saudosas, porém necessárias. Desfaz-se de seu apego a terra, ao campo e a simplicidade e devota-se, a partir dai, a uma vida austera, mas confortável, no interior da abadia.

Jacob, entristecido, assiste a partida de seu aluno dileto e amigo fiel. Pelas vias tortuosas de Florença, seguem lado a lado Maximiliano e o monge que lhe serve de guia. Distanciando-se do centro e caminhando pelas trilhas de um penhasco, a última imagem que se vê do jovem são as linhas sombrias de seu capuz monástico.

A noite cai serena e o rabino ora fervorosamente por seu estimado companheiro, enviando-lhe vibrações afetuosas, mas frágeis para penetrar as portentosas entranhas das muralhas beneditinas.

CAPITULO XLIII –
OS RECONDITOS CAMINHOS DA ABADIA RUMO AO VATICANO

Recoveiros soturnos seguem trilhas enegrecidas, acompanhados apenas pelo tênue luar da meia-noite, rumo aos porões beneditinos. Carregam o abastecimento mensal da Ordem e trazem correntes, ferramentas e outros equipamentos estranhos, destinados as câmaras localizadas no calabouço. O ano e 1523 e Maximiliano já se sagrou monge.

Alheio aos desatinos e aos desmandos cometidos pelo priorato na condução dos destinos beneditinos, ele continua seus estudos e aguarda uma oportunidade para mudar-se do mosteiro, pois sente que não pertence ao sombrio lugar. Trata-se de uma conscientização adquirida com o passar dos anos, associada a renovação interior por ele vivenciada ante tantos estágios em zonas umbralinas. Seu coração clama por mudanças, enquanto a razão ainda aceita caminhos tortuosos e menos dignos para atingir objetivos materialistas, embora sem excessos.

Quando toma conhecimento direto e pessoal de alguma tortura realizada nas salas do subterrâneo - para onde são levadas as pessoas consideradas *infiéis* - Maximiliano sempre procura o abade para obter justificativas.

- Meu querido Max, não vos impressioneis com a situação de nossos reclusos. Eles são muito bem tratados e suas famílias confiam em nossa ordem para recuperá-los e torná-los cristãos exemplares.

- Lamento discordar, irmão, mas não considero a *tortura* um método correto e indicado para converter infiéis.

- Tortura?! Que palavra dura e de significado dúbio! Para alguns, esse método que estais rejeitando e um bálsamo aos seus espíritos.

A oposição dos dirigentes da abadia e veemente quando se pretende qualquer mudança na estrutura secular da ordem religiosa e, em especial, em algumas de suas formas singulares de obter a *confissão espontânea* e o *arrependimento* dos seus hóspedes. Qualquer comentário de Maximiliano nesse instante seria inútil. Percebendo a necessidade inadiável de abandonar a vida monástica, ele continua pressionando os monges a mandá-lo a Roma para estudar no Vaticano.

Enquanto estuda, ele descobre através de amigos bem informados os manuscritos de Machiavelli, datados de 1513, tecendo longa e peculiar narrativa a respeito da política e do poder. Interessado, dedica-se ao conhecimento da obra e torna-se um especialista na matéria.

Eloquente na defesa de seus pontos de vista e conhecedor dos meandros da filosofia e das demais ciências humanas, termina conquistando a confiança do prior, que decide enviá-lo ao papa.

Preparando-se para partir, toma conhecimento da morte de seu ídolo Machiavelli, ocorrida em 1527. Entristecido, pois desejava conhecê-lo, parte no ano seguinte para uma nova vida na imensa urbe romana.

No Vaticano, desenvolve ainda mais o seu gosto apurado pela arte e, em especial, pela pintura. Possui livre trânsito na sede do poder político católico e consegue tecer importantes laços de amizade com cardeais e bispos. Acompanha de perto o trabalho de decoração do palácio papal, deslumbrando-se com as obras do pintor Leonardo da Vinci. Relembra-se de sua infância no berço do Renascimento - Florença - e adentra o *Cinquecento*, etapa derradeira desse movimento artístico Italiano, conhecendo Michelangelo.

Através de gestões junto a cardeais, que levam suas reivindicações ao papa Clemente VI, finalmente obtém autorização da Igreja para ver publicada a obra "O Príncipe", de Niccolo Machiavelli.

Estaria trilhando brilhante carreira, não fosse a inimizade gratuita que lhe dedica o cardeal Ubaldo, um conceituado líder dos católicos de Roma. Reticente quanto ao desempenho e as boas intenções do monge beneditino, o prelado costuma criar muitos empecilhos a Maximiliano em todas as suas áreas de atuação.

Habitualmente, ocorrem diálogos ásperos entre ambos.

-Chamais-me, Eminência?

- Certamente que sim! Continuas o teu insignificante trabalho, meu jovem?

- Dedico-me a obra decorativa deste augusto palácio e estou ao vosso dispor sempre que necessitardes...

- Deixemos de lado as tuas posturas de bom moço e cristão exemplar. Quero saber se continuas a pregar as idéias inúteis daquele escritor florentino, Machiavelli.

- Sem duvida! Admiro a sua obra e as suas idéias, com o devido respeito a Vossa Eminência.

- Pois quero que saibas, Maximiliano, de minha insatisfação com tua conduta. Não aprecio essa obra "O Príncipe" e, em especial, não gosto de tua presença, vagando pelos corredores do Vaticano. Por que não voltas a Florença?

- Prometi ao prior que iria continuar meus estudos em Roma...

- Aconselho-te a voltar! De minha parte, se possível, quero ver-te bem longe daqui.

- Aprecio, Eminência, a vossa sinceridade! Hoje em dia, temos poucos inimigos honestos e francos, que assumem diante de nós a sua posição. Lamento ter-vos despertado tanta ira. Conservar-me-ei afastado de Vossa Eminência a fim de não vos perturbar o sossego.

- E o mínimo que espero, até que chegue a tua hora de partir definitivamente. Não te esqueças jamais dessa minha advertência. Pode sair!

Sem compreender a razão do ódio gratuito que desperta em Ubaldo, Maximiliano jamais poderia supor que o cardeal é o seu inimigo secular, capitão Tergot, finalmente reencarnado.

Aos poucos, o prelado consegue agir nos bastidores da sede papalina, tecendo as piores intrigas e a situação do monge beneditino torna-se cada vez mais complicada. Isolado e vivenciando um ostracismo camuflado, ele sente vontade de partir, retornando a Florença.

Antes de tomar qualquer decisão, resolve sair pelas ruas, durante a madrugada de um dos dias mais conturbados que viveu no Vaticano, para refletir. Perambula pela cidade enquanto seus pensamentos vagam sem rumo.

Mentores de Alvorada Nova o acompanham e, solícitos, buscam inspirá-lo a aproximar-se da residência de Epifânio, um ancião que segue as idéias protestantes e é bastante ligado a Colônia Espiritual. Em poucas horas, Maximiliano esta diante da modesta casa de seu futuro aliado na senda protestante.

- Como vai, rapaz? Está perdido?

- Não... Talvez! Perdido em minhas reflexões.

- Gostarias de conversar? Sou um bom ouvinte.

- Por que não? Como vos chamais?

- Epifânio.

- Aceito o vosso convite. Afinal, nada tenho a perder. Durante bons momentos, ambos trocam idéias e discutem, com entusiasmo, teologia e alguns pontos básicos de filosofia. O dono da casa procura mostrar ao beneditino os postulados protestantes e ouve compenetrado as suas queixas a respeito da prepotente estrutura católica.

Fascinado pela doutrina exposta por Epifânio, Maximiliano promete voltar para continuar o debate e, nos meses seguintes, animado pela nova caminhada, esquece as amarguras sofridas no seu cotidiano na igreja católica, abraçando cada vez mais o protestantismo.

CAPÍTULO XLIV - A SEMENTE PROTESTANTE GERMINA

Durante a Idade Media, a Igreja Católica alcançou a supremacia religiosa entre os crentes de toda a Europa. Ante a construção de vários templos suntuosos, distribuição de sacramentos a nobreza de um modo geral, realização das Cruzadas, publicações continuas da Bíblia e conchavos e acordos secretos com o poder político dos vários reinos, ducados e condados, tornou-se poderosa instituição de mando. Nem todos da instituição concordavam com essa postura e aplaudiam a hegemonia conquistada. O baixo clero, em grande parte, inconformava-se com o desapego aos valores espirituais e queixava-se da ênfase inconveniente ao culto exterior e as aparências.

A oposição ao papado dos Estados nacionais que se firmavam na Europa, o movimento humanista desencadeado pelo Renascimento e um progresso científico cada vez maior colaboraram para o crescimento de alguns setores de oposição dentro do próprio catolicismo romano.

A partir desses sintomas, as idéias esboçadas pelo teólogo Alemão Martinho Lutero, extremamente arguto e inteligente em todas as suas colocações, desencadeiam o principio de uma nova corrente religiosa que se consolidaria anos mais tarde em todos os cantos do Velho Continente. Suas teses afixadas na Catedral de Wittemberg surtem efeito e questionam os dogmas eclesiásticos. Monge que e, jamais pretendeu afrontar a Igreja ou seus princípios básicos. Sua intenção e adaptar o culto e o sacerdócio a *verdade* que possui em seu coração, simplificando o acesso do

povo aos membros do clero e incentivando a fé como valor essencial do ser, sobrepondo-se as riquezas materiais e aos títulos.

Essas idéias logo chegam a Roma e invadem vigorosamente a mente de Maximiliano, através das notícias transmitidas por Epifânio.

Agredido em seu íntimo pelos desmandos que vislumbra no interior do Vaticano, em especial, inconformado e magoado com as injustas agressões de Ubaldo a sua pessoa; colocado no ostracismo e reduzido a mero serviçal do palácio papal, ele termina convertendo-se ao protestantismo.

Todas as noites, Maximiliano larga mais cedo as suas tarefas na cúria romana e segue a casa do amigo Epifânio para dedicar-se com um grupo de estudiosos a nova doutrina que esta abraçando. Não se corresponde mais com a abadia de Florença e acaba levantando suspeitas no tocante a sua conduta.

O inimigo figadal, Ubaldo, determina a alguns serviçais que sigam os passes do rapaz por toda Roma. Não demora muito para que o pérfido cardeal descubra, finalmente, a traição que tanto aguardava para investir contra Maximiliano.

Alheio a perseguição do prelado, ele estabelece uma nova amizade com um jovem monge alemão, convidado de Epifânio para as reuniões, que lhe desvenda as lições ministradas por outro teólogo protestante. Chegam-lhe ao conhecimento os postulados de Calvino, despertando-lhe um interesse incontrolável de conhecê-lo pessoalmente.

Entretanto, tão logo retorna ao Vaticano, é conduzido a presença do cardeal Ubaldo. Inquirido a respeito de sua participação no movimento protestante, ele nega veementemente e continua afirmando-se católico. Insistente, o prelado força-o a uma confissão, mormente quando chama a conversa os seus auxiliares que seguiram Maximiliano por varios dias. Desmascarado, o florentino desespera-se e recebe ordens de não deixar os aposentos até que seja autorizado a fazê-lo.

Pressentindo a aflição e o castigo que iria receber, foge do palácio papal e refugia-se na casa de Epifânio por algumas horas, mais tarde partindo rumo a Genebra, onde pretende encontrar-se, finalmente, com João Calvino.

Colérico ante a fuga do inimigo, Ubaldo faz publicar uma recompensa por sua captura. Temerosa em face do avanço protestante, a Igreja Católica faz renascer a cruel *Companhia de Jesus,* que significa o retorno da *Inquisição.*

O *Santo Oficio* é restaurado e Ubaldo passa a fazer parte do Tribunal. A violência de seus atos espalha-se brevemente pelos recantos europeus e o movimento protestante fraqueja, perdendo espaço.

Longe dali, Maximiliano percorre a França durante o ano de 1545, em busca das raízes do movimento religiões de contestação ao catolicismo romano e acaba cruzando as fronteiras genebresas na trilha de seu novo líder.

CAPÍTULO XLV - O ENCONTRO COM CALVINO

Caminhara a noite inteira, sob o brilho especular da lua companheira, encontrando-se agora fatigado e desesperançoso. Alguns passos mais, poucos que sejam, conduzem Maximiliano a uma clareira, formada de belas arvores e alegres pássaros que cantarolam pelo céu, onde repousa merecidamente. A hégira que empreende traz-lhe um amargo sentimento de estar perdido e vazio.

Horas mais tarde, desperta açodado, imaginando estar perdendo precioso tempo na sua incessante busca. Imagina-se ainda em França, porém já pisa solo genebrês. Levanta-se e coloca-se em marcha, deixando para trás o amistoso espaço sem arvores que o embalou em providencial descanso.

Depara-se com montanhas íngremes, compondo um cenário belo, diferente dos arredores florentinos onde passou a maior parte de sua existência e cujo fastígio apresenta-se convidativo a ser alcançado. Mira-se no encalmado embalo do sol, radiante a essa hora do dia. Sente-se um autentico heliólatra. (*que adora o Sol*).

Quando se sente abandonado pela Orientação Divina, termina encontrando, ao final de uma estreita trilha, uma torre erguida sobre escombros. No alto, vê uma janela, com cortinas dançando ao sabor dos ventos e nota uma presença humana no seu interior. Resolve bater as portas do castelo em ruínas.

Atendido com presteza invulgar por um heiduque, apresentando-se como viajante originário de Roma, e conduzido a uma sala vazia, onde recebe instruções para aguardar. Minutos depois, ingressa no recinto um homem magro, vestido de negro, com um pequeno capuz na cabeça, barba cerrada e sisuda, com um livro as mãos. Aparenta ter cerca de quarenta anos.

- Quem sois? Achei que fosse meu bom amigo Guillaume... indaga decepcionado aquele que lhe parece ser o senhorio.

- Meu nome é Maximiliano, sou monge beneditino... quero dizer, fui monge beneditino e agora encontro-me em peregrinação pela Europa, buscando localizar Genebra e conhecer uma personalidade do movimento protestante. Se puderdes dar-me abrigo por uma só noite, continuarei minha viagem amanhã, sem falta.

- O que faz um monge perdido nestas terras? Onde situa-se a vossa abadia, meu caro?

- Como pude dizer-vos, já não pertenço a Ordem beneditina... Retirei-me! Iniciei, entretanto, meu ingresso na vida monástica em Florença. Passando por Roma, decidi abandonar o catolicismo.

- Interessante! Pode um religioso deixar de sê-lo? Teria ele motives fortes e justificáveis para tal blasfêmia?

- Não abandonei a religião! Quero juntar-me aos protestantes. Senhor, peço-vos um abrigo temporário... Apenas esta noite.

- A propósito, quem estais procurando? Talvez possa ajudar-vos... Conheço muita gente!

- Procuro Jean Calvin, famoso teólogo Francês e protestante, que se encontra em Genebra, segundo soube. Conheceis?

- De nome. Mas por que quereis encontrá-lo?

- Trata-se de um autêntico reformista, alguém que me impulsionou, com suas idéias, a deixar a Igreja Católica.

- Acredito que viestes ao local certo. Poderei, em breve, apresentar-vos a quem desejais. Faz-se tarde. Apressai-vos para o jantar, que gosto de apreciar pontualmente as sete. Evilásio vos indicará o vosso aposento.

Deixa a sala o anfitrião de Maximiliano e ingressa, em seguida, o criado.

- Posso conduzir-vos, senhor? Onde esta vossa bagagem?

- Não a tenho. Possuo somente a roupa de meu corpo.

- Acredito não ser problema. Algumas peças poderão ser arranjadas, se vos desejais. Espero não vos causar transtorno, pois as acomodações não são dignas de um viajante. O patrão não costuma receber hóspedes aqui. Trata-se de um retiro temporário para suas reflexões, quando então somente eu o acompanho.

- Para mim, apenas um leito e uma boa refeição são suficientes. Não vos esqueçais que já fui monge, acostumado, pois, com locais simples e desguarnecidos de conforto.

As sete horas, jantam na mesma sala onde pela primeira vez se viram, o anfitrião e seu único hospede.

- Costumo ter minhas refeições servidas na câmara de trabalho. Espero que não estranheis o ambiente precariamente instalado para receber-vos...

- De forma alguma! Não costumo ligar para a aparência. O que conta é a intenção e o calor humano no relacionamento em geral. Vossa amabilidade registra-se em toda a vossa atenção.

- Fico satisfeito! Degustemos a refeição e, após, poderemos conversar a respeito de vossa missão.

A autoridade moral com que fala o anfitrião faz calar Maximiliano e, durante alguns minutos, o silêncio impera no castelo, apenas interrompido momentaneamente pelos passos de Evilásio, trazendo e levando os pratos servidos a mesa.

Finda a refeição, iniciam afável conversa.

- Ouvi há pouco vossas palavras acerca da conversão ao protestantismo. Gostaria de ouvir mais sobre isso.

- Tornei-me monge ainda jovem. Acreditava poder galgar posições sociais invejáveis na vida eclesiástica. Estudei muitos autores e várias obras. Especializei-me nos escritos de Niccolo Machiavelli. Segui de Florença a Roma para continuar minhas palestras e aprimorar meu aprendizado. Na sede do Vaticano, infelizmente, descobri um mundo novo, repleto de artimanhas e estratégias, com as quais não concordava. Alguns inimigos gratuitos na cúria romana conseguiram fustigar-me durante todo o tempo e a lazeira tomou conta do meu ser. Decidi, então, aproximar-me de um grupo de religiosos, distantes dos católicos, que estudavam as teses

luteranas. Construí boas amizades e solidifiquei conhecimentos, mas fui atraiçoado pelo cardeal Ubaldo. Coloquei-me em fuga pela Europa, sem rumo e somente possuindo o objetivo de encontrar-me com Calvino, pensador emérito, cujas idéias afinam-se com aquelas expostas por Lutero há algum tempo. Essa a minha história. Posso, quem sabe, conhecer-vos melhor?

- Conheceis a obra *Instituições da religião cristã*[44]?

- Por certo dela ouvi falar, mas, lamentavelmente, não a tive nunca em minhas mãos.

- Por acaso, consegui um exemplar. Posso fornecer-vos... gostaríeis?

- Certamente!

- Evilásio vos entregará o livro dentro de alguns minutos. Devo retirar-me, pois a fadiga a esta hora não me poupa. Amanhã conversaremos.

- Mas... a vosso respeito, senhor?!

- Boa noite.

A figura austera do dono da casa retira-se sem vacilar e Maximiliano conforma-se em encerrar a conversa sem os esclarecimentos que intentava receber.

A noite foi curta para o empenho com que se dedicou ao livro que lhe chegou as mãos. Entusiasmado, conheceu as principais idéias de Calvino estampadas com precisão nas *Instituições.* Adormeceu somente quando o sol tomou-lhe o quarto e aqueceu-lhe, mais uma vez, o coração.

- O patrão vos aguarda no bosque ao lado do castelo, senhor.

- Obrigado, Evilásio. Irei agora mesmo.

Dentre altivas arvores, quase solitárias nesse posto gélido das montanhas, fazendo sombra a um pequeno lago, lazulito e cristalino como poucos, encontra-se Maximiliano com aquele que lhe da hospedagem.

- Evilásio disse-me ter acompanhado, durante toda a noite, movimentação no vosso quarto. Não conseguistes dormir?

---

44 *Nota do autor material: trata-se de livro celebre de Calvino, escrito em latim, em 1535, que expõe as doutrinas dos protestantes franceses. Na idéia do reformador, o protestantismo nem e uma filosofia, nem uma religião, mas simplesmente a Escritura interpretada pela consciência de cada qual. (Dicionário Prático Ilustrado Lello, pag. 1671)*

- É verdade! Não fechei os olhos durante a madrugada, pois enfronhei-me com o livro que me destes... Tenho o estranho hábito de ler e andar ao mesmo tempo. For isso, a movimentação...

- Entendo. E o que achastes da obra?

- Profunda e esclarecedora, tratando de temas importantíssimos como a família, a fé, a lei, a Igreja, os sacramentos, entre outros. Particularmente, chamou-me a atenção a parte relativa as relações entre o cristão e a política.

- De fato, a Igreja aproximou-se demais do Estado, tornando-se instituição política e não religiosa, como demandariam as suas origens. Cristo foi esquecido e o homem afastou-se, com isso, dos seus exemplos, dilapidando seu caráter e afundando-se em pecados. Por outro lado, como conhecer a Deus sem ler, realmente, as Escrituras?

- Mas os católicos leem e entendem as sagradas Escrituras.

- Não. Entendem apenas aquilo que lhes é passado pelo sacerdote. Poucos leem, de fato, os escritos que retratam a Verdade e a Vida. O autor da obra que tivestes a oportunidade de ler indica-nos que o Governo pode e deve coexistir com a Igreja, mesmo porque pode ter autoridade divina. Entretanto, cuidara a autoridade política de proteger a Igreja e não por ela ser protegida.

- Mas como a Igreja, sem armas ou exércitos, pode proteger o Governo?

- Com sua palavra em nome de Deus. É mais poderosa a instituição que manipula o conteúdo das Escrituras do que mil exércitos poderiam conseguir. Mentiras e falsidades não podem ser a face da Igreja. O papa tem imenso poder perante reis e imperadores. Não poderia mal utilizá-lo como vem fazendo ou permitindo que seus subalternos o façam. Por que falar latim com o povo? Por que não lhes transmitir o culto de forma simplificada em sua língua natal? Parece-nos que não se deseja o esclarecimento dos fieis, mas a sua subjugação ante o princípio da verdade absoluta nas mãos de poucos que podem ler e entender, a sua maneira, o conteúdo dos Escritos Sagrados. Dogmas e leis ditados pelo papado não constituem a realidade da religião.

- São idéias suas ou de Calvino?

- Parece que ambos pensamos da mesma forma. E chegado o momento de dar um basta nesse desvio de finalidade abraçado pela Igreja católica. Creio que Calvino diverge em alguns pontos das teses luteranas, mas na essência certamente ambos concordam. O maior trabalho, no entanto, parece-me não ser lançar a idéia, em que pese ser ela essencial ao movimento, mas a sua divulgação e imprescindível. E vos, pretendeis ajudar Calvino de algum modo?

- Sem nenhuma duvida! Para isso estou aqui... Onde mesmo estamos?

- Em Genebra, nas montanhas da *Suíça*, próximo aos domínios dos Habsburgo.

- Como conheceis tanto de Calvino? Sois amigo ou aluno do mestre Francês?

- Ambos, meu caro! Somos amigos e sou também seu aluno. Vamos entrar, o frio montanhês deve ser sorvido aos poucos.

Novamente, nessa noite, fazem juntos a refeição e aprofundam as discussões sobre teologia, política e direito. Maximiliano segue, confortado, ao seu aposento. Há algum tempo não tinha a oportunidade de vivenciar momentos de tão prósperos debates.

No dia seguinte, Evilásio encontra-se com Maximiliano, fornecendo-lhe um recado do patrão.

- Como? Ele partiu? Deixou-me alguma nota ou orientação de como encontrarei quem procuro?

- Calma, senhor! Tenho aqui uma carta, com especificas instruções. Passo-vos as mãos.

Maximiliano, trêmulo, toma a missiva de Evilásio e coloca-se a ler apressado. Torna-se pálido a medida que progride na leitura e senta-se na cadeira mais próxima para não cair de vez no chão.

- São, de fato, instruções. Pede-me para divulgar as *Instituições* e outras obras semelhantes que me forem entregues, a seu tempo, por todos os cantões europeus, em especial em Paris. Fornece-me condições materiais para seguir viagem, sem preocupações financeiras e confia na minha lealdade pela causa que ora estou abraçando. Diz que entrara em contato comigo quando achar oportuno em breve tempo. Assina... *"Jean Calvin, seu amigo e agora admirador"?*

- Realmente, senhor! Passastes alguns dias com nosso querido líder. Ele teve que retornar a Genebra para cuidar dos interesses da Academia[45] que está organizando. Precisa de voluntários, como o senhor, para divulgar seus trabalhos, especialmente pela França. Viu na vossa pessoa alguém confiável e idealista. Se concordardes com a proposta feita, deveis partir imediatamente. Passo-vos os fundos para a vossa peregrinação.

Sem qualquer comentário, Maximiliano parte a Paris, confiante e enlevado.

As montanhas lhe dão um adeus silencioso, fazendo a brisa gélida acompanhá-lo na descida em direção a planície e remexendo as folhas da vegetação das redondezas tal como um glissando suave, que lhe concede tranquilidade e esperança. No céu límpido e azulado, uma esbelta ave branca como a neve do fastígio, voa soberana, gizando a paisagem e emitindo um canto distante e imperceptível. Maximiliano lacrimeja e agradece a Deus momentos tão esplendorosos e futuro tão promissor.

CAPÍTULO XLVI - DE VOLTA A ROMA

De Genebra, Maximiliano volta a Roma, antes de seguir a Paris. Visando despedir-se de seus amigos, em especial de Epifânio, coloca-se em frágil posição, ao caminhar despreocupado pelas ruas próximas ao Vaticano. Em pouco tempo, é descoberto pelo cardeal Ubaldo, que manda prendê-lo. Nessa ocasião, encerram-se as atividades do Concílio de Trento, o mais longo encontro eclesiástico da história da Igreja, amplamente conhecido como Contra-Reforma, fortalecendo a repulsa ao protestantismo.

Detido para julgamento por traição, encaminha-se ao Tribunal da cúria romana. Uma escadaria marmórea conduz os cardeais a uma porta gigantesca no alto da escada. Inteiriço, um dos guardas anuncia o início da sessão do Concilio. Os juízes ingressam no recinto austero e soturno,

---

[45] *Nota do autor material: Calvino instalou-se em Genebra em 1541 e transformou-a em Roma do protestantismo. A Academia, fundada em 1559, conferiu a Genebra grande prestigio intelectual. (Grande Enciclopédia Delta Larousse, pdg. 3034)*

construído especialmente para sediar a assembléia. Reposteiros suntuosos espelham a riqueza do ambiente, guarnecido de espelhos com molduras douradas, cuidadosamente distribuídos pela sala.

A frente de todos, entra, soberano, o cardeal Ubaldo, conduzindo o séquito de julgadores ornamentados com mantos vermelhos e capuzes brancos, todos apressados e cabisbaixos. Conduz-se ao plenário Maximiliano.

- Em nome de Deus e do Santo Papa, instalo a sessão de julgamento. Vamos apreciar a alta traição sofrida pela Igreja católica em face dos atos praticados pelo monge beneditino Maximiliano, aqui presente. Infiltrado no Vaticano, contando com a confiança da cúria romana e participando deslealmente do movimento reformista, o acusado usou a boa-fé dos católicos que o acolheram em Roma, proveniente de Florença, para ferir o seu juramento de fidelidade ao manto sacerdotal que veste. Tem o libelado algo a dizer antes da manifestação dos cardeais? - profere solene o cardeal Ubaldo.

- Não, senhor cardeal-presidente. Nada posso acrescentar ao que vos disse anos atrás e que certamente Vossa Eminência fez constar no processo. Não compreendo tanta ira dedicada a minha pessoa, porém devo confessar-vos que não reconheço a legitimidade dessa egrégia assembléia para julgar-me.

- És um insolente e maniqueísta! Queres considerar este Concilio como arbitrário e ilegítimo a fim de furtar-se de tuas atitudes levianas e traiçoeiras contra a Santa Igreja. Não há pior mal do que o teu, ao preencher o coração com a cólera satânica dos opositores do catolicismo. Abrimos os braços, no passado, para acolher-te em nossas entranhas, para agora ver-te apunhalando nossos idéias mais puros pelas costas.

- Não sou traidor! Apenas abracei uma nova causa religiosa, na qual acredito e tenho fé. Submeti-me a um exame de consciência e considerei a mudança o melhor caminho, longe de pretender atacar a Igreja católica.

- Desejas a confissão, renegando o protestantismo e voltando as tuas raízes beneditinas?

- Não, senhores! Sou agora protestante e assim permanecerei até a minha morte.

A altivez de Maximiliano choca os cardeais e alguns minutos de silencio são necessários para a recomposição de todos.

- Está bem, seja feita a tua vontade. O Concilio reúne-se agora para decidir o teu destino.

Retirado da sala e levado ao cárcere, Maximiliano espera, resignado, a sua sentença.

Meses depois, em cruel estado de isolamento, e informado de sua condenação a prisão até que resolva renegar a Reforma, publicando a sua confissão de culpa. Adoece na masmorra e passa a ter visões constantes do mundo espiritual. A febre o faz delirar e, quando em desprendimento do corpo físico, reencontra-se com antigos inimigos agora no plano invisível.

Certa noite, desperta interrompendo o sono e volta-se, afobado, para um dos cantos da cela, vislumbrando a figura de um militar germânico, com postura empertigada, que lhe dirige inúmeras ofensas. O Espírito que o ameaça e Günther, fiel servidor de Klaus Von Bilher, adversário que o matou pela força da espada, séculos antes, quando Giscard D'Antoine, bispo de Lyon.

Enquanto Maximiliano esta preso e convertido ao protestantismo, no plano espiritual ocorre um rompimento entre os seus seguidores. Razuk, totalmente refratário a mudança de comportamento de seu líder, volta-se contra ele e forma um grupo adversário, abandonando Gedião e todos os antigos aliados.

A evolução dos Espíritos não transcorre em igual prazo para todos. Cada um evolui conforme o seu livre-arbítrio e de acordo com a sua capacidade individual e pessoal de assimilar e praticar os postulados cristãos. Enquanto Eustáquio progride ao longo de seus anos de expiação, Razuk e Gedião permanecem estacionados.

Nessa época, portanto, Maximiliano tem a enfrentar varios inimigos, alguns reencarnados e outros no plano espiritual.

Anos se passam e o ex-monge beneditino perde as esperanças de sair da prisão. Entretanto, em determinada madrugada, e retirado da cela e levado dai, quase inconsciente. Desperta dias depois em uma cabana na floresta vizinha a cidade de La Rochelle, na França. Seus libertadores são

protestantes ligados a Epifânio que, de Roma, buscava a todo custo salvar o amigo das mãos do cardeal Ubaldo.

- Onde estou? - indaga confuso Maximiliano.

- Estás seguro agora! Chamo-me Landoaldo e encontro-me a serviço de nosso companheiro Epifânio.

- Eu sabia que poderia contar com meus amigos... Desejo saber como anda a Reforma. Podes informar-me?

- Continuamos enfrentando a oposição de Catarina de Médicis e, após inúmeros combates entre católicos e huguenotes, restam-nos os redutos de Cognac, Montauban, La Charité e também La Rochelle, onde estamos.

- E Calvino? Continua pregando em Genebra?

- Ele morreu, Max! Do mesmo modo, Epifânio também se foi. Perdeste a noção do tempo, pois foram muitos anos que ficaste encarcerado.

Entristecido pela notícia da morte de dois grandes ídolos, ele lacrimeja, indagando:

- Em que ano estamos, afinal?

- 1570.

- Ainda temos alguma chance de consolidar o movimento protestante?

- Não podemos perder a fé! Estamos em luta constante. Um de nossos mais combativos líderes, o almirante Coligny, assinou recentemente um tratado de paz com a Corte, o que nos permitiu manter alguns redutos livres ao nosso culto e ao nosso trabalho. Ele também aproximou-se do jovem rei Carlos IX. Sua atitude, no entanto, despertou a ira e a inimizade de Catarina de Medicis. Estamos, portanto, em situação delicada, mas consolidando as idéias de Calvino.

- Fico mais tranquilo! Gostaria de começar a trabalhar imediatamente. Seria possível avistar-me com o almirante?

- Amanhã, sem falta, iremos procurar Coligny.

CAPITULO XLVII - A NOITE DE SÃO BARTOLOMEU

- Um breve retrospecto histórico -

Consolidou-se na França, lenta mas solidamente, o poder absoluto dos reis. A partir de 1520, os protestantes fizeram-se ouvir no cenário nacional e iniciaram uma ofensiva religiosa, aumentando o número de adeptos e buscando consolidar alianças na Corte, em especial dentre os tradicionais e conservadores nobres que viviam a sombra de Francisco I. A progressiva participação do protestantismo na vida dos franceses irritava o clero e os fervorosos adeptos do catolicismo. Consagrou-se o ódio aos huguenotes por parte da família dos Guise, tradicional e católica. Organizou-se uma escalada de planos para exterminar o movimento reformista na sua raiz, culminando no massacre de Wassy, em 1562.

Os católicos, nessa oportunidade, fizeram eclodir uma verdadeira guerra contra os protestantes, tornando delicadas as relações dos membros da Corte. Adeptos da família Guise esgueiravam-se pelos corredores do castelo real conquistando aliados e promovendo intrigas. Dentre fieis seguidores do duque de Guise encontrava-se o conde Revergy, inimigo contundente do movimento reformista e antipático as idéias de Calvino. Desfilava seus cerebrinos argumentos a todos que encontrava e, através de festas regadas a excelentes vinhos e finas iguarias, fazia crescer a posição dos católicos que liderava com esperteza invulgar.

Demonstrando possuir habilidade incomum e despertando temor nos adversários, espalhava sua fama por todos os cantos da Europa, apesar de pouco registro constar, na História, a respeito de sua participação no movimento contra a Reforma. O conde era um dos maiores aliados dos Guise, servindo também o fraco rei Francisco II e, posteriormente, Catarina de Médicis. Esta última, praticamente assumiu o trono Francês quando tornou-se regente do rei Carlos IX, ainda menor de idade.

Paralelamente, ao lado dos protestantes, crescia o prestígio do almirante Caspar de Coligny que, apesar de educado na doutrina católica, em berço nobre, converteu-se as idéias reformistas e agia habilmente em defesa dos huguenotes.

A França tinha oficialmente, como monarca, o rei Carlos IX, que inclusive foi prematuramente emancipado para assumir o governo, mas na

realidade comandava com mãos de feriu os destinos franceses a sagaz Catarina de Medicis.

Os anos seguiram seu curso de 1563 a 1570, quando Maximiliano foi libertado das masmorras romanas e retornou à França, a fim de engajar-se no movimento protestante.

Prosseguem as ofensivas católicas contra os huguenotes e muitos embates isolados, espalhados pelo pais, causam varias mortes. Registra a história, entretanto, o fatídico mês de agosto de 1572, que culmina na *noite de São Bartolomeu.*

Enquanto Coligny aproxima-se do rei e enfraquece Catarina de Medicis, multiplicam-se as conspirações contra a Reforma por toda a Corte. Os preparativos para o casamento de Margarida de Valois e Henrique de Beam[46] estão em fase de consolidação e pelos pútridos bastidores da traição desenvolve-se com pleno vigor uma das maiores tramas já vividas na França. Os Guise, a essa altura ligados a Catarina de Medicis, organizam um massacre em grandes proporções contra seus inimigos protestantes. O

---

46 *Nota do autor material- a consequência mais flagrante da Reforma foi a divisão da cristandade ocidental (...) As guerras religiosas foram também. consequência do movimento reformista (...) Na França, os calvinistas ou "huguenotes", como eram chamados, formavam um verdadeiro partido político, no qual figuravam três chefes de grande prestigio: o príncipe de Conde, Antonio de Bourbon (rei de Navarra) e o almirante Coligny. Quando morreu Henrique H, em 1559, sucedeu-lhe seu filho Francisco II, que tinha então 16 anos. Os negócios do rei ficaram praticamente nas mãos de Antonio de Guise, tio do pequeno e franzino monarca, com prejuízo dos Bourbons, príncipes de sangue que se viram afastados. Os reformadores organizaram então a conspiração de Amboise, com o intuito de sequestrar o rei e libertá-lo da tutela dos Guises, Descobertos, foram duramente castigados e os Guises tornaram-se então senhores do poder. Muito cedo morreu Francisco II. Ascendeu ao trono seu irmão Carlos IX, ainda menor, ficando como regente sua mãe, Catarina de Medicis, a qual, nos moldes da política Italiana e da Renascença, enganou frequentemente a ambas as facções, procurando manter um relativo equilíbrio. Porem, quando o duque Francisco de Guise consentiu no Massacre de Wassy, onde morreram 60 huguenotes, avivaram-se os ódios políticos e religiosos na França, que se prolongaram até 1593 (...) A paz de Saint-Germain (1570) estabelecera uma anistia geral e a liberdade de culto dos reformistas, com exceção em Paris e em mais quatro "cidades de segurança". (Historia Geral, A.Souto Maior, 14ª edição, 1971, páginas 302/307).*

A rainha mãe, Catarina de Medicis, ciumenta da ascendência do almirante Coligny sobre seu filho Carlos IX e, Além disso, opondo-se ao projeto, apoiado pelo almirante, de declarar guerra ao rei da Espanha, Filipe II, conseguiu convencer o filho da existência de uma trama dos dirigentes huguenotes que permaneceram em Paris após o casamento de Margarida de Valois, irmã do rei, com Henrique de Navarra (18 de agosto). Atemorizado, Carlos IX consentiu no massacre dos reformadores. O morticínio começou na madrugada de 24 de agosto com o repique dos sinos de Saint-Germain I'Auxenois. Os principais dirigentes protestantes, entre os quais Coligny, foram mortos, bem como mais de três mil outros reformadores. Somente Henrique de Navarra e o príncipe de Conde conseguiram escapar da morte, por rápida abjuração. O massacre prosseguiu nas províncias nos dias seguintes. (Grande Enciclopédia Delta Larrouse, 1972, páginas 6122/6123)

conde Revergy aumenta suas articulações nos corredores palacianos e participa de inúmeras reuniões com a nobreza católica. O clero ligado ao Vaticano finge não saber dos acontecimentos, embora a realidade indique o contrário. Até mesmo o cardeal Ubaldo, juntamente com dezenas de bispos romanos, chega a Paris, a pretexto de participar do casamento que iria unir protestantes e católicos.

Na data marcada para o matrimônio, entidades do plano espiritual inferior aproximam-se de Paris aos milhares, tais como exércitos do mal, visando participar da chacina que esta sendo articulada no palácio real. Razuk, antigo aliado de Eustáquio, lidera uma das frentes de apoio aos planos diabolicamente tragados por Catarina de Medicis e pela família dos Guise. No plano material, contra os interesses de Maximiliano e seu grupo calvinista age, aberta e vigorosamente, o cardeal Ubaldo, também eterno rival de Eustáquio, desde a assembléia ocorrida nas profundezas do umbral, quando houve um rompimento irreparável nas hordas inferiores. O capitão Tergot, provisoriamente aprisionado nesse corpo de prelado romano, esta em franca atividade.

De outro lado, Gedião, ainda fiel a Eustáquio, do plano espiritual comanda um grupo de apoio ao seu líder, resignando-se com suas mudanças de comportamento e de religião, propondo-se a acompanhá-lo em qualquer circunstância e diante de qualquer decisão.

Reencarnado - astuto e traiçoeiro - na figura do conde Revergy encontra-se o inimigo do pretérito, Marcel, bispo de Orleans.

No dia 24 de agosto de 1572, uma nuvem imensa e negra toma conta de Paris, representada por massas de Espíritos que chegam de todos os lugares. Iniciado o massacre, em uma das ruas parisienses, Maximiliano é aprisionado. Quando desperta, esta no centro de uma praça, em cima de uma carroça e vê, cavalgando em sua direção, um soldado portando uma lança.

O sopro da dor, do ódio e da desmesurada cólera varre as ruas do coração da França. Ardem em fogo cruel os templos huguenotes enviando fumaça negra aos céus, cegando, ainda mais, o parco iluminar das estrelas. Gritos explodem por todos os cantos, unindo-se, de pronto, aos urros emanados também no plano invisível. Inimigos do passado regozijam-se em suas vinganças. Ocorrem inúmeros reencontros abruptos entre recém-

desencarnados e Espíritos inferiores que os aguardam, causando um tremor magnético indescritível, que abala ainda mais a precária estrutura emocional dos parisienses. O trabalho das Equipes de Luz, enviadas pelo Plano Superior, constrói um arco-íris no horizonte, embora afastado do centro da luta e somente para resgatar aqueles que, por merecimento, devem seguir rumo as cidades espirituais ou aos seus Postos de Socorro. Saraivadas de pontiagudas lanças de origem desconhecida cruzam o céu e atingem varios protestantes em uma praça da periferia, desmotivando a resistência. Sacerdotes católicos, dentro de suas igrejas, fazem seguidamente o santiâmen, encomendando almas e pedindo, com humildade, o perdão divino.

Sem quaisquer condições de reagir, Maximiliano vislumbra o seu final estampar-se na pontiaguda seta que se aproxima. Impassível e mantendo a sua fé crista, fixa os olhos no cavaleiro e sente-se amortecido. Subitamente, ouve um tristânico som representado pelo voo certeiro da lança disparada por seu algoz. Varando-lhe o peito e atravessando-lhe as costas, a haste pontiaguda cerra-lhe a visão material, conduzindo-o, de pronto, a outro plano de sua existência. Imediatamente, recorda-se, sob o crivo de vários *flashs*, de seu desencarne em Dijon, no ano de 500. Perde, após, a consciência.

Transfigurado, percorre as ruas da cidade o cardeal Ubaldo, seguido de perto por vários soldados. Depara-se com os corpos desfigurados de protestantes, deixados mortos em cada viela e por todo lado. Determina aos seus protetores armados que o conduzam de volta ao castelo real, pois resolve partir imediatamente para Roma. Sua vingança contra Maximiliano começa a soar-lhe inútil e ínfima diante de tamanha atrocidade, enquanto o remorso corroí-lhe o âmago.

Ao voltar para o Vaticano, cai no ostracismo e jamais retorna ao cenário político-religioso que o tinha projetado a cúria romana. Por remorso ou por desgosto, ele não se esquece da chacina sangrenta que teve a oportunidade de acompanhar.

A *noite de São Bartolomeu* - uma violência cruel e injustificável, no contexto de uma disputa religiosa - fica para sempre indelével na memória e na historia do reino de França.

CAPÍTULO XLVIII - DO MUNDO DAS ARTES A ESCRAVIDÃO

Deixando a França, assassinado na *Noite de São Bartolomeu*, Eustáquio estagia por algum tempo em Alvorada Nova, consciente de que deve reencarnar mais uma vez, em especial para reencontrar antigos adversários. Parte, então, para a África, onde nasce na tribo Ioruba, cuja aldeia situa-se no Golfo de Benin, na costa ocidental. O seu povo dedica-se a fundição do bronze e a construção de belas peças de arte, que são vendidas aos estrangeiros.

Sob a identidade de Luvi, Eustáquio carrega consigo enorme bagagem de conhecimentos, Além de ter aprendido a cultivar sentimentos mais nobres. Desagregado na relação familiar, desde cedo perde a mãe e é abandonado pelo pai. Tem apenas a irmã menor Vana para cuidar e orientar.

Olhando as linhas do horizonte sobre o mar, ele deseja um dia partir para terras distantes, disposto a conquistar novas culturas. O seu único obstáculo as aventuras e a irmã, que e deficiente física. A pequena e rebelde e jamais entende porque Luvi lhe dedica tanto carinho e atenção.

Os sábios caminhos tragados pelo Plano Superior, no entanto, colocam numa estreita relação familiar os inimigos seculares Eustáquio (Luvi) e Tergot (Vana).

- Maldito sejas, Luvi! Deixa-me em paz! Não preciso de tua ajuda e passo muito bem sozinha.

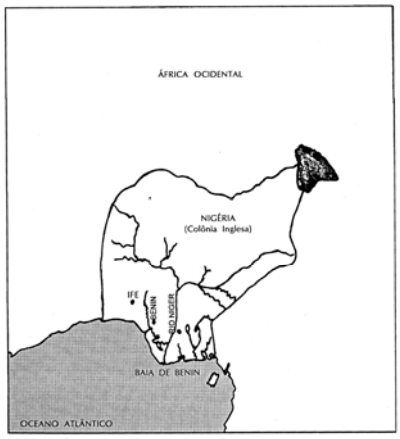
- Vana, por que tanta aspereza? Quero o teu bem e preocupo-me contigo. Seria demais deixar que teu irmão cuide de ti?

- Seria! És um intrometido e queres comandar a minha vida. Quanto mais longe estiveres, sinto-me melhor.

Ao atingir doze anos de idade, Vana liberta-se do jugo de Luvi e começa uma vida desregrada e leviana, recebendo para encontros amorosos muitos homens de sua tribo. A provocação ao irmão lhe agrada muito mais do que esses seus relacionamentos. Quanto mais entristecido e revoltado Luvi se torna, assistindo o desenrolar dos fatos, mais incentivo tem a irmã para prosseguir com seus desmandos. Mesmo deficiente, continua

Vana contraindo débitos imensuráveis ao longo de seu estágio na materialidade, totalmente refratária aos conselhos do irmão.

MAPA 09 - LOCALIZAÇÃO DE BENIN E IFE



242

Luvi não se considera vencido e persiste em sua trajetória de auxílio e amparo à garota. Sente-se constantemente rejeitado, embora jamais deixe de amar a irmã.

Sua tribo é pacífica e não afeita as guerras e as armas. Certa ocasião, é invadida por mercenários ingleses que desejam aprisionar escravos. Luvi é capturado e, em razão disso, separa-se definitivamente da irmã Vana, que permanece em terras africanas.

Detido, termina aprisionado no navio de um rico comerciante de Londres, cujo filho, conhecido por *Big Joe*, comanda a aventura pirata para o trafico de trabalhadores negros. Conduzido à presença do líder da expedição, Luvi permanece impassível.

- Esse escravo está cabisbaixo e não se move! Esta doente?

- Em absoluto, senhor! Acredito que ele apenas sente falta de sua tribo.

- Tens certeza, *Pepper Boy?* Não quero arriscar, carregando comigo inválidos...

- Assume a responsabilidade integralmente, *Big Joe.* Em pouco tempo, ele estará entrosado com os demais e começará a trabalhar.

O navio inglês segue para a costa brasileira, onde os africanos deverão ser vendidos.

Ao longo do percurso, *Big Joe* diverte-se irritando Luvi, o mais calado dos escravos.

- Tragam-me aquele negro mudo! Quero analisá-lo melhor. Segundos depois, ambos se entreolham.

- Então, zopeiro, que tens a dizer-me agora? Resolveste falar alguma coisa? (risos) Ah, já sei! Gostarias de ser surrado todos os dias para adquirir coragem de gritar, não é? Chicoteiem esse imprestável!

Conformado, Luvi começa a apanhar diariamente, mas continua sem proferir uma só palavra. Revoltado com sua situação, ele somente conversa com alguns companheiros escravos. Essa reencarnação que está vivenciando tem uma finalidade específica de fazer Eustáquio reencontrar-se com inúmeros algozes do passado. O comerciante inglês, *Big Joe,* em verdade, e Günther Von Bavanhaum, que no século VIII auxiliou várias forças a derrotar Giscard D'Antoine.

A longa viagem conduz muitos prisioneiros à morte, já que são submetidos a péssimas condições de higiêne e alimentação.

Um dos escravos inconformados, Cauim, começa a tramar uma rebelião. Percebendo que seriam massacrados se tentassem reagir de algum modo contra os ingleses, Luvi lidera um grupo contra o movimento rebelde. A rivalidade cresce entre os dois. Cauim, reencarnação de Marcel, bispo de Orleans, defronta-se outra vez com seu antigo inimigo.

- Sinto que desejas desafiar-me, Luvi...

- Não é verdade, Cauim! Apenas insisto em evitar o confronto que tanto queres, pois sei que nosso povo seria cruelmente esmagado. Além disso, já não te parece suficiente a miserável situação a que fomos submetidos?

- Não sejas covarde! Dependemos uns dos outros para sobreviver neste lamaçal onde fomos atirados. Não se pode combater o inimigo com flores... Devemos surpreendê-los enquanto nos resta alguma força.

- Bobagem! Um único gesto agressivo de nossa parte e os mercenários promovem uma chacina.

Após muita discussão, a posição de Luvi prevalece, irritando o adversário Cauim, mas evitando, de fato, uma tragédia.

Os meses sojugam implacavelmente as esperanças dos africanos e solapam-lhes o orgulho e a altivez. Muitos desencarnam e outros cedem por completo as ordens dos ingleses. Dominados e submissos, chegam a Guiana Inglesa, onde desembarca o primeiro grupo de escravos. *Big Joe* quase deixa Luvi nesse local, mas desiste quando ouve os conselhos de seu auxiliar, *Pepper Boy,* que deseja vendê-lo por alto preço em terras brasileiras.

Após a segunda parada, agora no litoral baiano, um segundo grupo de escravos desembarca. A viagem prossegue rumo ao Rio de Janeiro. Tornam a surgir desavenças a bordo entre Luvi e Cauim. As noites parecem não ter fim e os dias destroem, minuto a minuto, as resistências de todos, submetidos que são a trabalhos esgotantes.

Aportam ao Rio e o último grupo de africanos desembarca, para ser levado, de imediato, a leilão. Orgulhoso de sua mercadoria, *Big Joe* alardeia as qualidades de seus prisioneiros. Um dos compradores interessa-se por Luvi e Cauim, pagando excelente soma ao comandante inglês.

Desligando-se dos piratas, os dois seguem viagem ao interior da Capitânia e são entregues a um sacerdote lusitano, como presente de abastado comerciante da Corte portuguesa, desejoso de cair nas graças da Igreja. Inescrupulosamente, o religioso aceita os préstimos dos escravos e determina-lhes que auxiliem o seu pessoal na construção de um templo que está erguendo.

Os castigos imoderados e as precárias condições de vida a que são submetidos terminam aproximando Cauim e Luvi. Uma amizade solidária e fruto da miséria surge entre os antigos adversários. Apesar do imenso sofrimento, eles conseguem reparar grande parte dos débitos pretéritos, exercitando o perdão mútuo e fazendo surgir um sentimento fraterno de amparo mútuo.

Nem todos os inimigos reconciliam-se, afinal, com Luvi. Minerva, que fora vítima de Eustáquio por duas vezes, ao reencontrá-lo e recebendo a chance de perdoá-lo, sob o invólucro do sacerdote português Elicio, investe contra ele, escravizando-o e submetendo-o a constantes humilhações.

- Irmão Elicio, o que fazemos hoje com Luvi? Ele trabalhou somente meio período e, dizendo-se doente, foi dormir.

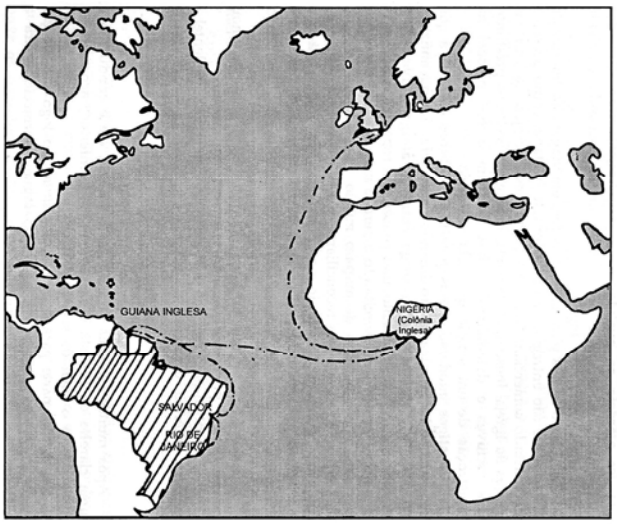
-Acorrentem-no ao tronco e chicoteiem esse negro insolente! -profere, colérico, o padre.

Após muitas semanas de chibatadas diárias, ele é conduzido a uma clareira da floresta e deixado inerte e enfermo, acorrentado, aguardando o final de sua existência.

Resignado, parte para o mundo espiritual tão logo suas forças esgotam-se. Recepcionado por Nivea, segue adormecido para a Colônia.

MAPA Nº 10 - ROTA DA ESCRAVIDÃO

ROTA PERCORRIDA PELO NAVIO DE BIG JOE



CAPÍTULO XLIX - A EMOÇÃO DO REGRESSO

Resgatado logo após o desencarne, deixando a forma de Luvi, Eustáquio descansa no Posto de Socorro de Alvorada Nova.

- Onde estou? Que faço neste quarto? Irmão Elicio quer os meus prestimos, devo partir...

- Calma, Eustáquio, você já não está vivendo no plano dos encarnados. Tranquilize-se! Estou aqui para auxiliá-lo. Sabernos que, desta vez, as suas dores fisica e moral foram desgastantes e o seu retorno a consciência não seria imediato.

- Quem é você?

- Nao se lembra de mim? Sou Rosana. Cuidei de você por outras vezes e acompanhei o seu tratamento. Estive, ainda, ao lado de Anita.

- Anita? De quem está falando? Ouça, se eu não retornar imediatamente serei punido a chicotadas... Por favor!

- Chamarei o Dr. Euclides. Nosso médico, que também o acompanha há muito tempo.

Reconfortante passe é transmitido a Eustaquio por Rosana e Euclides, enquanto ele adormece calmamente em seu quarto. A dura passagem pela crosta terrestre trouxe-lhe um distanciamento da realidade que haveria de ser corrigido pela força do amor e da orientação. Muitos Espíritos, ao deixarem os seus involucros fisicos, mesmo com relativo preparo para a compreensão da nova situação que deverão vivenciar, mantém resquícios de seus sofrimentos na materialidade e bloqueiam o acesso imediato a rememorização e recuperação da consciência quando regressam a pátria espiritual.

Algum tempo de terapia, acompanhado de perto pela dedicada Rosana, termina provocando a sua recuperação.

- Rosana? E você que está ao meu lado?

- Sem dúvida, Eustáquio! Como se sente? Sei que ainda não está completamente recuperado, mas não se apresse. Há tempo para seu descanso.

- Fico feliz por haver regressado. Há quantos dias estou aqui?

- Já faz dois anos, meu querido amigo. Seu sono foi profundo e energizante. Você precisava de plena recuperação.

- Não é possível! Julgava-me preparado para tornar ao mundo espiritual com plena consciência.

- Nem sempre é assim. Quando as provas que atravessamos na materialidade são árduas e nos esgotam, o nosso espírito pode precisar de algum tempo para recuperar a consciência e relembrar o que passou.

- Mas...

- Calma, Eustáquio! Não se preocupe, pois em breve você estará plenamente recuperado.

- E Anita, onde esta ela?

- Terminando seu estágio no plano material. Não se encontrarão por ora.

O semblante de Eustáquio espelha com facilidade a sua decepção. Resignado, despede-se de Rosana e passa a refletir sobre o que viveu, dentro das possibilidades de suas recordações.

Preparado novamente, ele revê Hilário já na cidade espiritual e, juntos, conversam sobre sua programação. O seu retorno esta previsto para 1631, em *reencarnação-preparatória.* Entusiasmado, ele imediatamente concorda.

- Ora, então devo seguir a sugestão e partirei o mais breve possível.

- Não é assim tão fácil. Queremos explicar-lhe melhor. O seu retorno será decisivo. Se houver triunfo, poderá enfrentar uma *reencarnação-chave.* Caso contrário, falhando outra vez, estará sujeito ao demorado processo de recuperação e talvez volte a *reencarnações-altemativas.*

- Não entendo...

- Sua programação indica que o regresso a Crosta lhe é conveniente dentro de alguns anos. Reencarnando em 1631, você terá vivenciado um ciclo inteiro de aprendizado aqui conosco. Esse seria o ideal.

Entretanto, antecipando a data de sua volta ao plano material, haverá condições de cumprir determinadas provas que lhe seriam úteis, vale dizer, você poderá encontrar-se com antigos adversários, a essa altura reencarnados também. Em outras palavras, o mais seguro para sua trajetória seria retornar em 1631, pois o aprendizado aqui seria completo. Mas, caso

você concorde, anteciparemos o seu regresso para que vivencie determinadas provas importantes, que só serão viáveis antes de 1631.

- Começo a perceber a relevância do meu passo. E, se entendi bem, fica a meu critério optar...

- Exatamente! Lembre-se, ainda, que eventual fracasso seu não poderá ser imputado ao seu reencarne prematuro, caso você decida partir antes de 1631. Por outro lado, meu amigo, se você triunfar, o seu mérito será muito maior.

- Agradeço a sua clareza e não me nego a assumir a marcante decisão que deverei tomar. Enquanto você expunha as vantagens e desvantagens de meu retorno imediato a Crosta, pensava eu como é justa a Mão Divina. Nada por acaso acontecerá, nem aconteceu até hoje em minha Jornada. Os riscos que tenho e terei pela frente são frutos dos meus próprios débitos. Logo, devo - sinto que devo - assumir tal responsabilidade. É verdade que partindo agora estarei menos preparado a enfrentar determinadas situações, mas creio firmemente na minha força interior e jamais senti-me tão amado por Deus como agora. Minha resposta é afirmativa. Seguirei antecipadamente de volta a carne. Haverei de lutar e buscar as melhores decisões.

- Não escondo a minha satisfação, Eustáquio. Sinto que está mudado, mais consciênte e, quem sabe, com preparo suficiente para inverter em seu favor as perspectivas de sucesso. Transmitirei a sua decisão a *Coordenadoria Geral e* aguardarei instruções.

Autorizada a Jornada antecipada, ele retorna, confiante, em 1621.

CAPÍTULO L - A GUERRA DOS TRINTA ANOS

- *Um pouco de história* -

O jovem Armand-Jean du Plessis partiu de Paris para receber em Roma sua ordenação ao atingir os seus vinte anos de idade. Levava consigo um exemplar do livro de Machiavelli, "O Príncipe". Interessado nas lições do chanceler florentino, entusiasmava-se com a idéia de aplicar a estrutura hierárquica da Igreja alguns dos princípios basilares da doutrina exposta com maestria nessa obra que acabara de conhecer.

A Reforma protestante continuava invadindo os lares franceses e quando Armand retornou a Paris sentia-se compelido a participar da luta teológica no seu país, contando, para tanto, com o apoio da nobreza e, em especial, não por acaso, da família de Medicis. Nomeado bispo, galgou triunfante os altos postos eclesiásticos da França e terminou influenciando sobremaneira a política interna e externa de sua nação. Enquanto era nomeado cardeal de Richelieu, do outro lado da Europa nascia um garoto franzino, germânico de berço, que recebeu o nome de Frediano, cujos pais, católicos fervorosos, estavam inconformados com a situação de insurreição recém-criada na Boêmia, quando príncipes protestantes recusaram aceitar o imperador eleito Fernando II de Habsburgo e impuseram o reinado de Frederico V.

O ano de 1622 decorria conturbado para todo o Império Germânico, que acabara de mergulhar num dos conflitos mais ruinosos para a sua unidade e que lhe causou prejuízos por várias décadas. Os católicos não admitiam a ofensiva protestante e, a pretexto de fomentar um combate religiões, fizeram com que inúmeros países começassem a interferir no conflito armado que tomava conta do Império. A França, por interferência do cardeal e duque de Richelieu, iniciou uma ofensiva contra os huguenotes em toda a Europa. Prosseguia a *Guerra dos Trinta Anos.*[47]

Por volta de 1533, com a morte do rei Frederico I, na Dinamarca, os protestantes iniciam uma ofensiva visando chegar ao poder. Instala-se no pais a guerra civil e, quando os huguenotes obtém triunfo, muitas famílias

---

[47] *Nota do autor material: a Guerra dos Trinta Anos foi uma guerra religiosa e política, que começou em 1618 e acabou em 1648, pelo tratado de Vestefdlia. Teve par causas essenciais o antagonismo dos protestantes e dos católicos e o receio que ocasionava a ambição da casa da Áustria. A luta iniciou-se na Boemia pela defenestração de Praga (nome dado aos atos de violência cometidos em Praga, em 1618, contra os governadores imperiais que, segundo diz uma tradição nacional, foram atirados pelas janelas do palácio pelos protestantes da Boemia, de quem o imperador Matias violara os direitos religiosos. Foi o sinal da Guerra dos Trinta Anos). A referida guerra divide-se em quatro períodos: 1B) o período palatino (1618-1624), durante o qual Frederico, eleitor palatino e eleito rei da Boemia, foi vencido na Montanha Branca (1620) e despojado dos seus estados; 29) o período dinamarquês (1624-1629), durante o qual Cristiano V da Dinamarca se pôs a frente dos luteranos; 3°) o período sueco (1630-1635), no decurso do qual Gustavo Adolfo, vencedor em Breitenfeld e no Lech, foi morto em Lucena; 4°) o período Frances (1635-1648), sendo assim chamado porque Richelieu, depois de ter apoiado secretamente os adversários da casa de Áustria, interveio diretamente contra ela. As vitorias francesas de Frigurgo e de Norlinga decidiram a Áustria a assinar a paz de Vestefdlia. A Alemanha ficou arruinada e devastada por estes trinta anos de guerra. (Dicionário Prático Ilustrado, pag. 1915).*

católicas deixam Copenhague. Entre elas, estão os Schleswig, que seguem a Lech, no Império Alemão[48], buscando refúgio.

Harold Schleswig, pai de Frediano, mantém fidelidade estreita aos postulados católicos e decide participar da Guerra dos Trinta Anos, ao lado do imperador germânico, que luta contra o protestantismo. Desencarnando em plena batalha, deixa os familiares mergulhados em imensurável tristeza.

Buscando uma rígida educação, a mãe envia Frediano ao norte da Alemanha para ser educado pelo tio Erik, instalado em Bremerhaven.

O início do convívio entre ambos e áspero, pois o adolescente descobre que o tio é protestante, justamente, no seu entender, o inimigo que matou seu pai. Muitas lições, entretanto, somam-se em seu espírito e, aos poucos, Frediano descobre a pureza do sentimento religioso que brotou um dia de Lutero, as portas da catedral de Wittenberg, desmistificando o horror que tinha a posição de Erik.

Ao ganhar intimidade com o tio, fica sabendo que Harold, na realidade, era seu pai adotivo, pois o verdadeiro o tinha abandonado ainda pequeno.

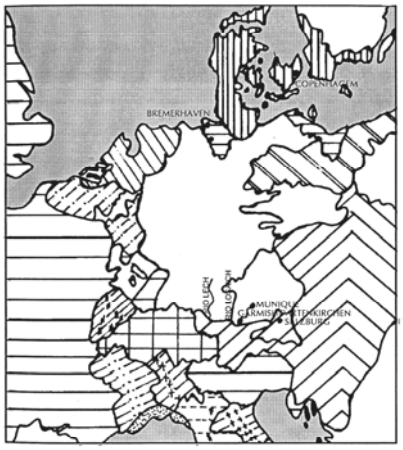
Apesar de sofrer por algum tempo com a revelação, termina confortado pelo fato de só ter recebido amor de seus genitores adotivos, nada tendo a reclamar. Deseja, então, saber maiores detalhes a respeito de seus verdadeiros pais, em especial do genitor Christen.

Quando atinge razoável idade, ingressa na batalha religiosa do Império Germânico, em 1639, agora ao lado dos protestantes, agindo com convicção e aliando-se aos franceses que acabam de declarar guerra a Alemanha. Reinicia suas incursões pelo território germânico e visitando, outra vez, o sul do pais, na região alpina de Munique, seguindo as orientações dadas pelo tio Erik, encontra o seu pai Christen, que esta refugiado em uma cabana as margens do rio Losaich. Avesso as contendas e ateu convicto, ele já não tem onde esconder-se, fazendo o que pode para furtar-se a guerra.

[48] *Nota do autor espiritual: atualmente a cidade de Lech situa-se na Áustria.*

MAPA Nº 11 - EUROPA - DIVISÃO POLÍTICA DURANTE A GUERRA DOS TRINTA ANOS

- BRADEMBURGO
- CONFEDERAÇÃO HELVÉTICA (SUÍÇA)
- DOMÍNIOS AUSTRÍACOS
- ESTADOS PONTIFICIAIS
- IMPÉRIO GERMÂNICO
- INGLATERRA, FRANÇA E VENEZA
- MILÃO
- NORUEGA E DINAMARCA
- PAÍSES BAIXOS ESPANHÓIS
- PIEMONTE
- PROVÍNCIAS UNIDAS
- REPÚBLICA DE GÊNOVA
- TOSCANA



253

Inicia uma terceira fase na vida de Frediano. Após conviver com o genitor adotivo Harold e depois com o tio Erik, passa a conhecer melhor o pai Christen, um amistoso e alegre dinamarquês.

Sempre cercado de carinho e atenção por parte das famílias com as quais teve oportunidade de conviver, Frediano cresce feliz e sentimentalmente realizado.

Sua maior diversão e acompanhar Christen em suas aventuras de exploração, escalando as montanhas dos Alpes. A única divergência entre os dois dá-se no campo religioso, pois Frediano tornara-se protestante - ao conviver com Erik - e o pai biológico é ateu.

Mensalmente, o rapaz segue para Lech e revê a mãe, os irmãos e os avós, parte de sua herança adotiva que jamais esqueceu. Quando possível, volta a Bremerhavem para trocar idéias com o tio Erik a respeito do protestantismo. Muito tempo passa e aproxima-se o momento de ocorrer uma separação entre Frediano e Christen.

- Filho, quero que saibas, antes de partires para outra batalha, que sou muito orgulhoso de ser teu pai. Arrependo-me de não ter convivido contigo durante tua infância e parte da adolescência. Sinto-me culpado pela nossa separação.

- Papai, jamais penses que eu te condeno por tua atitude! Todos nós podemos errar e somente Deus nos e capaz de perdoar. Fui muito feliz com meus pais adotivos e com tio Erik. Talvez, se não fosse o nosso distanciamento precoce e eu jamais os teria conhecido e amado.

- E bom ouvir-te dizer isso! Tua mãe, tão moça e bela, iria te amar com certeza, pudesse ela ter conhecido o filho. Morreu, como sabes, prematuramente.

- Deixemos o passado para as linhas da história, meu pai! Falemos do presente! Vou partir para cumprir minha tarefa, defendendo a causa protestante, que agora abraço. Quando retornar, faremos uma bela viagem juntos.

- Não, antes disso quero levar-te a conhecer alguns amigos meus, com quem passei dias muito agradáveis nas montanhas alpinas.

- Outra aventura?

- Desta vez, prometo-te, trata-se de uma visita da qual guardaras sempre boas lembranças.

- Esta bem! Ainda tenho alguns dias.

Pai e filho partem, entusiasmados, para reencontrar em Garmish-Partenkirchen a família Bergvolk.

- Como conheceste teus amigos?

- Viajando, sem duvida! Lembra-te que sou um pacífico aventureiro, com muitos amigos por todo o Império. Visitaremos a família Bergvolk, cujo patriarca deu-me abrigo certa vez, quando por lá estive excursionando. Lindas filhas ele possui... Duas delas, gêmeas, encantaram-me...

- Mas, papai, não acredito que tenhas tido um envolvimento com as filhas de teu hospedeiro?

- Não, em absoluto! Elas eram muito crianças... mas graciosas e espertas. Acharam-me diferente. Nunca tinham visto um dinamarquês antes. A família é numerosa, são doze filhos. Humildes, mas muito hospitaleiros e alegres.

A Baviera do século XVII envolve-se integralmente na Guerra dos Trinta Anos, embora suas regiões montanhosas fiquem alheias as batalhas. Em um desses recantos, situa-se a vila Partenkirchen, de onde saia o acesso a escalada tormentosa rumo a íngreme montanha que a separava de Garmisch, outra aldeia vizinha.

Durante duas semanas, Christen e seu filho ficam hospedados com os Bergvolk, estabelecendo um convívio agradável e muito amistoso. Desvinculados da vida social e política do Império Germânico, a família passa os dias cultivando a simplicidade e o amor a Natureza.

Aproxima-se o momento da despedida e os filhos do casal cantam um hino, composto pelo varão-primogênito, para saudá-los no *adeus* que deveria marcar o sofrimento da separação, mas também a imensurável alegria do convívio que tiveram e da amizade que se fortaleceu. Christen e Frediano acenam as mãos e distanciam-se da cabana, enquanto ouvem, emocionados, a cantiga entoada pelos anfitriões.

De volta a Munique, Frediano decide partir rumo a Viena, onde os protestantes preparam-se para cercar a cidade por volta de 1647.

O pai esta inconformado e não aceita a participação do único filho na guerra. Em verdade, não se trata de uma simples separação, pois as posições, nas linhas do destino, estão invertidas. Christen, reencarnação de

Klaus von Bilher, já foi filho de Giscard, atualmente reencarnado Frediano. No passado, o conde D'Antoine separou-se desde o nascimento do filho bastardo Klaus. O presente fez com que este último, na posição de pai, abandonasse igualmente o filho desde que veio a luz. Portanto, o instante que antecede a separação de ambos torna-se difícil e os sentimentos afloram-se do fundo de seus espíritos. Um amor conturbado e secular os une e os separa com a mesma facilidade.

Distanciam-se Frediano e Christen, embora, desta vez, irmanados num amor sólido e construtivo.

Em 1648, finda a Guerra dos Trinta Anos, a paz aparentemente volta a reinar no destroçado Império Germânico. Algumas regiões ainda disputam, isoladamente, a hegemonia de suas convicções religiosas, prorrogando pequenas lutas e conflitos entre protestantes e católicos. Frediano, associado a um grupo que acampou nas proximidades de Viena, repassa os documentos que conseguira subtrair de um alto oficial da milícia ligada ao clero católico contendo informações sigilosas do Vaticano.

Disposto a fazer uso dessa documentação, parte para Munique. Alcançando um mosteiro na região de Salzburgo, toma conhecimento da assinatura do Tratado de Westfalia[49], que teria colocado fim ao conflito religiões.

Continuando a viagem de regresso, termina aprisionado em emboscada preparada por recalcitrantes inimigos católicos. Colocado em uma masmorra nos arredores de um vilarejo, no sul da Alemanha, termina desencarnando vítimado pela fome e pela fraqueza do corpo físico, causadas pela perversidade de seus opressores. A luz de Alvorada Nova o recepciona em seu momento de libertação.

---

[49] *Nota do autor material: concluído em 1648 em Monastério (Miinster) e Osnabruque entre o imperador germânico, a França e a Suécia, para por fim a Guerra dos Trinta Anos. Deram aos príncipes Alemães o Norte, cujos* territórios *eram acrescidos, a liberdade de religião, o direito de aliança com o estrangeiro e marcaram o fracasso dos Habsburgo na sua tentativa de unifica$ao da Alemanha. A França ganhou a Alsácia e viu confirmar os Três Bispados. (ibidem, pag. 1934)*

CAPITULO LI - A SABEDORIA DIVINA

Os belos e dourados portais de Alvorada Nova recepcionam Eustáquio, conduzido pelo mentor Genevaldo. Ingressa, de imediato - consciente e feliz -, na Casa de Repouso para um tratamento de recuperação das energias.

Após cinco anos de atividades na Colônia, Agamenon convoca-o a sua presença.

- Caro Eustáquio, devemos avaliar em conjunto a sua última Jornada na crosta terrestre. Depois de sua recuperação e reintegração em nossa cidade, gostaria de ouvi-lo.

- Confesso-lhe, meu bom amigo, que hoje tenho melhores condições de fazer uma autocrítica. Tive excelentes oportunidades de resgate no estagio físico. Algumas eu aproveitei e outras, lamentavelmente, desperdicei. Gostaria de novamente poder regressar. E possível?

- Sem dúvida! O seu progresso torna-se particularmente evidente a partir do instante em que você mesmo deseja voltar a carne para terminar a sua programação, ainda não concluída. Lembra-se do passado não muito distante quando você acabava regressando compulsoriamente?

- Como poderia esquecer? Não fossem o seu carinho e a sua atenção e, acredito, não teria conseguido...

- Não diga isso! Sua evolução e fruto exclusivo de seu mérito pessoal na condução do livre-arbítrio que Deus me deu. O mais importante de sua última vivencia na Crosta foi o encontro e o perdão mútuo ocorrido entre Christen e Frediano. Pai e filho, duas vezes, ao longo de alternadas reencarnações puderam resgatar seus débitos e consolidar o amor universal e fraterno.

- Fico igualmente feliz!

- Você conseguiu, meu querido amigo, seguir a risca o mandamento de Jesus: "*Reconciliai-vos, o mais depressa possível com o vosso adversária, enquanto todos estais a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. Digo-vos em verdade, que dai não saireis, enquanto não houver-*

des pago o último ceitil"[50]. Essa reconciliação provocou em outro Espírito uma alegria imensa, terminando longa peregrinação em busca de vingança. Ricardo Igor von Bilher[51], que foi assassinado a mando de Giscard D'Antoine, encontra-se hoje, sob outro invólucro e identidade naturalmente, muito satisfeito face sua reaproximação com Klaus ou Christen.

- Qual o meu destino, agora, Agamenon?

- É hora de vivenciar a sua tão aguardada *reencarnação-chave.* Voltara a França e, lá, reencontrando a opulência - sua mais ferrenha inimiga - bem como revendo antigos adversários poderá construir, através do exercício do amor e do perdão, o seu futuro promissor na senda evolutiva.

- Sinto-me inseguro ante tanta responsabilidade. E se eu falhar?

- Note, Eustáquio, que o trabalho não estará exclusivamente em suas mãos. Alias, nenhum grande empreendimento conta com uma só pessoa para realizá-lo, pois todos estão sujeitos - em face da má utilização do livre-arbítrio - aos desvios do bom caminho. Assim, inúmeros Espíritos saem do plano espiritual para missões fundamentais na Crosta e somente o conjunto de suas atitudes poderá definir ou não uma mudança de rumo nos passes trilhados pela Humanidade. Isso quer dizer que você deve dar a sua contribuição para a sua própria recuperação e para auxiliar a regeneração de seus semelhantes, mas não deve preocupar-se, de antemão, com o sucesso ou insucesso dessa trajetória. Somente a Deus compete julgar-nos.

- Você tem plena razão! Não tornarei a demonstrar ansiedade desnecessária. Ha algum cuidado especial que deverei ter?

---

50 *Nota do autor espiritual: trata-se do trecho mencionado por são Matéus, cap.V, v. 25 e 26, demonstrando que, tendo em vista a tranquilidade futura - como explicou Kardec em sua codificação - importa reparar o mais cedo possível os males praticados contra o próximo, perdoando os inimigos, para que, no plano material, possam extinguir-se as animosidades. Se assim não ocorrer, não será a morte que irá colocar fim as aversões mutuas, pois elas certamente irão perdurar no plano espiritual (ver "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap.X, itens 5 e 6).*

51 *Nota do autor material: e oportuno lembrar a esta altura que o capitão Ricardo Igor von Bilher, filho do duque de Strasbourg, foi traído pelo conde Giscard D'Antoine e por sua esposa Gabriele. O conde, como resultado desse ato, teve como filho bastardo Klaus Augusta von Bilher Além de ter feito Ricardo perecer em suas mãos. (Capitulo XII)*

- Sim, existe! Seu retorno acontecerá em uma época delicada na história francesa. A inquisição oficialmente terminou, mas os inescrupulosos representantes de alguns setores reacionários do clero continuam praticando essa forma de cruel violência contra muitos fiéis. Além disso, politicamente, a França viverá um período de intensas mudanças, do qual você deverá participar colaborando pelo aprimoramento dos valores cristãos.

- Assim seja, Agamenon! Estou disposto a partir e enfrentar os obstáculos que me aguardam.

Em 1737, Eustáquio segue para Paris, tornando a carne sob o nome de Lisandro, um participante ativo dos caminhos que levaram a França a sua maior Revolução e constituindo-se defensor emérito de idéias iluministas que combatem a pena de morte e outros processes violentos de extermínio dos homens.

CAPITULO LII - A REVOLUÇÃO FRANCESA

As desigualdades sociais no Estado Francês acentuam-se e a monarquia absoluta, consolidada com mãos de ferro pelo cardeal Richelieu, sobrevive pujante e dispendiosa. A divisão na sociedade agrava a tensão pouco a pouco e os dois primeiros grupos de poder - o clero e a nobreza -, denominados de *primeiro e segundo Estados,* distanciam-se cada vez mais do resto da população, concentrada no *terceiro Estado.* Uma classe de comerciantes, empresários e profissionais liberais começa a deter parcela considerável das riquezas e busca implantar uma nova ideologia na França. Surge a filosofia iluminista, que prega, antes de tudo, ser a Igreja instituição dispensável ao homem. Para encontrar a Deus - dizem os iluministas - não há necessidade da participação obrigatória do clero como intermediário, idéias que desagradam a Igreja católica.

No ano de 1737, nasce Lisandro, filho de burgueses ricos, porém sem qualquer participação na estrutura política da época.

Recebendo primorosa e refinada educação, por conta dos relacionamentos sociais dos pais, acaba convivendo com personalidades do movimento iluminista Francês. Aprende diversos idiomas e lança-se, desde cedo, ao estudo erudito. A família e formada pelos pais Renan e Aline e

os filhos Lisandro, Guido, Haydee e Gilbert. Enquanto o caçula apóia o mais velho no seu desenvolvimento intelectual, os outros dois preocupam-se somente em divertir-se nas festas da Corte. Sofrem, entretanto, a discriminação dos jovens nobres que não têm consideração com os filhos de comerciantes sem títulos.

Em alguns encontros sociais, Haydee e Guido apreciam exibir aos seus amigos fidalgos os conhecimentos do irmão primogênito, que a todos encanta com sua prodigiosa memória para os versos poéticos.

- Por favor, Lisandro, repita-nos a cena do balcão, nas doces palavras de Romeu - pede a Irma Haydee,

- Vou tentar... *Brilha a luz através da janela! Trata-se do Oriente e Julieta e o Sol! Eis que surge o Sol matando de inveja a Lua, que está pedida e doente. Julieta, és mais linda que a Lua!...*

Entre suspiros e ligeiros aplausos, ele termina:

- *És minha dama! Oh! ela é o meu amor! (...).* Não sei se mais me recordo.

Emocionadas, as moças presentes insistem para que ele continue.

- Não cesses! Queremos ouvir-te - uma delas suplica.

- *Os olhos de Julieta brilham tais como estrelas do céu. Que poderia ocorrer se os olhos dela estivessem no firmamento e as estrelas na sua cabeça? Certamente o fulgor das suas faces iria envergonhar as estrelas como a luz do dia o faz com a lâmpada (...)*[52].

Os rapazes, esquecidos num canto, revoltam-se com a presença marcante de Lisandro, mas são obstados em seus reclames pelas damas encantadas:

- Fala dos olhos... - suplica uma delas. E o moço continua.

- *Seus olhos seriam capazes de lançar do céu raios tão claros que as aves cantariam acreditando ter chegado a aurora. Olhai como apóia o rosto na mão! Queria ser uma luva sobre aquela mão para que pudesse tocar-lhe o rosto!*

Tal como Julieta o faria, as moças suspiram em conjunto, numa só voz:

---

[52] *Nota do autor material: maiores detalhes podem ser encontrados na obra "Romeu e Julieta", Shakespeare, Ato Segundo, Cena II: Jardim do Capuleto.*

- Ai de mim!

Inconformados, alguns fidalgos apreciadores do poeta inglês pedem a Lisandro que repita os trechos de Julieta.

- Ai de nós, Lisandro! Onde estão as súplicas de nossa Julieta?

- Preciso retornar a Paris. Fico-vos devendo para o nosso próximo encontro. Até breve, amigos!

Satisfeitos, os irmãos Guido e Haydee afirmam-se diante de todos, suprindo a falta de títulos nobiliárquicos que lhes corrói o orgulho.

A juventude intelectual de Lisandro o conduz ao centro das atenções em sua casa, despertando o respeito dos irmãos e a satisfação dos pais. Tão logo são lançadas, ele procura ler as famosas obras *"O Espírito das Leis"*, de Montesquieu, e *"O Contrato Social"*, de Rousseau.

Quanto a este último livro, o trecho que mais o impressiona é o que trata da figura do legislador - a pessoa que tem por missão fazer as leis do Estado e da sociedade. Seus olhos brilham ao sugarem com afinco linha por linha desse capítulo, enquanto seu coração clama por tal posicionamento na política francesa e a sua razão termina por indicar-lhe o seu caminho: haveria de ser legislador no seu pais. As palavras do autor Rousseau permanecem flamejantes em sua mente, repetindo-se seguidamente até levá-lo a exaustão em suas reflexões.

- O que o faz, hoje, tão preocupado, Lisandro?

- Nada em especial, Gilbert. Estou apenas pensativo e questiono meus próximos passos. Estamos num ano difícil para toda a estrutura social de nossa pátria e devo posicionar-me ao lado daqueles que defendem o Estado livre e igualitário, desvinculado do personalismo do rei e do clero. Não posso esquecer as palavras de Rousseau...

- Já sei, cantaste por todos os lados e até nos sonhos falastes sozinho...

- Não exageres, meu irmão!

- Posso repetir, se desejares...Ouças: *o legislador é um homem extraordinário em qualquer ponto de vista. Não se trata de magistratura ou de soberania. Legislar é uma função superior e particular que não é comum ao império humano... Quem impõe a lei não deve conduzir os destinos do*

homem e quem comanda os homens não deve fazer a lei...[53] Estou certo até aqui?

Envaidecido com a atenção que o jovem irmão dedica as suas colocações insistentes quanto ao melhor sistema de governo que sente ser o ideal para a França, Lisandro aquiesce.

- Quase integralmente certo, porém não menos brilhante. Estou orgulhoso de ti, meu irmão! Aprendeste, de fato, importantes passagens dos escritos de Rousseau. Não achas soberba a sua afirmação naquilo que se refere ao legislador? Percebes que a pessoa que faz as leis não pode governar com isenção? Da mesma forma, aquele que governa deve ficar alheio à elaboração legislativa... Trata-se de uma visão óbvia do universo político que muitos não perceberam até agora. Ah! Por certo devo retornar a obra do barão, *O Espírito das Leis*, onde encontrarei subsidios para escrever o próximo *cahier*.

Desde o inicio de 1789, os *Cahiers de Doleances*[54] colhiam a opinião do povo - componente do *terceiro Estado* - a respeito das cargas tributárias, dos atos de governo, dos privilégios da nobreza e, apesar de contidos no questionamento a monarquia, terminam por tocar no assunto crucial para o povo Frances a essa época: a elaboração de uma constituição.

Lisandro, em franca ascensão político-social, e seus amigos mais próximos elaboram um desses *cahiers* no interior da biblioteca de sua residência para remetê-lo ao rei, acompanhados de perto por Gilbert, um interessado eterno nas idéias do irmão mais velho.

- Caro Junet, percebeste o alcance das colocações de Rousseau? Podemos criticar a organização política de nosso Estado a semelhança do que fez Calvino em Genebra. Que achas?

- És um admirador de Calvino, por certo!

- Evidente! Sua atividade não se limitou à teologia. Foi um político honesto e inteligente que revolucionou Genebra. Já tivestes a oportunidade de ler as suas *Instituições?*

- Não, ainda! Ele o fez. Que achastes? - indaga Junet ao outro companheiro, Ernest.

---

[53] *Nota do autor material: maiores detalhes podem ser encontrados na obra "Do Contrato Social", Jean-Jacques Rousseau, Livro Segundo, Capitulo VII (Do Legislador).*

[54] *Nota do autor espiritual: são os "cadernos de lamentações e reivindicações ".*

- Preciosa e indispensável! Ofereço-te o meu exemplar. Deves conhecer de imediato. Mas, Lisandro, o que vamos especificar nesse *cahier* no tocante à Igreja? Vamos questionar a Deus como fonte absoluta de todas as leis?

- Não é bem isso! Deus e fonte máxima de inspiração da lei dos homens, entretanto, a Igreja não e a única que pode interpretar a Vontade Divina. Eis o mal do nosso século! Eis a chaga de França! Entregamos a uma instituição desgastada e em ruínas a primazia da palavra de Deus. Com isso jamais concordarei!

- És um protestante?

- Não se trata disso! Sigo a filosofia de meu querido e saudoso pai. Considero-me um *espiritualista.* Acredito na Sagrada Escritura, nos ensinamentos de Jesus Cristo, na Mão de Deus conduzindo o nosso destino, porém não delego a Igreja - a qualquer religião -a tarefa de pensar e agir por mim. Eu sou o senhor dos meus atos e responsável por minhas atitudes. Responderei diretamente ao Criador quando deste mundo partir.

Estupefato, o amigo Junet indaga:

- Acreditas, de fato, na vida após a morte?

- Sem dúvida! Mas não percamos mais tempo. Não estamos aqui reunidos para discutir filosofia ou teologia. Continuemos no nosso manual de queixas. Vamos colocar a visão universal dos pensadores afinados com a verdadeira política. Não se deve desvincular a presença de Deus das leis... Lembra-te que desde a época de Machiavelli assim já fora escrito.

- É verdade! Diz-nos o florentino em sua obra que *nunca houve um só legislador que não tivesse recorrido a Deus para legislar. Somente assim suas leis seriam aceitas*[55].

- Essa é a nossa filosofia! Ao trabalho!

Ernest, um dos companheiros de Lisandro, apesar de se fazer passar por amigo e leal, na realidade inveja-o e assimila as suas idéias para depois transmiti-las na Corte como se suas fossem, de modo a mostrar conhecimento e erudição. A sua ignorância provoca-lhe um repúdio social e

[55] *Nota do autor espiritual- Machiavelli sabia da importância de vincular as leis a vontade de Deus, pois, do contrário, o cidadão iria considerá-las vazias de conteúdo e sem eficácia.*

a única possibilidade que vislumbra e subtrair do amigo ilustrado as suas ponderadas colocações e ouvir as discussões entre os elaboradores dos *cahiers,* a fim de acumular cultura, mesmo que artificialmente. Encontra, no entanto, em seu caminho, a desconfiança de Gilbert, que o contesta diutumamente em defesa do irmão.

- Não sei o que fazes aqui conosco, Ernest. Meu irmão deve estar cego por não perceber a tua infidelidade e a tua incapacidade intelectual.

- Não sejas agressivo, Gilbert. Compreendo a tua dedicação a teu irmão, mas não faças um juízo precipitado de minha pessoa.

Realmente não possuo os brilhantes conhecimentos de teu irmão, mas não posso ser considerado tão ignorante quanto tentas insinuar.

- Percas a dissimulação! Eu não me chamo Lisandro e nem sou crédulo como ele. A mim não conseguiras jamais enganar. Sei que és um interesseiro e somente acompanhas os passos de meu irmão porque não tens para onde ir. És um tacanho que não tem penetração na nobreza, nem no clero. Os intelectuais te reprovam os conhecimentos e todos devem reconhecer a tua insignificância.

- Acho que deves cessar teus insultos. Posso zangar-me, de verdade.

- Faças o que quiseres, pois de ti não tenho medo. Enquanto me for possível, buscarei afastar-te de minha casa e de meu irmão.

Reencarnado, Razuk - antes um aliado e agora um inimigo -, sob o invólucro de Ernest, não esconde a sua antipatia por Lisandro e a sua intenção em prejudicá-lo. Entretanto, equilibrando a situação, o jovem Gilbert e o velho amigo Gedião, também reencarnado ao lado de Eustáquio.

****

Aproxima-se uma das datas fatais para o universo absolutista francês. O 9 de julho de 1789, quando os deputados reúnem-se em Assembléia Nacional Constituinte, traz o avanço considerável daquela que seria a celebre *revolução das revoluções* da historia da França. Ao demitir o ministro Necker, Luis XVI faz eclodir o movimento revolucionário e, no dia 14 de julho seguinte, a tomada da Bastilha simboliza um marco nessa luta armada que passa a ocupar as ruas parisienses. A guarda nacional, nas cores emblemáticas da bandeira francesa - azul, vermelho e branco -, busca manter a ordem. Uma comissão de notáveis é chamada a participar da

administração. Lisandro inicia sua trajetória no governo intelectual. Somente no inicio de agosto os ânimos revolucionários são contidos, ante o acordo celebrado entre o clero, a nobreza e o *terceiro Estado,* abolindo privilégios e contendo os impostos. Desse acordo, participam ativamente Lisandro, Junet e Ernest, embora este último poucas contribuições tenha dado ao evento. Ao final do mesmo mês, surge o documento histórico denominado *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão,* quando, outra vez mais, Lisandro contribui com seus pensamentos.

A negativa de Luis XVI em aceitar tal *declaração* e as bases do acordo que selava o fim de muitos privilégios, fez eclodir novamente a ira dos franceses e o movimento tomou conta das ruas. Como acontece em todos os grandes acontecimentos históricos dos homens, inúmeros Espíritos, de todos os níveis evolutivos, aproximam-se de Paris e nuvens negras e gigantescas, por vários dias, ocupam os céus de França. Emissários de Alvorada Nova buscam apoiar os encarnados ligados a colônia, compreendendo a importância do momento vivenciado por todos e tendo por finalidade conter, ao Maximo, os exageros e a violência que pudessem surgir a qualquer instante. Uma equipe de mentores, liderada por Genevaldo, aproxima-se de Lisandro e busca garantir a sua tranquilidade em ocasião tão conturbada. Instruções de colônias superiores tinham chegado a Alvorada Nova, solicitando a partida imediata de seus enviados ao cenário Francês, de modo a garantir um curso saudável para a historia, na medida do possível.

O confronto é inevitável e Mentores Iluminados cercam Paris. Hordas de Espíritos inferiores fogem assustadas para zonas cavernosas nos arredores da cidade, ante o brilho que os cega proveniente das equipes socorristas. Alguns líderes nefastos e persistentes do mundo espiritual inferior tomam a cidade e, sustentados por correntes negativas de vibrações de vários encarnados, continuam influenciando parcela considerável dos parisienses.

Lisandro, nessa oportunidade de sua Jornada pela Crosta, goza de considerável isenção em seu espírito, visto que os seus mais cruéis opositores e obsessores do passado encontram-se reencarnados, como ele. Marcel, Tergot, Giinther e Razuk estão vivenciando experiências na crosta terrestre e, a exceção deste último, distanciados de Paris. É certo que se-

guidores desses líderes e ainda inimigos de Eustáquio o perseguem, embora com menor furor e esperteza. Assim, Lisandro consegue evoluir em seus posicionamentos de forma racional e acentuada.

Preocupado com a situação política de seu país, não se casa e vive solitário, possuindo por companhia somente o leal irmão Gilbert. Haydee e Guido tomaram rumo ignorado tão logo desencarnaram seus pais Renan e Aline. A família se desfaz parcialmente e o interesse nacional fala mais alto em seu coração.

A revolução e sua feição sangrenta torna-se irreversível. O convento dos *Jacobinos*[56] reúne uma facção radical - liderada por Robespierre -, que deseja implantar uma ditadura e tem por fim eliminar toda a nobreza e membros da Corte. Nesse movimento, muitos inimigos contumazes de Eustáquio, ao longo de séculos, estão infiltrados, sob novas identidades proporcionadas pela reencarnação.

Enquanto os *jacobinos* fazem seus planos, Lisandro assessora um dos mais inteligentes e capazes dos deputados que participam da Assembléia Nacional Constituinte. De suas mãos partem escritos brilhantes, integralmente aproveitados na Constituição que esta nascendo. Em 1791, termina a elaboração dessa carta de direitos e deveres, que deixa ao monarca muitos de seus privilégios e busca conciliar interesses dos mais variados. Permite, no entanto, o acesso ao poder por parte da burguesia e assegura liberdade religiosa, apesar de proclamar o catolicismo a religião oficial de França. Uma etapa estaria vencida na história se todos, pacificamente, aceitassem na íntegra esse documento, nascido das bases iluministas e, até certo ponto, revolucionarias. De Roma, insurge-se a primeira voz contra a Constituição. O papa alega que os sacerdotes não irão submeter-se as novas regras da França.

Os problemas do novo regime francês continuam e no inicio de 1792 eclode a guerra contra a aliança Prussia-Austria. Enquanto isso, alguns

---

56 *Nota do autor material: os Jacobinos representam um clube formado em França, pelos revolucionários exaltados, partidários de Robespierre, fechado em 1794 (Dicionário Prático Ilustrado Lello, pdg. 1974).*

Os Girondinos são o celebre partido político da Revolução Francesa, formado quase todo por deputados do sul da França; os *Girondinos opuseram-se as matanças de setembro e recusaram-se a votar a morte do rei. Foram quase todos decapitados em outubro de 1793 (ibidem, pdg. 1626).*

Lisandro esta incluído dentre estes últimas (Girondinos) e seus inimigos do passado naqueles (Jacobinos), embora todos tenham participado do mesmo lado, inicialmente, contra a monarquia.

girondinos, dentre os quais Lisandro, são chamados a integrar um ministério do rei. Monarquista convicto, ele jamais quis derrubar Luis XVI e apenas teve a intenção de limitar os seus poderes e instituir a democracia e a igualdade em seu país. Percebendo esse posicionamento e também vislumbrando uma reviravolta na política, Ernest abandona-o e refugia-se no grupo dos radicais *jacobinos*. Entende ser a sua chance de ultrapassar a sua posição a sombra de Lisandro e alçar voo próprio.

Desgostoso com esse posicionamento de Ernest, Lisandro é consolado pelo irmão Gilbert e por Junet. Busca refazer-se voltando aos estudos, embora, a essa altura, sinta-se particularmente agredido pelos artigos que Robespierre faz publicar com frequência. Nas leituras dessas publicações, Lisandro enxerga a participação ativa do antigo companheiro Ernest.

Um dos ataques traiçoeiros de alguns *jacobinos* contra uma caravana de nobres franceses, onde se encontra Gilbert, assessorando um deputado monarquista, em julho de 1792, faz perecer, assassinado, o irmão caçula de Lisandro, causando-lhe sofrimento insuportável. O seu isolamento começa a ter inicio e o afastamento do ministério é imediato. Mesmo ante os apelos de Junet, ele retorna a sua casa, em Paris, a fim de cuidar da elaboração de artigos que haveriam de contrariar a idéia de violência encampada pelo grupo adversário. Uma bela carta de despedida ao irmão assassinado é escrita e publicada, tornando-se uma peça invulgar da literatura revolucionaria francesa. Afastado da nobreza, do clero, dos intelectuais e do governo, ele passa a refletir sobre a razão de existência do ser humano e também a respeito do confronto entre a riqueza material e os valores do espírito. Permite, nessa fase, a aproximação maior do mentor e amigo Genevaldo.

Alheios a tais posturas de Lisandro, seus adversários jacobinos e seu antigo companheiro Ernest persistem em atacá-lo seguidamente por todos os meios possíveis de divulgação de idéias.

O ápice de seu inconformismo, entretanto, acontece no dia 21 de Janeiro de 1793, quando o rei Luis XVI termina guilhotinado. O acusador maior do monarca fora Robespierre, assessorado pelas considerações traiçoeiras de Ernest.

Resolve, então, afastar-se de Paris seguindo para um mosteiro beneditino, com o qual mantinha contato amistoso, composto por monges des-

vinculados da tradicional estrutura da Igreja católica e voltados ao cultivo do amor e da caridade.

CAPÍTULO LIII - A VERDADEIRA RELIGIÃO

Alguns meses após a morte de Luis XVI, superado o choque que lhe abalou profundamente o espírito, Lisandro resolve deixar o claustro voluntário que se impôs na abadia de Versailles, participando da primeira refeição conjunta com os monges beneditinos.

- Confrades, vamos orar a Deus pedindo proteção a nossa querida França, hoje tão abalada pela guerra interna, bem como pelos rumos de todos nós, perdidos no turbilhão revolucionário que se instalou em nossos corações. Oremos, também, pela sorte de nosso querido irmão Lisandro que nos visita e participa de nossa vida simples, buscando paz espiritual e tranquilidade para suas meditações -inaugura o jantar o prior Ulrico.

Sem qualquer comentário dos presentes, uma aura de luz esverdeada penetra vagarosamente no ambiente, atingindo os centros vitais de todos os monges, trazendo-lhes harmonia e serenidade e incentivando o visitante a proferir algumas palavras.

- Amigos beneditinos! Fui feliz de, um dia, ter-vos encontrado. Estava confuso e perdido em minhas próprias reflexões acerca da vida e da Revolução que marcou nosso amado pais. Com o vosso apoio, orando a Deus, estou certo de estar, agora, no caminho certo. Agradeço-vos.

Abandonando os seus bens materiais, ele esta disposto a encerrar os seus dias em um rítmo de vida simples e repleto de realizações no campo da caridade e da fraternidade, usando como exemplo a ordem beneditina de Versailles, que insiste em permanecer desligada das regras do Vaticano.

- Certamente, meu querido irmão, podes contar conosco! Diferenciamo-nos de outras ordens religiosas e até mesmo dentro dos beneditinos formamos um grupo estranho. Afastamo-nos das riquezas materiais e adotamos uma vida modesta, mas plena de envolvimento espiritual e rica de amizades e devoção a Deus. Não que condenemos aqueles que possuam algum bem ou prezem os valores da matéria, mas somos claros em considerar a prevalência do espírito sobre o corpo e, acima de tudo, de

Deus sobre todas as coisas. E se não dermos o exemplo a respeito desse nosso pensamento, como poderemos convencer a terceiros do nosso acerto? Vivemos em paz há muitos anos e até mesmo a direção de nossa ordem nos deixa seguir o nosso rumo, acreditando que somos inofensivos. Um dia, quem sabe, possamos influenciar outros religiosos a adotar a mesma postura, certos de que irão ter maior facilidade de estar juntos ao Criador. Por tantas razões, irmão Lisandro, compreendemos perfeitamente o teu atual desapego aos bens materiais e aprovamos a idéia de que, ao menos por tentativa, possas conhecer a vida simples da reflexão e da ajuda ao próximo sem a menor exigência de qualquer contribuição financeira. Conte, sim, conosco para extrair tuas dúvidas e passa-nos a tua experiência e teus conhecimentos filosóficos e literários que sabemos serem muitos e de valor inconteste. Possamos conviver em nome de Jesus e de nossos amigos espirituais na mais plena harmonia e construindo um mundo melhor.

Aquietando o seu íntimo, o visitante lacrimeja alguns minutos em silêncio, recebendo a solidariedade dos monges presentes.

A primeira semana após ter deixado a reclusão decorre célere, enquanto os beneditinos mostram-lhe todo o mosteiro e indicam-lhe a sua rotina e a sua estrutura de trabalho. Aos domingos, saem todos juntos e seguem pelas feiras de Paris a distribuir alimentos e animais, originários de suas próprias plantações e criações, sem receber em troca nenhum pagamento, a não ser calorosos agradecimentos do fundo d'alma: *merci beaucoup; grace a Dieu; Dieu vous soil en aide; Dieu vous benisse*[57]), entre tantos outros.

Lisandro sente-se renovar intimamente e até mesmo as vestes de fidalgo, pouco a pouco, cedem espaço para a vestimenta simples dos monges. Quase franciscanos, não fossem beneditinos, eles constituem a alegria de muitas vilas e de seus miseráveis habitantes, quando passam cantando hinos de louvor a Deus e exercitando a caridade por Jesus pregada sem qualquer apego ao materialismo. O exemplo conquista o coração entristecido de Lisandro e seu semblante espelha o contentamento de uma nova vida descortinando-se a sua volta.

---

[57] *Nota do autor espiritual: "muito obrigado"; "gramas a Deus"; "Deus Lhe pague"; "Deus te ajude".*

Retornando ao mosteiro, ele faz uma série de indagações ao prior.

- Irmão, permita-me perguntar-te, como podeis sobreviver sem a ajuda financeira da comunidade? Eu jamais vi uma ordem religiosa que não aceite donativos...

- Nós aceitamos donativos.

- Como? Eu não vi ninguém pedindo contribuições nas feiras.

- Não se trata de receber dinheiro ou metais preciosos como fazem outras ordens, as quais tu te referiste. Recebemos sementes dos agricultores da região, bem como a sua ajuda voluntária no plantio e na colheita, afinal, nossa mão-de-obra não é qualificada e somos poucos para o volume de alimentos que plantamos a cada safra. Além disso, recebemos animais reprodutores para manter ativo o nosso rebanho. Com isso, conseguimos manter não só a despensa do mosteiro abastecida como também possibilita-nos a distribuição gratuita nas feiras livres. Percebes?

Cada vez mais maravilhado, ele passa a compreender que nem toda parcela da Igreja é materialista e manipula os fieis em beneficio próprio. Agradece a Deus a oportunidade de conhecer a ampla verdade a esse respeito, o que sempre desejou.

- Não tens medo de perder o cargo de prior? Não temes o Vaticano?

- Amigo, lembro-te que *apres la mart les papes deviennent papillons et les sires deviennent ciron*[58], em frase celebre dos religiosos mais esclarecidos. Isso quer dizer que, ao cruzar a fronteira da vida material, retornando à pátria do espírito, o homem perde a majestade e o manto sacerdotal. Não há papas ou reis após a morte, logo, não devemos dar satisfações de nossos bons atos a não ser a Deus. Muitas vezes, aquele que foi nobre nesta vida será o mais vil dos seres no plano da verdadeira existência.

---

[58] *- Nota do autor espiritual: "após a morte, tornam-se os papas borboletas e os reis ouçãos". Essa frase tornou-se famosa entre os religiosos franceses que estudavam a vida após a morte, não acreditando que o poder e a riqueza material fossem determinantes para conquistar* um lugar no céu, ao lado de Deus. *Tinham por ideal a revalorização do espírito e suas qualidades, desprezando os títulos e a posição social, mesmo em se tratando do Sumo Pontífice ou dos monarcas. A frase, como se pode notar, foi idealizada ante a rima proporcionada pelo idioma Frances, logo, a tradução literal não parece ter o nexo lógico esperado. Entendendo, no entanto, a intenção exposta pela afirmativa em si mesma - contundente para a época - percebe-se a importância de mencioná-la na obra e em Frances. Não ha registro de quem a pronunciou pela primeira vez, embora em algumas obras da literatura francesa de autores reconhecidos mundialmente, como Vitor Hugo, alguns de seus personagens a mencionem. Não por acaso.*

Que medo poderíamos ter de papas ou reis? Tememos somente não cumprir nossas missões de amor e ajuda ao próximo.

Lisandro passa meses felizes, aprendendo e meditando juntamente com os beneditinos e transmitindo-lhes os seus conhecimentos filosóficos e a sua cultura geral quanto à literatura francesa.

Adoentado, ingressa no ano de 1794 com a especial convicção de que devera deixar o plano material brevemente. Impossibilitado de acompanhar os monges nas tarefas caritativas pelas vilas da região, Lisandro retira-se para o bosque situado nos arredores da abadia, em uma ensolarada manhã, colocando-se a meditar. Sente a aproximação de um Mentor amigo e deixa-se envolver pelo Espírito. Aos poucos, percebe ser o momento de seu desligamento da matéria e, com suavidade, fecha os olhos definitivamente, reabrindo-os, depois, no mundo da verdadeira vida.

CAPÍTULO LIV - A SAGA DE NAPOLEAO BONAPARTE

Após breve estagio em Alvorada Nova, recuperado e confiante, Eustáquio retorna a França para conviver com um dos mais marcantes personagens históricos - Napoleão Bonaparte[59] - Além de vivenciar uma outra *reencarnação-chave,* da qual depende a sua regeneração e o seu progresso espiritual.

Enquanto Bonaparte está terminando, em 1799, a sua campanha no Egito - que tem por fim minar os pontos de apoio de seu arqui-inimigo, o Império Britânico - através da passagem triunfante em São João D'Acre, o pequeno Eduardo entabula suas primeiras frases, vivaz e inteligente, na tranquila casa da nobre família Celliet. Com seis anos de idade, o segundo filho de Fernando - um dos duques mais prestigiados da Corte nessa ocasião - desenvolve-se rapidamente, adquirindo precoce despertar para a cultura. O primogênito, Remo, estuda com o caçula diante dos mais rígi-

[59] *Nota do autor material: a importância da narrativa de parte da historia de Napoleão ao longo do capitulo destina-se a ressaltar como foi a educação e a formação de Eduardo nessa ocasião. O rapaz cresceu acompanhando a ascensão de Napoleão e tinha em seu pai um admirador do general Frances. Embora obtendo no lar uma orientação para acompanhar a qualquer custo as façanhas de Bonaparte, ele termina rejeitando tudo isso e, cético com teorias e práticas que não trazem liberdade e solidariedade, torna-se um democrata e um liberal. Isso Lhe garante a regeneração espiritual.*

dos professores particulares de toda a Europa, contratados especialmente para dar-lhes invulgar educação.

Retornando a França - território que está sendo preparado pelo Plano Superior para sediar a *terceira revelação*[60] - Napoleão encontra um país traumatizado pelo terror implantado anos seguidos pelos jacobinos, Além de verificar a imensa desagregação social e econômica que assola os franceses, em especial, os comerciantes. Necessita-se de um líder forte e decidido que possa conduzir a nação de volta ao crescimento e a estabilidade em todos os níveis da sociedade. Percebendo essa situação, um golpe de Estado não demora a ocorrer e o famoso *18 Brumário* (09 de novembro de 1799) conduz Bonaparte ao poder, instalando-se para o governo da França um consulado.

Ao lado de Sieves - o abade que consolidou a teoria a respeito do *terceiro Estado,* existente no país antes da Revolução Francesa -e Ducos - conde e advogado que, apesar de ter participado do movimento revolucionário ao lado dos jacobinos, conta com a admiração dos outros dois membros do consulado - Bonaparte começa a dirigir os destines dos franceses, liderando como I$^{o.}$ Cônsul.

Em pouco tempo, entretanto, desvia-se do caminho que lhe estava destinado e começa a dar fôlego as suas idéias próprias, cercadas de ambição e vaidade. Não lhe falta inteligência e sagacidade, atributos que poderiam torná-lo um líder capaz de unificar o sofrido povo Francês, com democracia e liberdade.

Sua indiferença a religião, num primeiro momento, é útil a contenção da luta permanente travada entre católicos e protestantes, mas, depois, torna-se perigosa, pois o desprezo aos valores espirituais o conduzem a senda desregrada do gosto pela conquista e dominação.

Consolidando-se no governo, reconciliado com a Igreja, o l$^{o.}$ Cônsul nomeia ministros, juízes e todos os funcionários do Estado. Seus companheiros de consulado tornam-se meros consultores. O Poder Legislativo está fraco e debilitado e as guerras externas continuam projetando o nome de *Napoleão* além das fronteiras da França. Muitos progressos são auferi-

---

[60] *- Nota do autor espiritual: trata-se do* Espiritismo, *que alguns anos depois tornar-se-ia amplamente conhecido e divulgado pela consolidação das obras de Allan Kardec*

dos no território nacional, em especial no campo das leis, com a elaboração do Código Civil Francês[61].

O desvendar das leis universais, que se fariam de forma cristalina em meados no século XIX pelas mãos de Kardec, trariam a tona um postulado inafastável de que *nada acontece por acaso.* Entretanto, desde cedo a Humanidade vivenciou essa Norma Maior e não seria diferente com Bonaparte.

Admirador da obra-prima de Machiavelli - "O Príncipe" - Napoleão adota-a como livro de consulta e por várias vezes a re-lê. Entre os capítulos que utiliza para inspirá-lo a revolucionar o campo jurídico Francês encontra-se aquele onde Machiavelli discute os métodos de chegar ao Principado pelo crime. Nessa abordagem, trata da utilidade de todo governante que ascende ao poder construir um forte aparato de leis civís e militares para garantir-lhe a segurança e o controle da Justiça. Bonaparte idealiza, então, o Código Civíl.

Dentre os membros da comissão encarregada da elaboração do referido Código esta o duque Fernando de Celliet, pai de Eduardo, que goza da confiança pessoal do Cônsul.

Em erudita biblioteca, composta de incontáveis exemplares dos mais raros livros da Europa, a luz de um candelabro de prata, encontra-se Fernando, trabalhando, como de costume, até altas horas da madrugada. Inicia-se o ano de 1804 e Napoleão exige-lhe o apressamento da Lei Civíl que pretende ver lançada o mais depressa possível a toda nação.

O menino Eduardo, muito apegado ao pai, acorda durante a noite e busca acompanhar, mesmo que a distância, todos os pensamentos do genitor. Remo, por sua vez, dedica-se ao estudo da música, tocando pegas famosas de compositores austríacos e germânicos -os seus preferidos - ao piano. Para tanto, dorme muito cedo e, juntamente com a mãe, tão logo o sol rende suas homenagens a manhã de um novo dia, retorna as suas partituras. Está, portanto, alheio ao trabalho paterno, deixando ao jovem Eduardo a árdua tarefa de assessorar o pai.

Os dias seguem o seu curso e a pressão aumenta sobre a comissão encarregada da redação final do Código. Funcionários entram e saem apres-

---

[61] *- Nota do autor espiritual: em vigor até hoje na sua essência, tamanhos o seu mérito e a sua importância.*

sados de uma das salas do Palácio do Governo, onde uma minuta da nova lei está sendo concluída. A par da verificação da equipe material, Mentores de várias colônias espirituais aproximam-se para conhecer aquela que seria uma norma básica para a construção de varios sistemas jurídicos de nações espalhadas por todo o globo, inclusive da *pátria do Evangelho*, o Brasil.

Editado o Código Civíl em março de 1804, várias homenagens são prestadas ao duque de Celliet, um dos redatores. Eduardo, sempre ao lado do genitor, acompanha entusiasmado a sua dedicação e admiração a Bonaparte.

Fortalecido com a nova lei, Napoleão continua sua missão belicista externa. A conspiração britânica contra o grande líder dos franceses tem efeito inverso ao pretendido pelos seus inimigos e termina por impulsioná-lo ao trono, como imperador. O glorioso ano de 1804 cerra suas portas com o coroamento de Bonaparte em Notre Dame, adotando-se a águia romana como um dos símbolos do seu poder, agora absoluto.

A escalada de conquistas perpetua-se no tempo. O imperador tem nas mãos a Itália, berço verdadeiro de sua família, assim como invade triunfante Viena, na Áustria. Desfaz-se, ante o jugo napoleônico, o Império Romano-Germânico e a Alemanha, ironicamente, cai sob a proteção francesa. Nem a Prússia, nem tampouco a Rússia conseguem barrar-lhe a hegemonia. O único obstáculo solido as suas pretensões esta na Inglaterra, beneficiada por sua eficiênte esquadra naval e por sua condição geográfica.

No plano familiar, o imperador dos franceses preocupa-se com a descendência e, repudiando a imperatriz Josefina, casa-se com a duquesa Maria Luisa, da Áustria. Esse matrimônio é arranjado pelo esperto Mettemich, príncipe austríaco que jamais suportou a guerra de conquista de Napoleão, razão pela qual o casamento lhe serviria de pretexto para aguardar, paciente, o momento certo de investir contra o líder da França, o que vem a ocorrer alguns anos depois.

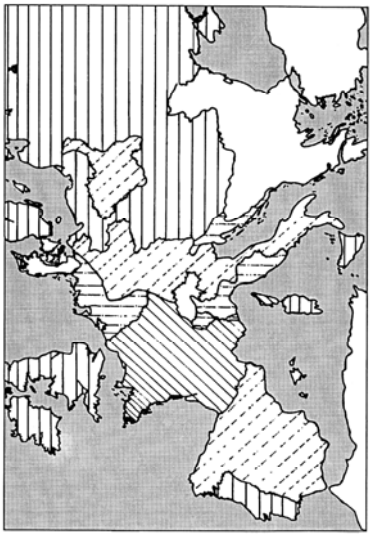
Maria Luisa lhe dá o aguardado herdeiro em 1811, enquanto o duque de Celliet acompanha a Jornada vitoriosa de seu ídolo político, transmitindo aos filhos o seu sentimento de júbilo pela projeção que Napoleão

está proporcionando a França. Eduardo cresce, portanto, enaltecendo a figura do imperador e respeitando a admiração do pai.

Com idade suficiênte para compreender muitos aspectos da guerra permanente de seu país, o jóvem, com quinze anos, inicia as contestações às idéias do duque. Questiona a razão da violência e da dominação que um povo exerce sobre outro. Indaga e não se conforma quanto a supressão desgastante e frequente das liberdades internas. Enfim, torna-se um opositor do próprio genitor e, em última analise, de Napoleão.

MAPA Nº 12 - EUROPA - DOMÍNIOS NAPOLEÔNICOS

CONQUISTAS DA FRANÇA
ESTADOS ALIADOS DA FRANÇA
ESTADOS EM GUERRA COM A FRANÇA
ESTADOS NEUTROS
FRANÇA



279

Quando a nação francesa obtém vitórias em sua guerra externa, o imperador promove festas no palácio e a família Celliet é sempre convidada. Eduardo, nessas ocasiões, começa,a a recusar os convites formulados pela Corte, desgostando o pai.

A derrota de Leipzig impulsiona Napoleão, em 1813, a convocar os jovens das famílias francesas para montar o seu exército de recrutas. Eduardo, chamado imediatamente por seu genitor, recusa-se a atender a ordem de integrar as forças napoleônicas e a ruptura familiar instala-se no solar dos Celliet. Remo, por sua vez, abandona definitivamente a França e, ligado as artes - espírito frágil e delicado que sempre foi, abominando qualquer tipo de violência - reinicia os seus estudos em Barcelona, passando a residir com parentes de sua mãe. A duquesa desencarna, logo após, deixando o conflito familiar restrito a Eduardo e seu persistente pai.

No início de 1814, a França é atacada por todos os lados e apesar dos jovens recrutas do imperador lhe darem alguma chance de vitória, a superioridade do inimigo faz sucumbir o grande Napoleão em março do mesmo ano. Instalada em Orleans, a Corte francesa, conduzida pela imperatriz Maria Luisa, faz o possível para acalmar a ira incontrolável de Bonaparte.

Aprisionado na Ilha de Elba, o imperador não se entrega e continua idealizando a sua volta triunfal ao poder. Resolve reler a obra de Machiavelli e refletir sobre os seus postulados. O duque de Celliet, apesar de alijado da estrutura governamental, continua aliado do general, visitando-o com regularidade em Elba. Leva, consigo, Eduardo, agora crítico e severo com as posturas napoleônicas.

Sempre buscando consolar o grande líder dos franceses, Fernando tenta tranquilizá-lo, relembrando as suas maiores conquistas, o agradecimento eterno que o povo lhe dedica e a alta traição a que foi submetido por uma conspiração externa aos desejos da França. O ex-imperador aprecia as palavras de Celliet, mas deseja, com todas as forças, retornar ao governo.

Eduardo, apesar de não concordar com seus atos, admira a força do espírito de Napoleão, impondo suas idéias e mostrando-se ora irascível, ora sensível e perspicaz. Vez ou outra desestrutura-se emocionalmente para, em seguida, recompor-se e desfilar os seus argumentos e a sua filo-

sofia a respeito do golpe que sofrera. Discutem um pouco de democracia, ouvindo Eduardo atentamente os pensamentos de Bonaparte a esse respeito.

Após esse encontro memorável, Eduardo afasta-se novamente de seu genitor e jamais revê Bonaparte que aos poucos encerra de vez a sua participação no cenário político da França.

Alguns anos depois, idoso e adoentado, termina desencarnando o duque de Celliet, deixando ao filho Eduardo os seus títulos e propriedades, já que nunca confiou no primogênito Remo, sempre absorto com sua musica.

Retornando a Paris, ele renuncia a herança e, doando as riquezas a instituições beneméritas da época, entrega-se a carreira de jornalista.

Opositor de qualquer idéia absolutista, Eduardo vai traçando o seu caminho dentro dos postulados da democracia e do liberalismo. Casa-se e constitui família, embora a fidelidade não lhe seja uma qualidade.

Os relacionamentos extraconjugais fazem sofrer a esposa Melita, que permanece até o final de sua jornada ao seu lado, em nome do amor que lhe devota e pela felicidade das duas filhas do casal. A amargura a qual foi lançada, entretanto, ceifa-lhe prematuramente a vida e, com remorso, Eduardo resolve redobrar a atenção com as meninas. Relembra sempre das lições do falecido pai, um patriota incontestável, o que lhe dá forças a continuar. As divergências que teve com o genitor nunca o afastaram da imensa admiração que nutre pela memória do duque de Celliet.


EDUARDO

Escritor de renome, ele rememoriza em suas obras e artigos jornalisticos o valor que teve Napoleão a nação francêsa, embora nunca deixe de apontar os flagrantes desvios que cometeu o general.

Quando atingem a adolescencia, as filhas deixam-no outra vez sozinho e partem rumo a Barcelona a fim de estudar música com o tio Remo.

Envolto nas linhas que constrói, Eduardo dedica o restante de sua existência a causa da democracia e do enaltecimento aos

valores fundamentais do homem, pregando a liberdade e o fim de qualquer tipo de opressão que o Estado possa exercer contra a sociedade.

CAPÍTULO LV - DEMOCRACIA, LIBERDADE E VIDA

O escritor e jornalista Eduardo trabalha incessantemente em sua biblioteca, situada em ampla e confortável residência no centro de París. Trabalha para diversos jornais e publíca artigos e livros sobre política e filosofia. A solidão o transforma em um autentico pensador. A proclamação da república na França o faz refletir a respeito dos antigos parâmetros e valores que aprendera com o pai -um defensor contundente da monarquia.

O conturbado ano de 1848[62] exige de Eduardo maior tempo dedicando-se a analise dos fatos políticos e das medidas governamentais, criticando-os ou elogiando-os, conforme o seu juízo pessoal. Sua persistência e seus ideais democráticos o impedem de se afastar uma só linha dos temas ligados as liberdades individuais e a igualdade social.

Acompanhando as idéias que surgem por todos os cantos de França, encanta-se com as posições do celebre Victor Hugo, escrevendo-lhe a respeito e dedicando-lhe elogiosas considerações nos jornais. Ante suas posições liberais, e convocado a comentar e criticar o romance *Le Dernier*

---

62 *Nota do autor material: de 1847 a 1848, a oposição pede a reforma eleitoral (aumento do direito de sufrágio), recusada por Guizot; sobre este tema desenvolve-se a* campanha dos banquetes, *de que se aproveitam os republicanos (1847).*

O ano de 1848 na França: a II República

22-24 de fevereiro de 1848 - interdição do banquete em Paris, o que ocasiona uma manifestação parisiense; Luis Filipe demite Guizot, mas a fuzilaria do Boulevard des Capucines provoca a sublevação de Paris, a tomada do Hotel de Ville e a abdicação de Luiz Filipe (24 de fevereiro).

Fevereiro-abril de 1848: um governo provisório (...) e imposto pelos revolucionários parisienses. Proclamação da Republica no Hotel de Ville (24-25 de fevereiro), instauração do sufrágio universal (2 de maio), restabelecimento das liberdades (imprensa), supressão da pena de morte e da escravatura, criação dos ateliers nationaux *(oficinas) (26 de fevereiro) e de uma comissão de governo para os trabalhadores (...), que reduz a Jornada de trabalho, arbitra os conflitos do trabalho etc (28 de fevereiro). O governo aumenta de 45 centimos por franco o imposto direto, o que afasta os camponeses da Republica.*

23 de abril de 1848: eleição da Assembléia Constituinte por sufrágio universal (maioria conservadora).

15 de maio de 1848: tentativa socialista contra a Assembléia (...)

23-26 de junho de 1848: sublevação dos operários parisienses (por causa da supressão dos ateliers nationaux). *A insurreição e brutalmente reprimida (...).*

Novembro de 1848: votação e promulgação da constituiçao de 1848. 10 de dezembro de 1848: eleição por sufrágio universal de Luis Napoleão Bonaparte, presidents da Republica.
(Grande Enciclopédia Delta Larouse, pdg. 2892).

jour d'un condamne[63], que trata da supressão da pena de morte. Outro não poderia ser o seu posicionamento senão enaltecer os nobres valores do romancista e poeta Francês, que goza de imenso prestígio na Côrte.

Quando a revolução popular de 1848 sacode as estruturas francesas, contando com o apoio expresso de Victor Hugo, ele resolve escrever um artigo que lhe rende a admiração dos dois lados da contenda. Intitulado *La religion de la politique*[64], descreve o lado espiritual de todo ser humano - inclusive do político - e a possibilidade de se utilizar os bons postulados da religião, seja ela protestante ou católica, para controlar os excessos de poder, humanizar governos despóticos e proporcionar a justiça social, sem a necessidade do derramamento de sangue. Constantemente e inspirado por Mentores de Alvorada Nova, em especial sua querida Nívea.

A França esta miserável, escreve Eduardo no seu artigo semanal. Conclamando os compatriotas a lutar pela reorganização do Estado e exigindo uma administração legalista, ele relembra as palavras contundentes de Voltaire e faz publicar: *""A minha França, a nossa pátria; não sabes ainda que partido tomar; desejarias lições sobre a grande arte de viver? é preciso escolher; hesitante em tens desejos; queres escolher, dizes, o destino mais feliz. Mas qual e esse destino?"*. Brota-lhe, mais uma vez, a inquietude pela revolta armada e pelos disparatados caminhos pelos quais segue o seu país. Retorna-lhe a dúvida intransponível a respeito do melhor regime de governo e ele pergunta a nação, como se pessoa fosse: "queres escolher o destino mais feliz, mas qual é esse destino?"

O seu patriotismo não agride os grupos políticos e rivais que estão em conflito permanente, razão pela qual não sofre qualquer represália. A sua aparente tranquilidade cessa no exato momento em que um golpe de Estado, originário do presidente constitucionalmente eleito, faz o país retornar a senda da ilegalidade. O II Império da França restaura-se e Napoleão III assume o trono.

Posicionando-se contra o ato desencadeado pelo governo, Victor Hugo é exilado em 1851. Inconformado, Eduardo resolve lutar contra esse

---

[63] *Nota do autor espiritual: "O último dia de um condenado".*

[64] *Nota do autor espiritual: "A religião da política".*

ato, que considera arbitrário e injusto. Promove, então, comícios e passeatas, entrando em confronto com as forças do novo reinado.

Mantendo erguida a sua bandeira de resistência, Eduardo termina alvejado mortalmente por um golpe de origem incerta durante uma passeata realizada em dezembro de 1852, enquanto se realiza a cerimônia de coroação de Napoleão III, colocando um termo em sua vida material.

Colhido pelo brilho esplendoroso dos Emissários de Alvorada Nova, num autentico *rayon d'espoir*[65], realiza a sua maior libertação - que não é política, social ou econômica, nem mesmo e material: o regresso ao mundo dos Espíritos.

CAPÍTULO LVI - A PREPARAÇÃO DECISIVA

Algumas horas são suficientes para encampar toda a rememorização de Eduardo durante trabalho incessante na *Coordenadoria de Triagem*, dirigida pelo companheiro Hilario.

- Recuperado da sua viagem de regresso, Eustáquio?

- Certamente! Com sua ajuda, sinto-me renovado! Como está, meu amigo?

- Não poderia estar melhor, entretanto, tenho um assunto a transmitir-lhe. Nosso querido coordenador-geral, Agamenon, está de partida.

- Como assim? Ele fará alguma viagem?

- Nada disso, amigo! Agamenon foi chamado pela Superioridade. Devera deixar a *Coordenadoria Geral* daqui a alguns anos.

- Mas... quantos anos?

- Não se falou precisamente sobre isso, ainda. Entretanto, para nós, que não computamos o tempo como se faz na crosta terrestre e onde os anos deslocam-se pelo tempo sem que muitas vezes percebamos, somente o fato de nos ter chegado tal notícia é o prenúncio da nossa separação.

- E Alvorada Nova ficara sem um coordenador? Quem vai substituí-lo?

---

[65] *Nota do autor espiritual: "raio de esperança".*

- Sabemos que outro líder virá para acompanhar nossos trabalhos. Não nos foi comunicado o seu nome, mas a *Coordenadoria Geral* já sabe, com certeza.

- De fato, precisamos ter muita força para não nos entristecermos nesse momento. Gostamos muito de Agamenon... De sua inteligência, sabedoria e imenso amor! Não posso deixar de reconhecer-lhe gratidão.

- Sabemos que ele partirá a um mundo ainda melhor e esse fato simboliza o seu triunfo na direção desta Colônia. Um dia, iremos todos seguir viagem a Planos Superiores.

- E eu? O que será de mim, agora?

- Acredito que Agamenon lhe dará essa resposta. Acabo de receber um chamado da *Coordenadoria Geral.* Ele deseja vê-lo!

Emocionado e esperançoso, Eustáquio parte imediatamente para o *Prédio Central* e encontra-se, minutos depois, com o líder de Alvorada Nova.

- Meu querido Eustáquio, está outra vez conosco! Soube do seu sucesso e do seu triunfo na missão que tinha a desenvolver. Não poderia estar mais feliz!

- Soube também, meu bom Agamenon, dos meus erros, não?

- Quem não os comete? Todos nós somos passíveis de desvios do bom caminho. Para isso Deus nos concede infinitas possibilidades de regeneração. Façamos de novo e quantas vezes forem necessárias aquilo que, um dia, fizemos errado. Esse é o principio justo e límpido da reencarnação.

- Justamente por isso eu desejo voltar a Crosta para reparar os males que eu pratiquei em minha última Jornada.

- Eustáquio, meu amigo! Um dia eu estive nesta mesma sala convencendo-o a voltar a materialidade, porque você precisava seguir o seu rumo. A sua contrariedade era imensa! Hoje, estou diante de um pedido seu querendo regressar ao plano físico...

- Agamenon, quando se aprende o caminho traçado por Jesus e seus exemplos penetram realmente em nosso coração, não há como fugir ao Evangelho. Sabemos o que é certo e o que é errado. Se, por opção, exercitamos mal o nosso livre-arbítrio, devemos reparar esse erro através de ações positivas em prol da evolução de outros semelhantes nossos. Não

devemos agir assim somente para aplacar a nossa culpa, mas porque a lei universal do amor e da caridade nos impede tal dever.

- Exato!As suas palavras calam-me qualquer objeção, pois é Justamente isso que esperei, ao longo de anos, espontaneamente de você. Amigo, toda a nossa luta não foi em vão. De fato, esta programado o seu retorno para o futuro próximo. Enquanto aguardamos a sua partida, continuemos os nossos colóquios e os seus estudos.

- E quanto a você? Soube que vai partir.

- É verdade! Posso confirmar-lhe a informação. Dentro de alguns anos seguirei meu caminho para assumir um novo posto de trabalho, não como coordenador, mas exercendo atividades em equipes dirigidas por mentores nossos. Fico muito feliz por estar indo ao reencontro de velhos e amados companheiros que lá estarão para receber-me, embora não deixe de sentir uma saudade antecipada desta cidade que, tanto amo e pela qual tanto temos trabalhado.

- Nos o veremos de novo?

- Sem dúvida, manteremos contato! Somos todos companheiros de longa jornada, meu querido amigo, e jamais perdemos de vista aqueles que amamos. Eu estarei sempre ligado a Alvorada Nova e a todos os seus habitantes, nos quais você esta incluído.

- Mesmo assim, sentirei a sua falta.

- Apenas no inicio... Com o passar do tempo você irá perceber que o amor é universal e a fraternidade entre os Espíritos deverá preencher-lhe integralmente o coração. O nosso trabalho segue os parâmetros do Evangelho e, em razão disso, estamos sempre juntos e jamais iremos nos separar. Trilharemos, temporariamente, caminhos diversos.

- Agamenon, devo-lhe muito afeto. Quero passar esses próximos anos ao seu lado, buscando exercitar toda a minha capacidade de auxiliá-lo em suas atividades, se me for permitido.

- Certamente, Eustáquio, será glorioso para nós. Despedem-se os dois amigos e Eustáquio assume o seu posto na Colônia, agora no *Arquivo Geral* do *Prédio Central.*

- Como estão os seus estudos?

- Seguem em ritmo acelerado, Agamenon! Nem parece que já estou de volta há tanto tempo. Cada vez mais sinto que sou ignorante e pequenino, diante da sabedoria dos Emissários do Plano Superior.

- Eustáquio, saiba que nem todos os autores que se tornam famosos na Crosta são espíritos purificados moralmente. Por vezes, desenvolvem a sua intelectualidade de modo célere e deixam ao acaso a sua reforma intima e a sua prática dos postulados cristãos.

- Mas como podem escrever tão belas linhas, cheias de sentimento e inteligência e, ao mesmo tempo, não serem preparados a vivenciar integralmente o Evangelho?

- Assim é a lei da evolução. O Espírito deve buscar, de modo equilibrado, desenvolver-se sempre nos dois campos necessários ao seu trilhar: o moral (e principal) e o intelectual. A razão tem maior facilidade de estruturar-se quando o espírito e culto e esclarecido, enquanto que o sentimento humaniza-se e torna-se cristão quando o âmago segue os princípios de Jesus.

- Como você pode afirmar com tanta certeza que sábios do passado podem não ser perfeitos?

- Meu caro amigo, trata-se de um princípio de Justiça Divina. Se um autor ou escritor consegue tecer linhas belíssimas de filosofia ou poesia, por exemplo, e ao mesmo tempo é leviano no seu agir e no comportamento em sociedade, infringindo regras básicas das leis morais, como pode ser perfeito? Existem alguns missionários na Crosta, mas estes são brilhantes nos seus atos e obras, além de corretos e impolutos na sua vida pessoal.

- Já que disso estamos falando, permita-me sanar outra de minhas duvidas insolúveis. Sinto que estou e sempre estive diante de um filósofo, um Espírito que já traçou seus rumos nesse campo, quando esteve reencarnado na crosta terrestre. Estou errado?

- Não, de fato, você está certo! Do mesmo modo que aprendi a conhecê-lo você afinou o seu discernimento a meu respeito. Confesso-lhe que minhas origens são marcadas por dois reencarnes em especial: na Grécia e em Portugal. Digo-lhe, ainda, que não há muita diferença entre esses povos, por incrível que lhe possa parecer. Entretanto, lembremos que os egeu-cretenses, muito antes dos fenícios - estes sim, considerados

os *povos do mar* - eram os donos da arte de bem navegar, tanto assim que passaram seus conhecimentos aos aqueus, que os utilizaram com sabedoria. O fato de ser um bom navegador, por si, não seria imprescindível no campo das artes e da filosofia, mas a conquista de novos portos, o conhecimento de novas terras e a pujança na Antiguidade, muitas vezes, era medida pela desenvoltura do povo ao lançar-se ao desconhecido mar.

- É verdade! O Império Britânico foi entrave dos mais árduos a Napoleão ante o domínio que tinha dos mares.

- Note, meu amigo, que o aperfeiçoamento das técnicas da navegação foram passando de um povo a outro e os fenícios fizeram parte dessa cadeia evolutiva. Posteriormente, alguns grupos de fenícios e aqueus reencarnaram na Ibéria, hoje Portugal. Constituíram, assim, o embrião daqueles que seriam um dos mais arrojados povos do século XVI, que estaria programado a colonizar uma terra do futuro, o Brasil.

- Eu já reencarnei nesse local.

- Certamente que sim. Todos aqueles que haverão de construir uma pátria futurista, como é o caso do Brasil, devem estagiar no local. Dentre aqueles que saíram da região grega estava eu, ainda no século I, seguindo para minha última passagem pela Crosta, que foi em terras lusitanas. Eis a significação do meu nome! Agamenon, que tem origem grega e Duarte, nascido em berço ibérico.[66]

- Você foi grego e lusitano?

- Em momentos distintos de meu trilhar pelo plano material, sim. Uma de minhas *reencarnações-chave* aconteceu em Ilion, mais conhecida por Tróia, sendo que a outra delas ocorreu na mesma região na ilha de Quio. Isso há muito tempo, por volta do século IX a.C foram marcantes para mim e recordo-me que possuía uma atividade semelhante a sua, quando de sua última passagem pela França. Deveria escrever sobre o meu povo e suas conquistas. Assim fiz e, por inspiração do Altíssimo, deixei um legado a Humanidade - não por meus próprios méritos, mas porque o Plano

[66] *Nota do autor espiritual: Agamenon Duarte e um nome fictício do coordenador geral de Alvorada Nova nesse período do desenrolar da obra. Entretanto, o nome por ele adotado na Espiritualidade não diverge, na essência, deste que foi mencionado. Na realidade, adotou o primeiro nome de origem grega, homenageando passagem decisiva na Crosta, bem como o segundo nome de origem lusitana, como tributo que rendeu a sua última passagem pela materialidade, em solo português.*

Superior transmitiu-me idéias. Como intermediário dos dois planos da vida eu já atuei e será essa a sua atividade na sua próxima jornada pela Crosta.

- Diga-me quem você foi, Agamenon! Talvez eu tenha lido algo a seu respeito ou escrito por suas mãos...

- Não se deve revolver o passado para ilustrar o presente. Somente se fosse imprescindível eu lhe diria isso. Devo continuar, dizendo-lhe que essa passagem trouxe-me condições para resgatar débitos meus do passado e possibilitar-me outros retornos, em outras localidades do Globo, avançando no meu estágio evolutivo, até que participei, como voluntário, do grupo cujas origens mais fortes estavam na Grécia e que reencarnou na Ibéria.

- E se a Grécia foi sua área mais incisiva de atuação, qual seria a minha?

- Não e possível que ainda não tenha percebido...

- Muito bem, acredito ser a França.

- Evidentemente! Além da região francesa, você tem fortes laços na Alemanha e na Itália, que, juntas, compõem com o Brasil a sua quádrupla base de sustentação no plano material.

- E nossa colônia, com quais áreas tem ligação?

- Aqui habitam Espíritos provenientes de todas as partes da Crosta, logo, os nossos *laços são* muito variados. No futuro, estreitaremos os *laços* com a França e com o Brasil.

- Somente povos esclarecidos tem acesso as mensagens de Deus? Os ignorantes também conhecem todos os mandamentos cristãos?

- Sem dúvida! A síntese do Amor Divino está em todos os corações e a razão possui condições plenas de discernir entre o bem e o mal. A ignorância, a qual se refere, é apenas fruto de determinado estágio na materialidade, mas não perdura após o desencarne do Espírito. Por isso, todos levam consigo, onde quer que estejam, claríssimas noções das Leis de Deus e sabem quais são os melhores caminhos a seguir.

- E como faziam os povos que viveram na Crosta antes de Cristo? Conheciam eles os Divinos Mandamentos e acreditavam na vida após a morte?

- Claro! Muitas trilhas foram percorridas até que o homem pudesse evoluir moral e intelectualmente, mas a Humanidade sempre teve os seus escritores e mensageiros, aqueles que divulgavam essas idéias em suas obras. Note que Homero escreveu em suas celebres *Ilíada* e *Odisséia*, cerca de mil anos antes de Cristo, inúmeras passagens ressaltando conceitos que os homens já conheciam e futuramente foram reafirmados por Jesus. Observe o conceito de caridade e de tributo a Deus nas palavras de Eumeu dirigidas a Ulisses, proferidas na *Odisséia: Não costumo menosprezar os estrangeiros, mesmo em pior estado do que tu. Todos eles são enviados por Zeus -indigentes e hospedes. Não te ofereço muito, mas o faço de bom grado*[67].Perceba que Zeus é o seu ponto espiritual de referenda, mas na realidade dirige-se ao Altíssimo ao mencionar que todos são *enviados por Zeus,* pretendendo justificar a sua acolhida em sua modesta casa, ou seja, todos são igualmente considerados por Deus e são Seus filhos. A caridade é devida aqueles que necessitam, representando a contribuição que se pode dar, nesse contexto, por menor que ela seja. Jesus não repetiria o mesmo conceito, anos depois, com o *óbolo da viúva*[68]? No caso de Eumeu, um escravo, ao receber um estrangeiro em sua casa, dando-lhe abrigo, estaria dando pouco, mas seria isso o seu necessário. Assim foi mencionado na obra que precedeu ao Cristo em muitos séculos. Logicamente, meu querido Eustáquio, são apenas trechos que, numa visão global, mormente de uma obra que narra uma aventura guerreira de uma personagem, pode perder-se. Entretanto, o homem sabe o que é certo e deixa transparecer isso nas pequenas coisas que escreve e vivencia.

- Não havia pensado nisso, quando li a *Odisséia.* Seus comentários, no entanto, fazem-me lembrar dos momentos em que Ulisses se comunica com o mundo dos Espíritos. Estaria correta a minha dedução?

- Sim, está! Homero sabia da existência dos Espíritos e colocou isso em sua obra. Entretanto, tinha noção de que, para a compreensão dos povos da época, uma comunicação com o "mundo dos mortos" nos mesmos moldes que se fazia no plano material seria muito mais convincente. Uti-

---

[67] *Nota do autor material: ver outros detalhes em "Odisséia", de Homero, Canto XIV, nº. 50.*

[68] *Ver "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap. XIII, itens 5 e 6, em especial as seguintes palavras de Kardec "o óbolo do pobre, do que dá, privando-se do necessário, pesa mais na balança de Deus do que o ouro do rico, que da sem se privar de coisa alguma."*

lizou, pois, elementos de diálogo é representativo que eram próprios ao entendimento da época. Na sua *evocação aos mortos,* ele narra importantes passagens, dizendo que do *Érebro escuro afluiram as almas de inúmeros mortos (...).*[69]. E então, você vê alguma diferença com zonas umbralinas que tão bem conhecemos?

- Nenhuma! Parece um relato atual que nos poderíamos fazer, sob qualquer aspecto, ao passarmos pelas zonas trevosas.

- O relato do plano espiritual mais próximo a realidade dos gregos - as zonas umbralinas - encantava aqueles que liam pela primeira vez a *Odisséia.* Acreditavam os povos da época no mundo dos Espíritos e apenas adaptavam suas crenças a deuses com variados nomes e a mitologia, que lhes serviu de aprendizado.

Lembremos que mitologia pode significar, em grego, tanto *narrativa fabulosa,* quanto *estudo dessas narrativas.*

- Realmente, existe uma passagem em que Ulisses chega a conversar pessoalmente com sua falecida mãe Anticleia. Recordo-me, agora!

- Pois certo que sim! Espíritos conversam com encarnados, não? Os gregos apenas situavam esse *mundo espiritual* em local geográfico determinado, para facilitar-lhes o entendimento e a aceitação. Homero considerava zonas de habitação dos Espíritos os confins da Terra, mencionando a região dos Cimérios - um povo lendário - próximo ao Vesúvio. Dizia que esse local era encoberto pelas nuvens e jamais os raios do sol ali penetravam. Viviam esses habitantes uma noite eterna. Outra vez mais, Eustáquio, assim é o umbral. Sua visão retratava com fidelidade regiões até hoje existentes na trilha evolutiva dos Espíritos.

Maravilhado com os esclarecimentos obtidos, Eustáquio percebe crescer cada vez mais a sua admiração pelo coordenador da Colônia, agradecendo a Deus a oportunidade de com ele privar ao longo de seu estágio na Espiritualidade.

Aproxima-se o ano de 1890, época marcada para o regresso de Eustáquio a crosta terrestre. A derradeira conversa entre os amigos tem inicio.

---

[69] *Nota do autor material: maiores detalhes podem ser encontrados na obra "Odisséia", de Homero, Canto XI, números 30 e 40.*

- Despedimo-nos hoje, meu amigo Eustáquio! Em breve, você partirá e, quando regressar, já não estarei coordenando Alvorada Nova. Essa é a programação. Espero, ansioso, de onde estiver, receber notícias positivas de sua trajetória e de seu triunfo. Sei que você tem preparo suficiente para enfrentar os obstáculos que lhe serão traçados. Não se desestimule jamais e busque seguir, fielmente, os princípios cristãos. Lembre-se de valorizar a riqueza espiritual e não se preocupar com o apego na senda materialista, que o caracterizou até o momento. Você teve, aqui na Colônia, acesso as obras de Kardec, que estão publicadas na Crosta, e sabe que um dos pontos fundamentais de sua programação e iniciar a divulgação desses postulados por onde passar. Tornando-se espírita em seu próximo estágio no plano material certamente nossas mensagens chegarão mais facilmente ao seu coração. Que Deus o abençoe!

- Que posso dizer-lhe?

- Não diga nada! Vamos orar juntos ao Alto, agradecendo esta oportunidade de renovação que estamos tendo ao trabalharmos juntos por tanto tempo.

Imenso envolvimento de luzes brilhantes emanam do *Prédio Central.* A sede da *Coordenadoria Geral* enche-se de amor, consagrando a despedida de Eustáquio e Agamenon.

CAPÍTULO LVII - A ÚLTIMA JORNADA NA CROSTA

Selado o final do Império no Brasil, no dia 11 de novembro de 1889, quando vários oficiais, acompanhados de eminentes republicanos - entre os quais Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa e Benjamin Constant - seduzem o marechal Deodoro da Fonseca a acompanhar o movimento em prol da República, na mesma data, casam-se, em uma propriedade rural próxima a Petrópolis, o casal João Batista e Francisca Romana.

Após lua-de-mel envolta nos gritos da armada brasileira do dia 15 de novembro de 1889, iniciando uma nova fase política no pais, os recém-casados fixam residência na cidade do Rio de Janeiro, em bairro tradicional das conservadoras famílias monarquistas, que se recusam a aceitar a proclamação da República, permanecendo fieis ao querido imperador D.Pedro II. Dona Francisca, carinhosamente conhecida por todos como

"Chiquinha", inconformada, atravessa os primeiros dias de seu matrimônio angustiada e preocupada com a queda do monarca que tanto respeitavam.

O ano de 1890 transcorre perturbado, pois assentam-se as novas estruturas políticas da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que se aguarda a chegada do filho primogênito do casal.

Retorna ao plano material Eustáquio, reencarnando sob a vestimenta de Jose Antonio, para vivenciar etapa decisiva de sua existência em berço carioca, sob a proteção da cidade que parece ter nascido para, no futuro, receber a denominação de *maravilhosa*. Esbanjando contentamento, os pais o cercam de carinho e amor, sentimentos que iriam acompanhá-lo sempre.

Acompanhado de perto por Hilário, agora designado por Alvorada Nova para trabalhos externos, sob a luz protetora de sua querida Nívea, passa os seus primeiros anos desenvolvendo-se rapidamente e, aos sete, já conversa sobre varios assuntos, inclusive história e política, com seu genitor.

- Papai, por que não temos um rei, como eu vejo nas estórias?

- Tivemos um grande rei, meu filho, mas infelizmente ele foi afastado e ingressamos na chamada Republica. Um dia, vais conhecer, estudando muito, o que eu estou te falando. Poderás, então, formar a tua própria convicção acerca do momento histórico que o nosso Brasil acabou de vivenciar...

- Mas o que e "convicção"?

- É a tua própria persuasão íntima.

- E o que e "persuasão"?

- Jose Antonio, tu não achas que esta muito cedo para receber tantas explicações? Terás a vida toda pela frente para conhecer tudo o que te interessa, esta bem?

- Sabe, papai, as vezes eu acho que a vida não é tão longa assim que nos permita perder tempo. Eu gostaria de já nascer sabendo.

Apesar de oficialmente ligados a religião católica, João Batista e sua esposa já tiveram oportunidade de ler as obras de Kardec, que vieram as suas mãos especialmente trazidas por amigos que visitaram a França. Entusiasmados com as novas idéias, deixam-se levar pelos conceitos espíri-

tas e logo explicam ao pequeno José o seu entendimento quanto ao futuro de todo homem.

- Meu filho, a vida não e tão curta quanto parece, visto que ela não termina com a morte. O espírito que habita o teu corpinho e imortal. Lembras-te da historia da lagarta que vira borboleta? O mesmo acontece conosco...

- Viramos borboletas?

- Não, é apenas figurativo. O nosso espírito é a borboleta que vive aprisionado na forma de uma lagarta. Quando morremos, deixamos a forma de lagarta e adotamos o corpo da bela borboleta.

- Então ficamos mais bonitos quando morremos?

- Exato! O espírito e mais belo que o corpo, porque ele é eterno.

- Fico tranquilo de saber disso; assim poderei estudar com mais calma, afinal, se não der tempo agora, eu continuo depois, não é mesmo papai?

- Lógico que sim, José! Agora vá brincar um pouco e deixa-me terminar de ler este livro.

Logo juntam-se a família, os filhos mais novos, Vicente e Maria Isabel. Em franca ascensão social, o comerciante João Batista adquire sólida posição econômica e, apesar de não possuir sólida formação intelectual, deseja a melhor educação para seus três filhos. Destes, o mais dedicado aos estudos e, sem dúvida, José Antonio, que almeja formar-se médico.

Dona Chiquinha só consegue brigar com o marido pelas suas flagrantes posições materialistas. O dinheiro e os bens materiais conquistam João Batista de uma tal forma que o afastam do convívio familiar por muitas horas do seu dia. Com isso, cada vez menos os garotos contam com a presença paterna no lar.

José, ainda adolescente, integra-se ao movimento de sustentação a Santa Casa do Rio de Janeiro, admirando cada vez mais a atuação dos médicos e deslumbrando-se com as inúmeras possibilidades que a profissão concede a quem deseja auxiliar os necessitados.

A família, em razão da admiração que João Batista e Francisca nutrem pela figura de D.Pedro II, conversa sempre a respeito das vantagens e desvantagens do país ter-se tornado uma República. De todos, o mais entusiasmado com a nova situação política da nação e José Antonio, embo-

ra não haja nenhuma discussão mais acirrada diante dos diferentes posicionamentos sustentados.

Tudo transcorre bem, exceto a intranquilidade gerada pela ausência do genitor do dia-a-dia familiar. João Batista só muda o seu comportamento quando o filho mais velho decide partir para estudar medicina na Europa. A fim de suprir-lhe a falta, o pai volta ao lar e aproxima-se outra vez dos familiares.

Um navio solitário, em plena manhã do inverno carioca, envolto na garoa fria que cobre o cais, parte rasgando as águas límpidas do mar brasileiro, deixando atrás de si, inconsolável, Dona Chiquinha, que sabia ser aquela a última vez que iria ver José Antonio.

- Chiquinha, não chores tanto! Se eu soubesse que a partida de nosso filho para a Europa te causaria tanto sofrimento não teria permitido.

- Não iria adiantar, João! Eu sinto, desde que ele era pequenino, a aproximação desse momento.

- O que queres dizer?

- Ele não retornará nunca mais ao Brasil. Há algo que o espera no Velho Continente; talvez, uma missão, um caminho sem volta ao nosso convívio. Coração de mãe, como todos dizem, jamais se engana!

- Não acredito nessas bobagens! Ele estará logo de volta ao Rio.

- Não o culpo! Sei que ele usará muito bem a educação que nos estamos patrocinando e a sua formação como médico será um balsamo para sua ânsia de ajudar o semelhante.

*****

Matriculado em Paris, na faculdade de medicina, em pouco tempo ele está adaptado a vida francesa, como se na Europa sempre tivesse vivido. Admirado por seus colegas e enaltecendo o nome do Brasil em razão de sua aplicação nos estudos, José entusiasma-se cada vez que percebe aumentar o seu nível de conhecimentos.

Muitas cartas são trocadas com sua família no Rio de Janeiro e em todas elas José Antonio desculpa-se por não encontrar tempo para visitá-los no Brasil, visto que, em suas horas vagas, dedica-se ao amparo da população carente, na periferia de Paris. Enquanto estuda medicina, não deixa de lado a atividade caritativa. Aprofunda-se também no estudo da filosofia, ciência e religião que nascera em meados do século XIX. Chega-lhe as

mãos os livros *Le del et I'enfer* e *La Genese*[70], ambos escritos por Allan Kardec

Entusiasmado, não demora mais que um dia para fazer a leitura atenta das duas obras, encantando-se com as linhas que assimilou. Ao pesquisar a vida do autor dos livros, descobre, emocionado, que Allan Kardec chamava-se, na realidade, Hippolyte Leon Denizard Rivail e somente adotou um pseudônimo porque em outra existência remota, ao viver na Gália como druida, teve tal nome. Toma conhecimento, ainda - estupefato - que o autor das obras espíritas sempre foi um estudioso de anatomia - a matéria de sua preferência na faculdade de medicina -, tanto que se tornou membro da Real Academia de Ciências Naturais da França.

O seu despertar para uma nova religião, que trazia consigo outra filosofia de vida - tal como seus pais diziam - bem como um precioso posicionamento cientifico, rende-lhe algumas inimizades acirradas na faculdade, mas também conquista a simpatia de muitos colegas e professores.

Cresce-lhe o sonho de visitar a Suíça, tal como Kardec fizera, talvez até desenvolvendo ali o seu trabalho inicial na profissão. O cenário europeu favorece-lhe o desejo, pois tão logo termina o seu curso percebe o recrudescimento das relações exteriores que volteiam a França. O assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando de Habsburgo, na Bósnia, em julho de 1914, e noticiado em todas as manchetes, fazendo com que tenha inicio o movimento que iria levar a Primeira Grande Guerra.

Parte para Genebra, enquanto uma carta de seu pai chega-lhe as mãos exigindo o seu retorno imediato ao Brasil. A resposta não tarda a chegar ao Rio de Janeiro lamentando sua recusa em partir da Europa, mas dizendo que sua missão estava apenas começando, não podendo, pois, abandonar o seu caminho.

Brilhante e aplicado, logo recebe visto definitivo autorizando a sua permanência em solo suíço, desde que exerça a medicina sob a supervisão de médicos nacionais. Em pouco tempo, deslumbra os seus orientadores e começa a interessar-se não só pela arte da cura, mas também pela literatura e pela arte de um modo geral.

---

[70] *Nota do autor espiritual: "O Céu e o Inferno" e "A Gênese".*

Sua carreira está em franca ascensão, quando o Instituto de Pesquisas Médico - Cientificas de Zurich oferece-lhe um cargo, obrigando-o, pois, a mudar-se para o norte do pais. Como se uma inspiração o incentivasse a aceitar - o que, de fato, ocorria sob gesto pessoal de Agamenon, coordenador geral de Alvorada Nova - parte para um novo direcionamento em sua vida. Mais próximo a Alemanha, outro berço de problemas e débitos do passado - mas também de onde extraiu profundas e belas lições de vida - Josef, como passou a ser chamado pelo povo germânico da Suíça, logo sente-se atraído pela magnetizante Baviera.

Incursões em solo Alemão, mesmo com a movimentação crescente da guerra que se aproxima, fazem-no lembrar do poeta Camões, que bem descreveu a terra germânica em seus cantos celebres. Passeando, certa vez, pela região dos Alpes, próximo a vilarejos tranquilos e quase esquecidos no mundo - Garmish e Partenkirschen - ele repete em voz baixa e compassada: *Entre o mar e o Tánais vive estranha gente: Rutenos, Moscos e Livónios. Sármatas outro tempo e na montanha Hircínia os Marcomanos são Polonios. Sujeitos ao império de Alemanha. São Saxones, Boêmios e Panonios. E outras várias nações, que o Reno frio lava e o Danúbio, Amásis e Albis rio*[71].

- Ah, Os *Lusiadasl* Renova-me o ser quando ouço ou leio seus cantos. Pareço envolto pelo espírito de Camões e sinto calafrios por todo o corpo. Não fosse o frio dessas montanhas e poderia até dizer que o poeta, espiritualmente, ao meu lado está...

Realmente, um Espírito ali se encontra, abraçando-o com carinho e incentivando-lhe a lembrança dos seus versos preferidos. Não é Camões, mas um admirador seu, Agamenon.

A Suiça é o cenário ideal para José Antonio aprimorar-se e recuperar, de uma só vez, o tempo perdido de outras existências, especialmente porque o país que abraçara como residência tem origem céltica - como a sua - Além de exercitar, com perfeição, a neutralidade entre dois importantes países vizinhos - a França e a Alemanha. Não poderia, portanto, Eustáquio estar vivendo em região mais condizente com os resgates que tem a

[71] *Nota do autor material: maiores detalhes podem ser vistos na obra "Os Lusiadas", Luis de Camões, Canto Terceiro, Capitulo XL*

realizar, já que poderá relacionar-se em paz tanto com os franceses, quanto com os Alemães, aquietando os seus adversários do passado. As Suíças romanda e alemã terminam por encantá-lo e o seu ingresso na Cruz Vermelha Intencional é imediato, tão logo sabe da existência dessa organização.

Representando a unidade da Cruz Vermelha em Zurich, visto que a sede fica em Genebra, Josef começa a ter contato com as personalidades que passam pelo seu neutro país, na medida em que a guerra eclodira no palco europeu. Refugiados e enfermos, feridos e exilados, enfim, desbragados de todos os lados procuram conforto e proteção na paz dos cantões suíços. Além do seu trabalho no Instituto de Pesquisa, Josef desenvolve atividades num pequeno hospital nos arredores de Zurich, que idealizou e construiu justamente para servir-lhe de apoio nos tempos de luta armada que a Europa esta vivenciando.

A sua reticência na busca pela formação de uma família e mesmo no contato com seus parentes no Rio de Janeiro parece-lhe ser um obstáculo e Josef costuma justificar aos amigos, que a respeito lhe fazem perguntas, ser impossível manter sua profissão, sua obra de caridade, seu posto na Cruz Vermelha e uma atenção digna a uma esposa e filhos. Por isso, permanecer solteiro parece-lhe a melhor opção.

A ação caritativa retira-lhe a prioridade no Instituto e suas pesquisas começam a ficar cada vez menos proveitosas. Entretanto, o governo suíço percebe o aumento de sua contribuição na Cruz Vermelha e Josef logo consegue o beneplácito de Giuseppe Motta, influente político da época, que lhe autoriza todos os passos que pretende desenvolver.

Por dominar com perfeição varios idiomas, inclusive com noções de russo, a pedido de autoridades suíças, Josef fica encarregado de recepcionar o mais recente exilado que ingressa no pais proveniente da Rússia. Atendendo a solicitação, aproxima-se de Wladimir Iliitch Ovlianov - conhecido por Lenin -, com quem trava importantes conversas, enriquecedoras para ambos. Inaugura-se em seu caminho um novo horizonte.

CAPÍTULO LVIII - O REFORÇO DA FÉ CONSAGRANDO A TRAJETÓRIA

Atento as inspirações dos Mentores de Alvorada Nova, em especial Hilario e Nívea, Josef segue para os campos de batalha, não como soldado das armas, mas como soldado da medicina, salvando vidas e promovendo atos de verdadeira caridade. Situados em Verdum, no final de outubro de 1916[72], os integrantes da Cruz Vermelha trabalham alarmados com o número de mortos e feridos que encontram pela frente. Enquanto busca manter a tranquilidade de seu grupo, dando-lhe sempre esperanças de um final para a Grande Guerra que toma conta da Europa, o médico continua sintonizado com o Plano Espiritual, realizando - sempre que possível - reuniões espíritas em sua tenda, no acampamento.

Apesar do apoio que recebe de sua Cidade Espiritual, ele chega a vacilar em determinadas ocasiões, tantas são as desgraças que e obrigado a vivenciar. Nessa época, para sua felicidade, conhece a enfermeira Maria, cujo calmo e sereno semblante enchem-no novamente de otimismo.

- *Mademoiselle Maria* é o seu nome, não?

- Sim, doutor. Mas, por estarmos tão distantes de nossos lares e em plena luta armada, vamos deixar de lado o formalismo no tratamento. Chama-me simplesmente de Maria.

- Digo-lhe o mesmo. Apenas, Josef.

- Muito bem! Você também Integra as fileiras da Cruz Vermelha?

- Sim, sou dirigente da unidade de Zurich.

- Eu trabalho como voluntária. Não há nada na vida que me conceda tanta satisfação quanto o meu serviço de enfermeira. E para mim um autentico sacerdócio. Amo o meu próximo como a Deus. Devo, pois, agir e demonstrar através de meus atos o postulado cristão que considero essencial a todo ser humano.

- Fico impressionado com a sua calma e o seu otimismo em pleno campo de batalha...

---

[72] *Nota do autor material: em 1916, os Alemã.es desencadearam uma grande ofensiva sobre Verdun, zona difícil de defender e reabastecer. Durante seis meses, os franceses comandados pelos generais Petain e Nivelle mantiveram as suas posições, enquanto as forças aliadas, por sua vez, atacavam a regido do Soma. Ao findar o ano de 1916, as posições de um e outro lado eram quase as mesmas que no principio desse ano. (Historia Geral, A. Souto Maior, Companhia Editora Nacional, 14- edição, 1971).*

- Sabemos, Josef, que a vida não termina aqui. Para que termos pressa e ansiedade, desgosto e medo?

- E verdade, Maria! Eu também penso assim, embora não consiga, muitas vezes, demonstrar na prática as teorias que adoto.

- Não se preocupe! Todos somos assim, de vez em quando. Vivendo neste plano da vida, estamos ligados as leis dos homens, que nem sempre constituem o melhor traçado para a nossa existência. Somente as leis de Deus são belas e perfeitas.

- Você tem idéias nitidamente espiritualistas... Já leu Kardec?

- Sim. E você?

- Sou espírita. Gostaria que participasse de nossas sessões mediúnicas.

- Ficaria encantada.

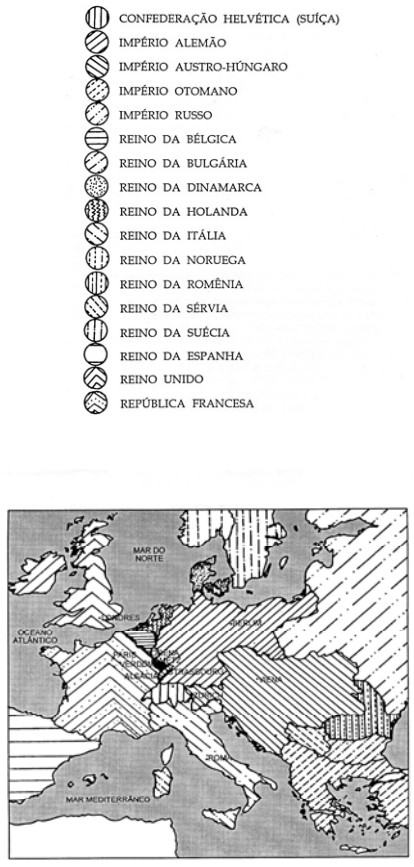
A batalha torna-se cada vez mais intensa e os destroços de casas, cidades, vilarejos e cantões franceses e Alemães aumentam vertiginosamente.

O revigorante contato com Maria faz o médico suíço trabalhar com afinco horas seguidas, dias e noites inteiras, sem reclamar e agradecendo a Deus essa oportunidade. Juntos, eles constroem um campo de refugiados, cujo tratamento principal destina-se ao espírito dos enfermos, muito mais que a cicatrização das feridas. Alvorada Nova consegue instalar na fronteira da França com a Alemanha um imenso posto de trabalho. Nesse trabalho integrado dos dois planos da vida, o trânsito de Espíritos cresce a cada dia e uma linha direta e criada com a Colônia. Zonas umbralinas erguem-se contra essa obra de amor e procuram atacar por todos os lados os Postos de Socorro da Cidade Espiritual, buscando dificultar o trabalho no plano material. Entretanto, vencem a fé e a força Superior, até que as entidades inferiores cedem e buscam refugio nos cantos abissais das zonas escuras, deixando livre o caminho de atuação dos Emissários de Luz.

A Primeira Grande Guerra segue o seu curso e Josef, Maria e outros muitos encarnados ligados a Cruz Vermelha trabalham incessantemente auxiliando e amparando feridos e refugiados de todas as origens.

Ao longo do trajeto que programam para atendimento as frentes de batalha, perdem-se de vista a enfermeira e o médico de Zurich, trilhando, a partir dai, caminhos diversos, mas eternamente ligados na senda do amor cristão e da fé inabalável.

MAPA Nº 13 - EUROPA - DIVISÃO POLÍTICA ANTES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL



305

Em 1918, com o Armistício assinado entre a Alemanha e os Aliados, no mês de novembro, faz cessar o conflito armado que fez vítimas por toda a Europa e muitos débitos trouxe aqueles que o idealizaram e dele participaram ativamente, conduzindo lutas e fomentando o ódio.

Antes de retornar as suas atividades médicas na *Suíça,* Josef recebe uma notícia que o deixa entristecido e provoca uma mudança em seus planos. A Rússia vive uma revolução e começam a surgir mortes, provocadas por disputas políticas, Além da miséria e da fome 1á estarem presentes. Mantendo acesa a sua fé e buscando levar paz e salvação aonde

houver desespero e agonia, liderando uma cruzada de amor dos integrantes mais dedicados da sua unidade da Cruz Vermelha, parte para Moscou. Nessa ocasião, o Exército Vermelho, sob a liderança de Trotski, começa a obter alguns êxitos na guerra civil vivenciada pelos russos após 1917.

Outro massacre e acompanhado de perto por Josef, que relembrando a postura e a firmeza da enfermeira Maria, desenvolve incalculável capacidade de resistência e não mede esforços para auxiliar os médicos russos a cuidar dos seus compatriotas feridos nos combates internos.

Ao longo dos anos que passa em atividade na Rússia, ele acompanha também o desenvolvimento da literatura e do teatro nacionais, estudando a temática proposta por Aleksei Pechkov - que se tornou famoso sob o pseudônimo de *Gorki.* Assim, ampliando seu universo de conhecimentos, desde Rozanov até Bieli, Josef segue o desenvolvimento do simbolismo na grande nação do oriente. Sem lar a sua convicção política liberal e seu idealismo religiões, o contato com a arte e as obras literárias de um povo que sempre lhe foi distante não poderia ser mais gratificante.

Permanece em território russo até 1924, quando Lenin desencarna e seu sucessor, Josef Stalin, passa a comandar os destinos da nação. Não vendo com bons olhos a devoção do suíço ao trabalho comunitário, o novo líder revolucionário proíbe-lhe a permanência no pais.

De volta a Zilrich, recebe a noticia da morte de seus pais, ocorrida durante a guerra, fato que o deixa amargurado por alguns dias. Não pela morte em si, mas porque acredita terem deixado o plano material magoados com a sua ausência do Brasil. Somente se acalma quando, em sessão mediúnica, realizada em sua casa, obtém uma confirmação por parte dos mentores que o acompanham do feliz retorno de seus genitores a Alvorada Nova, sem ressentimentos e confiantes no seu trabalho como médico e espírita.

Refutando a herança que lhe é destinada, doa os bens que possui no Brasil a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, com a plena concordância de seus irmãos, também espíritas por convicção e educação familiar.

O tempo flui rápido, trazendo a Josef o seu tão almejado amadurecimento espiritual. Consciente da sua missão, ele não tem duvidas a respeito do acerto de seu trabalho e, sempre orientado de perto pelos Amigos

Espirituais, a quem da ouvidos e segue os conselhos, abraça cada vez mais a pratica da caridade.

Em face de sua posição como médico dos pobres na cidade de Zurich, começam a surgir-lhe a frente, passando por seus cuidados, inúmeros adversários do pretérito, era como doentes, ora como companheiros de atividade. Os resgates - em face de seu procedimento cristão - vão naturalmente acontecendo. A distribuição espontânea do amor e o cultivo da fraternidade representam atos positivos que somente retornos benéficos são capazes de proporcionar.

A Segunda Grande Guerra avizinha-se no cenário mundial. A Cruz Vermelha Intencional prepara-se a enfrentar o maior conflito armado da historia da Humanidade. Alertado pelos mentores, Josef tem exata noção das proporções gigantescas que tomarão as divergências entre as potencias do planeta. Confiante em seu caminho e inabalável em suas convicções, nunca é tarde para relembrar a força interior da enfermeira Maria, que conhecera ao longo da Primeira Guerra.

Em 1939, surgem como estopins do conflito armado as celebres investidas do exército Alemão, conhecidas por *Blitzkrieg.* Nesse contexto, em setembro do mesmo ano, a invasão da Polônia causa assombro ao mundo inteiro, quando, em menos de vinte e quatro horas, as forças de Hitler destroem a aviação do inimigo e varias divisões blindadas e motorizadas, apoiadas pela temida *Luftwaffe,* ocupam o pais. Em poucos dias, capitula Varsóvia ante a superioridade germânica. Não há retorno no cenário mundial e a Segunda Grande Guerra esta declarada.

De Zurich, preocupado, Josef organiza-se para retornar as frentes de batalha. Orientações do Plano Superior lhe chegam todos os dias, por meio de médiuns que integram o seu grupo espírita de trabalho. O pleno conhecimento de sua *reencarnação-chave* serve-lhe de amparo para enfrentar as dificuldades imensas que surgem em seu caminho.

Em junho de 1940, os Alemães invadem Paris e para la desloca-se a Cruz Vermelha. Josef encontra obstáculos quase intransponíveis, pois e acusado ora de auxiliar em demasia os franceses, ora de ajudar desproporcionalmente os Alemães. Continua, imparcial, a sua missão de amor.

Vivendo entre mortos e feridos, tendo sempre manchado de sangue o branco de sua túnica, Josef tenta lembrar-se de algumas poesias ou sone-

tos que conheceu na juventude para divertir-se por alguns minutos, mas não consegue, tamanha e a pressão que sofre como chefe da equipe.

Bombas explodem e metralhadoras espalham rajadas férteis de balas certeiras, trazendo-lhe mais enfermos e irmãos a quem deve dedicar carinho e atenção. As vezes imagina como pode haver tanto ódio no mundo e pergunta-se: por que existe essa destruição generalizada e voltada contra seres humanos, mediante tamanha ferocidade? Decepcionado com a conduta dos governantes que impulsionam o povo a violência, Josef considera a guerra um ato vil e prepotente, que fica muito distante do amor cristão e dos deveres de solidariedade e fraternidade universais.

Divisões *Panzer* passeiam pelas ruas parisienses, enquanto o médico suíço passa-lhes a frente para resgatar feridos, mesmo estando sujeito a ser mortalmente alvejado pelos Alemães. Num desses confrontos silentes, Josef depara-se com um grupo de germânicos invadindo uma livraria, ponto de oposição da *resistência francesa.* Determina que a unidade da Cruz Vermelha fique de prontidão e, quando percebe terem cessado os tiros, aproxima-se.

Subitamente, uma mão forte segura-o pelo colarinho da túnica e detém a sua trajetória. Em alemão fluente e reconhecendo a personalidade que o segura, Josef esclarece ser suíço e integrante da Cruz Vermelha Intencional. O general Heinz Guderian, que o mantém preso, quase impede o seu trabalho salvador não fosse a interferência de Emissários do Alto que acalmam o espírito do militar e fazem-no - através de boas inspirações - deixar o médico exercer a sua atividade.

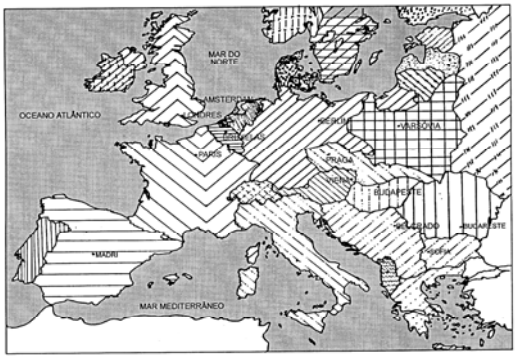
Resistindo a tudo, Josef vai construindo o seu caminhar regenerativo, pronto a lutar sempre pelo seu ideal de distribuição de amor, acima de tudo e de quaisquer dificuldades que lhe surjam a frente. A sua única insatisfação ainda persiste em não conseguir recordar-se dos belos *sonetos shakespearianos,* que tanto o acalentavam na época da faculdade.

A batalha estende-se pelo resto do mundo e a unidade medica de Zurich fixa seu ponto principal de atuação na capital francesa, ocupada pelos nazistas e sob constante guerrilha da resistência local.

MAPA Nº 14 - EUROPA - DIVISÃO POLÍTICA ANTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



310



Passam-se os anos e Josef sente definhar a sua energia, enquanto constata em seu âmago a passagem por seus cuidados de muitos seres humanos que, de uma forma ou de outra, a ele foram ligados no passado. Dedica-lhes todo o amor que e capaz de sentir e ora a Deus com insistência, rogando por força e saúde, a fim de acompanhar a dor dos seus enfermos até o encerramento do conflito. O coração palpita descompassado e a taquicardia ronda a sua tranquilidade. A depressão do seu sistema ner-

voso, apesar de combatida com firmeza pelo seu espírito, aumenta gradativamente. Alimentando-se mal e dormindo pouco, extenua o seu corpo físico.

Em junho de 1944, as tropas aliadas desembarcam na Normandia e a esperança da França reacende outra vez. Acirram-se os combates na capital do pais e os trabalhos da equipe de Zurich aumentam vertiginosamente.

Em meados desse ano, Josef recebe um importante chamado de outra unidade da Cruz Vermelha sediada no leste da Alemanha, pedindo ajuda para algumas cirurgias que deveriam ser feitas num dos campos de concentração mantidos pelos nazistas. Em face do avanço das tropas russas, muitos médicos alemães deixaram o seu posto e os prisioneiros morriam um a um por falta de assistência. Desaconselhado com insistência pelos colegas, o suíço refuta os conselhos clamando pelo seu resguardo, especialmente ante o seu estado debilitado de saúde, partindo para o local onde deveria prestar socorro.

Enquanto esta afastado de Paris, os aliados marcham em direção a capital e, em agosto, pouco depois da partida de Josef, libertam a França do jugo nazista, restaurando a relativa paz em solo francês.

Retornando da Alemanha no inicio de 1945 e trazendo consigo um princípio de pneumonia e o horror das impressões que colheu no campo de prisioneiros onde prestou atendimento médico, ele refugia-se outra vez em sua atividade médica.

O exército aliado avança sobre o Reno, enquanto os soviéticos, no mês de abril, invadem Berlim. A um passo do final da guerra sangrenta que envolve por anos a Europa e o resto do mundo, Josef resolve voltar a Zurich para retomar a sua atividade no Instituto e no seu pequeno hospital.

Enquanto os alemães se rendem as forças aliadas, a Suíça revê, após anos de ausência, o brasileiro-suiço que se tornou seu filho dileto. Amigos recebem-no com entusiasmo e contam-lhe as novidades. Antigos pacientes buscam notícias do médico incansável que expôs a própria vida no campo de batalha. Enfim, alguns meses são necessários para a reorganização de seus afazeres.

Findo o conflito que abalou o Globo, ainda doente e com series problemas cardíacos, Josef é aconselhado por seus colegas e, em especial, por seu médico particular, a deixar o exercício da medicina por algum tempo. Caso não o faça, poderá sofrer um ataque cardíaco fatal a qualquer instante. Cedendo as pressões, ele parte para uma viagem de recuperação e outro não é seu pessoal objetivo senão rever, antes de seu desencarne, a bela região alpina da Baviera, onde sempre vivenciou doces emoções.

Um lindo e exuberante dia nasce magnetizante, encantando o vale nevado onde Josef repousa. Um frio intenso corta a região, enquanto o médico sai para uma caminhada antes do almoço, tendo por companhia os atrevidos pássaros que voam desafiando a baixa temperatura. Cantarolando marchinhas suíças, acomoda-se embaixo de uma exuberante arvore, cujos ganhos balançam somente para dar passagem ao vento e para recebei seus ilustres habitantes - aves fatigadas das suas incursões no azul do céu. Faz, mansamente, uma reflexão sobre sua vida, seu passado, seus estudos e sua jornada. Relembra-se de cada minuto ao longo de seus cinquenta e cinco anos de existência material, sem esquecer-se - acredita - de um só momento. Contente, suspira aliviado quando a memória lhe proporciona o retorno de um belo *soneto* que tanto aguardava para sentir-se melhor.

Emocionado, tentando recordar-se na Integra de seu trecho preferido, declama a si e aos seus ouvintes atentos - animais e aves que o espreitam desconfiados:

- Possa não ver empecilhos na sincera união de duas almas. O amor, encontrando alterações se altera. Oh, não! Amor é o ponto constante, que enfrenta, ileso, os bravos temporais. É a estrela que me guia, com brilho certo e valor sem conta. O Amor não é jogral do Tempo... Não muda com o dia e a hora e persevera ao limiar da Morte. E se se provar que num. erro estou, nunca fiz versos nem jamais se amou...[73]

Em algum lugar, sente que possui alguém esperando o seu retorno. Sabe que o amor universal une Espíritos afins e guia a esperança dos viajantes da estrada crista. Percebe ser feliz.

---

[73] *Nota do autor material: outros detalhes podem ser encontrados em "Sonetos", de Shakespeare.*

Um torpor suave envolve-lhe o corpo físico e liberta a sua percepção. Uma melodiosa e tema voz ecoa em seu espírito, sugerindo-lhe o momento da partida. Sereno, Josef adormece, sentindo o estacionar de seu cansado coração. Um último pensamento lhe percorre a mente, fazendo-o relembrar da voz meiga da enfermeira Maria, dizendo-lhe, agora e para todo o sempre... *"Eustáquio, venha conosco, o renascer do mundo depende de cada um de* nós"[74]

FIM

GLOSSARIO DE NOMES

Parte 1 - Na senda do erro - 445 a 1.080

I - A Batalha de Dijon

Eustáquio Alexandre Rouanet - barão, general dos francos; Melquiades - soldado burgúndio que mata Eustáquio com uma adaga;

II - Eustáquio na Erraticidade

Arquibaldo - visconde, homem de confiança do rei Clóvis;

Guilherme - filho adulterino de Patrícia e Clóvis;

Patrícia - baronesa, esposa de Eustáquio;

Mefene - conde, auxiliar direto do rei Clóvis;

Trudeau - capitão, comandante das tropas Françaas que assumiu a liderança após a morte de Eustáquio;

III - Desvendando o seu Passado Clotilde - esposa de Clóvis;

IV - O Crescimento de Eustáquio

Claudine - condessa, mãe de Eustáquio; Filipe - conde, pai de Eustáquio; Genevaldo - coordenador do centre de orações; Gertrudes - dama de companhia de Claudine;

V - A Destruição do Vilarejo

Altay - visconde, membro do Alto comando de Eustáquio;

Bergerau - conde, auxiliar direto de Eustáquio;

Menelau - adido do visconde Arquibaldo;

[74] *Nota do autor material: livro "Alvorada Nova", parte final.*

Papisco - mentor de Genevaldo;

Paul - o mais rico comerciante do vilarejo saqueado por Eustáquio;

Rita - filha de Paul;

VI - A Cisão nas Zonas Trevosas

Gediao - seguidor do Capitão Tergot.

Tergot - Capitão, companheiro de Eustáquio, dirigente da fortaleza espiritual;

VII - O Resgate

Amâncio - assessor da Coordenadoria Geral de Alvorada Nova; Nívea - nome de Claudine, mãe de Eustáquio, na Espiritualidade; Razuk - fiel seguidor de Eustáquio;

Vinicius - trabalhador do Centre Avançado de Comunicação de Alvorada Nova, localizado no Posto de Socorro nº 5;

VIII - Alvorada Nova

Agamenon Duarte - coordenador geral de Alvorada Nova na ocasião;

Euclides - médico do Posto de Socorro nº. 5, setor de Câmaras de Sono Profundo da Unidade de Retificação;

Rosana - enfermeira do Posto de Socorro nº. 5 de Alvorada Nova;

IX - O Reinício em Cosenza

Ana - jovem camponesa que se casa com Carlo; Don Antonio - rico comerciante e patrão de Carlo; Carlo Rondi - camponês do sul da Itália; Filipo - amigo de Carlo e amante de Ana; Giovana - mãe de Carlo no sul da Itália;

X - A Fuga

Mirtes - filha do taberneiro; assassinada por Carlo;

Neil - cigano que luta com Carlo e depois torna-se seu amigo;

Pirnilio -ladrão encontrado por Carlo em Bari, que se torna seu amigo;

XI - O Reencarne como Pietro

Adélia - mãe adotiva de Pietro;

Mirian - menina que se torna amiga de Pietro;

Pietro - mendigo;

Plínio - tio de Mirian;

XII - Conde Giscard D'Antoine

Caroline - filha de Giscard;

Constance - condessa, esposa de Giscard, posteriormente Irmã

Medina.
D'Antoine - duque, pai de Giscard;
Eugenius - monge beneditino;
Gabrielle - esposa de Ricardo;
Giscard D'Antoine - conde; posteriormente monge Victorius e bispo de Lyon;
Gorot - mordomo dos D'Antoine; posteriormente monge Paulus;
Gutus - monge beneditino;
Meliandes - prior dos beneditinos antes de Victorius;
Ricardo Igor von Bilher - capitão, filho do Duque de Strasbourg;
Soissons - duque, pai de Constance
Villembert - barão, amigo da família D'Antoine;
XIII - A Abadia dos Beneditinos
Duprat - duque de Orleans;
Franchise - filha do duque de Orleans;
Giinther von Bavanhaun - amigo e braço direito de Klaus;
Klaus August von Bilher - filho de Gabrielle e Giscard;
Madame Debusson - governanta na casa dos D'Antoine, mãe dos bispos de Lyon e Orleans;
Marcel Debusson - bispo de Orleans;
Peter - monge beneditino;
Sinvral - assessor do Bispo de Lyon;
XIV - O Fim de Giscard
Gualberto - camareiro do Bispo de Lyon;
XV - O Passado Beneditino
Charles Bidet - fidalgo, submisso ao bispo de Lyon; Giuseppe - jovem noviço, idealista; Verbasiano - monge, professor de Giuseppe;
XVI - A Vida de Giuseppe
Bernarda - mãe de Giuseppe; Dom Genaro - pai de Giuseppe; Litia - namorada de Giuseppe;
XVII - O Término da Jornada
Gerard - auxiliar direto do bispo de Lyon;
XVIII - O Retorno a Espiritualidade
Hilario - dirigente da Coordenadoria de Triagem de Alvorada Nova;

Josemar - encarregado da seleção de fichas do Departamento de Reencarnação de Alvorada Nova;

XIX - Desvendando um Continente Selvagem

Arari-Tutóia - novo cacique da tribo; Potinguara - cacique da tribo; Tatui-Piaba - paje da tribo;

XXI - Expiação na Eslovênia David - pai de Samuel;

Rachel - mãe de Samuel;

Samuel - jovem com deficiência física e retardamento mental;

Sarah - Irma de Samuel;

Parte 2 - Em reeducação - 1.080 a 1.502

XXII - Calais

Clemence - dama de companhia da condessa du Carmier, que se torna esposa de Patrick;

Melanio - cão de Patrick;

Merkon - barão de York, amigo do duque de Talantois;

Patrice - filha de Clemence e Patrick;

Patrick - jovem cavalariço;

Talantois - duque com quem Patrick trabalha como pajem;

XXIII - Patrick na Inglaterra

Crismeia - governanta do barão de York; Malcom - serviçal do barão de York; Margot- cozinheira do barão de York; Sofia - baronesa de York;

XXV - Desencarne em Calais

Minerva - Espírito que recebe Patrick na Espiritualidade

XXVI - Charles de Bogondier

Charles de Bogondier - futuro duque de Bogondier e conde de Canterbury;

Duque de Bogondier - pai de Charles de Bogondier;

Paul de Sarcotian - preceptor de Charles;

XXVII - Revivendo a Grã-Bretanha

Heber Roithman - conde de Canterbury, tio de Charles

XXVIII - Na Corte do rei Filipe Augusto

Blois - conde, pai de Nadine; Charles II - filho de Nadine e Charles; Nadine - esposa de Charles; Rubiao - filho de Nadine e Charles;

XXIX - A Cruzada de 1189

Alan - duque de Valmon e Chapelle, amigo de Charles; Max de Sarcotian - neto de Paul de Sarcotian;

XXX - Destruição na Terra Santa

Mirna - serviçal do templo de são João D'Acre;

Rocco - amigo de Mirna;

Shalek-Al-Mair - comerciante de são João D'Acre;

XXXII- As Consequencias do Suicídio

Andre - médico do Posto de Socorro; Anita - enfermeira do Posto de Socorro;

XXXIII - Remindo o seu Passado

Abdul - ladrão;

Adila - jovem camponesa;

Chacar - ladrão;

Khalik - líder do grupo de ladrões e pai de Abdul, Nabul e

Chacar;

Mariala - amiga de Adila que Lhe ensina a tecer tapetes;

Nabul - ladrão;

XXXIV - Em Transição

Dr.Euclides - trabalhador do Posto de Socorro n^{e} 5;

XXXV - Reeducando-se

Antonio - padre de Palermo; Carmen - mãe de Mirandela; Enrico - filho de Mirandela e Malamud;

Eugenio - filho mais velho de Mirandela e Malamud;

Eunice - Irma mais velha de Mirandela;

Francesco - pai de Mirandela;

Giacomo - filho de Mirandela e Malamud;

Malamud - caixeiro viajante, marido de Mirandela;

Mirandela - esposa de Malamud;

XXXVI - O Desencarne

Righetto - médico de Alvorada Nova;

Saphira - filha caçula de Mirandela e Malamud;

XXXVII - Na Casa da Sublime Justiça

Antonino - juiz da Casa da Sublime Justiça; Caspar - idem; Humberto - idem; Matéus - idem, expositor; Paulo - idem, debatedor;

XXXVIII - Em Busca do Tempo Perdido

Adele - mãe de Jean Paul; Arnaud - irmão de Jean Paul; Claude - irmão de Jean Paul;

Jean Paul - soldado Frances na Guerra dos Cem Anos; , Millier - pai de Jean Paul;

XXXIX - O Encontro com Joana D'Arc

Gualberto - intendente de Joana;

Parte 3 - A caminho da regeneração - 1.502 - 1.945

XLI - A Abadia de Florença

Maximiliano - monge beneditino, estudioso da obra de Niccoló Machiavelli;

Vidal - monge beneditino, componente da mesma abadia que Maximiliano;

XLII - A Cultura Humanista

Jacob - rabino ancião, livreiro de Florença;

XLIII - Os Reconditos Caminhos da Abadia rumo ao Vaticano

Epifanio - ancião que segue as idéias protestantes e é bastante ligado a Colônia Espiritual; Ubaldo - cardeal do Vaticano;

XLV - O Encontro com Calvino

Evilasio - criado de Calvino; Guillaume - amigo de Calvino;

XLVI - De volta a Roma

Landoaldo - amigo de Epifanio que ampara Maximiliano quando este e retirado da prisão;

XLVII - A Noite de são Bartolomeu

Pierre - conde de Revergy, seguidor do duque de Guise; XLVIII - Do Mundo das Artes a Escravidão

Big Joe - filho de um rico comerciante de Londres e comandante da expedição escravagista;

Cauim - integrante do grupo aprisionado; rival de Luvi;

Elicio - sacerdote católico no Brasil que recebe os escravos Luvi e Cauim de presente;

Luvi - negro da tribo loruba;

Pepper Boy - auxiliar de Big Joe;

Vana - Irma de Luvi;
L - A Guerra dos Trinta Anos
Bergvolk (família) - anfitriã de Christen e Frediano em Garmish-Partenkirchen
Christen - pai biológico de Frediano;
Erik - tio de Frediano;
Frediano - jovem protestante Alemão;
Harold Schleswig - pai adotivo de Frediano;
LH - A Revolução Francesa
Aline - mãe de Lisandro; Ernest - amigo de Lisandro; Gilbert - irmão caçula de Lisandro; Guido - irmão de Lisandro; Haydee - Irma de Lisandro; Junet - amigo de Lisandro; Lisandro - jovem burguês em França; Renan - pai de Lisandro;
LIII - A Verdadeira Religião
Ulrico - prior da abadia dos beneditinos;
LIV - A Saga de Napoleão Bonaparte
Eduardo - jornalista Frances;
Fernando - duque de Celliet, jurista, pai de Eduardo;
Melita - esposa de Eduardo;
Remo - musico, irmão mais velho de Eduardo;
LVII - A última Jornada na Crosta
Francisca Romana - mãe de Jose Antonio;
Giuseppe Motta - político;
João Batista - pai de Jose Antonio;
Jose Antonio - médico brasileiro, também chamado Josef;
Maria Isabel - Irma caçula de Jose Antonio;
Vicente - irmão mais novo de José Antonio;
LVIII - O Reforço da fé" Consagrando a Trajetória
Maria - enfermeira.

RESUMO GERAL DA EVOLUÇÃO ESPIRITUAL
(AS REFERENCIAS ENTRE PARENTESES RELACIONAM-SE AOS NOMES DOS CAPÍTULOS)

Abdul (Remindo o seu Passado) - Enrico (Reeducando-se);
Adila (Remindo o seu Passado) - ver Eustáquio;
Ana (O Reinicio em Cosenza) - Mirna (Destruição na Terra Santa) - Peter (A Abadia dos Beneditinos);
Anita (As Consequencias do Suicídio) - Rita (A Destruição do Vilarejo) - Mirtes (A Fuga) - Francoise (A Abadia dos Beneditinos);
Arnaud (Em Busca do Tempo Perdido) - ver Charles Bidet;
Big Joe (Reencontrando o Brasil) - ver Giinther;
Capitão Tergot (A Cisão nas Zonas Trevosas) - Cardeal Ubaldo (Os Recônditos Caminhos da Abadia Rumo ao Vaticano) - Vana (Do Mundo das Artes a Escravidão);
Cardeal Ubaldo (Os Recônditos Caminhos da Abadia Rumo ao Vaticano) - ver Capitão Tergot;
Carlo (O Reinicio em Cosenza) - ver Eustáquio;
Caroline (Conde Giscard D'Antoine) - Nadine (Na Corte do Rei Filipe Augusto);
Cauim (Do Mundo das Artes a Escravidão) - ver Guilherme;
Chakar (Remindo o Seu Passado) - Eugenio (Reeducando-se);
Charles Bidet (A Vida de Giuseppe) - Arnaud (Em Busca do Tempo Perdido);
Charles de Bogondier (Charles de Bogondier) - ver Eustáquio;
Claude (Em Busca do Tempo Perdido) - ver Duprat;
Claudine (Eustáquio se Recorda do Passado) - Nívea (O Resgate) - Giovanna (O Reinicio em Cosenza);
Clemence (Calais) - ver Constance;
Conde Bergerau (A Destruição do Vilarejo) - Harold (A Guerra dos Trinta Anos);
Constance (Conde Giscard D'Antoine) - Clemence (Calais) - Melina (Conde Giscard D'Antoine;
Don Antonio (O Reinicio em Cosenza) - Merkon, Barão de York (Calais) - Malamud (No Sul da Itália);
Duprat, Duque de Orleans (A Abadia dos Beneditinos) - Claude

(Em Busca do Tempo Perdido);
Duque de Bogondier (Charles de Bogondier) - ver Gorot;
Duque de Talantois (Calais) - ver Verbasiano;
Eduardo (A Saga de Napoleão Bonaparte) - ver Eustáquio;
Enrico (Reeducando-se) - ver Abdul;
Ernest (A Revolução Francesa) - ver Razuk;
Esposa de Don Antonio (O Reinicio em Cosenza) - Sofia, Baronesa de York (Patrick na Inglaterra) - Padre Elicio (Do Mundo das Artes a Escravidão) - Minerva (Desencarne em Calais);
Eugênio (Reeducando-se) - ver Chakar;
Eustáquio (A Batalha de Dijon) - Carlo (O Reinicio em Cosenza) - Pietro (O Reencarne como Pietro) - Giscard D'Antoine (Conde Giscard D'Antoine) - Tatui-Piaba (Desvendando um Continente Selvagem) - Samuel (Expiação na Eslovênia) - Patrick (Calais) -Charles de Bogondier (Charles de Bogondier) - Adila (Remindo o seu Passado) - Mirandela (Reeducando-se) - Jean Paul (Em Busca do Tempo Perdido) - Maximiliano (A Abadia de Florença) - Luvi (Do Mundo das Artes a Escravidão) - Frediano (A Guerra dos Trinta Anos) - Lisandro (A Revolução Francesa) - Eduardo (A Saga de Napoleão Bonaparte) - Jose Antonio (A Última Jornada na Crosta);
Filipo (O Reinicio em Cosenza) - Rocco (Destruição na Terra Santa);
Franchise (A Abadia dos Beneditinos) - ver Anita;
Frediano (A Guerra dos Trinta Anos) - ver Eustáquio;
Gediao (A Cisão nas Zonas Trevosas) - Pirnilio (A Fuga) - Gilbert (A Revolução Francesa);
Genevaldo (O Crescimento de Eustáquio) - Paul de Sarcotian (Charles de Bogondier);
Gidcomo (Reeducando-se) - ver Nabul;
Gilbert (A Revolução Francesa) - ver Gediao;
Giovanna (O Reinício em Cosenza) - ver Claudine;
Giscard D'Antoine (Conde Giscard D'Antoine) - ver Eustáquio;
Giuseppe (A Vida de Giuseppe) - ver Mirian;
Gorot/Paulus (Conde Giscard D'Antoine) - Duque de Bogondier

(Charles de Bogondier);
Gualberto (O Encontro com Joana D'Arc) - ver Guilherme;
Guilherme (Eustáquio na Erraticidade) - Marcel Debusson, Bispo de Orleans (A Abadia dos Beneditinos) - Gualberto (O Encontro com Joana D'Arc) - Revergy (A Noite de são Bartolomeu) - Cauim (Do Mundo das Artes a Escravidão);
Giinther (A Abadia dos Beneditinos) - Big Joe (Do Mundo das Artes a Escravidão);
Harold Schleswig (A Guerra dos Trinta Anos) - ver Conde Bergerau
Jean Paul (Em Busca do Tempo Perdido) - ver Eustáquio;
Jose" Antônio (A última Jornada na Crosta) - ver Eustáquio;
Klaus (A Abadia dos Beneditinos) - Christen (A Guerra dos Trinta Anos);
Lisandro (A Revolução Francesa) - ver Eustáquio;
Luvi (Do Mundo das Artes a Escravidão) -. ver Eustáquio;
Malamud (Reeducando-se) - ver Don Antonio;
Marcel Debusson, Bispo de Orleans (A Abadia dos Beneditinos) - ver Guilherme;
Max Sarcotian (A Cruzada de 1189) - ver Patrícia;
Maximiliano (Os Estudos na Abadia de Florença) - ver Eustáquio;
Melina (Conde Giscard D'Antoine) - ver Constance;
Merkon, barão de York (Calais) - ver Don Antonio;
Minerva (Desencarne em Calais) - ver Esposa de Don Antonio;
Mirandela (Reeducando-se) - ver Eustáquio;
Mirian (O Reencarne como Pietro) - Giuseppe (A Vida de Giuseppe);
Mima (Destruição na Terra Santa) - ver Ana;
Mirtes (A Fuga) - ver Anita;
Nabul (Remindo o seu Passado) - Giacomo (Reeducando-se);
Nadine (Na Corte do rei Filipe Augusto) - ver Caroline;
Neil (A Fuga) - ver Razuk;
Nívea (O Resgate) - ver Claudine;
Padre Elício (Do Mundo das Artes a Escravidão) - ver Esposa de Dom Antonio;

Patrícia (Eustáquio na Erraticidade) - Max Sarcotian (A Cruzada de 1189);
Patrick (Calais) - ver Eustáquio;
Paul de Sarcotian (Charles de Bogondier) - ver Genevaldo;
Peter (A Abadia dos Beneditinos) - ver Ana;
Pietro (O Reencarne como Pietro) - ver Eustáquio;
Pirnilio (A Fuga) - ver Gediao;
Razuk (O Resgate) - Neil (A Fuga) - Ernest (A Revolução Francesa);
Revergy (A Noite de são Bartolomeu) - ver Guilherme;
Rita (A Destruição do Vilarejo) - ver Anita;
Rocco (São João D'Acre) - ver Filipo;
Samuel (Expiação na Eslovênia) - ver Eustáquio;
Saphira (O Desencarne em Palermo) - Filho de Adila (O Rapto de Adila);
Sofia, baronesa de York (Patrick na Inglaterra) - ver Esposa de Don Antonio;
Tatui-Piaba (Desvendando um Continente Selvagem) - ver Eustáquio;
Vana (Do Mundo das Artes a Escravidão) - ver Capitão Tergot;
Verbasiano (A Vida de Giuseppe) - Duque de Talantois (Calais).

BIBLIOGRAFIA

I) Alvorada Nova, pelo Espírito Cairbar Schutel, Abel Glaser, primeira edição, 1992, Casa Editora O Clarim.

2)Atlas Histórico Escolar, *4ª*- edição, da Fundação Nacional de Matéria Escolar, Ministério da Educa Gao e Cultura.

3) Comedias e Sonnets, Willian Shakespeare.

4) Conversando sobre Mediunidade - Retratos de Alvorada Nova, pelo Espírito Cairbar Schutel, Abel Glaser, primeira edição, 1993, Casa Editora O Clarim.

5) Dicionário Pratico Ilustrado - Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro, publicado sob a direção de Jaime de Seguier, edigao atuali-

zada e aumentada por Jose Lello e Edgar Lello, Lello & Irmão Editores, Porto, 1960.

6) Divina Comedia, Dante Alighieri.

7) Do Contrato Social (e Discurso sobre a Economia Politica), Jean-Jacques Rousseau.

8) Grande Enciclopédia Delta Larousse, Editora Delta S/A, Rio de Janeiro, 1971, revista e atualizada.

9) Historia Geral, A. Souto Maior, 14ª edição, Companhia Editora Nacional.

10) Novo Dicionario Aurélio da Língua Portuguesa, Editora Nova Fronteira, 2ª ediqao, 5- impressao, 1986.

II) Odisséia, Homero.

12) O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, 52ª edigao, féB.

13) O Príncipe, Niccolo Machiavelli.

14) Os Luziadas, Luis de Camões.

15) Romeu e Julieta, Willian Shakespeare.